

HISTORIA
DO BRASIL.

TOMO I.

PARIS. — NA TYPOGRAPHIA DE CASIMIR,
RUE DE LA VIEILLE-MONNAIE, 12.

HISTORIA DO BRASIL,

DE

O SEU DESCOBRIMENTO POR PEDRO ALVARES CABRAL
ATE A AbdICACAO DO IMPERADOR D. PEDRO I.

POB

FRANCISCO SOLANO CONSTANCIO.

M. D., membro das Sociedades de Medicina e da Historia Natural de
Edimburga, Linceana de New York e Paris; autor do Dictionario Critical
& Etymologico da Lingua Portuguesa, etc.

COM UM MAPPA DO BRASIL

TOMO I.

PARIS,
NA LIVRARIA PORTUGUEZA
DE J. P. AILLAUD,
QUAI VOLTAIRE, N° 11.

1859.

463

15
v. 1

ADVERTENCIA.

Para compor esta Historia do Brasil vali-me principalmente da excellente obra de M. R. Southey¹. Este benemerito e incansavel autor distingue-se por huma minuciosa exactao, o o que he não menos appreçavel, por hum espirito de imparcialidade, quasi sem exemplo entre os escriptores inglezes, quando tratão de terras e nações estranhas. M. Southey consultou, não só os documentos impressos os mais importantes, mas muitos ineditos, de que soube aproveitar-se em razão do cabal conhecimento que tem dh lingua portugueza. Também me foi muito útil a obra de M. David B. Warden, que faz parte da *Arte de verificar as datas*, publicada pelo marquez de Fortia; posto que tenha muitas incorrecções, omissões e inadvertencias, e esteja incada de erros typographicos. Também consultei os escriptos recentes de sabios viajantes allemaes, inglezes e franceses, de maneira a offerecer ao

¹ Publicada em inglez, em tres tomos, grande quarto, em 1810, 1812 e 1819.

publico huma historia resumida, mas exacta dos principaes acontecimentos dignos de memoria, de que o Brasil tem sido o theatro desde que foi descoberto por Pedro Alvares Cabral ate á abdicação do Imperador D. Pedro I.

Na ultima parte da obra achará o leitor muitos factos e particularidades que me são proprias, e cuja verdade asstanço.

Não consultei a Historia do Brasil publicada em frances por M. A. de Beauchamp, porque tudo o que encerra de exacto he tirado de Southey. Da traducao portugueza e continuacão em 12 volumes de 18, nada direi: quem tiver tido a curiosidade de a correr pelos olhos, vera o por que.

Flora, 20 de Outubro de 1838

INTRODUCCAO GEOGRAPHICA.

LIMITES DO BRASIL.

Logo depois dos descobrimentos feitos por Christoval Colombo expedio o papa Alexandre VI duas Bullas, a 2 e 3 de Maio de 1493, em que fixava os limites das possessões Espanholas e das portuguezas, estabelecendo por linha divisoria entre elles um meridiano traçado de um polo ao outro, e passando a 100 legoas para oeste de huma das ilhas Canarias; declarando deverem pertencer à Corona de Espanha todas as terras e mares para oeste d'este meridiano, e à de Portugal as que ficassem para leste do dito meridiano; não prejudicando esta repartição as concessões feitas pelo Papa aos Portuguezes, e compreendidas nas 100 legoas assignadas a Castella. Conveio-se que a linha chamada de *Concessão*, passaria pela mais occidental das ditas ilhas, denominada *Ilha de S. Antonio*; mas como se não especificou se erão legoas castelhanas de 26 $\frac{1}{2}$ ao grão, legoas marinhas de 20 ao grão, ou legoas portuguezas de 18 ao grão, suberia notável dúvida sobre os verdadeiros limites.

A instâncias de D. João II de Portugal foi fixada a linha de demarcação 270 legoas mais ao occidente, ficando os Portuguezes com direito a todas as descobertas e conquistas a leste d'esta linha. Este tratado entre os reis

de Portugal e de Castella, foi solememente ratificado em Tordesillas a 7 de Junho 1493, e aprovado por elrei de Castella a 2 de Julho, e pelo de Portugal a 27 de Fevereiro 1494. Ambos se sujeitavão, em caso de infração, ás mais severas censuras do Papa.

Por effeito d'este ajuste cada huma das duas potencias convêio em expedir quatro embarcações, com astronomas cosmographos, encarregados de fixar a dita linha, e determinar o territorio pertencente a cada huma das duas Cordas.

O tratado de Tordesillas recebeu hum caracter ainda mais inviolável pela sancção dada pelo papa Julio II, na sua Bulla de 24 de Janeiro 1506.

Os cosmographos castelhanos e portuguezes não puderão concordar, parte por effeito da imperfeição dos conhecimentos astronomicos naquelle epocha, e parte em razão da ma fé. A 6 de Septembro 1522 o navio Victoria voltou da viagem em que Fernão de Magalhães tinha circumnavegado o globo, e descoberto as Molucas. Ambas as potencias pretendendo estarem estas ilhas dentro da sua linha de demarcação. Depois de varias negociações sem resultado, cedeo por fim a Hispanha a Portugal a posse das Molucas pela somma de 360.000 ducados, reservando-se a faculdade de se resgatar; e foi de novo estipulado que o tratado de Tordesillas ficaria em vigor em todas as suas disposições. Este ajuste foi assignado em Saragoça a 22 de Abril 1529.

Em quanto á linha de demarcação, os cosmographos das duas nações guiados por antigas cartas inexatas, e não fundadas em observações astronomicas, obtiverão resultados bem diferentes, pela imperfeição dos mappas, e ignorância em que se estava então do valor cos graus de longitude e de latitude á medida da sua distancia do equador.

A solução d'este problema he devida ao Inglez Eduardo Wright, o qual demonstrou que os graus de latitude augmentam indo do equador para os polos, na mesma proporção que diminuem os de longitude.

A união dos dois reinos suspendeu esta interminável discussão; mas renovou-se depois da revolução de 1840. Por fim em 1754 hum marco de marmore talhado em Lisboa, foi cravado no confluente do Janrú e do Paraguay, na latitude de 16° 24', para marcar o limite entre as possessões portuguezas e as hespanholas. No lado que olha para leste tem a seguinte inscripção:

Sub Joanne quinto Lusitanorum rege fidelissimo.

No do sul :

Sub Ferdinando sexto Hispaniarum rege catholico justitia et pax osculatae sunt.

No lado do norte :

Ex partis Frisium regendorum conventis.

Madriti idib, Januarii, M,DCC,L.

O 8º artigo do tratado de Utrecht fixou por limite entre a Guyana portugueza e a francesa o rio de Vicente Pinzon, denominando - o tambem Oyapoc ou Uiapoc em latitude norte de 1° 30'. Esta confusão de dois rios distintos deu lugar posteriormente a discussões entre a França e Portugal. Os Franceses pretendiam que o Rio Pinzon era o Arauari distante 60 legoas do Oyapoc para o sudeste. Pelo artigo 7 do tratado de Amiens (4 germinal anno X), 23 de março 1802, o rio Arauari que desembocava no Oceano acima do Cabo do Norte, ficou sendo o limite entre as duas Guyanas. Emfim, pelo tratado de 28 de Agosto 1817, o rio Oyapoc foi adoptado como limite, e a sua embocadura fixada entre os 4° e 5° graus de latitude

noite, e o 322º de longitude, da ilha de Ferro. A verlade he que o rio de Vicente Pinzon chamado pelos indigenas Calsoene ou Mayacari, he o rio onde desembarcou Vicente Pinzon, e vem correctamente marcado no celebre Mappa-mundi de Riben de 1599, no norte do rio Amazonas, perto do golfo do Marabuão. Por conseguinte, tñmbo os Franceses razão, sendo o rio de Vicente Pinzon o limite, a os Portuguezes, sendo este o Oyapoc.

As duvidas suscitadas em quanto aos limites mal definidos no Uruguay soñão removidas pelo tratado de S. Ildefonso do 1º de Outubro 1777, pelo qual o governo portuguez renunciou à Colonia do Sacramento e ilha de S. Gabriel.

Em 1532 o Brasil era dividido em 14 capitanias, e comprehendia desde perto do equador até 35º de latitude sul. Estas capitanias erão : 1º Gran-Para; 2º Maranhão; 3º Ceará; 4º Rio-Grande do Norte; 5º Paraíba; 6º Itamaracá; 7º Pernambuco; 8º Sergipe; 9º Bahia; 10º Ilheos; 11º Espírito-Santo; 12º Porto-Seguro; 13º Rio de Janeiro; 14º S. Vicente. Foi depois dividido em 10 Governos, a saber : Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo, Rio-Grande do Sul, Minas-Geraes, Goyaz, Mato-Grosso.

Em 1817 o Brasil era dividido em 20 províncias, não contando os territórios de Goyana e de Solimões, dependentes do Para. 1º Rio Grande do Sul; 2º Paraíba; 3º Uruguay; 4º Santa Catharina; 5º S. Paulo; 6º Mato-Grosso; 7º Goyaz; 8º Minas-Geraes; 9º Rio de Janeiro; 10º Espírito-Santo; 11º Porto-Seguro; 12º Bahia; 13º Sergipe d'El Rei; 14º Pernambuco; 15º Paraíba; 16º Rio-Grande do Norte; 17º Ceará; 18º Pianhy; 19º Maranhão; 20º Pará, com as suas dependencias de Solimões e Goyana.

Pelo 20º artigo da Constituição Política da Monarchia Portuguez, decretada pelas Cortes Constituintes em

1822, o Brasil era dividido em 17 províncias, a saber: 1º Pará e Rio Negro; 2º Maranhão; 3º Piauhy; 4º Rio-Grande do Norte; 5º Ceará; 6º Paraíba; 7º Pernambuco; 8º Alagoas; 9º Bahia e Sergipe; 10º Minas-Geraes; 11º Espírito-Santo; 12º Rio de Janeiro; 13º São Paulo; 14º Santa Catherina; 15º Rio-Grande do Sul; 16º Goyaz; 17º Mato-Grosso, e as ilhas de Fernando de Noronha, Trindade, e outras adjacentes ao Brasil. Pela Constituição Política do Brasil de 11 de Dezembro 1823, esta divisão foi mantida, excepto que se deslocou Sergipe da Bahia, e se aggiunton a Província Guipatina, que depois se constituiu em Estado independente republicano. Os limites actuais entre o Estado de Monte-Videu e o Brasil, se extendem ate ao Guarey, e passão depois pelas nascentes do Ituazinho, do Ibicuy-Guazu, e d'ali corre a antiga demarcação ate ao mar, isto he, segue o curso do Paraná.

DIVISÕES TERRITORIAES.

Rio-Grande ou S. Pedro do Sul: Esta província, a mais meridional de Brasil, comprehende desde 38° ate 35° de latitudem meridional. He limitada a leste pelo Oceano Atlântico; ao sul, pelo rio da Prata; ao occidente pelo rio Uruguay; ao norte pela província de S. Paulo e de Santa Catherina, de que se separada pelos rios das Pelotas e Matopituba. Tem 130 legoas portuguezas do norte-sudeste ao sudeste, e 100 de largura, termo médio. O governo d'esta província dependia do Rio de Janeiro ate 1800. Em 1801 a sua povoação era avaliada em 60:000 individuos; em 1808 não passava de 40:000.

Os Tapuyas que ocupavão este território á chegada dos Portuguezes fôrdo expellidos depois de varios combates, e o paiz conquistado foi erigido em condado por Elrei de

Portugal, a favor de D. Lopo Furtado. Os Tapuyas que se haviam retirado para o oeste, continuaram por muito tempo a fazer incursões devastadoras das plantações e povoações.

Nicolao de Resende naufragou nesta costa; salvou-se com 30 Portuguezes, e penetrou no interior do país até hum grande lago cujas margens seguia por alguns dias, sem poder atingir a sua extremidade. Em 1601 os Franceses se apossaram d'esta província, mas foram expulsados d'ella no anno seguinte pelos Portuguezes. Portalegre he a capital.

A província de S. Catherina, que antigamente fazia parte da de S. Paulo, está situada entre 25° 50' e 29° 20' de lat. sul. Comprende a ilha de que tira o nome, e hum territorio de 60 legoas, de norte a sul, sobre o continente vizinho, que se estende desde o rio Saby, que a separa da província de S. Paulo, ao norte, até Mampituba que a separa do Rio-Grande, ao sul. A serrania que atravessa estas províncias em direcção paralela á da costa, serve de limite occidental. A sua maior largura, que encerra a maior parte da antiga capitania de S. Amaro, não excede 20 legoas.

Em 1654 a ilha de S. Catherina, chamada a principio *Ilha dos Patos*, foi dada por Elrei D. João IV a Francisco Dias Velho, o qual estando no começo de seu estabelecimento, foi assassinado por hum pirata inglez. Este acontecimento desanimou os colonos, e o primeiro estabelecimento nesta fertil ilha foi feito á custa do governo portuguez.

A ilha de S. Catherina tem nove legoas de longo, de norte a sul, e 2 $\frac{1}{2}$ de largo; está separada do continente por hum canal que não tem mais de 200 braças, e forma dois portos; o que fica mais ao norte tem tres legoas de extensão, e pode conter os maiores navios. A ilha he montuosa, e ainda hoje parte d'ella he coberta de arvoredo. Em 1740

tinha mais de 4000 habitantes e estava fortificada. Em 1796 continha 4216 fogos e 23:863 habitantes. Em 1814 a povoação era de 10:142 brancos e 4000 negros; as forças militares da ilha consistiam em perto de 1000 homens de tropa regular, e 3000 milicianos. Em 1813, a povoação montava a 32:949 indivíduos, isto é, 24:806 brancos, 663 negros e mulatos livres, e 7478 escravos. Em 1796 havia na ilha 3 engenhos de açúcar, e 297 moinhos de vento, ou movidos por bestas.

A ilha de S. Francisco dependente d'essa capitania, situada a 5 milhas ao norte de Itapicu, tem 8 legoas de extensão de norte a sul. Tem a forma de um arco cuja corda he paralela à costa; o canal que a separa do continente he impropriamente denominado rio de S. Francisco. A entrada meridional, chamada Aracary, tem 200 braças de largo, mas he pouco funda, e só admite barcos. A entrada septentrional chamada Babitonga tem de 1000 a 1500 braças de largo e admite sumas grandes. Em 1749, esta ilha continha 120 famílias ou 1921 habitantes. A cidade de Nossa Senhora do Deserto he a capital da província.

A província de S. Paulo foi formada em 1710, de huma parte da capitania de S. Amaro, e de metade da de S. Vicente. Esta quasi inteiramente situada debaixo da zona temperada, entre 20° 30', e 23° lat. sul. He limitada a leste pelo Oceano; ao norte, por Minas-Geraes, de que he separada pela serra de Mantiqueira; pelo Rio-Grande do sul, que a separa da província de Goyaz; ao sul, pelo rio Paranaí, que a separa do Rio Grande do sul; a oeste, pelo rio Paranaí, que a separa de Goyaz e Mato-Grosso. Tem 135 legoas do norte ao sul, e 100 de largura media de leste a oeste. Segundo os viajantes alemães Spix e Martius, essa capitania tem 17:500 milhas quadradas, de-

quase 5000 estão cobertas de arvoredo, e 12:500 de prados ou pastos. A povoação d'essa província em 1808 era de 200:478 individuos : contava-se ne la 418 eclesiásticos, dos quaes 331 regulares residentes em 15 conventos. Em 1813 a população era de 209:218, a saber : 112,964 brancos; 3951 negros livres; 37,602 escravos; 44,053 mulatos livres; 44,053 mulatos escravos. Em 1814 a população montava a 211:928; em 1815, a 213:211. Hoje ha avaliada em 300:000. Em 1808 possuia 458 engenhos de canucar.

A ilha de S. Vicente, situada na província de S. Paulo, tem de 3 a 4 legoas de longo. He notavel pelas collianas chamadas *ostreiras* formadas de cascas de ostras, de que se faz cal.

A ilha de S. Sebastião situada na mesma província a 8 legoas E. N. E. de S. Amaro, tem 4 legoas de extensão, e he separada do continente por hum canal profundo de huma legoa de comprido, chamado *Toque-Toque*. Contem 700 individuos livres, alem dos escravos.

A cidade episcopal de S. Paulo he a capital da província.

A província de Mato-Grosso, situada entre 7° e 24° 30' de latitude sul, ocupa huma superficie de 315 legoas de norte a sul, sobre 230 na sua maior largura; tem huma superficie de 48:000 legoas quadradas. Ao oeste he separada das possessões hispanholas pelos rios Guaporé, Jaurú e Paraguay; a leste, pelo rio Paraná, que a separa da província de S. Paulo, e pelo Araguaya, que a separa de Goyaz. Mato-Grosso he dividido em sete districtos, a saber : 1º Camapuania; 2º Mato-Grosso; 3º Cuiabá; 4º Bororonia; 5º Juruena; 6º Arinos; 7º Taipiraquia. A povoação d'essa província excede 100:000 individuos. No inciado do XVI^o seculo Aleixo Garcia e seu irmão (ou filho) acorapahado de huma grande comitiva

de criados, atravessou o Paraguai e penetrou na parte meridional d'esta província. Algum tempo depois Manoel Correa, paulista, passou o Araguaya e se adiantou na parte septentrional. Em 1718 Antonio Pires de Campos, também paulista, remontou o rio Cuiabá perseguiendo os Cuchipós. No anno seguinte Pascoal Moreira Cabral remontou o rio Cuchiabá-Mirini e descobriu huin territorio abundante em ouro, de que foi nomeado *guarda-mor regente*.

Nas margens do Rio-Branco, grande affluente do Rio-Negro, os Portuguezes tem sete freguezias habitadas por indigenas que comoção a civilizar-se. Estabelecerão alli hum forte, e desde 1775 nas ricas pastagens d'aquele território se crião inumeráveis gados, e se cultiva o cacao.

Villa Bella he a capital d'esta província.

A província de Goyaz era huina ouvidoria ou comarca de S. Paulo antes de 1749. Está situada no centro do Brasil, entre 6° e 21° lat. sul. He limitada no norte pelas províncias de Pará e Maranhão; a oeste, pelo districto de Cuiabá de que a separa o rio Araguaya; ao sul, pelo Carnapuana, e a província de S. Paulo; e a leste, pela serranía das províncias de Minas-Geraes e de Pernambuco. Goyaz tem perto de 200 legoas de longo, partindo da junção do Araguaya com o Tocantins, á do Rio-Pardo com o Paraná. O Snr. Giraldes lhe dá 300 legoas de longo e 200 de largo. Contem 3 districtos occidentaes: 1º Cayapóia; 2º Goyaz; 3º Nova Beira; e 3 orientaes: 1º Ri das Velhas; 2º Paraná; e 3º Tocantins. A poposção actual he avaliada em 175.000 individuos. Em 1804 continha 50.539.

A cidade de Villa Bon he a capital da província.

Durante o governo de Gomes Freire, os habitantes de Minas-Geraes juntos aos Paulistas se apoderão do territorio de que se formou depois a capitania-geral de Goyaz, assim chamada do nome dos Indios que o habitavão. O

paulista Manoel Correa, indo em cata de escravos, descobriu ouro em hum dos rios. Bartholomeo Bueno, em huma primeira expedição achou pedaços de ouro no país dos Aracys perto de hum afluente do rio Orellana. Em huma segunda expedição feita em 1670, este celebre aventureiro penetrou até ao Rio-Vermelho, afluente do Araguaya, e viu mulheres indígenas ornadas de chapas de ouro que tinham achado nos regatos. O filho de Bueno que ainda moço acompanhara o pai nessa expedição, foi mandado pelo governador Rodrigo Cesar de Menezes com cem homens, a descobrir o lugar até onde Bueno se tinha adiantado; mas fôrão balhadas as suas diligências, e voltou a S. Paulo, tendo perdido a maior parte dos seus companheiros. Foi porém mais feliz na segunda expedição em que descobriu ouro em diversos regatos. Nomeado *capitão-mor*, foi encarregado pelo mesmo governador de estabelecer huma colônia naquelles sítios, que denominou *Arraial do Ferreiro*.

A província de Minas-Geraes, assim denominada por se ter achado ouro em todos os seus ribeiros, foi formada em 1720 de huma porção da de S.-Paulo, situada entre 13° e 23° 27' latitude sul, e entre 328° e 336° de longitude, contada da ilha de Ferro. Segundo as observações as mais recentes, dá o padre Casal a esta província 112 legoas de longo, de norte a sul, e 80 de largo, de leste a oeste. Não limitada ao norte pela província da Bahia, de que se separada pelo rio Verde, e pela de Pernambuco, de que se separada pelo rio Carinhenha; ao sul, pela serra de Mantiqueira, que a separa da de S. Paulo, pelos rios Preto, Parabuna, e Paraita, que a separa da província do Rio de Janeiro; a oeste, pela província de Goyaz, e a leste, pelas do Espírito-Santo, Porto-Seguro, e huma parte da Bahia.

Este paiz foi descoberto em 1573 por Sebastião Tourinho, habitante de Porto Seguro, que remontando o Rio Doce, se adiantou até ao Jequitinhonha cuja corrente seguiu até à costa. Depois de Tourinho, Antônio Dias Adorno, e Marcos de Azevedo seguirão o mesmo caminho para descobrir esmeraldas e saphiras. Em 1693, Antônio Rodrigues, natural de Taubaté, atravessou a parte occidental, em busca de minas de ouro. Bento Miguel d'Almeida, em 1694, e Manoel Garcia, em 1695, percorrerão os distritos de S.-João d'El Rei, Sabará, e Villa-Rica. As riquezas com que voltarão estes aventureiros, decidirão muitos Portuguezes e Indígenas a irem estabelecer-se nesta província.

A 9 de Novembro 1709, a província de S.-Paulo e a das Minas foram destacadas da capitania do Rio de Janeiro, para formar huma capitania distinta. Em 1711, Villa-Rica e Marianna, e em 1714 Villa do Príncipe foram criadas. Dividiu-se então a província em quatro comarcas, a saber: Villa-Rica, Rio das Mortes, Sabará, e Serra do Frio. Minas foi destacada de S.-Paulo em 1720 para formar huma capitania separada, de que D. Lourenço de Almeida foi o primeiro governador. Ao mesmo tempo foi nomeado um intendente geral das minas.

Em 1776, esta província continha 319:769 habitantes. Em 1803 a povoação era de 433:049; e em 1813 de 480:000. Hoje avalia-se em 500:000. O coronel Eachwege publicou o mappa seguinte da povoação de Minas-Gerais em 1808.

INTRODUÇÃO

Pessoas livres.

	Machos	Fêmeas	Total
Brancos	51:157	122:621	106:664
Mulatos	64:408	65:250	129:658
Negros livres	33:286	24:631	47:917
Total.	148:849	142:153	291:271

Escravos.

Cbr.	Machos	Fêmeas	Total, gen. t.
Mulatos	71:757	71:880	115:1637
Negros	58:849	46:128	106:912
Total.	91:606	61:966	228:1565

Villa Rica he a capital da Província.

A província de Rio de Janeiro he formada da antiga capitania de S.-Thome, de metade da de S. Vicente, e parte da do Espírito-Santo. He banhada pelo Oceano Atlântico ao sul e a leste; confina ao oeste com a província de S.-Paulo, e ao norte com a do Espírito-Santo, de que he separada pelos rios Cachopuana, Preto, e Paraíba, e em parte pela serra de Mantiqueira, e pela província de Minas-Geraes. Perto da sua extremidade septentrional, esta província situada entre 21° e 24° lat. merid. tem 60 legoas de leste a oeste, e 30 de largo, contadas desde a fortaleza da Santa Cruz á entrada da baía de Rio de Janeiro até ao rio Paraibuna. A costa meridional se extende desde Cabo Frio até o Cabo Trindade quasi 3

leguas oeste da Ponta Joatinga. Esta província se dividida em duas partes pela Serra dos Órgãos, — primeira denominada *Serra-acima* comprehende os distritos de Paraíba-Nova, e de Canta-Gallo; a segunda ou *Beira-mar*, encerra quatro distritos, a saber: Ilha-Grande, Rio de Janeiro, Cabo-Frio e Goitacazes. A povoação actual da província excede 400:000 habitantes. MM. Spix e Martius lhe dão 420:000. A cidade de Rio de Janeiro he a capital da província, e do Imperio, assento do governo, e residencia do Imperador.

A cidade do Rio de Janeiro soi a principio denominada São Sebastião, em honra do rei que então ocupava o trono de Portugal. Está assente em hum terreno plano, chamado pelos indigenas *Ganabara*, entre a bahia e a Serra do Corcovado que a domina. Tem cerca de duas milhas de extensão de leste a oeste. A Cidade-Velha, consta de oito ruas estreitas, mas parallelas, cortadas em angulos iguas por outras transversaes. A Cidade-Nova he separada da Velha pelo Campo de Santa-Ana, e por huma ponte de madeira, do bairro de Mataporcos. A maior parte da Cidade Nova foi construida depois da vinda de D. João VI em 1808. Os edificios são construidos em pedra de cantaria; as ruas são largas, bem calçadas, e com passeios lateraes lageados. He provida de aguas por hum bello aqueducto que conduz a agua da Serra do Corcovado, e vai desaguar no Claseric da Carioca. Este aqueducto, começado em 1710 e terminado em 1723, he composto de duas ordens de arcos sobrepostos. Antes da chegada da corte, a povoação da cidade excedia 50:000 habitantes, a metade negros ou mulatos. Em 1817 era avaliada em 110:000, e hoje suppõe-se ser de 140:000 a 150:000. Este notável augmento foi devido, 1º a emigração de Portugal em 1808, qua se avalia em 24:000 pessoas, e 2º ao grande numero de estrangeiros

que tem depois vindo estabelecer-se ne la como negociantes, mercadores, artífices, etc. O numero dos Franceses residentes excede 1400. A 17 de Agosto assentaram os Ingleses os alicerces de hum templo protestante, o primeiro erigido na America meridional.

A habitação é muito esparsa, segura e optimamente situada para o commercio exterior. Segundo as observações do almirante frances Roussin, a latitud de Rio de Janeiro he de 22° 54' sul, e a longitude 45° 36' do meridiano de Paris.

A província do Espírito-Santo tem huma extensão de 38 legoas, do sul ao norte, entre o rio Cabupuana, e o rio Doce; a extensão de leste a oeste não está bem determinada, porque parte d'ella he ainda habitada pelos indígenas. He limitada ao norte, pela província de Porto-Seguro; a oeste, pela de Minas-Geraes; ao sul, pela do Rio de Janeiro, e a leste, pelo Oceano Atlântico.

Em 1749 esta província continha 1705 fogos; as principaes villas são: 1º Villa do Victoria; 2º Villa-Velha; 3º Benavente; 4º Almada; 5º Guarapary; 6º Itapemirim. Victoria he a capital.

A província de Porto-Seguro comprehende o antigo território da capitania do mesmo nome, e parte da dos Ilheos, e Espírito-Santo. He situada entre 15° 54' e 19° 31' lat. merid. Confina ao norte com a província da Bahia, de que he separada pelo rio Belmonto; a oeste com Minas-Geraes; ao sul, com Espírito-Santo; a leste he banhada pelo mar. Tem 65 legoas de norte a sul, mas os seus limites não estão bem determinados, porque os Indianos Aymores ou Botocudos ocupão ainda grande parte d'ella. O Srº. Giraldes lhe dá 85 legoas de longo.

As cidades e villas d'esta província são: 1º Porto Seguro; 2º Villa Verde; 3º Trancoso; 4º Prado; 5º Alcobaça;

6º Caravelas ; 7º Villa Viçosa ; 8º Portalegre ; 9º S. Matheus ; 10º Belmonte. A cidade de Porto-Seguro he a capital.

Em 1749 continha 485 segos.

A província da Bahia comprehende quasi todo o territorio da antiga capitania de S. Salvador, junto ao dos Ilheos. Está situada entre 10º e 16º lat. sul. He limitada ao norte pelas províncias de Seregiapô d'El Rei e Pernambuco; ao sul, pelas do Porto-Seguro, e Minas-Geraes; a oeste, pela de Pernambuco, de quo he separada pelo Rio S. Francisco; e a leste pelo mar. Tem 115 legoas de norte a sul; e 70 a 80 de largura, mas ainda não está bem determinada: O Srº. Giraldes a avalia em 100 legoas.

O Reconcavo da comarca da Bahia, cuja largura he de 6 a 10 legoas, abraça a cidade e a bahia, na qual desaguão muitas ribeiras, todas navegaveis por barcos até alguma distancia da sua foz.

Esta província he dividida em tres comarcas, a saber: 1º dos Ilheos; 2º Jacobina; 3º Bahia.

A comarca dos Ilheos encerra as cidades ou villas seguintes: 1º Ilheos; 2º Olivença; 3º Rio de Contas; 4º Camaçari; 5º Marabu; 6º Barcellos; 7º Serinhacem; 8º Cairú; 9º Igrapiuna; 10º Boipeba; 11º Valença.

A comarca da Jacobina encerra as seguintes villas: 1º Jacobina; 2º Villa-Nova da Rainha; 3º Rio das Contas; 4º Villa-Nova do Príncipe; 5º Urubu.

A comarca da Bahia encerra as villas seguintes: 1º Abrantes; 2º Água-Fria; 3º Itapicuri; 4º Pombal; 5º Soure; 6º Mirandella; 7º Abbadia; 8º Iuhainbupa; 9º Villa do Conde; 10º San Francisco; 11º Santo Amaro; 12º Maragogipe; 13º Cachoeira; 14º Jaguarype; 15º João Amaro; 16º Pedra-Branca; e 17º a cidade de S. Salvador ou Bahia de Todos os Santos, capital da província.

Em 1775 a povoação da capitania da Bahia montava a 245:000 pessoas; actualmente excede 500:000.

A ilha de Itaparica, situada na baía de Todos os Santos, tem seis legoas e meia de comprido, de norte a sul, e tres na sua maior largura.

A cidade de S. Salvador, ou Bahia de Todos os Santos está em 12° 39' lat. sul; longit. 40° 52' do meridiano de Greenwich. A primeira cidade ocupava a actual Villa-Velha. A baía, huma das mais espacosas e seguras do globo, pode facilmente conter 1000 navios: tem oito legoas de extensão de leste a oeste, e seis e meia de norte a sul, e encerra cerca de cem ilhetas. D. João III lhe deu por armas huma sola branca em campo verde, com hum ramo de oliveira no bico com cercadura de prata, e a letra: *Sic illa ad arcam reversa est*. Foi erigida em bispado pelo papa Julio III em 1551, e em arcebispado, por Innocencio XI, em 1678. Durante dois séculos foi o assento do Governador, o capital do Brasil. Em 1763 foi nomeado hum vice-rei, cuja residencia foi transferida ao Rio de Janeiro.

A cidade tem quatro milhas de extensão do norte ao sul, comprehendidos os subúrbios. He dividida em Cidade alta; e a Praia; esta consiste principalmente em huma longa rua. Em 1812 forão calçadas as ruas da Bahia, e no mesmo anno construiu-se hum theatro.

Em 1521 a povoação de S. Salvador não passava de 800 pessoas. A actual excede 100:000 habitantes, dois terços dos quais são negros ou mulatos.

A província de Sergipe d'El Rei, anteriormente distrito da Bahia, está situada entre 1° e 12° 20' lat. sul. Tem 20 legoas de costa, desde o Rio Real que a separa da Bahia, e o Rio S. Francisco, que a separa de Pernambuco; e perto de 40 no interior até ao angulo em

que termina no pequeno rio Xingu, duas leguas abaixo da grande cachoeira de Paulo Afonso.

As cidades ou villas da parte oriental são: 1º Seregipe; 2º Santo Amaro; 3º Santa Luzia; 4º Itabayana; 5º Villa Nova; e na parte occidental, 1º Propriá; 2º Lagarto; 3º Thomar. A capital he a cidade de Seregipe.

A província de Pernambuco está situada entre o 7º e 16º lat. merid. He limitada ao norte pelas províncias do Paraíba, Ceará e Piauhy; ao sul, pelo Rio de S. Francisco, que a separa de Seregipe e da Bahia, e pelo Caribe, que a separa de Minas-Geraes; a oeste, pela província de Goyaz; e a leste pelo Oceano. Tem 70 legoas, de costa entre o S. Francisco e o Goyana. O Snº. Giralde ilhe dá 160 legoas de longo, e 100 de largo. Em 1717 o conde de Vimioso D. Francisco de Portugal, donatário d'esta capitania, a cedeo pelo título de marquez de Valença, e huma somma de 80:000 cruzados.

He dividida em tres comarcas: Olinda, Recife, e Alagões. A primeira encerra as cidades ou villas d'Olinda, Goyana, Iguaraçu, Pao d'Alho, e Limoeiro. A do Recife comprehende a cidade do Recife, e as villas de Serinhaem, S. Antonio, e S. Antão. As Alagões encerrão as villas de Porto Calvo, Alagões, Atalaia, Anadia, Maceió, Porto de Pedras, Poxim, e Penedo.

Esta província tem huma povoação de mais de 550:000 habitantes. A ilha de Itamaracá, antigamente chamada dos *Cosmos*, tem tres legoas de longo e huma de largo. A cidade de Peruambuco he a capital da província, e séde episcopal. Está em 8º 13' lat. merid. e 37º 23' long. oeste de Paris. Consta de duas partes distintas, Olinda e o Recife. O Recife he dividido pelo rio Capibaribe em tres partes ou parochias, o Recife, S. Antonio, e Boa-Vista, que communicão por duas pontes de pedra e madeira, das

queas humas tem 350 passos de longo, e a outra 290. O Recife assente na peninsula, he a parte commerciante da cidade. S. Antonio situado na parte septentrional da ilha, comprehende a antiga cidade fundada pelo principe Mauricio de Nassau e denominada Mauricio. Boavista foi fundada pelos Hollandezes com este nome portuguez. Os arredores de Pernambuco são deliciosos.

Em 1810 o Recife ou Cidade baixa continha 5381 familias. Pernambuco foi tomado em 1630 pelos Hollandezes, que conservaram a posse d'elle 34 annos. Em 1806 via - se ainda perto da porta da igreja do Corpo-Santo huma lamina de marmore com a inscricao seguinte em hollandez.

OP EZAOUWE
ONDER
D'HOOGHE REGELINGHE
VAN
PEASID¹. EN BADEN
AENIG MECUJ.

Que significa: Construido pelo governo supremo, composto do Presidente e do Concelho 1651.

Olinda occupa huma bella posicão em hum terreno ele-
vado. Em 1682 continha 700 habitantes portuguezes, e
cerca de 4 a 5000 negros escravos. Em 1631, quando
foi queimada pelos Hollandezes, encerrava 25:000 almas.
Em 1810 continha 1195 fogos. Hoje aviliâ-se a povoação
total de Pernambuco em 66:000 individuos.

A província da Paraíba, que comprehende perto dos
dois terços da antiga capitania do Itamaracá, se extende a
19 legoas ao longo da costa entre o Rio Goyana e a Bahia
de S. Marcos, a três milhas da Camaratiba. Está situada
entre 6° 15' e 7° 14' Lat. merid. A sua maior extensão de
lado a lado he de 60 legoas.

Em 1634 continha 700 familias, e possuia 30 engenhos

de assucar. Em 1775 avalia-se a sua povoação em 59:000 almas. Em 1812 excede 120:000, dos quais 17:000 eram escravos, 3400 Indianos; 8000 negros livres e 28:000 mulatos livres. As cidades ou villas na parte oriental são: Paraíba, Pilar, Alhandra, Villa-Real, Villa do Conde, Villa da Rainha, S. Miguel, Montemor. Na parte occidental, Pombal e Villa-Nova de Souza. A cidade da Paraíba é a capital da província.

A província do Rio-Grande do Norte, comprehende parte da capitania concedida ao historiador João de Barros. Em 1654 D. João IV concedeu parte d'ella a Manoel Jordão, que morreu naufragado em vista do porto em que ia desembarcar. Em 1689 este território foi dado pela Coroa a Lopo Furtado da Mendonça. Está situada entre 4° 10' e 6° 18' lat. merid., e tem cerca de 50 legoas de longo sobre 30 de largo. He limitada ao norte e a leste pelo Oceano; ao sul, pela província da Paraíba; a oeste pela do Ceará, da qual he separada pela serra de Appody, perto de huma legoa a oeste do rio d'este nome. As principaes cidades ou villas da província são: Natal, capital da província, Aviz, Extremos, S. José, Villa Flor. A povoação d'esta província em 1775 era avaliada em 23:000 pessoas.

A ilha do Fernando de Noronha, está situada a 70 legoas E. N. E. do cabo S. Roque em 3° 53' lat. merid. Tem perto de tres legoas de longo, e outro tanto de largo; he montuosa, e tão estéril que só pequena parte da superfície he suscetível de cultura, e todavia he bem provida de agua. Tem dois bons portos capazes de dar abrigo a navios grossos, e he garnecida de fortres.

A província do Ceará tomou este nome de hum pequeno rio, na embocadura do qual se fez o primeiro estabelecimento. He limitada ao norte pelo Oceano; ao

sol, pela serraria de Araripe ou Cayrizis, que a separa da província de Pernambuco; a leste, pelas províncias do Rio-Grande do Norte, e Paraíba; e a oeste, pela de Piauhy de que he separada pela serra de Ibiapaba. Tem perigo de 90 legoas na sua maior extensão de leste a oeste, e outro tanto do norte ao sol, e huma extensão considerável de costa. Segundo o Senhor Giraldes, o Ceará está situado entre 2° 30' e 6° lat. merid., e tem só 80 legoas de largura.

Durante a grande secca desde 1792 até 1798 muitos mil habitantes morrerão de doenças, e foi quasi abandonada. Em 1813 tinha 150.000 habitantes. As cidades e villas situadas na parte oriental da província são: Nossa Senhora da Assumpção, Aracati, Icó, Crate, Bom-Jardim, S. Bernardo, S. João do Príncipe, Campo-Maior, Aquiraz; Montemor o Novo, Mesquiana, Soure, Arrouches. As da parte septentrional são: Sobral, Villa-Viçosa, e Villa-Nova d'El Rei. A cidade de Aracati he a capital da província.

A província de Piauhy tira o nome de hum dos rios que a banhão. Foi estabelecida em 1713, sendo até então huma comarca do Maranhão. He quasi limitada a leste pela província do Ceará, de que he separada pela serra de Ibiapaba; a oeste, pelo rio Parnaíba, que a separa do Maranhão. He quasi triangular, e tem mais de 100 legoas na costa meridional, onde he separada da província de Pernambuco, e 18 ao norte, onde he limitada pelo Oceano. Situada entre 2° 30' e 11° lat. merid. tem 120⁽¹⁾ legoas de longo, de norte a sul, e 50 de largura média.

A conquista d'esta província foi conquistada em 1674 por hum paulista chamado Domingos Jorge, e Domingos

⁽¹⁾O Sr. Giraldes lhe dá 160 legoas de longo.

Affonso natural de Mafra, mas não teve governador até 1758. As cidades e villas d'esta província são: Oeiras, Parnaíba, Marvão, Campo-Maior, Valença, Jerumenha, e Pernaguá. A cidade de Oeiras he a capital da província.

Província do Maranhão. O nome d'esta província he tirado do rio denominado Maranhão, do termo hespanhol *maraña*, maranha, dado por Pinson ao grande rio chamado Orellana e Amazonas. Esta província está situada entre 1° 16' 29" e 12° lat. inerid., e entre 332° 45' e 335° 52' 20" de longitude do meridiano da ilha de Ferro. He limitada a leste pela serrania do Piauhy e pelo Rio Parnaíba; a oeste, pela província do Pará e o rio Turu-Áçu, e com Goyaz, pelo rio Manoel Alves Grande, desde a sua junção com o Tocantins até á do rio Araguaia em S. João das duas barras; ao norte, pelo Oceano, e ao sul, pela serrania Taugatinga ou do Piauhy. A sua maior extensão do norte ao sul, desde a parte septentrional da ilha de S. João até á origem dos rios Parnaíba e Balsas, he de 235 legoas de 20 ao grao, e a sua maior largura de leste a oeste, na latitude de 7° he 129 legoas. A extensão da costa he de 98 legoas. Tem huma superficie de cerca de 19:200 legoas quadradas (de 20 ao grao), de que 11:800 pertencem á povoação civilizada, e 7600 aos indígenas, que occupo os distritos de Miarim, Viana, Monção, Codo, Coxim, e Pastos-Bons.

A população em 1848 era de 400 colonos portuguezes, e 80 soldados. Em 1683 havia mais de mil habitantes, só na cidade de S. Luiz. A população actual monta a 152:893, dos quais 55:618 são livres. Encerra huma cidade, 12 vilas e 19 aldeias.

O primeiro donatário do Maranhão foi o juiz Antônio

INTRODUÇÃO

Coelho da Carvalho. Em 1696 foi o Maranhão des-
tacado do Pará e do governo geral do Brasil. As ci-
dades e vilas d'esta província são: Alcantara, Guima-
rães, S. João do Cortes, Viana, Monção, Ilicatu,
Caxias, Turi, Vinhais, Passo do Luziar, e Maranhão,
que he a cidade capital da província, e sede episcopal.

A ilha do Maranhão, situada em hum golfo perto da
faz occidental do rio Míxitim, tem 7 legoas de extensão
de N.-O. ao S.-O., e 5 na sua maior largura. Forma com
o continente duas agradáveis baixias, huma a leste, de-
baixo do nome de S. José; a outra a oeste, chamada de
S. Marcos, cada huma de 6 milhas de largo, e que com-
unicação por hum pequeno estreito, chamado Rio do
Mosquito, de 5 legoas de longo, que separa a ilha do
continente. Esta ilha tem varios outeiros, ha coberta de
arvoredo, e regada por 15 ribeiros.

A cidade de S. Luís do Maranhão está situada na parte
occidental da ilha na latitud meridional de $2^{\circ} 30' 44''$, e
longitude oeste de Paris $46^{\circ} 36' 24''$. Foi erigida em bis-
pado em 1678. O porto ha mui frequentado, e defendido
por tres fortres. Em 1806 tinha 12:000 habitantes; hoje
passa de 30:000. Foi tomada pelos Hollandezes em 1643,
e restomada pelos Portuguezes em 1643.

A província do Pará ha limitada ao norte, pelo Oceano,
e pelo Rio Maranhão ou das Amazonas, que a separa da
Guyana; a oeste, pelo rio Madeira; ao sul, pelas provin-
cias de Goyaz e Mato-Grosso, e a leste, pela de Maranhão.
Estende-se desde o equador, ou, mais exactamente,
de $15'$ ate $17'$ lat. merid. e comprehende 250 legoas por
tagoas: da leste a oeste, a menos de 120, na sua maior
largura. O Sn' Giraldes diz que tem 920 legoas de longo,
e 150 de largo.

A província tem quatro distritos, a saber: 1º Para-

próprio, cujas cidades ou vilas são : Belém ou Pará, Bragança, e Collares ; 2º Xingúaria, cujas vilas são : Villa Viçosa, Gerupá, e Melgaço ; 3º Tapajós, cujas vilas são : Santarém, Soure, e Alter do Chão ; e 4º Manduamá, cujas vilas são : Villa-Nova da Rainha, Borba, e Villa-Franca. A cidade episcopal de Pará ou Belém é a capital da província.

A ilha de Joanes ou de Marajó, na província de Pará, situada entre o Rio Tocantins e o Amazonas, confina com o Oceano ao norte, e o estreito de Tagipara ao sul. Tem 27 legoas do norte ao sul, e 37 de leste a oeste.

Em 1618 Francisco Caldeira entrou nesta província com 200 soldados, e construiu hum forte de madeira perto do qual foi fundada depois a cidade de Belém.

A província de Solimões se limitada ao norte pelo Amazonas ; a leste, pelo Rio Madeira ; a oeste pelo Javary, que a separa das possessões hespanholas, e ao sul pelas mesmas possessões cuja demarcação foi fixada em 1737. Está situada entre 3º 23' e 7º 30' lat. merid. Tem de norte a sul 70 legoas sobre a costa oriental, e mais de 180 de leste a oeste. Comprehende todo o país situado entre o Rio Madeira e o Javary que pertence ao governo do Rio-Negro, o qual depende do Gran-Pará. Esta província igual em extensão à Gran Bretanha, comunica com os rios navegáveis Orelhana, Madeira, Purus, Coary, Tessé, Juruá, Jatobá e o Javary, dos quais o mais pequeno tem 1800 pés de largo na sua foz.

Suppunha-se que estes rios nascem das montanhas do Pará ; mas hoje sabe-se que além d'estes rios existe huma comunicação entre o Ucayalé, grande affluente do Orelhana, e o Mamoré pelo rio da Exaltação e o lago Rogagualo, na província de S. Marcos ; mas ignora-se ainda se os rios nascem d'este lago.

Esta província he pouco conhecida, por estar em grande parte ocupada pelos indígenas, excepto ao longo dos rios Madeira e Amazonas. He dividida em seis districtos, a saber: Puru, Caary, Teffe, Biarbo, Hiutahi, Hiabari. Crato he a capital.

A província de Guyana forma a parte oriental da região denominada *Terra Firme*. He limitada, ao norte, pelo Oceano e o rio Orinoco; ao sul, pelo Amazonas; a leste, pelo Oceano; e a oeste, pelos rios Biapura e Orinoco. A Guyana portuguesa, extende-se desde o Rio Oiapoc em 4° de latitudem meridional.

Desde o anno 1775, os Portuguezes estabelecerão nas margens do rio Branco sete parochias, ou aldeias habitadas principalmente pelos indígenas, a saber: Santa Maria, S. João Baptista, Nossa Senhora do Carino, S. Philippe, S. Antonio, S. Barbara, e S. Joaquim. O paiz tem muitos portos, e os rios abundão em peixe e tartarugas. Edificou-se huma forte a 369 egoadas do Pará, ou a 62 dias de viagem seguindo o curso dos rios.

As villas da parte oriental são: Alemquer, Almeirim, Arniollos, Cayenna, Espozende, Faro, Macapá, Magagão, Montalegre, Outeiro, Obidos, Prado, e Villa-Nova. As da parte occidental são: Barcellos, Moura, Maripipi, Rio Negro, Silves, Serpa, e Thoinar.

DIVISÃO DO BRASIL EM 1831.

Nomes das províncias e dos districtos.

1. Província de Rio de Janeiro.
2. Província de S. Paulo.
- Comarca de S. Paulo.
- de Iba ou Itu.
- de Farnaguas e Coritiba.

Cidades capitais, e cabeças de comarca.

- | | |
|-----------------|--------------|
| Rio de Janeiro. | S. Paulo. |
| | Idem. |
| | Itu ou Hitz. |
| | Coritiba. |

Nomes das províncias e das comarcas.

Nomes das províncias e das comarcas.	Cidades capitais, e cabeças de comarcas.
2. Província de S. Catharina.	Nossa Senhora do Deserto.
4. Província de S. Pedro do Sul.	Portalegre.
5. Província de Matto Grosso.	Matto Grosso.
6. Província de Goyaz.	Goyaz.
Comarca da Gejau.	Idem.
— da S. João de duas Barras.	Natividade.
7. Província de Minas-Geraes.	Vila Rica ou cidade do Ouro Preto.
Comarca de Ouro Preto.	Idem.
— do Rio das Mortes.	S. João d'Erti.
— do Rio das Velhas.	Seberá, ou Villa Real da Seberá.
— de Paracatu.	Paracatu.
— de Rio de S. Francisco.	Rio S. Francisco das Chagas, ou Rio Grande.
— do Serro Frio.	Villa do Príncipe.
8. Província do Espírito Santo.	Victoria.
9. Província da Bahia.	S. Salvador, ou Bahia de Todos os Santos.
Comarca da Bahia.	Idem.
— da Jacobina.	Jacobina.
— dos Ilheos.	S. Jorge, ou Ilheos.
— de Porto Seguro.	Porto Seguro.
10. Província de Serejipa.	S. Christovão, ou Serejipa.
11. Província das Alagoas.	Alagoas.
12. Província de Pernambuco.	Pernambuco, ou cidade do Recife.
Comarca do Recife.	Idem.
— de Olinda.	Olinda.
— do Sertão.	Simões, antigamente Otorobo.
13. Província da Paraíba.	Paraíba.
14. Província do Rio Grande da Maria.	Cidade do Natal, ou Natal.
15. Província do Ceará.	Ceará, ou Portalegre.
Comarca do Ceará.	Idem.
— do Crato.	Crato.
16. Província de Piauhy.	Oeiras.
17. Província do Maranhão.	Maranhão, ou S. Luis.
18. Província do Pará.	Belém, ou Pará.
Comarca do Pará.	Idem.
— de Marajó.	Villa de Montfort, ou Villa Goyana.
— do Rio Negro.	Barra do Rio Negro.

A nova província das Alagoas situada entre 9° e 10° 30' de latitude meridional, foi destacada da parte oriental de Pernambuco; esta província também perdeu a oeste de S. Francisco toda a comarca do mesmo nome, que faz parte de Minas-Geraes. A antiga província de Pernambuco forma actualmente a comarca do mesmo nome da província da Bahia. O Brasil tem cerca de 25:000 legoas (de 20 ao grao) quadradas de superfície.

DO TERRENO DO BRASIL.

Ruma grande parte do interior do Brasil ha ocupada por vastas planícies estéreis e densos bosques. Na província do Pará o solo ha em geral p'aso, fertil, coberto de arvoredo. O do Maranhão, pelo contrario, ha montuoso, sem todavia termontanhas elevadas: ha mais fertil e abunda em excellentes madeiras.

A província do Ceará, não tem altos montes excepto as serranias que a cercam quasi inteiramente. As terras baixas são estéreis, mas os outeiros são férteis e frondosos.

A do Rio-Grande do norte ha terreno montuoso sem grandes serras. O solo ha pouco fertil; mas em alguns sitios se cultiva a canna doce e o algodoeiro.

Os dois terços da Paraíba são frangos e mal cultivados; o resto ha fertil, e tem muito arvoredo, particularmente nas vizinhanças dos rios.

O territorio de Pernambuco ha fertil e mais proprio à cultura da canna, do algodão, e prodos madeira de excelente qualidade, tanto para tinturaria como para construção e marcenaria.

A parte oriental de Sergipe abunda em matas; a occidental ha agreste, pouco fertil, farta de águas, e mal cultivada.

A Bahia tem hum terreno montuoso e fértil, próprio à agricultura e abundante em arvoredo. Há muito algodão e cana-de-açúcar. Porto-Seguro he coberto de bosques que dão excellentes madeiras. A Serra dos Aymores, que atravessa parte d'essa província, e da da Bahia, se prolonga até ao mar, de hum lado, e se estende pelo sertão, do outro. O território do Espírito-Santo he cortado por muitas terras cobertas de arvoredo. O terreno he fértil, mas pouco cultivado.

A província do Rio de Janeiro he montuosa, excepto no distrito de Goyacazes. Os campos que se estendem desde Parába até Macaé são mui férteis e productivos. A de S. Paulo oferece huma grande diversidade de terreno. A parte oriental encerra a Serra da Cubatão que se estende em direção paralela à costa; he coberta de arvoredo, e regada por muitos rios, dos quais humas desaguam no mar, e outros se perdem no sertão. Santa Catherina he montuosa, fértil e coberta de arvoredo. Tem algumas terras pantanosa.

A província do Rio-Grande do Sul he atravessada por huma serrania; mas o terreno he em geral plano, mui fértil, e abundante em pastos.

Mato-Grosso he hum paiz chato, com muito arvoredo nas margens dos rios. Parte do distrito de Campuanis de huma extensão de 70 milhas, he anualmente inundado pelo Paraguai. Parába he também plano. O clima he temperado, e o solo he susceptível de dar quasi todos os productos da Europa. Quase tanto se applica à província do Uruguay.

As duas províncias do Uruguay, Salimões e Pisuhy, são mui férteis.

A província de Minas-Geraes he a mais montuosa do Brasil. O aspecto da de Goyaz he montuoso, e o terreno

pooco favoravel á agricultura, excepto em alguns sitios.

Os *Campos Geraes* do Brasiloriental, dix o conde Maximiliano de Neuwied, são como hum mundo novo; planicies immensas nuas de arvoredo, cu huma continuaçao de outeiros cobertos de herbas altas e secas, e de alguns arbustos dispersos. Os campos que se extendem ate ao rio de S.-Francisco e no Goyaz são corados por valles onde nascem diversos rios, e parte d'elles dão bons pastos e está coberta de arbustos.

MONTANHAS, LAGOS, RIOS, etc.

Diversas serranias correm ao longo da costa desde o 10° ate ao 30° de latitud meridional. A serra que se prolonga da extremidade septentrional da província da Bahia ate S.-Catherina, dista 150 legoas da costa. Outra serra mais consideravel começa entre as províncias de Pernambuco e Maranhão, e se extende ate á grande cordilheira do Brasil da qual nascem os seus principaes rios. Huma terceira serrania se prolonga por alguns centenares de milhas ao longo da borda oriental do Tocantins.

A alta serrania que atravessa as províncias de Minas-Geraes, Goyaz e Pernambuco he separada da serrania da costa oriental por immensos bosques, que se extendem desde o Rio de Janeiro ate á vizinhânciâ da Bahia, em distancia de 11 graos de latitud ou 198 legoas portuguezas. Na província do Rio-Grande do Sul huma serrania se dirige ao norte, proxima ao meridiano de latitud de 20° 30', onde se desvia para oeste, e depois a noroeste. Dá passagem a varios rios, dos quais o Pariná he o mais consideravel.

Na capitania de S.-Paulo, a alta serrania chamada do Cubatão coberta de arvoredo, he paralela á costa e se

inclina para o interior. Dá origem a muitos rios, que desaguam, uns no Paraná, outro no mar.

Altura das montanhas. A elevação média das províncias montuosas no interior tem sido avaliada em 450 braças acima do nível do mar. O terreno o mais elevado se encontra em Minas-Geraes, mas a elevação média de Mato-Grosso é maior. Nenhuma montanha do Brasil atinge a altura do nível das neves perpetuas.

A serra de Itambé, em Minas-Geraes, tem 5590 pés francos acima do nível do mar. A Fazenda de Gama, situada entre Barbacena e Pedro Anastasio, tem 3330 pés. A serra dos Orgãos, na província do Rio de Janeiro tem 1099 metros acima do nível do mar. A montanha do Carcaróado tem 2329 pés acima do nível do mar, segundo as observações dos capitães Flüroy e King. O ponto mais alto da estrada na serra de Mantiqueira, tem 3100 pés de altura.

As maiores montanhas que se tem medido não excedem 900 braças: taes são a de Itacolumi perto de Villa Rica, a de Itambé, a de Carca, etc.

Vulcões e Terremotos. Não existe vulcão algum no Brasil, mas observão-se vestígios de hum nas montanhas do Espírito-Santo. A 24 de Setembro 1744 ao meio dia, sentio-se hum tremor de terra em Mato-Grosso. O terremoto que destruiu a cidade de Lima em Outubro de 1746 fez-se também sentir nesta província.

Aguas thermaes. Ha cinco nascentes de águas termais, chamadas Caldas de S.-Felix ou de Frei Rainaldo, a 10 legoas do Arraial do mesmo nome, no distrito de Paraná da província de Goyaz.

Lagos. O maior lago do Brasil é o dos Patos, situado na província de Rio-Grande do Sul, e paralelo à beira-mar. Tem 45 legoas de extensão do N. E. ao S. O., e 10

na sua maior largura. Navios de mediana grandezza podem navegar neste lago, mas caetara muitos baixos perigosos. Na parte meridional as aguas do lago são salgadas. Recebe a maior porção das suas aguas da parte septentrional e oriental da província, pelo Jacuby, ao norte, e o rio de S.-Gonçalo, ao sul. Desagua no Oceano pelo Rio-Grande da S.-Pedro que tem 3 legoas de longo e huma de largo. As bordas d'este lago são baixas, e o seu leito muda ás vezes.

O lago Mirim ou Menor, assim denominado por comparação com o dos Patos, tem 26 legoas de longo, e 7 na sua maior largura. Extende-se ao longo da beiramar, e desagua no lago dos Patos pelo rio S. Gonçalo.

O lago Mangueira, situado entre a beiramar e o lago Mirim, com o qual communica, tem 23 legoas de extensão.

O lago do Peixe, chamado tambem Mostardas, situado na península entre o lago Mirim e o mar, tem 9 legoas de extensão e 5 a 6 palmos de fundo.

O grande lago de Saracá, na província do Rio-Negro, a 9 legoas do Maranhão, communica com elle por seis canaes, dos quais os dois extremos distão entre si 13 legoas. O inferior recebe as aguas co Ussina, pelo qual os Hollandezes, no meiado do XVIII seculo commercializão com os indigenas de Surinam e de Essequibo.

O lago Tbera ou Caracares, situado na província de Paraná, tem huma grande extensão. Communica, pelo Mirimay com o Uruguay, e pelo rio das Correntes com o Paraguay. Segundo alguns mappas tem 44 legoas de longo, e hum pouco menos de largo. Outros lhe dão só 25 de longo, e 6 de largo.

O Japaranau, na província de Porto-Seguro, a 7 legoas

do mar, tem quatro legoas de circuito; está rodeado de
mato, e tem abundante em peixes.

Rios. Geralmente fallando, quasi todos os rios do
Brasil são affuentes do Maranhão, ou do Rio da Prata. Os
primeiros regem a parte septentrional, e os segundos a
meridional.

O Rio Maranhão, assim chamado pelos Hespanhóis do
Porto marado, entredo, maranha, em razão da sua in-
fricada navegação na foz, foi chamado Mar doce por
Pizarro, e Rio das Amazonas por Gonçalo Pizarro, em razão
das mulheres guerreiras que encontrou nas suas margens
na latitude de 2° sul. Também foi chamado Rio Orellana.
Os indigenas o denominam Parand-Açu que significa
Grande rio, e também Guyenna. Ele incontestavelmente é
o maior rio conhecido, pois tem 1200 legoas portuguezas
de curso. Os Portuguezes lhe dão o nome de Amazonas
até a junção do Rio-Negro; d'alli ao confluente do
Ucayalí e do Tanguragua dão lhe o nome de Solimões,
e mais acima, o de Rio Maranhão. O nome de Solimões
vem da huma nação indigena chamada *Soriman*.

O Tanguragua sabe do lago Hauricocha, situado em
10° 30' lat. merid., no distrito de Huancayo, cerca de 30
legoas portuguezas a N. N. E. de Lima. Corre N. N. E.
por espaço de 100 leguas entre as duas cordilheiras dos
Andes até à cidade de Jaén de Bracamoros, onde começa
a ser navegável. Recebe alli o Chincipé que vem do N.-O.
e o Chachapoias do S. E.; hum e outro navegaveis. A
40 legoas mais abaixo recebe também o Santiago, que
descer das montanhas de Loza. No lugar d'esta junção
o Tanguragua tem 1600 pés ingleses de largo, e mais
legoas mais abaixo correndo a leste a través da cordi-
lhiera interior dos Andes, o seu leito não tem mais de 25
tolas de largo, no lugar o mais estreito. Por este canal

chamado *Pango*, de duas legoas de longo, a corrente desce em huina hora. Na sua extremidade está situada a cidade de Borja. Perto de 20 legoas mais abaixo, o Tanguragua recebe, da banda esquerda, o Rio Marona que vem do volcão de Sangay; e 12 legoas mais abaixo, da mesma banda, o Pastaza, que nasce da mesma serranía. Des legoas mais abaixo, desagua nello o Guallaga, que nasce era 10° de latitudão ao norte do lago Chiquisacaba, no distrito de Huancaco; depois o Chambira e o Tigre. Estes dois rios correm do noroeste, o segundo tem 100 legoas de curso.

Em distancia de 20 legoas abaixo da foz do Tigre, se opera a magnifica juncção do Tanguragua com o Ucayalé. Este nasce na latitudde de 18° ao sudeste do grande lago Chucuito ou Titicaca; e a 36 leguas E. N.-E. da cidade de Arica. Corre ao norte e nordeste com o nome de *Benui* até á sua juncção com o Apurimaco na lat. 11° onde toma o nome de *Ucayalé*.

O Apurimaco nasce algumas legoas ao norte da cidade de Arequipa, entre o lago Chucuito e o oceano Pacifico, de que dista so 16 legoas. No seu curso tortuoso para o norte recebe da banda esquerda os Pampas em lat. 13° 10', e da banda direita, o Urubamba, em lat. 12° 15', e o Montaro, em lat. 12° 8'. Dirigindo-se então ao nordeste, recebe o Perene da esquerda, e o Paucartambo, da direita, a 3 legoas da sua juncção com o Benui, em de 11° de latitudde meridional.

O Montaro nasce do lago Chinchaiocha em 11° lat. merid. no distrito de Huancaco, e corre ao longo de cordilheira para o sudeste em distancia consideravel.

O maior affluente do Ucayalé, depois que toma este nome, he o Pachitea, que faz a sua juncção da banda esquerda em lat. 8° 30'. O seu curso he de 60 legoas.

O Maranhão, no confluente em que toma este nome, corre a nordeste em distancia de 30 legoas, e recebe da banda esquerda o Napo, que nasce dos Andes na vizinhança de Quito, corre ao sudeste, e depois de longo curso de 160 legoas, desembocca por vários canais formados, por ilhas acima das quais tem 600 braças de largura. Depois da junção do Napo, o Maranhão tem 900 braças de largo. A sua distancia até ao Oceano, em linha recta, he de 400 legoas. D'este ponto se dirige a leste, e depois de longo curso de 13 legoas, recebe da banda direita o Caçiquim, que vem do sul e tem 100 legoas de curso. Vinte e quatro legoas mais abaixo o Maranhão recebe o Hiauary ou Javary, que nasce no territorio dos Toromomas, em lat. 11° 30'. Mais adiante, coure de 34 legoas ate a foz do grande Iça, o qual com o nome de Purus, nasce perto da dita serrania, ao norte de Napo, e na vizinhança de S. João de Pasto.

Depois se lhe junta o Hiauary, o Hiuruba, menor que o precedente; e o Tesse, o Cuary, e o Puris que desaguão por diversas bocas.

O Tesse cujas aguas são claras e edr de ambar, he navegavel por navios de grande porte, a huma distancia consideravel do Maranhão. As barcas passão dois mezes a remontá-lo. A sua origem, e os seus affluentes são desconhecidos. O territorio que elle banha he ocupado pelos Murás, que feli expulsado todas as outras tribus.

O rio das Trombetas, chamado tambem Orizimana, he hum dos maiores affluentes do Maranhão acima do rio Negro; tem na sua junção 800 braças de largo, e ainda se lhe não achou fundo. As margens d'este rio, segundo Orellana, erão a residencia das supostas Amazonas.

O rio Biapuri, chamado Caquetá perto da sua nascente, e Japura ou Iaputá, pela maior parte dos escriptores,

nace na província de Popayani, ao norte do Putumayo, e corre paralelo ao Maranhão em grande distância. No seu encontro a suldeste, este rio rega um terreno de 320 legoas da província de Guyana, e desembocou no Amazonas por 9 canas, dos quais o primeiro disto 100 legoas do suldeste. Os seus nomes são: Anatapirana; Cuiratibá; Manhã; Uatapu; Hapitê; Unani; Co-
pia; Ilacari; e Cadryá. O Hispuri comunica com o Rio-Negro por meio de lagos e de correntes. O seu curso é muito rapido, que não é certo navegável, e não ser ob-
turado por inúmeras ribeiras grandezas, for-
madas pelas inundações do seu leito. Depois do Rio-Né-
gro o Hispuri é o maior afluente do Maranhão.

Segundo La Condamine, o Maranhão tem de 1000 a 1800 braços de largura, 8 legoas sobre o Pardo, e tem mais de 103 braços de fundo.

O Rio-Negro, cujo nome entre os indígenas, é o Guyaná, não quase igual em volúmen de água e em largura ao rio em que desembocava. Nasce na província de Poco-
paya, ao nordeste do Hiapuri cuja direção he paralela em igual distância. A 12 legoas da sua entrada, divide-
se em dois canais; dos quais o maior septentrional, em
distância de 10 milhas do Maranhão, tem, segundo M. de
la Condamine, 1725 pés de largura. Na sua junção com
este rio tem cerca de trinta milhas de largo, mas não
acima de 4 ou 5 legoas. Encontra muitas ilhas. As suas
água, que parecem negras como tinta, são todavia pu-
ras e sanguíneas. As suas margens não são infestadas de
insetos, nem doenças, como as do Maranhão. He por
tão que os barqueiros indígenas fazem declamações de
alegría quando entram neste rio. Entre o forte S. José e
Limaúba, em distância de 112 legoas, o Rio-Negro
recebe muitos afluentes que comunicação por canais na-

turnos; & da estação das chuvas, por pantanais. São-lhe-
guia assim de Imaná longa a navegação do Rio-Negro ha
abarcado por rochedos, e hais assim, por outros obstru-
culos. A junção d'este rio com o Maranhão ha em 3° 9'
de latitudine merid. Para verificar a comunição qd' entre
o Orinoco e o Rio-Negro M. da Humboldt acreditou (em
1800) nesse segundo rio, pelo Apure, o depois da huma-
dos navegação attingiu o forte de S. Carlos, limite dos
domínios portugueses, e voltou a Guyana pelo Guan-
uáry, grande afluente do Orinoco, e cuja entrada está
em lat. 3° 80'.

A vinte legoas abaixo do Rio-Negro, se encontra o
Madeira ou Galary que se lança no Maranhão em latitudine
dá 3° 20'. Deu-se-lhe o primeirí nome em tanto dos
grandes troncos d'árvores que leva na sua corrente. Foi
descoberto em 1726 pelo sargentio-mor Fernando de Mello
Palheta. Em 1741 foi remontado até ás vizinhanças de
Santa Cruz de la Serra, cidade do Alto Peru (hoje Boli-
via) situada em 17° 4' latitudine meridional. Torna o
nome de Madeira no confluente do Guaporé com o Ma-
ranhão latitudine 10° 22'. Quarenta legoas abaixo d'esta
última na latitudine de 13°, o Madeira comuniça com o
Amaz. pelo rio Exaltado, que sae do lago Roguapalo,
d'onde outro rio de pequena extensão corre para se juntar
ao Mamoré. D'efrente do ângulo da junção dos dois
rios, está huma ilha formada por hum rochedo que os
domina ambos. D'esta ponta até a foz do Madeira con-
sidera-se 260 legoas. No decurso das primeiras 60 ha 12
grandes rochedos que obstruem a navegação. O Salto do
Theotonio ha a primeira em latitudine de 8° 48'. Numa
canoa gasta tres mezes a navegar desde esta cedrocau sul
á de Guajurumirim do Guaporé. Deixa a estuaria do
Theotonio até ao Maranhão, o Madeira encerra mais de

30 ilhas, de huma a tres legoas de extenso. A de Minas situada a 17 legoas abaixo do Rio-Marmelos, tem 10 milhas de longo e 3 de largo. Estão todas cobertas de arvoredo.

O Maranhão engrossado pelas águas do Rio-Negro e do Madeira, tem de ordinário huma legoa de largo, e o dobro, nos sítios onde há duas ilhas paralelas.

A 60 legoas em linha recta, e 90, seguindo a corrente do rio, abaixo do Madeira, se encontra a foz do grande rio-Tapajós, e 60 legoas mais a leste, o rio Xingu, a qual na proximidade do seu nascença se denominou Arinos, nome de huma nação hoje extinta. Nasce perto das origens do Paraguai, ajunta-se ao Juruena, para formar o Tapajós ou Tapajó. O Juruena nasce em latitude 10° 32', e tem hum curso de 120 legoas: os seus afluentes estabelecem comunicações faceis com o Guaporé. M. Morel observa, que a comunicação entre a cidade do Pará e as minas de Mato-Grosso e do Guiaíba por estes rios, é 200 legoas mais curta que pelo Madeira e Guaporé.

O Arinos foi descoberto em 1746 pelo capitão João de Sousa de Alavedo. Em 1803 foi explorado por João Vargas, e em 1812, por Antônio Thomé de França.

Nas planícies arenosas de Parácia se encontra o Tapajó, que nasce na capitania de Mato-Grosso, corre para o norte entre o Madeira e o Xingu em distância de 300 legoas, e se lança no Maranhão em latitude 2° 24', e longitude de Greenwich 55°, a 118 legoas da cidade do Pará em linha recta, e 162 pela mais curta navegação.

O Xingu ou Zingu, chamado Paranába pelo Padre Acuna, e Aoripana, pelo padre Frei, rega o distrito da Tapajonia, na província do Pará. Os seus nascentes, assim como os do Tapajó, estão no distrito de Guiaíba, mas

Inda não são bem conhecidos. Cada um d'estes rios tem pelo menos , 230 legoas de corrente. Gasta-se 8 dias em navegar até ás primeiras cachoeiras, e remonta-se em 8 ou 10 dias.

O Maranhão depois de ter recebido as aguas do Xingu dirige-se ao norte por espaço de 40 legoas , e augmenta de largura approximando-se do equador. Emfim desembocca no Oceano por huma foz de 7 a 8 legoas de extensão. Alguns escritores dão ao Maranhão 80 legoas de embocadura ; mas segundo os melhores mapas, tem 59 legoas desde a ponta de Tijoca até Macapá , e nessa distancia se encontra a ilha de Marajó.

Vinte e quatro legoas abaixo da entrada do Xingu tem um canal chamado Tagipuru que se estende ao norte e a leste cujas aguas se lançam no Rio Tocantins. Em muitos lugares a canal he estreito ; mas na proximidade do rio Annapa tem 4 legoas de largo, com muitas ilhas.

O Tocantins nasce no centro da província de Goyaz , dirigindo-se ao norte, e augmentando em largura , se lança no Oceano por huma embocadura igual á do Maranhão. Em distancia de 40 legoas da foz tem 10 milhas de largo , e a 28 legoas mais acima a navegação he facil. A maré faz-se sentir até Arroios, onde se registra as canoas e barcos. Numerosas ilhas retardam a corrente e servem de abrigo nos temporais. As embarcações que partem do Marajó para remontar o Maranhão, passam pelo Tocantins, assim de evitar ás rápidas correntes e as enxentes extraordinárias d'este rio chamadas *Pororocas*.

Em 1798 a corte de Lisboa mandou fazer huma exploração do Tocantins. Elias Ferreira de Barros habitante de Paraiso-Bons fez partir em huma barca Manoel Alves Grande, o qual depois de dia e meio de navegação entrou

neste canal e foi ter ao Pará, donde abriu hum comércio com o alto Maranhão.

A maré se sente no Maranhão até à cidade de Olinda, a mais de 150 legoas acima de Macapá seguindo o curso do rio. Desde Borja, onde acaba os cachiueiros, tem as margens planas e cobertas de arvores. A corrente he sempre rapida no tempo das cheias, e muitas ilhas se formam ou se unem, e outras desapparecem.

O Rio da Praia ou Paraguay nasce na planicie da Serra de Pará ou Lage, que faz parte da de Pará, na província de Mato-Grosso, e nas Sete lagôas que comunicam entre si. Hum pouco abaixo do ultimo de estes lagos o rio corta ao porte atavendo hum terreno planípicio; depois, a pequena distancia a oeste, dirige-se ao sul. O primeiro affluente he o Rio-Diamantino, que recebe as águas do Corrêgo-Rico ou Rio-Brilhante. O Rio-Nova descoberto em 1786, affluente menor do Paraguay, he formado das ribeiras Santa Anna, Gomes e outras, a duas das quais passa a estrada de Cuiabá.

O Jaú he o primeiro grande affluente do Paraguay; nasce nos planos da província de Mato-Grosso em latitude $14^{\circ} 42'$, e longitude de Goiânia $50^{\circ} 38'$. Corre ao sul por espaço de 34 legoas, e depois de hum curso de 60 legoas desagua no Paraguay em latitude $16^{\circ} 34'$, a 7 leguas ao sul de Villa-Maria.

A borda oriental do Paraguay he muito elevada em toda a sua extensão, e tem 7 legoas portuguezas além do leito. A ponta Encalvada, onde as duas bordas se abaixam e são cortadas pelos lagos Oberába, Gabiba e Mandjore; o primeiro tem tres legoas de diâmetro, e o ultimo menor. A 20 legoas abaixo da ponta Encalvada, a margem occidental he ladeada por huma serrra serricea e cheia de quebradas que despejam a agua dos ditos lagos.

O S. Lourenço ou Portões nasce no 15° de latitude meridional. O Guisbá, grande afluente do S. Lourenço, nasce da mesma latitude que o Paraguai, e he formado por dois affuentes, o Gaiabá-Mirim e o Casca. Depois de engrossado por muitos outros, torna-se naveável a mais de 20 leguas acima da capital, mas corre com dificuldade, em razão das muitas catupas. Abaixo de Villa-Real augmenta em largura, e corre rapido atravessando hum terreno plano, que he submerso nas altas periodicas. Desagua no S. Lourenço em latitude de $17^{\circ} 20'$. Quando atravessa o caminho de Goyaz, o S. Lourenço he já hum rio candaloso; depois, recebe as águas do Paranhá, que também recebe as do Sucuri. Hum pouco abaixo de Paranhá está a ultima cachoeira, d'onde corre para o sudoeste, atravessando hum piso chato, e desemboca por dois canais no Paraguai, em latitude $18^{\circ} 45'$. O canal de leste he conhecido debaixo do nome de Rio-Chayá ou Ribeirão. Na sua junção o S. Lourenço iguala em grandezza o Paraguai.

O Tococary tem o seu principal desguadouro na latitude de $19^{\circ} 15'$ de fronte da serra do Chayá. Esse rio nasce na província de Mato-Grosso perto dos limites de Laçopéia ao norte de Guaporé. Nas suas junções com o Cochim, o Tococary he já muito candaloso. Tem 118 catupas desde o porto de S. Félix até Guajá; a ultima delas he chamada Bellengo, a 20 leguas mais 99 sul este as bocas do rio Mandejo, chamado pelos indígenas Wambahá ou Embolaten. He naveável quinze dezoito a sua origem, que he porto da do Abaodábi-Guajá. Neste afluente o Paraguai corre em dois canais de 20 leguas de longo. O mais oriental se chama Pararaguá-Mirim. Em distancia de oito leguas ha dois morros muito altos e desfronha hum do cimo. No

mais occidental, está situado o forte de Nova-Coimbra. Na mesma distancia d'este forte se encontra a bocca da Bahia-Negra; 17 legoas mais abaixo o Paraguay recebe da banda de-leste o rio Quara. A 8 milhas abaixo d'este rio em lat de 21°, da banda do oeste, se acha o morro sobre a qual está o forte Borbon; a que os Paulistas chamão Monte de Miguel-Jose.

Descendo mais 8 legoas ao sul d'este morro, na latitude de 21° 20', huma pequena serra ladêa o Paraguay, que corre rapido em dois canais estreitos, separados por huma ilha de rochas. Este lugar chiamado Fecho dos Morros separa o alto do baixo Paraguay. Alli terminando as margens pentanoces d'este majestoso rio, que tem 100 legoas de longo desde a ponta Escalada. No tempo das cheias, que começo em Abril e continua até Setembro, tem de 20 a 40 legoas de largo. As suas aguas formão hum imenso lago, chamado Xaraís, do nome de huma nação hoje extinta. Durante as cheias, as terras altas tem a apparencia de ilhas. O leito dos rios S. Lourenço, do Tococry, do Moudego e outros da banda de leste, assim como os lagos e os bosques da outra banda formando parte d'este mar Caspio periodico.

Partindo do Fecho dos Morros, as duas margens do Paraguay começam a oferecer terreno firme, particularmente da banda de leste. D'este lado se encontra o pequeno Tipoty, o rio Correntes, o rio Branco, que parece ser o mesmo que o Correntes, o Appa, que se julga ser o Paraby dos antigos Paulistas, o Guidava, o Ippone-Guaçú, o Ippone-Mirim, e o Chichahy. O Rio-Branco ha consideravel; lança-se no Paraguay 14 legoas abaixo do Fecho dos Morros. O Ippone-Guaçú lança-se no Paraguay 30 legoas abaixo do Correntes. O Chichahy ou Jejuhy, formado dos dois pequenos rios, o Iguary-Áçu

O Iguaçy-Mirim, desagua no Paraguay, na latitude de 24° 12'.

A borda aspera do Huguraguítá começa no Chichibhy e se estende por dez legoas até ao Suobogo, onde começa a costa do Pauque que termina no Tabixu. Estes dois rios desembocam no Paraguay da banda esquerda.

A 18 milhas sul da cidade da Assunção situada em lat. 25° 22', desobre-se o primeiro braço da grande Pilcomayo, que desce da cordilheira dos Andes no distrito de Potosí. Dose legoa mais abaixo está a entrada do segundo braço, e quatro mais longe, se encontra o terceiro braço, que é o mais meridional. Este rio tem hum curso de perto de 200 legoas, e he navegável perto da sua origem.

Da banda de leste o Paraguay recebe as águas do Piraju, do Caonabé e do Tibiquary. O Caonabé, que nasce na província de Paraná, tem hum curso de 80 legoas e desagua no Paraguay 15 legoas ao norte do Tibiquary ou Tibicuary. Esta rio he considerável, e lança-se no Paraguay 25 legoas acima do constituinte do Paraná.

Na latitude de 26° 50' o Rio-Verde, Pará, ou Colôrado, lança as suas águas no Paraguay, depois de hum curso de mais de 200 legoas. Dose legoa mais ao sul, junta-se a união majestosa d'este rio com o Paraná, que lhe ha quasi igual em grandeza.

O Rio Paraná he formado de dois grandes afluentes, o Paraná que vem do centro de Goyaz, e o Rio-Grande que nasce no interior de Minas-Geraes. Os outros principaes afluentes sao: 1º o rio Guruhury, que vem do interior de Goyaz, atravessa o território de Cayapó, e desagua no Paraná abaixo da grande cataracta de Urubu-Pungá que intercepta a passagem dos peixes. 2º O Rio Tieté, ou Iguacu que entra pela banda oriental tres legoas mais abaixo. Tem hum curso de 7 a 800 milhas; mas a sua nave-

gação ha obanrijá por cincuenta cahocias rápidas. 3º O
 rio Sucurihu, que faz a sua junção mais abaixo da bündá
 que d'elles. A legoa e meia está a illa Comprida, que tem
 seis legoas de largo. 4º A duas legoas e meia abaixo da
 sua extremidade meridional o Rio Agripachy se une ao
 Parana do lado esquerdo por huma embocadura de qua-
 tro bracs de largo. 5º Quatro legoas mais abaixo se en-
 contra o Rio-Verde, que vem do oeste. Deffrente da sma
 foz ha duas illhas paralellas huma á outra, que tem menos
 de huma legoa de largo: 6º dez. legoas mais adiante está
 a entrada do rio Onçá do mesmo lado, e 16 legoas mais
 abaixo o rio Pardo que vem de norte e communica
 com o Camapuan. Este rio tem muitas catadupas e sisq-
 preciosas naças para o ramontar até á sua origem.
 7º Llegoa e meia mais abaixo está o Rio do S. Ananiasjo
 que corre de leste. 8º Vinte legoas alem le encontra o Par-
 ana-Panema, em frente de esqüia junção está huma illha
 de quasi duas legoas de extensão. 9º Porto de legoa e meia
 abaixo da extremidade meridional d'esta illha está a
 embocadura central do Rio Irinheyma que vem do oeste.
 Neste lugar o Parana tem quasi duas legoas de largo e
 encontra muitas illhas e círcensas. 10º Oito legoas mais
 abaixo o Ivalhy faz a sua junção vindra de leste. 11º Seis
 milhas alem está huma illha de 4 legoas de extensão de-
 fronte da qual se vê a entrada do Rio-Amanhahy, que
 vem do oeste. Porto d'este affilente, esti a illha Grande,
 que tem quasi vinte legoas de extensão, e huma largura
 consideravel. A sua extremidade está huma legoa acima
 das Sete Quedas. 12º Pouco mais de duas legoas acima da
 peninsula meridional d'esta illha, se yê o Rio Igataminy do
 lado occidental, na latitud de 24° 40'. Abaixo da grande
 illha, a gorrente do Parana ha forte; e se torna ainda
 mais rapida atravessando a serra de Mancaju, onde esto

O imenso volume de águas represso em hum espaço de 50 legas, se precipita, com estrondo e ruído, por 7 canais formados por 6 ilhas de rocha; 43° doce legas abaixo das Sete Quedas está a embocadura do Jaguari, na margem esquerda; e 18 legas mais abaixo, o Iguaçu. Mais longe o Paraná se dirige a oeste, e lampa-se no Paraguay, na latitude de 27° 20' O Paraná abunda em peixes. Actua da missão de Corpus Christi as margens d'este rio, e as dos seus afluentes que habitadas por nações indígenas.

Trinta legas além da junção do Paraná com o Paraguay, se encontra o influente septentrional do rio Salado, e 50 legas mais ao sul, o influente meridional denomidado Xalapoy. No angulo meridional d'esta junção está a cidade de Santa-Fé em lat. 31° 35'. Hum pouco além o Paraguay recebe do lado direito o Terceiro ou Carcapal, cujo curso tem perto de com leguas.

O Paraguay, que desde o paralelo de 20°, se inclina hum pouco ao S. S. O., muda de direção no seu ultimo rio para E. S. E., em distância de 40 leguas, e recebe as águas de vários rios pouco caudalosos até à latitude de 24°, onde recebe o Uruguay, que he o seu ultimo afluente.

O Uruguay, que os Hespanhóis denominam Rio da Prata, he formado de varios afluentes que reúng o a província do Rio Grande do Sul. Depois de engrossado com as águas do Pilcomayo tem algumas leguas de largo, e encerra muitas ilhas baixas chamadas Paranás. O Ibiçuy que une as suas águas as do Uruguay na lat. de 29° 30', tem 400 braças de largo a alguma distância da sua junção. Outro afluente, o Negro, reúng hum país de 80 leguas de extensão. Outra afluente, o Gualeguay, tem hum curso de mais de 40 leguas. Dreda o Pilcomayo, a margem esquada do Paraguay se estende para leste ate ao cabo Santa Maria, e a direita a S. E. a partir do seu rio sul a mais de 20

legoas da ponta das Garretas, onde a sua foz tem mais de 15 legoas de largo. O Uruguay he navegavel por grandes barcas ate à primeira catadupa das legoas abeixo do confluence do Ibicuy. As canoas remontão ate aos Campos da Vaccaria, mas com dificuldade, em razão das muitas catadupas, e rapidez das correntes.

O Sipotuba, cujo curso he de 60 legoas se une ao Paraguay em lat. 15° 50'. Depois de receber este affluente o Paraguay não oferece mais catadupas, e tem grande fundo.

O Paraguay corre desde 12 de lat. ate 24°. Depois de hum curso de 600 legoas, desagua no Oceano, com o nome de Rio Pará. Na sua embocadura as aguas se lançao com tal impeto, quo se conservão dores em distancia de muitas legoas ao mar. He navegavel desde o Jauru quasi na sua origem, em distancia de 70 legoas, á excepção de huma catadupa.

O rio S. Francisco, o maior de todos ce que se lançao no mar entre o Maranhão e o Paraguay: nasce na serra da Canastra, na província do Minas-Gerês, em 20° 40' lat. onde forma huma magnifica cascata. Depois de correr longo espaço ao N. E. recobe, da banda esquerda, o rio Bambuhy, e 8 legoas mais abajo, o rio Lambory, o qual vindo da banda opposta rega o grande distrito do Tamanduá. A igual distancia ao norte, se encontra o rio Marmelada que vem da serra dos Quixys. Cinco legoas mais abajo o S. Francisco se engrossa com as aguas do Pará, que tem 40 legoas de curso. Segue-se o Paruapeba, que nasce perto da cidade de Queluz, o cujo curso he de 60 legoas. Sete legoas mais abajo está o Andata', que tem hum curso de mais de 30 legoas, o pouco adiante o Borrachuda, quasi tão consideravel como o precedente. Ambos correm ao longo de huma serrania e desembocão da banda esquerda. Cinco legoas mais abajo da mes-

ma banda está o Abaíá formado por dois afluentes do mesmo nome, cujas origens distâncias de 30 leguas uma da outra. 16 leguas mais adiante vê-se a grande cachoeira de Pirapora, e a 4 leguas além está o Rio-das-Velhas, chamado pelos indígenas Guayehy, que tem a mesma origem. Este rio nasce na vizinhança do S. Bartolomeu, em hum curso tortuoso de 60 leguas. Num pouco abaixo do S. Francisco recebe da banda direita o Jequetahy e o Cuby, e mais abaixo, do lado oposto, o grande Paranaíba, navegável até perto do Correço-Rico. Seis leguas ao norte o S. Francisco recebe o Urucuia, grande rio navegável que nasce perto dos limites de Goyaz. Depois encontra-se na borda occidental os afluentes regulares: o Amery, o Pardo, o Pandeiro, o Salgado, o Pindashiba, o Itacaramby e o Japoté. O Pandeiro corre por hum grande espaço atravessando magníficos bosques. Algumas leguas abaixo do Japoté, o grande rio Carinheba é navegável. Nasce nas Chapadas de Santa Maria, perto dos limites de Goyaz. A sua corrente é rápida e as aguas claras.

Desde o Carinheba até à embocadura do S. Francisco, existem só cinco afluentes consideráveis, a saber: o Raso, o Parimirim, o Verdê, da banda direita; o Correntes 20 leguas abaixo do primeiro, e 40 mais abaixo; o Rio-Grande, na margem esquerda. O Raso nasce nos montes altos da província da Bahia, e desagua no S. Francisco 30 milhas acima da Capela do Bom Jesus da Lapa. O Parimirim nasce do Morro das Almas, na província da Bahia, e vai juntar-se ao S. Francisco 30 milhas abaixo do Arraial do Bom Jardim. O Verdê corre ao norte atravessando hum grande espaço de terreno, e vai unir-se ao S. Francisco perto da paragem que condiz do Pillo-Arcado. O Correntes nasce de hum lago na província de Pernambuco, d'onde corre com o nome de Rio-Formoso,

receba vários afluentes, e depois de haver curso de 40 legoas desagua no S. Francisco 10 milhas abaixo da Capela do Bom Jesus da Lapa. Ha naveável a distancia considerável da foz.

O Rio-Grande nasce na serra de Pernambu, na província de Pernambuco. Depois de hum curso considerável recebe as aguas do Meioquita; 5 legoas abaixo as do Peñear, e 12 mais adiante o Ondas; 4 alexi, o Rio-Branco, naveável até a junção do Riachão o do Janeiro, chamado Três Barras. Vinte legoas mais adiante junta-se-lhe o Rio-Preta, que ha a seu maior affluent. O Rio-Grande lança-se no S. Francisco 20 legoas abaixo do Preto, e ha naveável até as Ondas. Depois destá junção o S. Francisco se dirige a leste, e depois a E. S. E. conservando a mesma largura até á aldeia de Varginha Redonda. Neste lugar o canal se estreita, e a corrente torna mais rápida até á pequena aldeia de Cândido, limite da navegação superior. Neste intervallo de 20 legoas, tem muitas catadupes, das quais a principal ha a de Paulo Afonso. O S. Francisco ha cheio da ilha e contém-se 300 desde esta cataracta até á embocadura no Oceano, que tem duas legoas de largura. Este rio ha naveável até 40 legoas do mar. No lugar em que tem huma milha de largo, as suas aguas não se devão mais de 3 pés nas fortes marés; mas nas cheias causadas pelas chuvas, sobem a 20 pés, e intundem os campos a huma legoa de distancia na $10^{\circ} 50'$ de lat. meridional. O S. Francisco desemboca por dois canais de grande diâmetro; o do norte tem meia legoa de largura; mas ha pouco fundo, e só admite barcas. M. de Saint-Hilaire diz que o S. Francisco ha naveável desde o Rio das Velhas até á Varginha Redonda, em huma extensão de 240 legoas, a saber: 200 de Salgado ao Joaçá, e 40 d'alli á Varginha Redonda, onde se encontra a grande catadupa

de Paulo Afonso, que intercepta a navegação em huma distância de 26 legoas. D'este ponto até a embocadura que dista 37 legoas não, he interrompida a navegação.

Segundo o coronel d'Eschwaga, a profundidade do S. Francisco no passo do Pará, parte do confinante do Parapeba he de 1777 pés; d'ali até á catadupa do Pimorá, o rio baixa 94 pés, e algumas legoas mais adiante tem só 1602 pés acima do nível do mar.

MM. Spix e Martius dão as seguintes informações relativamente á navegação e afluentes do Parana.

A navegação do rio Tieté, affluent do Pará, he difícil em razão das sinuosidades, que resultão das muitas cachoeiras, cujos navoeiros deixam que se formem depois do pôr do sol tornão aquelles rios docinhos. A sua entrada dista só 45 legoas do Porto Feliz em linha recta, mas pelo rio a distância he de 130. Tem 13 cachoeiras em que os barqueiros são obrigados a desembarcar a carga. Nas de Avahandavamu, e em Itapurá que tem 30 pés de queda, he preciso arrastar por terra os barcos carregados. A ultima cachoeira está a 7 legoas da junção dos dois rios. Tendo passado a grande catadupa da Urubá-Pungá, situada 3 milhas mais ao norte, a a corrente perigosa do Jequití, atinge-se a embocadura do Rio-Pardo, do qual fizeram no quinto dia. O Parana neste lugar tem meia legoas de largura, e a navegação he arriscada, quando o vento he rijo. O Rio-Pardo atravessa hum país pitoresco e tem 22 cachoeiras. O seu curso he de 60 legoas; mas a navegação he tão difícil, que leva muitas vezes dois meses.

O Mearim ou Meary, chamado algumas vezes Maranhão, nasce na parte meridional da província d'este nome. He hum grande rio, profundo e rápido, naveguável desde a sua embocadura na baía de S. Marcos até

ao centro da província, onde a sua navegação he obstruída por huma catadupa. Na foz he tão pouco fundo que só ajudados da maré podem as embarcações entrar nello. O Mearim he notável por sua extraordinaria Potoroca, cuja força he tal que por nove horas repelle a maré, à qual por sua vence a obstáculo, e vencida cincos legoas com impeto e estrondo tremendo, por tempo de tres horas. O Mearim nasce nas montanhas do Canella e de Negro, corre ao sul e ao sudeste 198 legoas.

O Parnaíba ou Paranaíba, que forma o limite do Maranhão e do Piauhy, nasce na serra de Tungatinga, em 12° lat. He formado por tres ribeiras e recebe depois os affuentes Balsas e Uruumuby, 24 legoas mais abaixo entra o Gougueá, a 10 mais adiante o Caninde, a 20 leguas o Poty, e a 40 legoas a foz do Longá. A seis legoas deste ultimo o Parnaíba se divide em dois braços, e desagua no Oceano por seis boccas formadas por cinco ilhas que nenhuma é grande. As duas boccas exteriores estão 12 legoas distantes huma da outra. He naveável por grandes barcos ate ao Rio-Balsas, e ai canoas o remontão até quasi ao nascente, indo à vela cito dias; e depois a remo e vela.

Segundo o Sr. Logo este rio tem 240 legoas de curso; a sua maior largura he de 600 braças, com fundo de bunas ate cinco. Canoas grandes podem navegar ate Manga, a 140 legoas da sua foz, mas são obrigadas a descarregar perto de S. Gonçalo, em razão de duas catacórias. De inverno a corrente he violenta, e a navegação difícil, e de verão tem muitos baixos e bancos de areia.

O Jaguaripe ou Rio dos Jaguars, que rega a província do Coará, nasce na serra da Boa-Vista, no distrito de Ibabau, e corre para o norte ate ao Oceano, cuja

marés se fizerem sentir a 30 milhas da embocadura.

O Appody ou Ipanema atravessa, na província do Rio-Grande do Norte, numa extensão de perto de 130 milhas de longo. O Paraíba, que rega a província d'este nome, nasce no distrito de Cayritis-Velhos da serra de Jabitacá, perto da origem do Capibaribe, e corre a E.-N.-E. até ao Oceano, em que se lança por dois braços formados pela ilha de S. Bento que tem numa legoa de extensão. As sumacas remontam até à capital, e as canoas até a cidade do Pilar.

O Rio-Real atravessa a província de Sergipe d'El Rei em distancia de 150 milhas. Ele navegavel até 30 milhas da sua embocadura no mar, onde se lança 25 legoas ao norte de Itapicuru.

O Cotundiba recebe a 8 milhas de mar o Sergipe. As sumacas a remontam até 18 milhas da foz.

O Rio Itapicuru, da província do Maranhão, nasce no distritos de Balsas, e desagua na baía de S. José. Corre a norte até Caxias. Trinta legoas acima d'este confluente une-se ao Alpercata, rio de igual grandeza, que vem das terras habitadas pelos Índios Timbrys. A corrente lie rápida, e o seu curso tortuoso.

O Capibaribe, ou Rio das Capibaras, que rega a província de Pernambuco, nasce no distrito de Cayritis-Velhos da mesma província, e a perto de 50 legoas do mar, onde elle desembocca por duas fozes, numa na praia de Recife, a outra a numa legoa ao sul no Arraial dos Afogados, onde tem numa ponta de 960 passos de longo.

O Rio-Grande ou Potengy, nasce no centro da província do Rio Grande do Norte, e desembocca no mar 4 leguas ao sul do Cabo de S. Roque. Ele navegavel por grandes barcos de 150 tonneladas, a ouze legoas de distancia da foz.

O Rio-Doce, que atravessa a província de Porto-Seguro, he assim chamado, porque as suas águas se conservão doces e alguma distância do mar, nascendo na serra do Espinhaco no centro de Minas-Geraes. Passando perto da província do Porto-Seguro, a navegação he obstruída por tres cachoeiras, chamadas Escadinhas, que tem huma vasta extensão de pâis chato, e desembocam no mar, a 46 legoas do Rio de Santa Cruz. Tem muitas ilhas, e abunda em peixe. He navegável a huma grande distância de foz, e parece próprio para formar o melhor canal de comunicação para o transito dos generos do interior do Brasil. Perto de 20 legoas da sua desembocadura comunica com o lago Japaranan, que tem 4 legoas de circuito. Foi explorado pela primeira vez em 1572 por Sebastião Fernandes Tousinho, habitante de Porto-Seguro, que o remontou até à nascente, descegado pelo Jequitinhonha.

O Jequitinhonha ou Rio-Belmonte, tão celebre pela grande quantidade de diamantes que se tem extraído d'elle, nasce no Serro do Erio, perto de Tijucu, na província de Minas-Geraes. Depois de receber alguns grandes afluentes, atravessa as montanhas dos Aymores, onde as suas águas se precipitam de huma altura de 20 braças, com um ruído que se ouve a quatro legoas de distância; corre depois por entre grandes bosques, e desembocca no mar em 15° 40' de latitude meridional. A sua foz tem de 5 a 600 passos de largo, mas he obstruída por bancos de areia. No tempo das enchentes a sua corrente he impetuosa. He navegável até à aldeia dos Teoyos, situada a 98 legoas do mar. Entre essa aldeia e S. Miguel, as rochas tornam a navegação difícil. D'ali até ao mar, he forçoso descarregar as embarcações tres vezes: 1º em Cachoeira-Inferno a 28 legoas de S. Miguel; 2º no Salto

Grande a 48 legoas, e 3^{ra} na Cachocirinha, a 18 legoas do Oceano. Em 1804 João da Silva Santos, capitão-mor de Porto-Seguro se embarcou no Rio-Grande, e tendo chegado perto de Tocoyos cousa de 80 legoas de Belmonte, encontrou hum colono portuguez que lhe disse ser este rio o Jequitinhonha. Depois de ter recebido as aguas do Brasubhy toma o nome de Rio-Grande, e abaixo de S. Miguel, o de Rio-Grande de Belmonte.

O Rio Parába, o mais consideravel da província do Rio de Janeiro, nasce de hum pequeno lago situado na serra da Bocaina, continuação da serra dos Orgãos. Com o nome de Faratinga corre entue esta serrania e a de Maniqueira. Entrando na província de S.-Paulo recebe na margem esquerda o pequeno rio Jacuhy, hum pouco acima da cidade de S.-Luiz, e hum pouco abaixo da Paralbuna que nasce na serra de Ubatuba, e alli toma o nome de Paraíba; corre então na direcção do mar, depois se desvia a N. N. E. e corre ao longo da bahia da serra de Itapeba, e atravessa a cidade de Jacarehy. Depois de hum curso de 20 legoas, dirige-se a leste e E. S. E. e depois vai ter ao Rio de Janeiro. Durante a sua direcção N. E. recebe as aguas de Piauhý, e algumas legoas mais abaixo, as do Paralbuna, da banda opposta. Esta junção chama-se Tres-Rios. Dez legoas mais abaixo está a entrada do Rio-Pomba, na margem septentrional, e mais abaixo o Bengalas. Depois d'este confluente o Parába se precipita, formando o salto de S.-Felix. Oito legoas dalli se encontra o Muriahé, que desagua na margem septentriional, e seis legoas mais abaixo está a embocadura do Parába. Dalli até ao Salto de S.-Felix que he a primeira cachoeira, encontra-se 72 ilhas, e remontando, são ainda mais numerosas. A oito legoas abaixo de Loretu as suas aguas estão estreitadas entre rochás que tem mais de

60 pés de elevação e 1800 pés de longo; o alveo do rio não tem ali mais de 30 pés de largo. O rio he navegavel até ao rio das Balsas a mais de 100 legoas da embocadura. Navegão as embarcações á vela os primeiros oito dias, e depois vão a remo o á vara.

Bahias. A bahia de Rio de Janeiro tem 6 legoas do norte ao sul, 4 de largo, e 32 de circumferencia, e tem fundo para navios da maior parte. A entrada tem 850 braças, e 14 de fundo. No centro está a ilha da Lage defendida por hum forte. A leste está o forte de Santa-Cruz, e a oeste as baterias de S.-José e de S. Theodosio, perto de hum enorme rochedo que tem 97 braças de altura, denominado pela sua forma Pão-de-ameixa. O forte de Santa-Cruz está situado junto ao monte do Pice, assim chamado em razão da seu cume agudo. O nome primitivo d'esta bahia era Nitheroi ou Nitherohy, formado dos termos *nithero* que significa oculto, e *hy* ou *hi* águas. E com efeito está occultada por montes que a cingem á entrada.

Rio de Janeiro, era a principio huma lago de águas doces. A entrada está entre dois rochedos cuji altos distâncias meia milha hum do outro. O auctoradouro tem 17 leguas de circumferencia. No meio do estreito ou barra está hum rochedo de 100 pés de altura e 60 de largura.

A Bahia de Todos os Santos parece ter sido formada pela irrupção de hum grande lago. A entrada, situada ao sul, entre o continente á direita e a grande ilha de Itaparica á esquerda, tem tres legoas de largo. Esta bahia que recebe as águas de muitos rios navegaveis, tem toda ella grande fundo, e pode conter as esquadras de todas as potencias do globo.

Portos. Os principaes portos são: Rio de Janeiro, Bahia, Pará, Maranhão, Olinda ou Pernambuco, Pa-

rija, Porto Seguro, Espírito Santo, Santa Catherina, e Rio-Grande do Sul.

A distancia do Cabo S.-Roque ao ponto o mais proximo do continente Africano, pode avaliar-se em 500 legoas.

Navegação costeira. Gasta-se de ordinario 22 a 23 dias para ir da embocadura do Rio da Prata ao Rio de Janeiro; 15 a 26, de Santa Catherina ou do Rio-Grande do Sul; 8 a 15, de Porto-Seguro; 12 a 20, da Bahia, conforme os ventos que reinão nas diversas estações do anno.

Clima. A pesar da inuiciencia superficie do vasto continente do Brasil, he em geral o seu clima temperado, ate na proximidade do Equador. Pelas observações de M. d'Eschwege, o thermometro de Fahrenheit nunca se eleva em terras baixas a mais de 82° (27° 77 cent.), e não baixa de 54° (12° 22 cent.). Na província de S. Paulo ha geadas no inverno. Nos Campos-Geraes a atmosphera está gelada de inverno, e os ventos são continuos. De verão o sol he muito intenso e abafadiço, a terra seca por falta de agua. O mesmo acontece em Mato-Grosso, onde os solos arderão durante a grande secca de 1744 a 1749. No Ceará as ribeiras seccão de verão. Quando faltam as chuvas as consequencias são funestas. No Maranhão a mais alta temperatura não passa de 92° Fahren. (33° 83 cent.) e isso só no mes mais quente de todo anno. Ao longo da costa as noites são refrescadas pela viração do mar, e cahe orvalho que conserva a herva verde. Em geral o Brasil he saudoso, e só sujeito a doenças causadas por pantanos e terras alagadiças. A febre amarela, o cholera-inorro são desconhecidos em toda a extensão do Brasil.

Reino mineral. As minas de ouro começaram a ser exploradas em 1681. Em 1689 os Paulistas descobrirão a rica mina de Jaraguá, na serra do mesmo nome e

perto de 25 legoas de S.-Paulo, as de Villa-Rica, e do Sabara. Outras minas sórão consecutivamente descobertas em Minas-Geraes. Em 1714 se descobrirão as minas da Jacobina, no interior da Bahia, das quais se tem extrahido as minas metalicas as mais volumosas de todo o Brasil. Em 1718 o Paulista Antonio Pires de Campos descobriu as minas de Guisbá situadas ao oeste de S.-Paulo, as quais no primeiro mês de exploração derão 400 arrobas de ouro. Em 1726 os Paulistas descobrirão as minas de Goyaz, e em 1733 se encontrão diamantes no Serra do Frio. Bernardo da Fonseca Lobo descobriu o *Distrito diamantino* em Minas-Geraes, sem conhecer o valor dos diamantes nesse encerrados. Tem huma diametro de 14 legoas. Em 1800 foram cinqüenlos achados hum diamante octogono que pesa 7 oitavas. Perto do arraial de Agua-Quente, distrito de Paranan na província de Goyaz, achou-se huma massa aurea do peso de 15 arrabas, que foi mandada ao Museu de Historia Natural de Lisboa.

Produção das minas de ouro. Em 1735 as minas de Goyaz, S.-Paulo, Mato-Grosso e Guisbá rendão acima de 11 milhões de cruzados. As de diamantes, crysolitas, topazos, rubis, amethystas e jacintos, descobertas depois de 1730 no Rio Caravelas e no Serra do Frio, rendão anualmente perto de milhão e meio.

Em 1773 o ouro extralhado em Minas-Geraes montou a 118 arrobas; e desde então ate 1812 tirirão-se 6895 arrobas ou 85 milhões de cruzados. Hoje se extrahem d'ellas apenas 24 arrobas por anno. As minas ce ouro do Brasil davão no principio d'este seculo, de 8 a 9 milhões de cruzados cada anno. Desde 1810 o produto annual não excede dois milhões e meio de cruzados.

O governo portuguez arrendou a principio as minas por

erto numero de annos, e por huma somma determinada, depois abolio o privilegio e estabeleceu como dimito o quinto do ouro extrahido, que depois se diminuia; mas a legislacão a este respeito tem variado muito.

Cobre. Acha-se muito cobre no districto da Cabocreira na serra de Ibiapaba do Ceará. Huma massa do peso de 2666 arrateis foi ha annos mandada ao Museo de Lisboa onde se acha ainda.

Platina. Acha-se este metal perio do Sumidouro.

Ferro. A serra Arroioiava na província do S. Paulo encerra abundante mineral de ferro puro. Em 1818 alguns mineiros suecos dirigidos pelo coronel Frederico Varnagem começaram a extrahi-lo em Minas-Geraes.

Salinas. Ha salinas mui productivas perto de Cabo-Frio, Cabo de S. Roque, em Alcantara, a tres legoas da S. Luiz, em Pilão-Arcado em Pernambuco; e fontes salgadas, chamadas bebedouros na fronteira de Goyaz, S. Paulo e Minas-Geraes. Antes da descoberta do lago Salgado ou Salina de Almeida, porto do rio Jauru, não havia sal no districto de Mato-Grosso. Hum punhado de sal valia o seu peso em ouro.

Salitre. Acha-se salitre nas cavernas do Sertão de Minas-Geraes.

Outros fossiles. Tem-se achado ossos fossiles de Mastodonte e de outros animaes cujas espécies estão extintas. M. A. de Saint Hilaire remeteu ao Museo de Historia Natural de Paris hum dente de mastodonte que desenterrou na Villa do Fanado.

Animais. Ha muitas espécies de monos, e macacos, mas não as duas espécies de *Orang-outang* e *Chinipanzé* da Asia e da África. Ha cães de huma espécie particular, cinco espécies de gamos e veados, que era o maior quadrupede do Brasil antes do introduçao pelos Portuguezes.

do cavallo, do burro, do boi, etc. O *upir* ou *anta*, o *tinanduá*; o *pecari* ou *porco do mato*; o *tatu*; o *espiribata*, o *bradípô* ou *preguiça do Brasil*; o *igoli*, tres especies de gatos monteres; os *cinzentos* *chanço-se marticos*, e os avermelhados *maracaiaos*; o *caxinglé* especie de *esquilo*; o *coelho* que tem o rabo mais grosso que o da *Europa*; o *cuica*, ou *rato amphibio*; o *porco-espino* e o *cuim* que tambem tem espinhos; o *hyrara* ou *papamé* parecido com o *macaco*; a *lontha*, o *videô*, semelhante ao *coelho*, mas sem orelhas nem rabo, e grande inimigo das *ratazanas*; o *paca* ou *agouti*, pequeno animal semelhante a hum *bácoro*, mas que tem só dois palmos de comprido, e bom para comer; o *prehi*, da grossura de huma *lebre*; o *savá* semelhante a hum *laparo*; o *saroke* ou *gambô*, e o *jaraticaca*, ou *cangambá* especies de *opossum*; a *raposa*; diversas especies de *ratos* e *ratisanas*, e entre elles o *rato de espinho* que tem garras, e se come; cinco variedades de *onça* ou *jaguar*, das quais a maior tem 12 pés de longo; a *onça preta*, o *conquistar*, a *onça vernalha*; o *manati* ou *peixe-boi* cuja carne he delicada, e cuja gordura dá muito *azeite*.

O *morcego voraz* (*phyllostomus Spectrum*) chupa o sangue dos animaes, e faz grande estrago nos gados.

Reptis. O *jacaré* ou *crocodilo* de 6 a 9 pés de longo habita en todos os rios do Brasil. No Maranhão alguns tem até 30 palmos de longo. Abandão em pantanos, e nos rios pouco rapidos. O lagarto cuja carne he gostosa. A enguia electrica encontra-se no Rio *Itapicuru*.

Tartarugas. Existem no Brasil varias especies de tartarugas. Era antigamente o principal alimento animal dos indigenas. O *azeite* extrabido da tartaruga usa-se na cozinha, e tambem serve para luzes.

Serpentes e Cobras. As mais notaveis são: 1º a *gibaia*

an cobra d'água (*boa constrictor*); 2^a a cobra de cascavel; o surucucá (*crotalus mutus* L. e *lachesis mutus* de Daudin), cobra de 7 a 8 pés de longo, e tão venenosa que a sua mordedura mata em menos de 6 horas, e abando logo o corpo e o sangue em putrefação: encontram-se em todo o Brasil. 4^a a cobra de coral; 5^a a cobra de ameixa e de laranja (*Coluber formosus*); 6^a a cobra de impello, 7^a a víbora verde, ou jararaca, réptil astroz de gênero *trigonocéphalo*, que tem de 5 a 6 pés de longo; 8^a o sucury e o sucuriu; o primeiro ha cinzento e o segundo denegrido: tem ambos dois grandes e fortes ganchos no rabo com que se firmão nas árvores ou nos rochedos quando se querem lançar sobre algum animal carnívoro, como bois. Comem os pombos e os ovos. Algumas d'estas cobras tem 80 palmos de longo.

Batocceos. Havia antigamente muitas baleias no costa do Brasil, e principalmente na proximidade do Rio de Janeiro e da ilha de S. Catherina. Hoje são raras, e a pesca antigamente muito productiva cessou de todo.

Crustaceos. Na ilha de S. Vicente ha ostras de grandeza enorme, cujas cascas servem de pratos. Ha tambem outras pequenas que se pegão ás árvores. Ha muitas espécies de caranguejos. M. Mawe achou nas bordas da baía dos Ganchos cascas do gênero *murex* que da a bela e d'escarlate ou purpúria dos antigos.

Insectos. Abelhas. Ha varias espécies de abelhas. Havia d'ellas as colmeas em troncos de árvores, outras em covas.

Ha inumeráveis insectos sumamente incomodos, mas são os mosquitos que inóčão os terrenos humidos, os bichos dos pés, o pernilongo, a broca, as chagas, a murecça que pica a pelle penetrando o panno de lão, as

vespas, e as carapacas que aparecem e desaparecem do seis em seis meses.

Reino vegetal. O Brasil abunda em arvores, e plantas. Entre as primeiras se distinguem os pinheiros, que no norte do districto de S. Francisco, sobem a 80 pés de altura, com tronco limpo de ramos até 55 pés. Dão mastros para navios de 2 a 300 tonneladas. Ha arvores de enorme grandezza. La Condamine medio huma que tinha 84 pés entre a raiz e os primeiros ramos, e 24 pés de circumferencia no tronco seco e limpo de casca. Tambem via huma madeira inteiriça de 8 a 10 pés de comprido sobre 1 de largo, de madeira dura e polida. O Coqueiro cresce em Minas a 20 pés de alto, e contém-se 12 especies d'elle.

Ha muitas madeiras de construcao e de tinturaria, outras balsamicas, e grande variedade de arvores fructíferas. A sarsaparilha, a canafistula, o canella branca, a noz moscada, a baunilha, o anil, a cocheeilha, o algodociro, são productos naturaes do paiz. Quasi todas as plantas da Asia, da Africa e da Europa central prosperão no Brasil. A mandioca e o aypí ou mandioca doce, abundam em todo este paiz'.

¹ M. Sculbey, de ordinario tão exacto, enganou-se dizendo que nenhum autor tinha feito menção de ser cultivada no Brasil a mandioca não venenosa. Lery diz expressamente que a raiz do aypí, (ou mandioca doce) se come cozida no berrolho, e tem o gosto da castanha (V. Voyage, Edit. de 1878, pag 128). E o padre A. Ruiz de Montoya, que escreveu em 1621, affirma (v. Thes. ling. guaran., 24 bis) que o termo aypí significa em Guarani huma especie de mandioca doce, e que a mandioca ou aypí manacara, segundo Piso (Hist. nat. 1617) se come tortada ao lume sem carecer de preparação. Os indios das tinhão por tradição, que a mandioca lhes vieram de Sára-

Agricultura. O Brasil foi a primeira colónia Americana agricultural. Em 1531 introduziu-se os Portugueses a canna de açucar, trazida das ilhas do Cabo-Verde e da Madeira, na capitania de S. Vicente e na de Mato-Grosso. Em nossos dias se introduz a canna do Tahiti.

Julga-se que o arroz he indígena do Brasil. Em 1763 introduziu-se Maranhão a cultura do da Carolina.

Em 1770 começou a cultivar-se o trigo e o café. O milho geralmente cultivado amadurece em 4 meses, e dá 200 por hum.

Em 1554 forão introduzidas no Rio da Prata vacas e touros de Espanha, e pouco depois no Brasil. Multiplicaram-se mais que na Europa, mas são mais pequenos, e a carne he inferior. Na capitania do Piauhy huma fazenda dá anualmente de 800 a 1000 bezerros.

Os primeiros cavallos forão levados de Cabo-Verde á Bahia em 1581, mas só nas margens do Paraguay e do Uruguay he que tem multiplicado de modo prodigioso. Ha muitos machos e mulas no Rio-Grande do Sul, onde ha costume caper os machos.

Os carneiros e as cabras tem multiplicado muito, mas degenerado, assim como os porcos.

População. Em 1798 era avaliada a população total do Brasil em mais de 3.000.000, e em 1818 por hum censo impreciso, montava a 3.617.900 individuos, a saber:

1.728.000 escravos negros

428.000 homens livres, mulatos, mestigos, mapalucos

159.500 negros livres, ou forros

202.000 escravos mulatos

259.400 indígenas domesticados

843.000 brancos

3.617.900

Hoje supõe-se montar a perto de 4 milhões, mas não ha bases sufficientemente exactas para estabelecer hum juizo. Alguns a faiem exceder cinco milhões, sem produzirem provas cabaes d'esta assertão : provavelmente exagerão o numero dos indigenas domesticados.

Escravos Africanos. A importação anual do negros da costa de Africa tem variado muito. Nos primeiros annos da criação das Companhias do Pará, e Maranhão importava a mais de 100:000 cada anno. No Rio de Janeiro tem variado de 22 ou 23:000 a 43:000 cada anno, e na Bahia e Pernambuco à proporção. Pode em geral avaliar-se, termo medio, de 50 a 60:000 per anno. Hoje, a pezar da cessação legal do insane commerce de escravatura, entrão 35 navios cada anno no Rio de Janeiro carregados delles, vindos de Angola, Cabinda, etc.

Longevidade. Ha muitos exemplos de indigenas cuja idade excede cem annos, conservando-se ainda vigorosos; e tambem muitos mestigos e brasileiros atingem idade moi proactiva.

Doenças. As unicas molestias proprias do país são algumas doenças herpeticas, as mais dellas introduzidas pelos negros da Africa, e certas inchações glandulares, particularmente dos testículos, papéreas, etc. Tambem Piso descreve huma especie de doença hereditaria, semelhante à syphilis, chamada *mid* pelos indigenas, e *bubas* pelos Portuguezes e Espanhólos.

O leitor que desejar adquirir humo perfeito conhecimento dos productos naturaes do Brasil, deverá consultar as excellentes obras de MM. Spix e Martius. de M. Eschwege, do principe de Neuwied, de M. Auguste S. Hilaire, onde achará amplas e exactas descrições de todos os reinos de Historia Natural d'aquelle vasto continente, tão rico em variadas produções. Entre os autores na-

nes a quem se devem interessantes memórias sobre
botânica, agronomia, mineralogia, etc., merecem parti-
cular menção os senhores Manoel da Camara Bettencourt,
José Bonifácio de Andrada, o padre Leandro do Sacra-
to, a quem M. A. S. Hilaire faz justiça, José de Sá
Bettencourt, Arruda, etc. O padre Manoel Ayres do Casal
é o pai da geographia do Brasil. He de lamentar que
este digno escriptor se ache por falta de meios pecuniários
impossibilitado de publicar a segunda edição da sua in-
ressante *Corografia*.

g:
cc
e
A
P
ae
n
as
M
co
N
ri
d
g
h
e
te
co

HISTORIA DO BRASIL.

CAPITULO Iº.

Do Descobrimento do Brasil, e origem d'este nome.

Incitados pelo exemplo dos illustres navegantes portuguezes, quizeram os Hespanhóes competir com elles, descobrindo novas terras, e explorando incognitos mares. Descoberta a America por Christovão Colombo, Vicente Yanez Pinzon, hum dos tres irmãos que o havião acompanhado na sua primeira viagem, animado da nobre emulação de emparelhar com aquelle illustro Genovez, armou em Palos de Moguer huma expedição de quatro caravelas, com que se fez á vela d'aquelle porto a 18 de Novembro de 1499. Deixando após si as Canarias, e ilhas do Cabo Verde, fez derrota ao sud-este, e havendo navegado cousa de 700 legoas, atravessou o equador. Sobreveio-lhes hum furioso temporal de que escaparão a custo, e em vão procurarão avistar a estrella do norte. Não obstante, o intrepido Pinzon proseguio cousa de 240 legoas no rumo do oeste, e

tando na altura de 8 graos de latitudo meridional, no dia 25 de Janeiro 1500, avistou em grande distancia a terra hoje denominada Cabo de Santo Agostinho, a que elle pôz o nome de *Santa Maria de la Consolacion*, que, como todos sabem, forma a parte a mais proeminente do immenso continente do Brasil. Aqui desembarcou Pinzon, acompanhado do escrivão da caravela, e de alguns companheiros, e tomou posse solemne da terra em nome d'El-Rei de Castella. Não virão habitante algum, mas nurão pégadas, indicio certo da proximidade de gente. No dia seguinte mandou o chefe desembarcar 40 homens bem armados, e ao encontro d'elles vierão muitos indigenas de aspecto feroz e ameaçador, armados de arcos e frechas; e foi impossivel determiná-los a entrar em trato amigavel, rejeitando espelhos, vidrilhos e outros objectos com que os convidarão. Deixando tão inhospita costa, dirigio-se Pinzon ao noroeste, e aportou na embocadura de hum rio oude, por pouco fundo, não puderão surgir as embarcações, ficando ao largo em quanto elle mandou reconhecer a terra por hum troço de homens bem armados. Acharão a praia coberta de selvagens que parecendo a principio corresponder ás demonstrações amigaveis dos Hespanhoes, os assaltarão em breve com singular furia e denodo, obrigando-os a

colher e aí embarcações. A peleja foi perdidia, e nella morrerão não poucos Espanhóis, e hum maior numero de indigenas. Tornou Pinzon a dirigir-se a noroeste, atul que na proximidade da linha equinocial descobrio as ilhas verdejantes que se elevão na foz do rio Maranhão. Com grande admiração observou Pinzon ser a gua em torno d'estas ilhas doce como a de hum rio; della encheo os barris, e não tardou a reconhecer a embocadura d'este incomparável rio, que, ao entrar no mar tem 30 legoas de largo, e cujas aguas se conservão doces até 40 legoas no Oceano. Os indigenas se mostraram pacíficos, e fizerão bom acolhimento aos navegantes. Visitou depois a costa, as boccas do Orinoco, e o golpho de Paria onde cartou pao brasil, o primeiro que daquelle continente veio à Europa.

No mesmo anno descobrio Pedro Alvares Cabral a costa e terra a que pôz nome *Santa Cruz*. Vamos transcrever a relação que d'este acontecimento dá o nosso illustre João de Barros. Decad. I, liv. V, cap. 2. Conservo a orthografia da edição de 1628.

«Ao seguinte dia, que erão nove do mes de Março desferindo suas velas que estavão a pique: saio Pedralvarez com toda a frota, fazendo sua viagem as ilhas do Cabo Verde, pera ahi fazer aguada, onde chegou em treze dias. Pero antes

de tomar esse cabo, sendo entre as ilhas, lhe deu hum tempo que lhe fez perder de sua companhia o navio de que era capitão Luys Pirez, o qual se tornou a Lisboa. Junta a frota depois que passou o temporal, por fugir da terra de Guine onde as calmarias lhe pocião impedir seu caminho, empôgou-se muito no mar por lhe ficar seguro poder dobrar o cabo de Boa Esperança. E avendo já hum mes que hia naquella grão volta, quando veo a segunda estação da Pascoa que erão vinte e quatro de Abril, foi dar em outra costa de terra firme, a qual segundo a estimação dos pilotos lhe pareceu que podia distar pera oeste da costa de Guine quatro centas cinqüenta legass, e em altura do pólo Antártico da parte do sul dez graos. A qual terra, estarão os homens tão erentes em não haver alguma sime occidental a toda a costa da África, que os mäes dos pilotos se afirmavão ser algùa grando ilha assi como as terceiras, e as que se acharão por Christovão Colom que erão de Castella, a quo os Castelhanos comùmmente chamaõ Antilhas. E por se afirmar no certo se era ilha ou terra firme, foi cortando ao longo della todo hù dia; e onde lhe pareceu mais azada pera poder ancorar, mandou lançar hù batel soia. O qual tanto que foi com terra, virão ao longo da praia muita gelo nua, não preta e de cabello torcido como

a de Guiné: mas toda de cor baça, e do cabello comprido e corrido, e figura do rostro ouroso mui nova. Porque era tão ameaçado, e sem a cõmum semelhança da outra gente que tinha visto, que se tornaivo logo os do batel a dar razão do que virão, e que o porto lhe parecia bom surpidouro. Pedralvarez por aver notícias da terra encaminhou ao porto com toda a frota, mandou ao batel que só chegasse bê a terra, e trabalhasse por aver a mão alguma pessoa das que virão, sem os amedrentar com algum tiro que os fizesse acolher. Mas elles não esperarão por isso, porque como virão que a frota se vinha contra elles, e que o batel tornava outra vez a praia, fugirão della, e puzerão-se em hum teso soberbo, todos apiuados a ver o que os nossos fazião. Os do batel, em quanto Pedralvarez ~~atriga~~ hñ pouco largo do porto, por não antecedêr aquella nova gente nires do que o mostrava em se acolher ao teso: poserão-se debaixo no mesmo batel e começou hum negro grumete falar a lingua d'Guiné, e outros que ~~ablaõ~~ algumas palavras do Aravigo, mas elles nem a lingua nem aos acenos em que a natureza soi cõmum a todas as gêtes nunca acodirão. Vendo os do batel que nem aos acenos nem ás cousas que lhe lançarão na praia acoadião, cantados de esperar algum sinal de intendimento delles, tornarão-se a Pedralvarez,

colando o que virão. Tendo elle determinado ao outro dia de mandar lançar mais bateis e gente fora : saltou aquella noite tanto tempo com elles que lhe conveio levar as anchoras, e correrão contra o sul sempre ao longo da costa, por lhe ser per aquelle rumo o vento largo, té que chegarão a hum porto de mui bom surgiouro, que os segurou do tempo que levavão, ao qual por esta razão Pedralvarez pôz o nome que ora tem, que he Porto seguro. Ao outro dia como a gente da terra deu vista da frota, posto que toda aquella fosse húa : parece que permittio Deos não ser esta tão esquiva como a primeira, segundo logo veremos. E por que em a quarta parte da escriptura da nossa conquisto, a qual como no principio dissemos se chama Sancta Cruz, e o principio della comeca neste descobrimento : là faremos maea, particular menção desta chegada de Pedralvarez e assi do sitio e cousas da terra. Ao presente basta saber que ao segundo dia da chegada que era domingo da Pascoa; elle Pedralvarez saio em terra com a maior parte da gente : e ao pé de húa grande arvore se armou húa altar em o qual disse missa cantada F. Henrique guardião dos religiosos, e ouve pregação... Pedralvarez vendo que por razão de sua viagem outra cousa não podia fazer, dali espedio hum navio, capitão Gaspar de Lemos com nova pera

el Rey dom Manuel do que tinha descuberto: o qual navio com sua chegada deu muito prazer a el Rey, e a todo o reyno assi por saber da boa viagem que a frota levava, como pola terra que descobrirá. Passados alguns dias em quanto o tempo não servia, e fizérão sua aguada, quando veo a tres de Maio que Pedralvarez se quis partir, por dar nome áquelle terra per elle novamente achada, mandou arvorar húa cruz mui grande no mæs alto lugar de húa arvore, e ao pé della se disse missa. A qual foi posta eõ solenidade de benções dos sacerdotes: dando este nome à terra, *Sancta Cruz...* que seja melhor entre prudentes que Brasil posto per vulgo sem consideração. »

Antes de partir tomou Cabral posse da terra novamente descoberta em nome d'Elrei de Portugal, elevando hum padrão de pedra com as armas reaes. Cabral deo ao monte mais elevado, e que primeiro havia avistado, o de *Monte Pascoal*, e á terra que tomou por huma grande ilha, o de *Santa-Cruz*. O piloto Áffonso Lopes sondando o porto, apanhou dois dós indigenas que trouxe ao almirante, o qual depois de os ter vestido á Portugueza, os mandou pôr em terra acompanhados de hum homem condenado á morte, e cuja pena Elrei tinha commutado em degredo perpetuo. Em breve correrão á praia mais de 200 selvagens dansando, cantando e tangendo

frutas e bozinhas, e sem arcos e frechas; trazião pedaços de ossos pendurados nas orelhas e nos beiços. Não quizerão aceitar pão, peixe secco, nem vinho; mas aceitáro variôs dizes, e dejão em troco farinha de mandioca, batatas doces, milho, fruta e papagaios. Em distancia de legoa e meia da costa se vião nove a dez cabanas de madeira cobertas de herbas, e podendo conter cada huma 30 a 40 pessoas. Os selvagens ajudáro os mariubeiros a cortar lenha e a conduzi-la a bordo das embarcações. Cabral deixou aqui dois degradados, de vinte que tinha trazido de Portugal, para observarem os costumes da gente: hum d'elles chamava-se Alfonso Ribeiro. Foram acolhidos dos indígenas com ardentes mostras de commiseração. A 9 de Maio Cabral perdeu quatro dos 15 navios de que constava a sua frota; os outros dobráro o cabo de Boa-Esperança, e entrou no golpho de Moçambique a 24 de Julho.

No mesmo anno (1500) Diego de Lepé, que partira de Palos nos fins de Dezembro de 1499, pouco depois de Vicente Yáñez Pinzon, depois de passar diante da Ilha do Fogo, huma das ilhas Cabo-Verde, dirigio-se ao sul e depois n leste, avistou o cabo de Santo Agustínio, que dobrou, e aportando em varias partes da costa, tomou posse da terra em nome da corôa de Castella. Vio alli huma arvore da prodigiosa

grandeza, cujo tranco 10 homens não bastavão a abrianger. Lepé entrou depois na embocadura do rio Marauilão, e depois no golpho de Paria.

1501. Tres navios partiu de Lisboa no mez de Maio d'quelle anno, mandedos por Elrei D. Manoel a proseguir o reconhescimento do continente descaberto por Cabral. Não consta com certeza quem fôra o chefe d'esta expedição. Alguns creem ter sido Gonçalo Coelha; outros com mais razão suppôem que foi Christovão Jaquica; mas nenhum escriptor portuguez ou hespanhol do XVI seculo faz menção do Vespucci, que muitos historiadores estrangeiros representam como capitão della. Esta expedição chegou à costa do Brasil pelos 5° de latitud meridional e se adiantou até aos 32° onde experimentarão intenso frio e sofrerão hum tremendo temporal na meze de Abril do seguinte anno (1502). Voltarão a Lisboa no mez de Setembro depois de 15 mezes de viagem.

1503. A 10 de Junho d'este anno mandou Elrei D. Manoel Gonçalo Coelho com seis navios assim de examinar as costas e terra de Santa-Cruz. Nesta expedição tornou a embarcar-se o florentino Amerigo Vespucci como piloto. Coelho correu grande parte da costa, descobrindo muitos portos, enseadas, e elevou padrões de pedra com as armas reais de Portugal em di-

HISTORIA

versos sitios : hum d'estes padroes com a data de 1503 subsiste ainda na bahia de Cananéa. Descobrio a Bahia de Todos os Santos onde levantou hum padrão. Deteve-se alli 2 mezes e 4 dias, mas não recebendo novas dos mais navios, fez-se à vela, e correndo a costa ao sul em distancia de 260 legoas, surgiu em hum porto em 18° de latitude e 35° longit. do meridiano de Lisboa. Alli se demorou cinco mezes, e construiu hum forte que guarneceu de 12 peças e 24 homens, com mantimentos para seis mezes e munições. De seis caravelas com que partira, só salvou duas carregadas de pao brasil, em que trouxe tambem grande numero de macacos e papagaios, com que voltou a Lisboa em 18 de Junho de 1504.

A relação de Amerigo Vespucci, ou atribuida a elle, e publicada muito depois da morte d'este navegante, differe em alguns pontos do que referem os historiadores portuguezes do XVI seculo, dos quaes nenhum faz menção de Vespucci; o que torna duvidosa a autenticidade ou a veracidade das cartas que este florentino dirigio ao seu amigo Pietro Soderini á cerca das duas viagens de descoberta feitas por ordem de Elrei D. Manoel de Portugal. O que parece certo he que este monarca chamara Amerigo Vespucci de Sevilha, e o convidara a acompanhar, em qualidade de cosmo-

grapho e habil navegante, as expedições que meditava para continuar a exploração de novas terras e mares. Ile de crer que Vespucci obteve licença d'Elrei de Castella, a cujo serviço se achava, havendo acompanhado Ojeda nas suas duas primeiras viagens em qualidade de piloto e cosmographo; por quanto he certissimo que morreu em Sevilha a 25 de Fevereiro de 1512, e que em 1508 fôra nomeado piloto-mór com o ordenado de 50:000 maravêdis por Elrei de Castella, por huma cedula regia datada de Burgos a 22 de Março; e por outra cedula da mesma data lhe foi concedida huma gratificação de 25:000 maravedis (1). Accresce ainda que, em huma carta datada de Santarem a 29 de Julho de 1501, Elrei D. Manoel dá parte a Elrei e à Rainha de Espanha da viagem de Cabral, e não diz huma só palavra de Vespucci, o qual, segundo a sua relação, havia partido de Lisboa a 13 de Maio do mesmo anno. Se com efeito Vespucci navegou nas duas expedições de 1501 e 1503 ao serviço de Portugal, foi em qualidade de cosmographo e piloto, e não de chefe. Isto se collige claramente do que elle diz na relação

V. Don M. E. Navarrete. *Relacion de los viages y descubrimientos que hicieron por mar los Espanoles desde fines del siglo xv*, Tom. 1. Introdução, pág. 130. Madrid, 1825.

da segunda viagem de Gonçalo Caeleho, a quem reconhece por commandante, e que incorpa de presumposa obstinação; e na relação da primeira deitas duas viagens reconhece igualmente a existencia de hum chefe a quem elle obedecia, e o qual não consentio que tirassem os Portuguezes vingança dos selvagens por matarem hum desgracado que se tinha afoutado a ir a terra, e o terem comido, depois de assar os pedaços da sua carne ao fogo¹; mas como não diz o nome do commandante, não se pode colligir quem fosse, visto não se achar nomeado por autor algum nacional e contemporaneo. Por conseguinte mui poucos se sabe com certeza desta expedição de 1501 composta de tres navios, que forão encontrados pelos de Cabral em Besengue perto de Cabo Verde na sua volta da India. Claudio Bartolomeo assevera no seu *Orbis Maritimus*, que Vespucci nessa viagem descobriu o rio da Prata, o que não tem a menor probabilidade. A expedição, quando muito, atingiu o Rio-Grande do Sul e a Lagoa dos Patos. Em quanto a ter Vespucci navegado até aos 52° de latitude meridional, he inadmissivel

¹ - *Et ita tam magnum ac tam gravem injuriam passi, cum malvolo animo et grandi approbrio nostro, efficiente hoc navi praecoptoro nostro, impunitis illis accessimus.* - Gryphus, pag. 156.

emposição, se bem que admittida como facto historico por M. Southey na sua Historia do Brasil, assim como outras asserções contidas nas duas cartas (verdadeiras ou supostas) de Vespucci a Soderini. Huma simples observação basta para fazer ver quão pouca sensação fez em Portugal a expedição de 1501 (se he que ella existio) : he o absoluto silencio que é marca d'ella guardado por todos os escriptores portuguezes e hispanioes contemporaneos. Como he crivel que huma tão astrovida navegação, e a descoberta do rio a que João Diaz de Solis pôz em 1515 o nome de *Mar dulce* (doce), fosse ignorada à partida de Gonçalo Coelho em 1803, e continuasse a sé-lo até à volta de Solis a Espanha !

1508—9. El Rei de Castella tendo resolvido proseguir a exploração das costas do Brasil para o sul, mandou a este fim Vicente Yañez Pinzon, e João Diaz de Solis. Partiram de Sevilla em duas caravelas, abordaram ao Cabo de Santo Agostinho, e correrão a costa para o sul até 40°, desembarcando em varios portos e

A volta de Gonçalo Coelho a Lisboa com os dois navios que escaparam do naufrágio, desmentiu Vespucci, que na sua segunda carta dá a entender que Coelho morreu naufragado, e que elle Vespucci he que voltou a Lisboa com os dois navios. Se isto fosse verdade, como poderia facto ignorado de todos os autores contemporaneos

enseadas, e tomároa posse d'ella para a coroa de Castella.

1510.—Hum navio portuguez naufragou na costa da Bahia; a maior parte da tripolaçao se salvou, e 25 annos depois acháramo os Portuguezes nove d'esses marinheiros vivendo tranquillamente neste porto com os indigenas. Damiao de Goes conta que em 1513 Jorge Lopes Bixorda apresentou a EI Rei D. Manoel tres indigenas do Brasil acompanhados de hum interprete portuguez versado na lingua brasiliaca.

1515—16. Havendo o navegante hespanhol Balboa descoberto o *Mar do sul ou Pacifico* em 1513, elrei de Hespanha fez partir dois navios debaixo do mando de Solis para continuar a exploraçao das costas do Brasil, e buscar huma passagem ás Moluccas. Partio Solis de Lepé perto de Cadiz a 8 de Outubro 1515, seguiu sua derrota ás Canarias, tocou em Santa Cruz de Tenerise, navegou para Cabo Frio e a costa de S. Roque situada em 6° lat. Dirigindo-se ao sul dobrou o Cabo da Natividade, passou a embocadura do rio dos Innocentes (23° 11'), o Cabo de Cananéa (25°), a ilha dos Patos, a bahia dos Perdidos (27°), o cabo das Correntes, e tomou terra pelos 29°, entrou no porto de Nossa Senhora das Candeias (33°) passou o rio dos Patos e veio emlism dar em hum rio a que poz o

nome de *Mar doce*, rio depois denominado *do Prato*, que remontou até huma ilha situada em 34° 15'. Enganado pelas demonstrações pacíficas dos naturaes desembarcou, mas cahio em huma emboscada, e foi morto ás frechadas com cincuenta companheiros, que os selvagens assárão e coméram. Os dois navios voltarão ao Cabo Santo Agostinho, onde carregarão pao brasil, e voltáram á Europa.

1516. — Neste anno o cavalheiro Thomas Berth accompagnado de Sebastião Caboto, fez por ordem d'El Rei de Inglaterra Henrique VIII, huma viagem ao Brasil que não teve resultado.

1519. — Fernão de Magalhães entrou a 15 de Dezembro no porto que denominou de *Santa Luzia*, e a que depois se chamou *Bahia de Janeiro*, ou *Rio de Janeiro*, nome improprio que tem prevalecido. Aqui foi Magalhães bem recebido dos indigenas, fez abundante provisão de batatas doces, de ananazes, canhas doces, gallinhas, carne do tapir ou anta, o troco de espelhinhos, vidrilhos, campainhas, fitas e outras friolérias.

Em 1520 os tres irmãos Parmentier, naturaes de Dieppe, mui praticos na navegação, partirão d'este porto, e apontarão a Pernambuco d'onde trouxerão a França huma carregação de pao brasil.

1525.—Havendo El Rei D. Manoel falecido a 15. de Dezembro de 1521, D. João III, seu filho e sucessor, resolveu mandar ao Brasil Christovão Jaques, fidalgo da sua casa, com o titulo de *capitão-mór*, para continuar a exploração, e verificar a exacção da relação apresentada por Gonçalo Coelho a D. Manoel. Partiu com algumas caravelas, e reconheceu ou descobriu a bahia que denominou de *todos os Santos*, em razão de ser no 1º de Novembro que nela entrou (1). Sondou muitas bahias, e rios, e descobriu novos portos. Entrando no rio Paraguaçu encontrou dois navios franceses, que afundio. Estabeleceu huma feitoria no canal que separa a ilha de Itamarati do continente, para facilitar a extracção do pao brasil, e obstar a que navios estrangeiros viessem tomar parte neste commercio. Elevaru varios padrões de pedra com as armas de Portugal; deixou em Porto-Seguro dois padres franciscanos e mais alguns portuguezes, e voltou a Portugal.

1525—1526. Sebastião Caboto, encarregado pelo Imperador Carlos V de ir pelo estreito de Magalhães à descoberta do supposto Ophir, das ilhas de Torsis e Cipango, que se julgava ser

¹ Alguns autores querem que a bahia descoberta por Gonçalo Coelho, some mais meridional de 6 graus.

huma dependencia do Japão, visitou e remontou o rio de Solis (da Prata) e a ilha dos Patos (Santa-Catherina) onde desembarcou, e remontou o Paraná ate ao rio Paraguay. No anno de 1626 Diego Garcia natural de Moguer partiu do cabo Finisterra a 15 de Agosto de 1526, chegou nos fins do mesmo anno á costa do Brasil pelos 17º lat. merid., e proseguio ate á bahia de S. Vicente pelos 24º onde encontrou hum Portuguez que lhe forneceu provisões frescas; d'ahi passou á Ilha dos Patos (Santa Catherina) pelos 27º, onde recebeu viveres dos indigenas denominados *Carriores*. D'alli expediu a S. Vicente hum navio, destinado a tomar a bordo 800 escravos destinados para Portugal, em virtude da huma convenção feita com o sobredito Portuguez. No principio de 1527 entrou no Rio de Solis, que appellidou da *Prata*, por haver objido dos indigenas varias peças d'este metal vindas do Peru.

1551. -- No principio d'este anno Diego de Ordás partiu de Sevilha, e chegando á costa do Brasil entrou no rio Maranhão, que não pôde navegar em razão dos baixos e correntes, passou depois a Paria, e foi invernar no Viapari onde perdeu quasi toda a sua gente por naufragio e outros accidentes, e voltou com o resto a Espanha.

O padre Jorge Fournier, nas suas *Memorias*

da marinha suucessa (1), diz que os Normandos e Bretões asseverão ter descoberto o Brasil antes de Cabral, e que havia muito tempo que commerciavão no rio de San Francisco, d'onde trazião o pão que elles denominavão *brasil* (*brésil*) proprio à tinturaria.

Aqui terminamos a notícia do descobrimento dos principaes portos, rios, e pontos da costa do Brasil. Em outro capítulo continuaremos a historia da colonisação d'aquelle vasta região. Agora daremos alguns esclarecimentos relativamente aos nomes *Brasil* e *America*, à cerca dos quaes resta ainda muita discrepancia e incerteza nos autores geographicos.

Que o nome *Brasil*, mui anteriormente ao descobrimento d'aquelle região por Cabral, designava o pão usado na tinturaria, he incontestável, como o he igualmente o conhecimento d'esta madeira, que se encontra em varias partes da Asia. O celebre viajante Marco Polo diz que no Lambri, reino sujeito ao Gran Khan, se acha em abundancia o *pão brasil*, de que elle trouxera estacas a Veneza para as cultivar, mas onde não vingarão em razão do clima. E o celebre autor arabico Abulfeda diz

Hydrographic contenant la théorie et la pratique de toutes les parties de la navigation, livre v., chap. xii, 2^e édit. in-fol. Paris, 1670.

(da traducao latina): *Zamora est matrix lignorum
Brasilii et Canuae Indus Tabul. XVI exhibens
insulas maris orientalis. A terra chamada Santa
Cruz por Cabral foi portanto denominada vul-
garmente Terra do pao Brasil por ser esta mer-
cadoria quasi a unica que por muito tempo de
lá foi trazida á Europa. Mas o nome, posto que
derivado do mesmo radical grego (*brazo*), que
o nome brasa ou *brazo*, não he de origem por-
tugueza, nem castelhana, mas sim franceza.
Na lingua Roman ou Francez antigo, o verbo
brasiter significa torrar, tostar.*

O termo *America* era já usado em Portugal em 1530, por quanto por hum alvará de 20 de Novembro do dito anno foi Martim Affonso nomeado por el Rei D. João III Governador da *America Lusitana ou Terras Brasilianas*. Ora não he crivel que os Portuguezes adoptassem essa denominação em honra de Amerigo Vespucci, apenas conhecido entre nós, antepondo o nome de hum estrangeiro que nunca capitaneou expedição alguma portugueza ou he-panhola, ao de Cabral. Não he menos invero-
simil que os Castelhanos esquecendo os illustres nomes de Ojeda, Pinzon, Sulis e Balboa, lhes preferissem o de hum piloto italiano. Parece-ma pois que a opinião geralmente admittida que attribue o nome de *America* a Amerigo Vespucci, he sem fundamento.

HISTORIA

He tambem inadmissivel a suposição de M. Luccock. Pretende elle que o nome de America foi dada pelos primeiros descobridores ao novo continente, em razão do termo *marica* da lingua *tupi*, que significa cosa onca, concava, e que os indigenas applicarão talvez aos navios. *Maricá* designa particularmente huma cabeça de abobra ou outro fructo semelhante. Não me demorarei em refutar opinião tão gratuita e extravagante. Eis a minha conjectura. He bem sabido que na epocha que se seguiu ao descobrimento do Novo-Mundo era geral entre os eruditos o estudo da lingua grega, e a mania de traduzir em grego ate os nomes proprios, v. g. o de *Melanchton*, tradução de *Schwarzaerde*, terra preta, nome do celebre heresiarcha; não he portanto de estranhar que se deu ao novo continente hum nome composto de radicais gregos. Eu creio o nome formado de *meiro* separar, dividir, e *gaia* terra, e o augmentativo : *ameirogaia*, isto he, terra *mui remota* do antigo mundo, ou *terra do ultramar*; ou de *myros*, muito grande, muito extenso, ou muito distante.

CAPITULO II.

Aspecto do país, costumes e língua dos indígenas.

Não podemos dar ao leitor idéa mais exacta do efeito que fez o aspecto da terra e o dos seus habitantes nos primeiros descobridores, que valendo-nos da excellente tradução que da obra do bispo Jeronymo Osorio fez o illustre Francisco Manoel, e aproveitando-nos tambem da carta que de Porto-Seguro enviou o escrivão Pedro Vaz de Caminha a el Rei D. João III, no primeiro de maio de 1500, e das noções adquiridas posteriormente.

• A terra he fertil e amena e sadia de seu natural; muitos e grandes rios a hui nedecem, e as fontes de agua doce e perennal que tem, são fora de algarismo. Tem larguissimas campinas que se tapizão de mui graciosas pastagens: seus portos são bonissimos, de mui facil embocadura, em que as naos achão seguro abrigo contra os vendavaes, e não tem baixos ou resingas em que periguem. A maior parte d' aquella região he empollada de montes, que abrem grandes vales; as florestas densas e

sombrias tem arvores de muita diversidadu, nunca d'antes conhecidas dos nossos; entre ellos huma, da summidade de cujas folhas cortadas destilla hum genero de balsamo. As arvores, de que se tira a cõr vermelha com que se tingem as lans, são alli mui triviaes e muito altas: Brota alem disso a terra plantas muito medicinaes, e entre elles a herba santa, muito proveitosa para chagas, opertos de amiudado anhelito, e tambem para canoros, e para a gangrena. São os homens fulos de cõr, tem corredio o cabello, negro e comprido; não tem barba, e ainda algum pello que pelo corpo lhes aponta, com pinças o arrepellao. Letras nem humas conhecem, nem huma religião cultivaõ, nem humas leis os ligão, nem se servem de alguns pesos e medidas, nem ao governo de algum rei vivem sujeitos. Quando todavia entre elles se levantão guerras, elegem hum General que julgão por de todos o mais forte, e mais acerrimo em dor batalhas. Vulgarmente se não cobrem com traje algum, sómente os que entre elles realção por nobreza, se cingem de tecidos de pennas de papagaio, e de aves de outras cõres. Com cocares das mesmas pennas enfeitão as cabeças, e compõem braceletes, que passão por cima do cotovello. Descem-lhes estes saios de plumas do embigo até ás curvas. As mulheres deixão crescer o cabello; mas os

homens o raspão desde a fonte até ao toutiço. Os que porém caprichão de garridos, furão as orelhas, os labios e os narizes e até as faces, para as permeiarem pelos furos de pedrinhas de cores variadas, de ossos ou peças de pau. As mulheres, em vez de pedras se servem de miudas conchinhas, que ellas estimão a mais alto preço. Usão de arcos em suas pelejas, e com tanta arte atirão huma flecha, que a qualquer parte do corpo a que acenem, lá a empregão. Para as pontas das flechas servem-se de espinhas de certos peixes em vez de aço, e profundião não obstante, tal ferida, que transpassão com o furo qualquer plancha. Vivem do que caçao, comendo macacos, lagartos, cobras, ratos; que nenhum d'estes manjares os antoja. Usão de canoas compostas de troncos excavados de robustissimas arvores, e d'ellas ha que podem conter trinta pessoas no bojo. Quando querem pescar, vão hunas d'elles remando, e outros batendo a agua com varapaos para amotinar o peixe, que espantidico vem boiando à flor da agua. Estão os que para tal ficio de apresto, tem cabaços grandissimos secos e oucos descidos ao revéz da corrente, e nelles vem de si mesmo encovar-se o peixe. Não semeião trigo, mas fazem pão da raiz de huma herva do porte da beldroega (mandioca), que com tudo encerra veneno tão mortífero,

que morre em breve quem a come crua ; mas elles pisão-na, e pisada a espremem, que gotta lhe não restar de súmo venenoso, e então a secção ao sol, e moida entre pedras. lhe extrahem a farinha. Os pães que d'esta farinha fazem, não sómente não saudaveis, mas tem ainda mui regalado sabor. D'ella e do milho compõem huma bebida mui parecida com a cerveja, na qual quando se enfração, o que mui de uso lhes acontece, mais que ordinarias fraudulencias e trações machinio. Observão agouros, e não dados a empeçonhamentos. São entre elles em muita honra certos licinens maleficos, a quem vao consultar nos casos duvidosos : chamão-lhes *pages*. Trazem estes na ponta d'humas setas huma cabaça com figura de homem, e cada vez que lhes dão na vontade mettem braças na cabaça, e de sobrepostas hervas salte sumo, que resfolgão pelos narizes, até bebados tremelhicarem, se espojarem, e solharem de si. Que tem tal força aquellas hervas, que com seu sumo, como se fora sobejido do vinho, os privão do entendimento. Logo começão a ranger os dentes, a escumar a boca, a revirar os olhos, a ameaçar muitas de morte, e amedrontar com turbulentos esgares e meneios os circumstantes ; e nião quem suspeita que sem instinto de espirito divino elles profirão tão horrendas vozes. ora se al-

guia dos a quem aquelle homem assim elevado
agoirou desastre, passou por sinistra aconte-
cimento, logo crém que aquelle agoiro cabe
reportar como em castigo. São agasalhados
com summa veneração, espadancão-lhe os ca-
minhos, cantao-lhes versos a seu modo acom-
panhados com frautas, dansão-lhes bailes;
trazein-lhes ao aposento moças formosas,
humas d'ellas virgens, e outras já casadas,
porque tem para si estes pobretes, que tudo
lhes virá a seu desejo, se os tiverem ameigados.
Não he dado entre elles casarem pais com fi-
lhas, nem irmãos com irmãs; com as mais
mulheres se conjungem indiscriminadamente, e
tambem as deixão se d'ellas se julgão aggrava-
dos. Matão-nas porém, ou as vendem como
escravas, se as apanhão em adulterio. Não os
pais, mas os irmãos tem poder nas filhas e as
põeem em venda quando bem lhes parece, e
esta venda consiste em escambo por outras
cousas, que moeda não a tem. São mui pre-
guiçosos para o trabalho, e mui inclinados ao
jogo, e descanso; todo o tempo que não em-
pregão na guerra, o dão aos banquetes, ao
canto e dansa sem teor algum. Toda a scienzia
de sua dansa está n' huma roda, que vai sem-
pre saltando, e no canto em huma nota mono-
tona, que não sobe nem desce na entoação das
coplas. Alli se recitão as proezas que na guerra

acabárn̄o, a que dão consummados elogios, e todas as canções tornão em aplauso do esforço militar. O acompanhamento d'essa musica lho fazem elles assobiando e batendo com os pés. Andão em tanto os outros ocupados a dar de beber aos dansantes, até que embragados cahem sem sentidos. Fabricão suas casas de madeira, e as cobrem de unidos colmos, e as circumvallão de dois e de tres muros, em razão das guerras em que de contínuo lidão. Em huma só casa (porque são mui compridas), assistem muitas famílias, porquanto se amão todos fraternalmente, e com gosto arrojão a vida a todo e qualquer risco, por acudir a cada hum d'aquelles com quem vivem. Guerras nunca as comprehendem por defender ou dilatar suas fronteiras, mas sim por pudentor, quando concebem que serão aviltados por seus convizinhos, ou qualquer outra arredada nação. Nesse caso anciãos, que já na guerra esclarecerão seus nomes quando moros, entrão no conselho, e antes que deliberem, cada hum toma tanta bebida quanta seu animo lhe pede; e logo mettem suas forças e vontades a pôr por obra quanto à cerca da guerra e da paz foi pelos velhos decretado. Escolhem, como já dissemos, por general o acerrimo em seu conceito, honra de que subito o despojão, se em alguma occurrence teve o menor desar de

coberdias, e lhe substituem outro no seu posto. Vai o general de casa em casa convidando a todos com grandes gritos para a guerra, e avisando-os de como tem de se aviar para ella, e quanto lhes ha necessaria a valentia. Só uso de arcos e flechas, mas com espadas tambem lavradas de madeira durissima, quebrão e sendem os membros dos inimigos. Tração frequentes emboscadas, e põem o ponto em acommetter de sobresalto os seus contrarios. Os prisioneiros de guerra, mórmente se velhos são, sem tardar os comem; os mais os prendem. A quantos dos seus na guerra perecerão fazem mui pranteados funeraes, em cuja celebração fazem o encomio de seu valor. Dão mui bem de comer a seus cativos, e até lhes dão mulheres para com elles dormirem, e quando chegão seus dias de festividate, não com cordas hum prisioneiro de guerra, que lhes parece já bem nutrido e gordo, e antes que tudo a sua amiga em sinal de amor lhe lança huma corda ao pescoço e arrasta ao suppicio o seu querido. Cercão-no depois os homens que lhe garrotão braços, pernas e ventre, e atado a huma columna, o pintão de varias cores, e o enseitão de plumas. E para não parecerem deshumanos, lhe relaxão as prisões, e louta e liberalmente o convidao com bebedas e manjares. Em tanto todos se pãoem a comer,

e a se engolhar naquelle licor de que já fala-
mos. Saltão depois, cantão e danção pateando,
e nesse jogo mui appetitoso empregão tres dias
chicos até quo, findado o triduo, desimpedido
dos laços dos pés e das mños, o conduzem a
hum subterraneo, onde mulheres e meninos
o tirão pela corda que lhe cinge o peito; o
resto dos homens e mulheres lha atirão com
limões e outras fructas, e o preso quantas
d'ellas pode spanhar, as revira contra os que
com ellas o magoáron. Em tanto bebe, e ao que
parece mui contente, que bebido e comer não
se lhe refusa, demonstrando em tudo não me-
diana alegria. Elles o valentinha, e que como
tal blazona, lanção injurias a hum sem nu-
mero de vituperios, e lhe dizem: « Homem
muito malvado e muito facinoroso pagarás
agora os males que fizeste, e vingaremos no
teu sangue os males de quantos na guerra
nos morrerão. Que temos de tirar-te a vida,
despedaçar-te e comer-te assado. » « Prompto me
tendes (lhes responde), que o mo haveis vós
com hum cobarde, que exquive o suppicio.
Sempre me portei com brio em meus deveres,
e se tendes de matar-me, já muitos de vós às
minhas mãos morrerão; e se de minhas carnes
ides saciar-vos, já eu das carnes de muitos m.e
saciei também. Tenho demais iraões, tenho
inda perentes, que certo estou não deixarão

impunida a minha morto. E assim dizendo vai entrando no subterraneo, e logo aquelle, sob cuja guarda esjava, entra com elle no mesmo subterraneo todo pintado pelo corpo, e o pescoço bem adereçado de plumas, vibrando em suas mãos huma desmedida clava, e vem cantando e assobiando em quanto a esgrima. O preso põe todo o esforço em lha arrancar das mãos, mas em quanto faz lanço a correr a esta parte, as mulheres e meninos que nas mãos tem o cabo da corda que o amarra, o tirao a si; e se volta a outro lado, da mesma sorte as mulheres lhe dão contrario torcimento. Tão amarrado o tem alli, que não pode dar passo do lugar em que se achia; então o valente gladiador o magoa a seu salvo, e o atenua a golpes da clava, até que por ultimo com hum que é mño tenente lhe descarrega sobre a cabeça, lha fende, e os miolos lhe derrama. Corta-lho depois as mãos, e vem logo as mulheres, que lançao o cadaver sobre o fogo, para que, queimado todo o pello, possa o corpo com mais aceio ser lavado. Aberto pelo ventre, lhe arrançao as entradas e intestinos, depois o fazem em chacina, e por não dizer mais mordem mui regaladamente naquellas carnes. Outros homens hão montanhezes e silvestres, que por siadamente guerreio com estes que habitão barracas, e se

enlodão nos mesmos crimes e feridas (1). Nenhum delicto, senão o homicídio he punido entre elles; mas os mesmos próprios parentes do homicida são forçados de entregá-lo aos que em razão de commum consanguinidade tem ação de requerer-lhe a morte. Ora estes lhe dão garrote e o enterrão; e com muitas lagrimas e carpiduras de todos os parentes, celebrão as exequias de hum e outro desunto, e dão banquete, a que assistem, depositas as inimizades, todos os parentes. Se porém por algum acidente ponde escapar o homicida, então suas filhas, ou suas irmãs, ou já parentas, são entregues á serventia dos parentes do morto, com o que toda a desavença entre os dois bandos fica sepultada no olvido. »

He difícil formar huma ideia exata dos antigos habitantes do Brasil, povoado de mais de 400 nações ou tribus. O que se pode deduzir do pouco que deixaram escrito com alguma individualização e clareza os antigos historiadores, e do que em tempos posteriores tem observa-

Algunhas nações comiam as crianças tomadas ao inimigo depois de as engordarem, e quando chegarão à idade de puberdade, ou instantes faltos ás que provavelmente da cobardia das mulheres com os prisioneiros destinados a morrer. Ellas porém muitas vezes fugião com elles ou se finge abster.

do viajantes instruidos, he que o imenso continente comprehendido entre o rio Amazonas e o da Prata era habitado por homens de raças diversas, pelo menos duas ou tres, e falando dialectos de outras tantas linguas primitivas. Nas margens do Paraguay, assim como no Brasil, notavão-sedunas raças mui diferentes em estatura, cor e feições, huma quasi tão alva como os Europeos, de alta estatura e feições regulares, outra de estatura mais pequena, feições menos europeas e cor fula mais ou menos avermelhada. Nos costumes não diferença menos. Huns erão rudes, anthropobagos, vivendo da caça e pesca, e dos fructos e raízes que a terra dá sem cultura, quasi nus, e com pouca barba e pello. Outros erão barbudos. Os *Omaguas* tinham a cabeça achatada de usucança, e ainda mais pela compressão do crâneo das crianças. Havia nações que não comiam os prisioneiros, e se davão á cultura da mandioca e de algumas plantas leguminosas, e se vestião de pelles de animaes: tues erão os *Carijós* que habitavão as bordas do rio Cananéa e São Vicente até ao Rio da Prata, e os *Omaguas*. A vista do caracter da physionomia de diferentes raças como a dos *Guaranis*, *Tupis*, *Omanguas*, parece provavel que algumas das raças brasiliicas tinham vindo do Peru, Chili, e até da Patagonia, regiões habitadas por huma

raça de homens guerreiros de alta estatura, bellas feições e proporções, e cor branca, sem mistura da cor de cobre. Em quanto às línguas, a pezar dos trabalhos dos Hespanhóes, colligidos, analysados e comparados por Hervás, por Vater, e das noções dadas pelos sabios viajantes Spix e Martius, o príncipe de Neuwied, St. Hilaire, Eschwege etc., subsiste ainda grande obscuridade. A língua *guaraní* parece ser a maior do maior número dos idiomas falados pelos indígenas desde o Rio da Prata e Uruguai até à Guyana. *O tupi*, de elle derivado, he a base do idioma a que nós démos o nome de *Língua geral brasílica*. Todavia existem muitos outros idiomas que não tem semelhança alguma com os radicaes *guaranis*, e pertencem a outras famílias.

Os Topiniquins que acolhêrno Cabral erão hum ramo da nação Tupi, assim como os Tupinambás, Tupinacs, Cahetés, Carihos ou Carijós, Pitanguares, Tabayores, Tamoyos. Os Tapuyas era a mais antiga e numerosa nação brasílica, e contava 76 povos d'ela emanados, entre os quais são os *Aymores* que os Portuguezes denominarão Botocudos, do pao em forma de botoque que trazem pendente do beiço. Cada tribo tinha seu chefe, e ocupava toda a costa desde a embocadura do rio da Prata até ao Amazonas, e no interior se

estendia muito a sua dominação. As tribus se tornarão hostis humas ás outras; isto suscitou guerras que reduzirão muito a povoação, e acabarão por expulsar os que ocupavão d'antes as costas. Os Tupis se apoderarão de toda a costa do Brasil quando os Tapuyas forão d'ella expulsados para o sertão, e se dividirão em 16 tribus, das quaes as principaes erão: os Cahetés, os Carihos ou Carijós, os Pitagoares, os Tabayares, os Tamoyos, os Tupinanabas, os Tupinaes, os Tupiniquins etc.

A pezar da diversidade dos povos que habitavão esta região, havia grande conformidade de usos e costumes entre elles. Quasi todos pintavão o corpo com urucu e outras plantas, usavão de arcos, frechas e clavas, vivião de caça, pesca, mel, milho, yucca, mandioeca, e preparavão grande variedade de bebidas espirituosas fazendo fermentar diversos succos vegetaes, e o mel. Os homens tomavão mulher de 10 a 18 annos, e as raparigas casavão de 10 a 12, mas erão pouco prolíficas, talvez por isso mesmo que em idade demasiado tenra começavão a conceber. Em geral os indigenas vivião largos annos, e frequentes exemplos de centenarios se encontrão ainda hoje nas aldeias delles. Os viajantes afirmão que alguns atingião 120 e até 140 annos de idade.

Poento que todos estes povos se achassem

HISTORIA

mui atrasados em civilização, tinham todavia alguma industria. Acendião lume fazendo gyrar rapidamente a ponta de hum pão secco no buraco de outro. A casca do *pão-estopa* lhe servia de isca. Alguns construão, com bastante arte, cabanas de madeira e terra cobertas de folhas de palmeira, e macas mui curiosamente tecidas de *embira* que suspendem aos ramos de arvores. Fazião machados de pedra nephritica ou jade, e machadinhas da casca da barriga da tartaruga, que afiavão sobre huma pedra, e que fixavão em cabos de pão. Fazido cordas das fibras das folhas de huma especie de *bromélia*, do *pão-estopa*, do *pão de embira*, do *embira bromia*, do *barriguedo* (*bambox*). Os Omaguas fabricavão alguns tecidos de algodão. Tinhão vasos de barro cozido, teciao cestos e cabazes de diversas plantas flexiveis, como folhas de palmeira. Cozião o pão de *yucca* em fornos. Muitos erão insignes na construção de canoas e jangadas. Os orcos erão de ordinario de pão da palmeira *airi* que he duro e massiço; a corda he da fibra de *gravata* (*bromélia*). As frechas de seis pés de longo são de *taquara*, especie de canna nodosa e solida que cresce nas matas e em terrenos secos, ou de outras plantas. As frechas de guerra tem a ponta feita da canna chamada *taquarara* (*bambusa*). Alguns usavão de lanços de pão

duro. As clavas erão arredondadas no punho e chatas na extremidade. Às vezes envenenavão as pontas das flechas. Muitos usavão de broqueis de anta, ou de pelle de jacaré. Fazião flautas de canna, e trombetas do osso semur do homem, ou de cornos de animais. Humas nações queimavão os cadáveres com todos os móveis que tinham pertencido ao morto; outras os mettiaos acocorados em grandes vasos de barro; outros os enterravão ao pé de grandes arvores com diversas ceremonias e ritos. Os Guayacurus os enterrão em cimeterios compostos de galerias cobertas de juncos. Não era conhecido no Brasil quadrupede algum semelhante ao *lhamá*, *alpaco* ou *guaco*, e só diversas especias de gaios.

Contavão por luas, e tinham algum conhecimento das constellações correspondentes aos quatro pontos cardinais. Entre algumas nações conservão-se vagas tradições da vida de homens brancos do oriente, que evidentemente tiravão a sua origem do Peru, ou do Mexico. He de notar que as testas achatadas e cabeças alongadas dos Omaguas tem grande semelhança com as figuras representadas nos antiquissimos templos de Guatemala. A lingua dos Omaguas do Peru tem a maior analogia com o Guarani.

O estado de infancia que caracterisava todas

as nações que habitavão a America occidental e meridional, a falta total de restos de monumentos antigos, assim como a de crenças religiosas, de todo e qualquer culto, e a simplicidade das linguas cujos vocabulos não exprimem senão objectos sensíveis e affeções do animo, ou sons imitativos; tudo atesta que esta vasta região separada do Peru por vastas campinas desertas, por altissimos montes e densas florestas, não teve communicação com os povos civilizados da costa oriental; e se alguma emigração se effectuou de lá para o Brasil e Paraguay, foi anterior ao progresso da civilização das nações Peruvianas, e outras orientaes.

Relativamente à religião, he incontestável que os mais dos indigenas não tem culto algum, nem adorão o Sol, a Lua e os astros, nem cogitão de causas invisíveis dotadas de energia intellectual. Hum amigo meu que viveo bastante tempo entre os Cahetés do Pará, cuja lingua fallava correntemente, me assegurou que não achara entre elles o menor indicio de crença religiosa, ou de usos supersticiosos. Parece comtudo que algumas nações tinham ideias vagas da persistencia da alma depois da morte, e de hum principio bom e outro mau; alguns reverenciao a lúa, a que attribuem o trovão, o raio e relampagos e mil outras influencias. Barlow diz que os Tapuyas

admittem hum inferno onde são castigadas as almas dos maos, e o collocão ao accidente (como os antigos Egypcios), e admittem hum Elyseo onde as almas dos bons vivem folgadamente de mel e de peixe. Entre muitas d'estas nações havia seiticeiros adivinhos, que erão ao mesmo tempo curandeiros. O fumo do tabaco respirado era o mais poderoso remedio usado entre elles.

Dizem alguns autores que os Pagés do lapuru affirmavão que o sol se não movia, e que a terra he que gyrava em torno d'elle. Se he verdade esta asserção, parece prova de antiga communicação com alguma nação mui adiantada em astronomia. Hoje he bem sabido que os antigos sabios Egypcios conhecião o verdadeiro sistema do mundo. Se em tempos remotos houve comunicações entre as nações do antigo mundo e a America, como parece provavel¹, he de crer que tiverão lugar nas costas septentrionaes e occidentaes daquelle continente, e na costa oriental d'elle, e que o Brasil não foi visitado antes de fins do seculo XIV².

¹ He hoje bem sabido que os navegantes da Noroega visitarão parte das costas septentrionaes da America, no principio do xi^o seculo. Na mesma epocha alguns Mouros residentes em Lisboa navegarão até ás ilhas Açores, e de lá atingirão diversas ilhas da America.

CAPÍTULO III.

Estado do Brasil desde 1530 ate 1580.

1530. *Estado do Brasil segundo Herrera.*
 —A costa do Brasil, em 1530, estava dividida em nove capitanias. A primeira a da ilha de Itamaracá; tem tres legoas de comprido e duas de largo, e a sua jurisdição se extende a 55 legoas ao longo da costa. Encerra perto de cem casas e alguns engenhos de açucar. 2º. Pernambuco, 5 legoas ao sul de Itamaracá pelos 8º lat. sul, contém duas cidades, Olinda e Garasú (*Iguarassú*), situadas a 4 legoas huma da outra; contém cerca de 1000 famílias e 25 engenhos de açucar, cujo producto annual he de 250:000 arrobas. 3º. *de todos os Santos*, a costa de 100 legoas de Pernambuco, em 15º de latitude sul, onde reside o Governador, o bispo e o auditor geral da toda a costa. Esta capitania encerra duas cidades portuguezas, a saber Villa-Ve-

¹ Herrera. Dec. IV, lib. VIII, cap. 12 *De la descripción de la costa del Brasil i cosas de ella.*

lha, a mais antiga da capitania perto da barra de São Salvador, fundada por Thome de Sousa; e a cidade de Paripé a 4 legoas no interior, cuja povoação he de 100 familias: tem 18 engenhos de assucar, mas dão-se de preferencia à cultura do algodão. A cidade tem 5 igrejas e hum collegio de Jesuitas. 4º. A capitania dos Ilheos, distante 30 legoas da Bahia de todos os Santos, na latitude de 14° 40'; tem huma povoação de 100 familias, hum collegio de jesuitas e 8 engenhos de assucar. 5º. A capitania de Porto-Seguro, a 30 legoas dos Ilheos em 16° 50' de latitude. Comprende tres cidades: Santo Amaro, Santa Cruz, e Porto-Seguro, com huma povoação de 220 familias. Tem huma casa de Jesuitas e 5 engenhos de assucar. 6º. A capitania do Espírito Santo, a 50 leguas de Porto Seguro, em 20° de latitude, habitada por 200 familias que cultivão o algodão. Tem hum só engenho de assucar e hum collegio de Jesuitas. 7º. A capitania do Rio de Janeiro, na latitude de 23° 20' tem 200 casas, a cidade de S. Sebastião, hum só engenho de assucar, e huma casa de Jesuitas. 8º. S. Vicente, a 70 legoas do Rio de Janeiro, na latitude de 24° contém tres cidades, 800 casas, quatro engenhos de assucar e hum forte na ilha denominada Britioga (*Beioga*), proxima ao continente, para proteger os estabelecimentos

contra os Indianos e os piratas. A principal cidade he Santos, onde ha huma casa de Jesuitas.

Nem Herrera, nem Pedro de Magalhães Gaudio, o mais antigo historiador do Brasil, fallão na nona capitania. O segundo conta oito capitarias, mas omite a de Pedro de Goes. O celebre João de Barros, hum dos primeiros donatarios, diz que o Brasil fôra dividido em 12 capitarias, cujos nomes não refere.

A historia conserva os nomes de nove donatarios, a saber: João de Barros, Duarte Coelho Pereira, Francisco Pereira Coutinho, Jorge de Figueiredo Corrêa, Pedro do Campo Tourinho, Vasco Fernandes Coutinho, Pedro de Goes, Martim Alfonso de Sousa, e seu irmão Pedro Lopes de Sousa.

Decorrerão trinta annos depois da descobrimento do Brasil sem que o governo portuguez se occupasse de o colonisar, pondo todo o seu fio na India. Os Francezes aproveitando-se d'esta incuria, estabelecerão povoações na proximidade da costa; e os Hispanhoes formarão estabelecimentos nas margens do Paraguay. Emfim D. João III resolveo dividir o territorio do Brasil em capitarias hereditarias, instituidas a favor de fidalgos ou outros particulares que se havião distinguido pelos seus serviços na India. Estas capitarias comprehendião de 50

a 60 legoas de costa, e podia extender-se indefinidamente para o sertão. Conforme ao plano de colonização que tinha prosperado na ilha da Madeira e nos Açores, os donatários tinham poderes illimitados, tanto em matérias civis como crimes. Elrei se reservava o dízimo dos productos, e o direito de cunhar moeda.

Por hum alvará de 20 de Novembro 1530, Martim Affonso de Sousa, do conselho d'elrei, foi nomeado *Governador da America Lusitana, ou Terras Brasilianas*, para alli construir fortificações, e distribuir terras aos colonos. Os seus poderes suspenderão ou limitarão os que havião sido concedidos aos donatários das diferentes capitania. O doutor Pedro Borges foi nomeado *Ovidor-geral*, para registrar os actos de todas as capitania, e Antonio Cardoso de Barros, *Procurador da fazenda*.

Martim Affonso de Sousa, fez-se à vela de Lisboa nos finais de 1530, e abordou ao Cabo Santo Agostinho. Para explorar o terreno, desembarcou perto da ponta elevada chamada *Pão d'assucar*, em huma pequena praia chamada *Porto do Martim Affonso*, e depois *Praia Vermelha*. Segundo a costa, entrou na Bahia de Todos os Santos, onde tomou dois navios franceses. João de Sousa, capitão de hum dos navios da expedição foi expedido a Lisboa para annunciar esta preza a Elrei. Prolongando a

costa na direcção do sul tomou refresco em Porto-Seguro, e depois descobriu a baía de Santa Luzia, a que por o nome de *Rio do Janeiro* porque entrou no porto no primeiro d'este mês 1531. Os Tamoyos a denominavão *Nhitarsi*, que significa *mar morto*. Levando ferro navegou ao oeste, e a quatro legoas de distancia descobriu a barra do *Tojuca*, e quis na mesma distancia, a de *Guaratiba*. Continuando a costear foi ter á ilha *Marambaia*, de cinco legoas de extensão, e á *Ilha grande*, em 25° 19' de latitude. Entre esta ultima ilha e o Morro de Marambaia entrou a 6 de Janeiro com a armada em huma enseada de duas legoas de largo, e lhe deu o nome de *Angra dos Reis*. Saindo d'ella passou a de *Cairuçú*, d'allí á *Ilha dos Porcos*, seguiu viagem até á *Enseada das Maramomis*. Mais adiante em latitude de 25° 48' descobriu a 20 do mês huma ilha que appellidou de S. Sebastião. Oito legoas mais adiante chegou no dia 22, á embocadura de hum rio com fundo sufficiente para admitir navios de mediana parte. Denominou-o *Rio de S. Vicente*, em honra do padroeiro da colonia.

A ilha de S. Vicente sendo mais favoravel á cultura, Sousa transportou para ella os colonos, em 1531, com todo o gado, e lançou os primeiros fundamentos da huma cidade denominada

nada S. Vicente, e destinada a ser a cabeça da capitania.

Esta capitania comprehendia 100 legoas de costa, e se extendia do rio Macabé até a 12 legoas ao sul da ilha de Cananéa, onde estava situada a barra de Paranaguá, excepto huma superficie de 10 legoas comprehendidas entre o rio *Curupau* (*Juquiriqueré*), e o de S. Vicente.

Os Goyanazes, senhores entro d'aquella parte da costa, tinham já ajuntado todas as suas pirogas para resistirem aos invasores, quando d'esse intento forão dissuadidos pela influencia de hum portuguez chamado João Ramalho, que tinha sido lançado na costa pela expedição de Gonçalo Coelho. Em premio dos uteis serviços feitos aos indigenas, este homem tinha casado com a filha de Tebireça, chefe o mais poderoso d'esta nação que habitava as planicies de Piratininga, e negociou hum tratado de alliance perpetua entre esta tribo e os Portuguezes.

Tendo provido á segurança da nova cidade, e á da *Conceição*, o governador prosseguiu a sua navegação para explorar a costa até ao Rio da Prata, onde chegou no primeiro de Dezembro. Entrou neste rio, e navegando por elle arriba por espaço de alguns dias, perdeu algumas embarcações nos baixos. Não havendo en-

contrado estabelecimento algum hespanhol, voltou á sua colonia, que em pouco tempo se tornou florescente. Fez vir da Madeira a canna doce, e estabeleceu o primeiro engenho de assucar; outros se eleváram logo á imitação do primeiro. Mandou do homens ao sertão para descobrir minas, e tomar posse da sua capitania; mas todos foram mortos pelos indios Carijós. Felizmente os Goyazzes, vizinhos dos Tamayos, não obstavam ao progresso da colonização, e viviam em boa intelligencia.

Martim Affonso chamado á corte por el Rei, foi nomeado Governador da India. Entretanto S. Vicente continuou a prosperar. De volta a Portugal, onde foi nomeado conselheiro d'estado, enviou muitos colonos ao Brasil, e promoveu o estabelecimento de novas plantações e engenhos de assucar, assim como o transporte de diversas mercadorias para trato mercantil. Seu filho Pedro Lopes lhe sucedeu na capitania.

1551. *Capitania de Paraíba ou Parahiba, ou de São Thomé.* Pedro da Goes, fidalgio de grande merecimento, tinha acompanhado Lopes de Sousa ao Brasil. Encantado da belleza da terra, pediu e obteve a concessão de 50 legoas de costa, partindo da capitania de Coutinho, e sem poder extender-se além dos baixos de Pargos, ainda no caso de não estarem pre-

enchidas as 50 legoas. Esta concessão estava compreendida entre a capitania de São Vicente e a do Espírito Santo.

Goes armou navios à sua custa, ajuntou colonos e tudo quanto podia contribuir ao bom êxito da sua empreza, e desembarcou na foz da Paraíba onde se fortificou e lançou os fundamentos da huma cidade. No cabo de dois annos passados em paz com os Goytacazes, estes povos se tornarão hostis e não cessarão de assaltar os colonos durante o espaço de cinco ou seis annos, usando de mil estratagemas para destruir a cidade. Muitos colonos perderão a vida nestes ataques repetidos; os outros, padecendo da falta de viveres, instarão com o governador para que abandonasse a colônia. Ele, não recebendo reforços, vio-se obrigado a consentir, e embarcou-se para a capital do Espírito Santo, a bordo de huma das caravelas que lhe expediu Vasco Fernandes Coutinho.

Depois d'este desastre, Pedro de Goes, voltou a Portugal, mas logo regressou ao Brasil com o título de capitão-mór, acompanhado por Thomé de Sousa, a quem ajudou a fortificar e povoar a cidade de S. Salvador. Goes tinha não só dispendido todo o seu espedal na formação da sua colônia, mas até ficou endividado de alguns mil cruzados a Martim Ferreira.

1531 a 1540.—*Capitania da Bahia.* Esta ca-

pitania que se extendia desde a ponta do Padrão (S. António) e o Rio S. Francisco, foi concedida por D. João III, a Francisco Pereira Coutinho, em recompensa dos serviços que elle fizera na India, e lhe ajuntou Depois todo o Reconcavo.

Coutinho, tendo armado á sua custa alguns navios em Lisboa, se embarcou neste porto, levando consigo grande numero de colonos, de soldados e aventureiros para fundar hum estabelecimento duravel. Depois de huma feliz viagem aportou á Bahia, desembarcou na ponta do Padrão, e se fortificou em hum lugar chamado depois *Villa Velha*. Os primeiros annos se passaram sem hostilidades da parte dos indigenas; varias plantações se fizeram, e alguns engenhos de açucar. Mas no fim d'este tempo os Tupinambas atacaram os estabelecimentos e continuaram a guerra durante sete ou oito annos. Finalmente o chefe da colonia tendo perdido o seu filho bastardo, e os colonos sofrendo de doenças e de escasez de viveres, se embarcou com a gente que lhe restava a bordo de duas caravelas, e se dirigio á capitania vizinha dos Ilheos, onde os Portuguezes debaixo da direcção de Jorge de Figueiredo, vivião em paz com os Tupiniquins.

Depois da sua partida os Tupinambas, arrependidos do seu procedimento, o convidaram

a voltar, e elle tendo feito hum ajuste com alguns dos chefes, embarcou-se com os seus colonos a bordo das suas caravelas. Estando já perto da entrada da Bahia de Todos os Santos, foi acolhido por hum temporal, que o fez encalhar nos baixos da illha de Itaparica. Todos os que escaparão do naufragio, e puderão ganhar a costa, forão mortos e devorados pelos Tupinambas, excepto Diogo Alvares da Cunha, ou Diogo Alvares Corrêa, segundo o autor da *Corografia Brasilica*, appellidado *Caramurú*, o qual fallava a lingua dos indigenas, e que tinha acompanhado Coutinho na sua fugida.

Segundo alguns historiadores portuguezes e estrangeiros, Diogo Alvares Corrêa, natural de Viana, indo buscar fortuna á India, foi lançado por hum temporal na costa do Brasil, e o seu navio naufragou nos baixos ao norte da barra da Bahia. Parte da tripolação morriço; os outros havendo ganhado a costa, forão devorados pelos Tupinambas, excepto Corrêa, o qual tendo salvado huma espingarda e alguns barris de polvora, e matado humi passaro a tiro diante dos selvagens, estes cheios de admiração exclamaram *Caramurú*, isto he, *homem de fogo*, nome que elle conservou depois d'este sucesso.

Caramurú Ihes ensinou o uso do ferro, que tirou dos destroços do navio. Marchou com

ellos contra os Tapuyas, os quaes fugirão à vista da sua temivel arma, que reputavão sobreatural. Desde então adquirio grande preponderância; os cheses lhe offerecerão suas filhas em casamento, e penetrado de reconhecimento, deo a esta magnifica bahia o nome de São Salvador, e escolheo para se estabelecer o sítio onde depois foi fundada *Villa Velha*. Estava ocupado em construir alli cabanas e pequenas barcas dos restos do navio naufragado, quando hum navio francez aportou alli, expedido de Dieppe para commerciar. Corrêa se embarcou para França neste navio levando consigo a sua esposa favorita *Caramurú-Assu*; foi bem acolhido do rei Henrique II e da rainha Catherina de Medicis, os quaes a fizerão baptizar debaixo do nome de Catherina Alvares. Esta potencia querendo ter parte no commercio do Brasil, nomeou Caramurú chefe de huma expedição mercantil de dois navios para a costa da Bahia, onde aportou com grande satisfação dos Tupinambas.

Alguns historiadores dizem que à sua chegada a Padrão, Coutinho recorreu a Caramurú, que se dava inteiramente à civilisação; mas concebendo ciumes d'elle o fez prender e conduzir ao seu navio. A mulher de Caramurú, julgando-o morto, armou toda a sua nação e a dos Tamoyos seus vizinhos contra os Portu-

guezes; o que obrigou Coutinho a soltá-lo¹.

1532. — *Captania de Santo Amaro, e d' Itamaracá.* D. João III, informando que os Francezes tinham feito hum forte em Itamaracá, guarnecido de 100 soldados, e que os seus navios vinham buscar pao brasil a esta ilha e no continente vizinho, expediu huma esquadra ás ordens do capitão-mór Pedro Lopes de Sousa, para expulsar os Francezes e todos os estrangeiros que se achavão na *Nova Lusitania*, ou que commerciavão nos portos.

No mesmo tempo, el Rei concedeo a este capitão 50 legoas de costa, em duas porções diferentes, em vez de huma só, em conformidade do seu peditorio; a saber: Santo Amaro que confinava com S. Vicente, e Itamaracá, lugar o mais proximo da linha que separava Pernambuco da Paraíba². Lopes arrou alguns navios, partio de Lisboa e desembarcou em S. Vicente. Depois de varios combates contra os Petiguares, que rechaçou,

¹ Na igreja dos Bentos, no suburbio de Victoria le-se a inscripção seguinte: Sepultura de D. Catherina Alvares, senhora d'esta capitania da Bahia, a qual ella, e seu marido Diogo Alvares Correa, natural de Viana derão aos senhores reys do Portugal: Fez e deu esta capella ao padriarca S. Bento, anno de 1589.

² Herrera, Dec. V. lib. viii. cap. 8.

estabeleceo duas colónias, huma de que *Santo António* foi a capital, a' outra na ilha de *Itamaracá*, separadâ do continente por hum canal. Dispendera muitos mil cruzados nestes estabelecimentos, que não disfrutou muito tempo, havendo perdido a vida eeu hum naufragio no Rio da Prata. Quarenta annos depois da fundação da colónia d'*Itamaracá*, toda a povoação da ilha não excedia 200 familias, e não havia senão tres engenhos de assucar.

1534 e 1535. — *Capitania de Pernambuco.*
Fundação da cidade de Olinda. E Rei D. João III em recompensa dos serviços de Duarte Coelho Pereira, lhe concedeo a capitania de Pernambuco, comprehendendo 50 legoas da costa desde a emboceadura do Rio S. Francisco no nortéste até *Itamaracá*, limitada pelo *Igarapé*. Huma feitoria que se tinha estabelecido nesta capitania foi tomada por hum corsario de *Marselha*, que deixou alli 60 homens de guarnição. Mas na viagem que fez para voltar a França foi apresado pelos Portuguezes, que não tardarão em expulsar os Francezes d'esta costa.

Coelho armou alguns navios nos quaes se embarcou em *Lisboa* com sua mulher, filhos

* Pernambuco he corrupção de *Parená luso*, que na lingua dos Cabeceiros significa *excedendo pelo mar*.

e grande numero de parentes e amigos, acompanhados igualmente de suas familias. A' sua chegada ficou tão encantado com o aspecto da terra, que exclamou: *oh que linda situação para se fundar huma villa!* Daqui veio o nome de Olinda (ó linda) fundada por elle. Durante alguns annos vio-se obrigado a defender-se contra as incursões dos Cahetés, tribu numerosa e barbara que ocupava toda esta costa e 50 legoas no interior, e tinha feito aliança com os Francezes que alli vinham commerciar. Coelho foi atacado na cidade, perdeu alguma gente e foi mesmo ferido; mas o seu valor triumphou, e conseguiu rechaçar os Cahetés, fortalecendo-se por huma aliança que fez com os Tabayazes.

A formação d'este estabelecimento custou muitos mil cruzados a Coelho; mas colheu bom fructo d'ele, deixando 10.000 cruzados de renda a seu filho, procedente da cultura e fabricação do açucar, e da pesca.

1534.—*Capitania do Espírito Santo.* Esta capitania vizinha da de Santo Amaro, e comprehendendo 50 legoas de costa, foi dada por D. João III a Vasco Fernandes Coutinho em remuneração dos serviços militares que tinha feito na Asia. Depois de haver disposto tudo o que convinha, fez-se á vela de Lisboa com 60 sargentos da casa real, e aportou com a sua frota

a huina bahia a 60 leguas do Rio de Janeiro. Alii desembarcou, e com o pequeno numero de homens que levava, expulsou os Goyanazes que occupavao a terra, e lançou os fundamentos de *Nossa Senhora da Victoria*, chamada depois *Vilha Velha*. Fez construir hum forte, e voltou à Europa a buscar novos colonos. Entretanto os colonos se derao à agricultura, plantarão vinhos e canas, e estabelecerão quatro engenhos de assucar; mas os Goyanazes renovarão as hostilidades e matarão em hum combate Jorge de Menezes, que Coutinho tinha nomeado capitão durante a sua ausencia. Auxiliados pelos Tupiniquins obrigarão os colonos capitaneados por Simão de Castello Branco a se retirarem para as margens do rio Circaré. Os selvagens destruirão os engenhos e plantações e matarão muita gente. Finalmente os colonos não tendo forças para resistirem aos ataques dos Indios se refugiarão na ilha de Duarte de Lemos, e se dispersarão por diversas capitanias. Quando voltou, achou Coutinho o seu estabelecimento abandonado. Depois de varios esforços para repellir os indigenas, vio-se em tal aperto por escassez de gente e munições, que estava a ponto de se embarcar quando lhe chegou hum resorço mandado por Mendo de Sá, governador da Bahia. Com estas forças atacarão os Indios, e a principio os repellirão,

mas elles voltarão, e renovarão a peleja com tal furia, que obrigarão os Portuguezes a acolher-se ás suas embarcações em debandada, deixando muitos mortos, entre os quaes se achava Fernão de Sá, filho do Governador.

Coutinho havendo esgotado todo o seu haver no estabelecimento da colonia, vio-se reduzido a pedir esmola. Seu filho e successor viveo ignorado e pobre na capitania de seu desgraçado pai.

1534. — *Capitania de Porto Seguro.* Esta capitania que demarcava com a de Jorge de Figueiredo Corrêa, e se extendia para o sul, comprehendendo 50 legoas de costa, foi concedida por D. João III a Pedro de Campos Tourinho, natural de *Viana da Foz do Lima*, homem nobre, e perito na navegação. Partio de Viana com sua mulher Inês Fernandes Pinto, seu filho Fernão de Campos, e alguns parentes, amigos e outras pessoas. Aportou a Porto Seguro e se fortificou no mesmo sitio onde depois foi assentada a capital da província. Achou alli alguns Portuguezes que habitavao a terra havia 30 annos, e que de mulheres americanas tinham filhos mestiços denominados *mamalucos*. Um dos dois degradados que Pedralvares Cabral tinha deixado alli em 1500, servio de interprete. Os *Tupiniquins*, que habitavao entre os rios Camainu e Círcaré, se oppozerão ao

estabelecimento; pozerao-lhe cerco e matao alguma gente, mas depois fizerao a paz. Tourinho cuidou entao em augmentar a colonia, e as cidades de Santa Cruz e Santo Amaro, que acabava de fundar, a primeira na bahia *Cabralia* e a outra huma legoa ao sul de Porto Seguro. Os indigenas ajudarao nos trabalhos da agricultura. Dentro de pouco tempo esta colonia começoou a expedir para Lisboa navios carregados de assucar e pao brasil.

1535-1536. *Capitania do Maranhão*. Esta capitania concedida a João de Barros, comprehendia, como asmais, 50 legoas de costa, a partir dos limites da de Itamaracá. O donatario associou-se com Fernando Alvares de Andrade e Ayres da Cunha, para estabelecer huma bella colonia. Armáeo á sua custa em Lisboa dez navios, à bordo dos quaes embarcarão 900 homens e 113 cavallos, e todo o provimento necessário para formar o estabelecimento de que os dois filhos de Barros devião tomar a direcção. A frota capitaneada por Ayres da Cunha chegou á visita da ilha do Maranhão, e alli naufragarão todos os navios nos cachoeiros e baixos que a cingem. Algumas pessoas escaparão e se resugiarão na ilha do Medo ou Boqueirão, à entrada da bahia, mas não achando o sitio proprio para assentar huma colonia, voltarão a Portugal no primeiro navio que se lhes oferececeo.

Os dois filhos de João de Barros tinham escapado do naufrágio, e se havião refugiado em huina ilha na embocadura do rio; alli permanecerão alguns annos, mas não puderão comunicar com Pernambuco nem com as maiores capitâncias. João de Barros mandou alguns navios ao soccorro dos filhos, mas chegarão quando estes tinham abandonado a ilha, e encaminhando-se ao longo da costa cahirão nas mãos dos Pitiguares e forão mortos por estes Índios. Na foz do Rio Pequeno, chamado *Bassique* pelos indígenas, a 3 legoas do Rio Grande pelos 5° 1/6 de latitud. O autor do *Itinerario Geral* attribue a morte dos filhos de João de Barros aos conselhos dos Franceses que então vinham carregar alli pão brasil, mas he suposição gratuita, e sem fundamento. Barros tinha dispendido bastante cabedal sem proveito, e ficava ainda devendo à coroa 600:000 réis por artilharia e munições, que lhe forão perdoados por el-rei D. Sebastião. A perda de seus filhos e da fazenda fez renunciar Barros à capitania, que foi dada a Luiz de Mello da Silva.

1540. *Capitania dos Ilheos.* Esta capitania assim charnada de tres ilhetas situadas na embocadura do principal rio d'ella, foi concedida a Jorge de Figueiredo Corrêa, escrivão da fazenda, e comprehendia 50 legoas de costa, partindo da Bahia do Salvador. Corrêa não po-

dendo em razão do seu cargo transportar-se á capitania, enviou Francisco Romero, cavalheiro castelhano, com alguns navios e colonos para tomar posse d'ella. Este desembarcou no porto de Tinharcé, e assentou a colônia na altura chamada *Morro de S. Paulo*; mas pouco satisfeito do sitio, escolheu outro na embocadura do rio dos Ilheos que elle vinha de descobrir, e ali lançou os fundamentos da cidade dos Ilheos, ou de S. Jorge, assim nomeada em honra do proprietário. Nos primeiros annos teve que se defender contra os Tepiniquins, com quem depois assentou paz. O filho do donatário, com o beneplacito rugio, vendeu a sua capitania ao Florentino Lucas Giraldes, que estabeleceu nella oito ou nove engenhos de assucar, que mais tarde foram destruidos pelos Aymores, que mataram parte da povoação: o resto se acolheu á Bahia, em 1570.

1530 a 1532. *Guilherme Hawkins de Plymouth*, pai do cavalheiro João Hawkins, fez duas viagens ao Brasil, em hum navio de 250 toneladas e duas outras embarcações mais pequenas. Na sua segunda viagem trouxe-comigo hum chefe Índio que foi apresentado ao rei Henrique VIII, no palacio de Whitehall.

1539. *Expedição de Luís de Melo da Silva*. Haviaido João de Barros renunciado aos seus direitos sobre o Maranhão, D. João III fez mercâ

d'esta capitania a Luiz de Mello, e lhe deu tres navios e duas caravelas para penetrar pelo rio Amazonas, ató ás minas, a leste do Perú. O novo donatario fez-se á vela, e chegando perto dos baixos onde os navios de Ayres da Cunha tinhão naufragado (que se suppõe ser os *Altins* ou *Coroa grande*), teve a mesma sorte. Perdeu todas as embarcações, á excepção de huma caravela a bordo da qual voltou a Lisboa.

1539. *Viagem da descoberta do Francisco Orellana no rio Maranhão* que elle tinha chiamado *Ria Orellana*. Gonçalo Pizarro havendo sido nomeado governador da provincia de Quito por seu irmão, o marquez D. Francisco Pizarro, tentou fazer a conquista de hum paiz chamado *Terra da Cannella*. Com este intento partio de Quito em fins de Dezembro 1539, com 400 Hespanhoes, 4000 Indios que levavão a bagagem, e 4000 cabeças de gado, vacas, carneiros, porcos, para sustento da gente; dirigindo-se ao norte entrou no paiz de Quixes, e d'alli no val de Zuinaque, a 100 legoas de Quito, onde achou D. Francisco Orellana, Aldalgo de Truxillo, em Hespanha, quo se associou com elle para descobrir outro Perú. Entrarão ambos com 100 soldados e algumas Indios na provincia de Coca cujo Cacique lhes fez bom agasalho, e lhe deu informações á cerca de hum rio muito maior que o Coca, o qual cortava tan-

ras fértilsíssimas, e cujos habitantes trozão o corpo coberto de chapas de ouro. Encantado d'esta nova, Gonçalo, tendo ajuntado toda a sua tropa e gente da comitiva, depois de algumas dias de descanso, puz-se em marcha seguindo a borda d'água por espaço de 43 dias, sem acabar viveres nem meios de atravessar o rio, até que deparou com hum lugar em que, estreitado entre dois rochedos não oferecia mais que 20 pés de largura. Lançou alli huma ponte, sobre a qual fez passar a sua gente. Todavia na outra margem o caminho não era melhor, nem a terra mais fértil. Os mantimentos cada vez escasseavão mais; isto o decidiu a fazer alto no confluente dos rios Napo e Coca, chamado *la Junta de los Ríos*, para construir hum bergantim destinado a levar os doentes e 100:000 arrateis de ouro que possuia; confiou o commando d'esta embarcação a Orellana, dando-lhe ordem de se não arredar d'elle; mas vendo-se mui falso de viveres ordenou-lhe que fosse em busca d'elles. Orellana ganhou o meio do rio Coca, e adiantou-se 100 legpas em tres dias levado pela corrente, sem carecer de vela nem de remos, e foi ter ao grande rio, que havia tempo se buscava em vão. Desde logo resolveu segui-lo até ao mar, e começou a haver-se como chefe, declarando que devia tudo a si proprio e a el-rei, e nada a Gonçalo Pizarro. Ilum

religioso e hum fidalgo que ousárao fazer-lhe representações contra tão desleal procedimento, forão postos em terra sem viveres nem armas. Os soldados o reconhecerão por chefe; então desembarcou para procurar mantimento, e conhecer os habitantes, e deo ao grande rio o nome de rio de Orellana. Foi afacado pelos indígenas com grande coragem, e havendo notado que as mulheres combatião com valor varonil, aproveitou-se d'esta circunstancia para fazer acreditar que tinha descoberto o paiz das Amazonas. Tal he a origem do nome improprio dado ao rio Maranhão.

Proseguindo sua viagem encontrou povos menos guerreiros; alguns d'elles mui pacíficos lhe derão mantimentos em abundancia. Orellana valeo-se da oportunidade favoravel para construir hum bergantim maior, no qual se embarcou, e depois de alguns dias de navegação atingio o mar, e costeando o Cabo do Norte foi demandar a ilha da Trindade onde comprou hum navio, em que passou a Espanha. Depois de huma residencia de sete annos na Corte de Madrid, obteve do imperador Carlos V tres navios para voltar ao paiz d'onde viera, para tomar posse d'elle em nome d'este principe, e erigir alli fortes e cidades. Partio com esteito; mas chegado á altura das Canarias, perdeu parte da tropa que levava por

doença, que continuou a ser fatal ás tripolações até ás ilhas de Cabo Verd. Chegou á embocadura do Amazonas onde abandonou dois dos navios, e em breve vio-se obrigado pela continuada perda de gente a conservar só dois grandes barcos com os quaes tentou em vão penetrar pelo rio. Foi lançado sobre a costa de Caracas, depois sobre a ilha de Margarita, onde perdeu o ultimo companheiro, e morreu pouco depois de pezar e de doença.

1540.—*Expedição ingleza á Costa do Brasil.* Os negociantes ingleses de Southampton, Roberto Reniger, Thomas Borey e outros fizeram huma viagem mercantil proveitosa á costa do Brasil. Outro negociante denominado Pudsey, partiu do mesmo porto em 1542, e construiu hum sorte junto á Bahia.

1540 a 1545. — *Viagem de Álvaro Nunez Cabeça de Vaca.* Este oficial mandado por Carlos V a fazer novas explorações, tomou posse da ilha de Santa Catherina, e alli formou o projecto de huma viagem da costa vizinha até Buenos-Ayres. Expediu hum navio com parte da sua gente ao Rio da Prata, mas não lhe foi possível abordar em razão da oposição dos lóndios. Então partiu elle mesmo, e depois de se demorar algum tempo na ilha de Martim Garcia, entrou pelo rio Itabucú a 20 legoas de Santa Catherina, e desembarcou com a sua

genta bem armada na margem septentrional do Rio da Prata; atravessou altos mantes, e rio que encontrou em huma extensão de 100 legoas de terras desertas antes de chegar aos primeiros estabelecimentos chamados *del Camino*, habitados por diversas nações, compreendidas todas debaixo do nome de *Guarantis*, que significa guerreiro. Fez hum commerceio proveitoso escambando as suas fazendas por prata e outras generos, e denominou o paiz *Provincia de la Vera*; embarcou-se por fim e seguiu a corrente do rio, passou á banda oposta, e foi tomar posse do governo de Buenos Ayres.

1546. — A villa de Santos situada na costa septentrional da ilha de S. Vicente, província de S. Paulo, pelos 23° 56' de latitude, foi criada em cidade.

1548. — Opprimidos pelos colonos de Pernambuco, os Cahetés tomáron as armas, e 300 d'elles vierão atacar o estabelecimento portuguez, situado a seis legoas ao norte de Olinda, e a duas milhas da embocadura do guarassu. Estava cercado de huma estacada, e defendido por 90 europeos e 30 negros escravos. Os Indios empregáron todo o genero de artis para reduzir os sitiados pela fome, e lançando frechas acesas para incendiá o forte; mas no cabo de hum mez vendo baldados to-

dos os seus esforços, fizerão a paz e se retirarão. Hans Stade, natural da Hesse, ajudou muito a defender o forte de Iguarassu como artilheiro. Este homem havia sido prisioneiro dos Tupinambás cuja historia escreveu; tinha passado a Portugal com intenção de se embarcar para a India, mas aceitou o posto de artilheiro a bordo de hum navio tripulado por degradados, e destinado a aprezar os navios franceses que comerciavão na costa do Brasil. Chegou a Pernambuco a 28 de Janeiro 1548, com 88 dias de viagem.

1549. — *Expedição de Thomé de Sousa nomeado governador geral do Brasil. Fundação de S. Salvador.* Depois da morte de Coutinho, o território da Bahia tinha ficado devoluto. o rei D. João III informado da fertilidade da terra, resolveu mandar Thomé de Sousa filho bastardo de hum fidalgo, e pessoa de toda a sua confiança que se tinha distinguido na India, e lhe conferiu o título de *governador geral do Brasil ou Nova Lusitânia*, revestido de plenos poderes em matérias cíveis e criminais. Para obviar os numerosos abusos de que os colonos se queixavão, nomeou o Doutor Pedro Borges ouvidor geral ou juiz auditor, e Antônio Cardoso vedor da Fazenda real. Outras pessoas foram igualmente escolhidas para diversos cargos, e alguns Padres da Companhia foram

escolhidos para formarem hum collegio, converter os Indios e administrar os Sacramentos. Ao novo governador ordenou el-rei que fundasse huma cidade na Bahia de Todos os Santos, e a fortificasse de maneira a poder resistir aos ataques dos Indios e de qualquer nacão estrangeira. Esta cidade devia ser o assento do governo, e denominar-se São Salvador.

Thomé de Sousa partio de Lisboa, a 2 de Fevereiro, com huma frota de tres navios, duas caravelas e hum bergantim, debaixo do mando de Pedro de Goes. Levava a bordo 300 soldados, 400 degradados, e perto de 500 colonos. Depois de dois mezes de navegação, tomou terra, a 29 de Março, na Bahia. A huma pequena distancia da cidade abandonada, Sousa encontrou o velho Caramurú Diogo Alvarez, que se tinha fortificado com cinco dos seus parentes e outras pessoas escapadas ao naufragio (em 1510). Vivião em paz com os Indios seus vizinhos, que consentirão a ajudar os Portuguezes a construir a nova cidade. O governador desembarcou a sua tropa em Villa Velha; não satisfeito com esta situação, foi reconhecer a bahia e escolheu outro sitio para erguir a nova cidade, a meia hora de distancia e cereada de bons nascentes de agua. Alli fundou a cidade de S. Salvador ou da Bahia, que

foi por muito tempo a capital do Brasil. Esta situada na foz do rio Paralba, a 600 pés acima do nível do mar em latitude 12° 59' sul. Dentro de quatro mezes cem casas se tinham construído, e se haviam lançado os fundamentos de huma cathedral, de hum collegio de Jesuitas, huma casa para a residencia do governador e outra para alfandega. Sousa a cingio de hum muro de taipa, e fez construir cabanas de madeira cobertas de folhas de palmeira. Estabeleceu seis baterias de artilharia, quatro dirigidas contra o interior, e duas na direcção do mar. Depressa se eletáram engenhos de açucar.

Hum acontecimento infansto esteve a ponto de arruinar a colonia. Hum dos colonos foi morto por hum Indio, em distancia de oito legoas da cidade, que ainda não estava em estado de resistir aos ataques dos Tupinambas. Felizmente o Indio foi declarado o aggressor, e por huma lei d'esta nação elles o entregaram ao governador, o qual para inspirar terror nos Iudios, o fez atar á boca de hum canhão a que mandou pôr fogo. O padre Manoel de Nobrega e cinco missionarios Jesuitas que o governador tinha trazido para catechizar os Iudios, e lhes administrar os sacramentos, começaram a sua missão. Forão os primeiros Jesuitas que aportarão ao Novo-Universo.

1550. — Neste anno chegou á Bahia outra expedição composta de galeras e navios mercantes, ás ordens de Simão da Gama de Andrade, que trazia a seu bordo o bispo Pedro Fernandes Sardinha, acompanhado de clérigos, com vestimentas, ornatos de igreja, sinos, vasos, e animaes domesticos. Estes dois armamentos custarão á Coroa 500:000 cruzados..

1551. — Este anno chegou outro armamento capitaneado por António de Oliveira, com alguma colonos casados, e alguns degradados, e raparigas orphans de famílias nobres, que tinham sido educadas no Recolhimento das Orphans em Lisboa. A rainha D. Catherina as tinha recommendedo ao governador para que as casasse com os mais distintos colonos. Esta expedição trouxe tambem escravos africanos, gado, e eguas para serem distribuidas aos habitantes, com obrigação de pagarem o valor em jornaes, ou em generos cujos preços serião regulados pelos de Lisboa. Em cada hum dos annos seguintes el-rei continuou a mandar degradados, orphans, e mercadorias á colonia que foi florescendo, e cuja prosperidade se comunicou ás outras capitaniias.

Passados quatro annos, Thoiné de Sousa, tendo acabado de visitar as outras capitaniias, em que estabélecco a ordem e a tranquillidade,

solicitou e obteve licença de voltar a Portugal. D. Duarte da Costa, do conselho d'el-rei, foi nomeado em seu lugar. Pouco depois da sua chegada os Indios se levantaram contra a colônia; mas elle deo tão boas providencias com a ajuda de seu filho Alvaro da Costa, que conseguiu apaziguar os levantados. A gente que continuamente lhe chegou de Portugal aumentou as suas forças.

Sete Jesuitas tinham acompanhado D. Duarte da Costa; hum d'elles era José Ancheta. Segundo as instruções de Loyola fundador da Sociedade de Jesus, o padre Manoel de Nóbrega e Luiz da Gram foram nomeados conjuntamente provinciais do Brasil, como de província independente.

A D. Duarte da Costa sucedeu Mendo de Sá. No espaço de 14 annos que durou o seu governo conseguiu subjugar os Tupinambás do distrito da Bahia e de todos os outros até ao Rio de Janeiro, sem que depois da morte d'el-rei tivesse recebido de Portugal outro auxilio mais que huma galera cada anno. Tinha destruído 50 aldeias de Indios na vizinhança da cidade, socorrido a capitania dos Ilheos, a de Porto Seguro e a do Espírito Santo, e tinha duas vezes expulsado os Franceses do Rio de Janeiro.

1552.—O priuineiro bispo do Brasil, Pedro

Fernandes Sardinha, que tinha vindo em 1550, fundou a cathedral de S. Salvador. Este prelado tinha feito os seus estudos na Universidade de Paris, e ocupado o cargo de vigário geral na Índia.

1553.—O jesuíta Manoel Nobrega fundou o *Collegio dos trabalhos apostolicos* na planicie de Piratininga, a 10 legoas do mar, e perto de 15 de S. Vicente. Treze padres, debaixo da direcção de Manoel de Paiva, foram mandados a formar alli húm collegio que foi chamado de S. Paulo, o qual deo nome á cidade que alli se fundou em 1554, e que foi depois (1560) transferida para tres legoas mais longe, no angulo formado pela juncção das aguas do rio Tamandataby e do Hinhagabahu, dois affuentes do Tieté, em hum terreno elevado de 350 braças acima do nível do mar.

Os padres d'este collegio em pouco tempo conseguiram fazer-se amar e respeitar dos Índios, que lhes forneciam liberalmente mandioca, aveia, peixe e fruta. Anchieta decidiu alguns Índios, e mestigos ou *mamalucos* a virem estudar a lingua latina, em quanto elle aprendia com elles a lingua tupinamba, de que compôs huma grammatica e hum vocabulario. Este padre tinha algumas noções de medicina e de cirurgia, e com hum simples canivete fazia todas as operações. Como a regra de Loyola

vedava o derramar sangue, Anchieta consultou o fundador sobre a questão de lhe ser ou não lícito sangrar. Loyola respondeu que a caridade abraça tudo. Neste colégio exigiam-se dos rapazes que se flagellassem todas as sestas feiras com disciplinas.

1554. — *Estabelecimento da cidade de São Paulo*, capital da província do mesmo nome. Em 1542 João Ramalho, que tinha tomado por mulher huma rapariga dos Goyanazes, se estabeleceu na planicie de Piratininga, de que foi nomeado acaide-mór em 1555, por Antônio de Oliveira, lugar-tenente do distrito, e que denominou esta povoação *Vila de S. André*. Em 1554 os Jesuítas que tinham começado no anno precedente a construção do seu colégio, celebráram no mesmo a primeira missa, dia da conversão de S. Paulo.

Os Mamalucos de S. André cuje único fio era grangear escravos para d'elles tirar partido, fazendo-os trabalhar por sua conta ou vendendo-os, eram hostis aos Jesuítas que procuravam civilizar os Índios, e os protegiam com efficia e zelo. Conseguiram excitar diversas tribus, que, unidas com os Mamalucos, atacaram Piratininga, mas foram rechaçados e completamente derrotados pelos Índios da missão, sobre os quais o padre Anchieta e os seus companheiros tinham adquirido grande ascen-

dente. O interesse dos colonos coincidia com o dos mamaludos, porque era então uso geral e continuou a sé-lo por muito tempo, apanhar Indios e tratá-los como escravos; por isso eram mal vistos os Jesuitas que por meios de brândura e persuasão aspiravão manifestamente a dominar as povoações de Indios sujeitando-os ás missões, como fizerão depois nas margens do Uruguay. O numero de Indios que os Jesuitas de S. Paulo tinham determinado a formar aldeias em torno da novo estabelecimento, e cujos hábitos ferinos tinham algum tanto modificado, era considerável; mas não merecem crédito os escriptores que os representam como convertidos ao christianismo, ou havendo renunciado aos seus costumes, particularmente no artigo da pluralidade de mulheres. A conversão era só apparente, e reduzia-se a actos exteriores do culto.

155. — *Expedição francesa debaixo da direção de Nicolao Durand de Villegagnon.* Em quanto a feroz superstição de huma corte corrompida e dissoluta condemnava ao fogo, ou fazia matar a ferro milhares de Francezes em razão de sua crença religiosa, cujos bens a iniquidade dos magistrados confiscava, o almirante Gaspar de Coligny, hum dos principaes chefes protestantes, attendendo ao que os viajantes contavão da fertilidade do Brasil,

esperou achar naquelle região hum asylo onde poderião refugiar-se os protestantes franceses assim de escaparem á perseguição. Com este fio deo a Villegagnon, vice-almirante de Bretanha, habil e intrepido official de marinha, tres navios, cada hum de 200 tcneladas, e 10:000 francos para os gastos da viagem, havendo obtido do rei Henrique II licença para estabelecer huma colonia no Brasil.

Villegagnon partio do Havre de Grace, a 12 de Julho 1555, acompanhado de alguns cavalheiros, e de soldados e artífices. Hum temporal o obrigou a arribar a Dieppe onde parte dos companheiros abandonarão a expedição. Fez-se de novo á vela a 14 de Agosto, passou pelas Canarias, chegou a 8 de Septembro ao Cabo Verde, e depois de huma dilatada viagem aportou a 15 de Novembro a huma pequena ilha na embocadura do *Ganabcre* (Rio de Janeiro), d'onde a força da maré o fez sahir, e foi demandar outra ilha deserta de 600 passos de largo e perto de huma milha de circuito rodeada de cachopos á flor d'água, de maneira que ainda na enchente da maré, os navios não podião avizinhar-se mais que a tiro de canhão. Só pequenas barcas podião abordá-la por huma abertura de difícil accesso, que lhe serviu de porto. Alii levantou hum forte, que denominou de *Coulogny*, destinado a proteger os colonos contra

os Portuguezes e os indigenas, e tomou posse de todo o continente, a que pôz o nome de *França antarctica*. Não tinha mais de 80 homens, que alojou em cabanas por elles construidas, e ajudados dos Indios atraídos por alguns presentes. No meio da ilha sobre hum rochedo de 50 a 60 pés de elevação estabeleceu a sua residencia, e fez construir armazens e hum templo. A casa principal era em parte feita de madeira, e protegida por hum recinto de alvenaria. Foi facil a Villegagnon estabelecer relações amigaveis com a tribu de indigenas que habitava aquella costa e erão mui adversos aos Portuguezes. Tinha trazido para lhe servir de interprete hum marinheiro normando, que havendo naufragado na costa du Brasil com outros compatriotas, tinha vivido entre os selvagens, aprendido a lingua d'elles, e passados alguns annos tinha voltado a França. Por meio d'elle e dos outros Francezes que vivião em boa harmonia entre os selvagens, se estabelecerão relações de amizade. Mas o nimio rigor e escrupulo religioso do chefe calvinista lhe fez perder estas inappreciaveis vantagens, e o expôz a hum perigo de que só escapou por fortuna. Sabendo Villegagnon que o interprete normando vivia com huma India, ordenou-lhe que se separasse d'ella, ou que a tomasse por mulher. O malvado, para se vin-

gar do chefe, ordio huma conjuração com trinta dos colonos mercenários e alguns dos Francezes que vivião entre os selvagens, para matar Villegagnon e toda a sua gente. Tres Escocezes que servião de guardas ao chefe, lhe descobrirão o plano da conspiração que foi assim malograda. Tres dos conspicadores forão enforcados, outros reduzidos á condição de escravos; mas o autor do infama projecto escapou a nado e foi excitar os selvagens contra os Francezes, persuadindo aos primeiros que toda a gente do forte estava contaminada de huma epidemia que infallivelmente comunicarião aos indigenas se estes não interrompessem toda a comunicação com elles.

1556 e 1557. Segunda expedição Franceza. Apenas havia Villegagnon feito as suas disposições na ilheta em que se fortificara, expediu hum navio a França solicitando de Coligny reforços, e ministros do evangelho calvinistas para missionarios. O zelo dos calvinistas de Genebra, e o valimento do almirante Coligny, conseguirão em breve tempo satisfazer aos desejos de Villegagnon. Philippe Carguilleray, mais conhecido pelo nome de *Dupont*, seu solar, homem respeitável que em idade avançada se tinha retirado para as vizinhanças de Genebra, offereceu-se para conduzir ao Brasil as pessoas dispostas a auxiliar os planos de Coli-

gny. Calvino designou Pedro Richier, e Guillerme Chartier como ministros do Evangelho, e mais doze partiu voluntariamente, sendo hum d'elles João de Léry, homem instruido e honrado a quem devemos huma excellente relaçao dos successos da empreza e dos costumes dos indigenas. Partiuão todos de Genebra a 10 de Septembro de 1556, e forão cumprimentar o almirante Coligoy na sua residencia de Châüllon-sur-Loing. D'alli forão a Paris, onde alguns cavalheiros e outros protestantes se lhes aggregarão. Tomárao então o caminho de Rouen, onde se lhes juntou mais alguma gente, e chegarão a Honfleur, porto do embarque. Alii tiverão a imprudencia de celebrar a cea segundo o rito de Calvino, contra as ordenações regias, o que por tal maneira irritou o povo fanatico, que os assaltou matando hum official chamado *S. Denis*, que era destinado a explorar as minas de ouro.

A expedição, composta de trez bellos navios, foi armada á custa do governo por Bois-le-Comte, sobrinho de Villegagnon; levava 18 peças de bronze, e mais de 50 berços de ferro, e mosquetões. Partio de Honfleur, a 17 de Novembro 1556, levando a bordo 300 calvinistas, marinheiros, soldados e artífices, cinco rapazes para aprenderem a lingua dos indigenas, e outras tantas raparigas, com huma mestra.

Bois-le-Comte embarcou-se em qualidade de protector. A pezar do furor fanatico de alguns habitantes, os navios ao sahir do porto forao honrados com huma salva da artilharia do forte, e com musica militar. A expedição, depois de ter experimentado hum temporal que durou vinte dias, chegou a 5 de Decembro á altura do Cabo S.-Vicente, onde encontrou hum navio irlandez ao qual tomámo seis ou sete pipas de vinho de Hespanha, figos, laranjas, e outros mantimentos de que elle estava carregado. Sete dias depois aportárao ás Canárias. Vinte marinheiros se lançárao nas barcas e forão a terra com tençao de roubarem os habitantes, mas forão repellidos pelos Hespanhóes. Todavia aprezárao huma caravela, e destruiráro a golpes de machado huma barca e hum batel. Costeando a Barberia a esquadra se apossou, dia de Natal, de huma caravela hespanhola carregada de sal branco, cuja tripulação foi cruelmente abandonada em huma barca sem vélas nem viveres. A 29 de Dezembro tomárao mais duas caravelas, huma Hespanhola, a outra portugueza, nas quaes achárao vinho, biscoito e outras provisões. Em huma palavra estes rigidos calvinistas houverão-se como infames piratas. A expedição aportou emfim, a 26 de Fevereiro 1557, a hum lugar da costa do Brasil, que os indígenas de-

nominação *Huvassu*. Alguns dos marinheiros, que tinham já feito a mesma viagem, julgarão reconhecer a costa dos Margajás aliados dos Portuguezes. Dispararão alguns tiros de canhão e mandarão huma chalupa a terra para atraír os Indios à praia, e obter d'elles mantimentos. Apparecerão logo muitos selvagens trazendo diversas sortes de refrescos, que alegrão trocarão por facas, espelinhos e outros objectos semelhantes. Seis homens e huma mulher saltarão na chalupa, e se deixarão conduzir aos navios.

No dia seguinte se fizerão outra vez à vela, e costeando nove a dez legoas, avistarão o forte portuguez do Espírito Santo. O commandante, tendo reconhecido huma caravela portugueza que os Francezes tinham apreendido, fez disparar algumas peças contra os navios. A expedição se afastou, e se dirigiu a hum lugar chamado *Tapemiry*, cujos habitantes se mostraram pacíficos. Mais adiante, pelos 20° de latitude, a frota passou diante da costa arida e escabrosa dos *Paráibas*.

No primeiro de Março a navegação se tornou perigosa, em razão dos baixos que obstruía o mar, em frente de huma terra plana, habitada pelos *Quictaccis*, povo feroz. Continuando a costear, correu o maior risco perto das ilhas do *Maghé*, por hum furacão, que se levantou

de repente quarta feira de cinza. No dia seguinte, avistou a esquadra Cabo Frio com grande satisfação dos Tupinambás, aliados de Villegagnon. A 7 de Março, chegářão à enseada de Rio de Janeiro, e no dia 10 aportářão à ilha Coligny. Foram recebidos com summa alegria por Villegagnon, e alojados em huma cabana de arbustos, provida de macas de algodão. Não havia outro mantimento a dar-lhes mais que peixe secco ao sol, e farinha de mandioca, e por bebida agua de cisterna, a unica que havia na ilha. Trabalharão assiduamente por espaço de hum mez na construçao dos fortes e de outros edifícios. Villegagnon estabeleceu hum regulamento relativo ao culto, ordenou aos ministros que fizessem orações publicas, todas as tardes, e pregassem duas vezes nos domingos, e huma hora nos mais dias. No dia 21 do mez fez celebrar a cda, a que só admittio os que professavão a religião reformada. Teve pouco depois huma disputa com João de Coimbra, antigo doutor da Sorbonna, sobre a doutrina da eucaristia, o que o decidiu a enviar a França hum dos eclesiasticos a conselir sobre o ponto, com os doutores, e particularmente com Calvino. Chartier, encarregado d'esta comissão, embarcou-se, a 4 de Junho, em hum dos navios que voltava encarregado de pao brasil, e que levava a bordo

des naturaes da terra, de 9 a 10 annos de idade, aprezados na guerra, e vendidos como escravos a Villegagnon. Depois da partida d'este navio casou as cinco raparigas francesas, duas com dois dos seus criados, outras duas com dois dos interpretes normandos, e a quinta com João Cointa, que mudou o seu nome pelo de Heitor.

Ao mesmo tempo Villegagnon, informado que alguns dos Franceses escapados ao naufrágio, vivião na costa vizinha com mulheres indigenas, prohibio sob pena de morte, todas as relações entre os christãos e as mulheres ou filhas dos indigenas; mas permittia o casamento d'ellas com as que estivessem instruidas na religião e baptizadas.

Dia de Pentecostes houve segunda celebração da ceia, e Villegagnon aproveitou a occasião para persuadir á congregação, entre outras coisas, que se não devia misturar agua com o vinho, contra a opinião de S. Cipriano e de S. Clemente; que se devia misturar sal e azelte à agua do baptismo, e que hum ministro da igreja não podia contrahir segundas nupcias. O doutor da Sorbonna lhe respondeo sobre estas matérias. Villegagnon, sem esperar a resposta de Calvino, se pronunciou abertamente, e declarou que o considerava como hum vil herege. Deinde então rompeo em con-

tinuos excessos contra os protestantes, enja causa vinha de trahir. A indignação geral dos colonos contra Villegagnon lhe fez recear que o matassem, e este terror o instigou a se haver com a maior crueldade contra alguns individuos, que suspeitava de terem formado o projecto de o lançar ao mar. Tinhão os protestantes celebrado a céu durante a noite, sem participação sua; isto o irritou ainda mais, e expelli-o do forte todos elles. Quarenta e cinco se retirão á margem esquerda da enseada, a meia legoa da praia, em hum sitio que os Francezes tinhão denominado *la Briqueterie*, assim de alli esperarem a partida de hum navio para França. Embarcáron-se com efeito, a 4 de Janeiro 1558, a bordo do *Jacques*, carregado de pao brasil, pimenta, algodão, etc.; a 24 de Molo avistáron a costa de Bretanha, e a 26 fundearão no porto de Blavet, depois de terem padecido tal escassez de mantimentos, que tinhão comido ratos e ratazanas, e estavão a ponto de se devorarem uns aos outros. Por fortuna d'estes infelizes, os magistrados d'aquelle porto, favoraveis aos protestantes, desprezárão a recommendação dirigida pelo infame Villegagnon ás autoridades do primeiro porto de França onde aportasse o navio, e que elle confiara ao patrão do navio, de os fazer queimar como hereges.

Léry attribue a mudança de Villegagnon ás cartas que o cardeal de Lorena e outras personagens lhe escreverão, increpando-o de ter renunciado ao catholicismo, e promettendo-lhe a sua protecção se abandonasse o calvinismo. Calculando ser este o partido o mais proveitoso, trahio Coligny e seus coreligionarios. Todavia, não recebendo resorços de França, e tendo-se desavindo com os ministros de Genebra, partiu para França, deixando alguns soldados no forte. Hum numero consideravel de Flamengos e 10:000 Francezes se dispunhão a emigrar para o Brasil, mas esta noticia os fez renunciar a hum projecto, cuja realização teria provavelmente segurado á França a posse daquelle vasto continente.

Villegagnon meditava outra expedição composta de sete navios, com o fim de interceptar a frota portugueza das Indias, e destruir os seus estabelecimentos no Brasil; mas não pôde este pirata pôr em obra os seus predatórios projectos. Escreveo contra Calvino, e foi denominado pelos protestantes de França o *Cain da America*.

1556. — *Desavenças entre o governador Mem de Sá e o bispo Sardinha.* O bispo auxiliado dos Jesuítas tinha usado de meios violentos contra os colonos refractarios de S. André; procedimento que o governador reprovou, como usur-

pação da autoridade régia. O padre Antonio Pires os reconciliou em apparencia, mas o prelado se embarcou para Lisboa, esperando que el-rei decidiria o negocio de modo favorável ás suas pretonções. O navio em que se embarcara deo á costa entre os rios S. Francisco e Curuppu; o bispo conseguiu ganhar a costa com cem brancos e seus escravos, mas todos elles forão mortos e devorados pelos Cahatés. Só dois Indios e hum Portuguez escaparão. Para castigo d'esta atrocidade, reduzirão os Portuguezes á escravidão quantos indios Cahatés puderão haver ás mãos.

1560. — *Expedição de D. Pedro da Ursua para explorar o rio Amazonas.* Este cavalheiro natural da Navarra, depois de ter estudado a carta do Perú, formou o projecto que comunicou ao vice-rei, marquez de Canete, e com a approvação e auxilio d'elle, partiu de Culco com mais de 700 soldados escolhidos, e bastantes cavallos vigorosos, e marchou direito á província de Mosilotes para ganhar o rio Moya-bamba. Don Fernando de Guzman, jovem bespanhol, e D. Lopez d'Aguirre, biscoainho que elle levava na sua companhia, tendo-se namorado da mulher de Ursua, assentárn̄o de o matar, e executárn̄o o seu projecto. A tropa reconheceu Guzman por chefe, mas pouco depois o matárn̄o, e Aguirre tomoa o comandando

com o título de rei. Conduziu as embarcações pela Amazonas, esperando senhorear-se da Guyana, do Perú e da Nova-Granada, mas não podendo resistir à força da corrente, foi levado por ella à embocadura do rio, mais de mil leguas além do lugar de que partira. Passou depois á ilha Margarida, d'ahi a Cumaná e Santa-Maria, matando quantos lhe resistiu.

1569. — *Expedição de Mendonça Mem de Sá.*
D. João III informado que os franceses tinham construído hum forte, em huma ilheta proxima á entrada da enseada, ou Rio de Janeiro, ordenou a D. Duarte da Costa, então governador, que fizesse reconhecer o forte e a barra, o que elle fez com a maior diligencia, transmittindo a el-rei as informações que havia obtido. D. João III as recebeu quando vinha de nomear a Mem de Sá governador, e lhe deu instruções particulares para expulsar os franceses do Brasil. D. João tendo falecido a 11 de Junho 1557, a rainha D.^a Catherina, sua mulher, foi reconhecida regente do reino, na menoridade de D. Sebastião, que então tinha tres annos. Esta excellente príncipeza, determinada a executar os projectos de seu desfunte marido, deu ordem a Mem de Sá, que fosse expulsar os franceses do Rio de Janeiro, e castigar severamente os indios aliados d'elles, e conferiu a Bartholomeu de Vasconcellos o mando da esquadra que

devia cooperar para este fim. A' sua chegada ao Brasil congregou hum conselho em que houve muitos pareceres, appostos á expedição contra o forte de Villegagnon. O jésuita Nobrega, por seu caracter e influencia, decílio Mem de Sá a cumprir as ordens da rainha, e a armada foi reforçada por algumas caravelas em Bahia. Gava, onde se provéio abundantemente de armas e de munições. A expedição constava de dois navios de alto bordo, e oito menores; levava a bordo 2000 homens, e a 21 de Fevereiro juntarão-se-lhe mais resorços expedidos de Santos e de S. Vicente. Muitas pessoas distintas da Bahia se embarcarão nos navios da expedição, e alistarão-se para o serviço militar escravos e negros livres. O commandante recebeu ainda resorços de todos os portos do Brasil, e havendo ajuntado todas as suas forças, chegou diante do Rio de Janeiro a 21 de Fevereiro. Eis aqui o extracto do despacho em que Mem de Sá participou á rainha-regente á tomada da ilha, e que expedió por hum grande navio francês que tinha apreendido.

« A expedição mandada por V. A., chegou á Bahia no ultimo dia de Novembro. Em conformidade da resolução tomada em conselho, de ir tomar o forte do Rio, parti de Bahia a 16 de Janeiro, e appareci diante do Rio de Janeiro a 21 de Fevereiro. Tendo o inimigo

respondido com arrogância à minha primeira intimação, fiz atacar o forte no dia 15 de Março, e o combate não cessou até que a victoria se pronunciou a nosso favor. A perda do inimigo foi considerável, e a nossa pouco importante. As minhas forças consistião em 120 Portuguezes, 18 soldados bisonhos, que ainda não tinham visto o fogo, e 140 indigenas mal armados e pouco dispostos ao combate. O forte a principio não tinha por guarnição mais que 74 Franceses e alguns escravos, mas este numero foi augmentado de mais 40 soldados, e de 1000 Indianos escolhidos e disciplinados.

« Villegagnon partiu ha oito ou nove mezes, com tenção de voltar com huma poderosa armada destinada a combater a nossa frota da India, e a formar hum estabelecimento no Rio de Janeiro; he portanto necessário povoar este lugar quanto antes, para servir de protecção de todo o Brasil. » E terminava a carta pedindo licença para voltar a Portugal, allegando o muito que havia dispendido com esta expedição.

É evidente a exageração da relação de Mem de Sá. Não só as suas forças erão muito superiores ás dos Franceses, mas os Tamoyos armados de arcos e frechias erão pouco para temer em hum assalto e em terreno tão circumscreto. Segundo refere M. Sontheim, na sua Historia

Cururpebe (que significa *ran inclina*), que declarou a firme proposito de continuar a devorar os inimigos, e até os Portuguezes, se tentassem vedar-lho. Ao mesmo tempo tres Indios aliados dos Portuguezes, estando á pesca, foram apanhados pelos selvagens, que os devorarão. A tribo a que pertenciaão os culpados recusou entregá-los, e ajudada por outras das margens do Paraguassu inquietou a colonia. Mas estes ferozes selvagens depressa foram atacados e dispersados pelos Indios aliados dos Portuguezes.

1560.—*Hostilidades dos Aymores, e sua derrota.* Esta tribo, a mais feroz de todas as que habitou o Brasil (hoje denominada *Botocudos*), infestava as capitâncias dos Ilheos e de Porto Seguro, e inquietava os habitantes, que mandarão pedir socorro a Mam de Sá. O Governador tendo ajuntado forças sufficientes, se embarcou em S. Salvador, e indo desembarcar ao porto dos Ilheos, marchou ligó contra os Indios que se tinham retirado de trás de huma lagda de mais de huma milha de extensão, que atravessáro em huma ponte feita de arvores. O Governador prolongou a lagda e conseguiu surpreender o campo inimigo de noite, matando homens, mulheres e crianças; por fogo aos bosques circumvizinhos, e voltou á costa. Durante esta marcha foi assaltado por hum corpo

de Aymores; postos em emboscada, mas formo derrotados e dispersos; muitos morrerão afogados no mar, perseguidos pelos Indios aliados dos Portuguezes. De novo atacado junto á costa pelos Aymores que havia reunido grandes forças; anclados de vingarem os desastres da sua tribu, tornou a derrotá-los e os constrainto a pedirem paz, que lhes foi concedida. Dizem os historiadores que nesta expedição Mem de Si destruiu trezentas aldeias de Indios, e determinou os Aymores que recusarão submeter-se, a se retirarem a sessenta legoas para o interior do sertão; mas se elles tal prometterão, he certo que não executarão o pacto.

Era tradição entre os Indios que os Aymores tinham vivido tanto tempo separados das outras tribus, que elles não entendiam a sua lingua; o que não he verosímil. He mais provavel que os Aymores que são de estatura mais alta que os outros indigenas, são oriundos do sul, onde as raças são de maior estatura, mais ferozes e guerreiras. A lingua dos Aymores he hum dialecto do Tupi derivado do Guarani do Paraguay.

1561. — *Hostilidades dos Tamoyos.* Estes Indios possuiaão grande parte do territorio situado entre o Rio de Janeiro e S. Vicente; iniciados pelos Francezes, atacarão com vantagem os Portuguezes do distrito de Piratininga,

marchando por terra junto á falda dos montes, e por mar em suas canoas. Reforçados pelos Tupinambas e Tupis, que abandonaram a aliança dos Portuguezes, resolverão atacar S. Paulo, e ajadade a mais florescente d'quelle parte do Brasil. Com esseito marcharão os confederados contra ella e a acometêrão com denodo, mas foi salvada pela coragem dos neophytes capitaneados pelo Indio Tebyreza, Tabyreza ou Tabiriçá, cujo nome baptismal era Martinho Alfonso. Os missionarios jesuitas contribuirão muito á defesa da cidade, pelas acertadas disposições que fizerão, e sua grande influencia sobre os animos dos catechumenos. Este intrepido e feroz aliado dos Portuguezes a quem elles devêrão a conquista de S. Vicente, morreu pouco tempo depois da defesa de S. Paulo, atacado de dysenteria.

1562.—No mez de Abril d'este anno foi erigida em cidade a villa de *Nossa Senhora de Itanbaem*, na província de S. Paulo.

1563.—*Depredações dos Tamoyas, Tupinambas, etc.* Não obstante os recentes desastres, os Tamoyas continuavão a inquietar os estabelecimentos portuguezes. Nas suas longas canoas de 20 remos infestavão a costa, ao mesmo tempo que os Goyanazes atacavão a capital do Espírito Santo por hum lado; e os Tupinambas por outro. Menezes, que comandava na capitania,

foi morto, e o seu successor D. Simao de Castello-Brancó, teve a mesma sorte. Coutinho, que voltava de Portugal, não tendo podido repellir-los, pediu auxilio a Mem de Sá. Este lhe mandou seu filho Fernão, com huma pequena frota de navios ligeiros. Esta expedição desembarcou na embocadura do rio Quiricaré, e unida ás tropas da capitania repelliu os selvagens; mas estes tendo recebido resorços atacaram de novo os Portuguezes, os cercarão, romperão e derrotarão completamente. Fernão de Sá morreu na peleja com quasi todos os Portuguezes.

Dois flagelos sobrevierão á lamentavel derrota dos Portuguezes: huma epidemia de bexigas summanamente malignas grassou a principio na ilha de Iaparica, e depois em S. Salvador, extendendo os seus estragos ao norte da costa. Mais de tres quartas partes dos naturaes de Recôncavo forão victimas d'este contagio, e perito de 50:000 Indios catechumenos morrerão da enfermidade.

Esta calamidade foi seguida de huma fome causada por huma estação funesta aos cereaes, e aos fructos das arvores. O trigo apodrecia antes de maduro, e outro tanto acontecia á fruta. De onze estabelecimentos formados pelos Jesuitas, seis forão arruinados pela morte dos habitantes, e fugida dos que restavão para

o interior, onde esperavão escapar à sorte infâesta que os ameaçava.

Os colonos portuguezes, menos expostos que os indigenas, tiverão a barbaridade de se aproveitar da miseria dos infelizes Indios, que a troco de algum mantimento, para salvar a vida, chegarão a vender seus próprios filhos, e até a si próprios se vendêrão como escravos aos despiados colonos! Em vñjo clamáraõ os Jesuitas no pulpito contra tal procedimento, que, além de atroz, era em summo grau impunitico, e devia arraigar no coração dos indigenas rancoroso odio ao nome portuguez. Suscitando-se algumas duvidas sobre a validade d'estas infames transacções, foi consultada à Mesa da Consciencia do Portugal. Este tribunal decidiu com a mais impudente iniquidade, que em extrema penuria hum homem podia vender-se a si e a seus filhos. O bispo e o ouvidor geral promulgaram esta decisão, para tranquilizar a consciencia dos colonos! E como havia entre os numerosos Indios reduzidos à escravidão muitos que nem se tinham vendido a si, nem havião sido entregados por seus parentes; e que os Portuguezes tinham comprado a outro Indio que os havião roubado ou captivado; com a capa da religião forão retidos, fazendo estes hypocritas valer o pretexto de que se tornarião idolatras se fossem restituídos à liberdade!

Q quando a epidemia e a fome abrandarão, muitos dos Indios convertidos voltarão ás suas cabanas, e não achando as suas mulheres quiserão tomar outras, o que os escrupulosos Jesuitas não consentirão em quanto não havaia certeza de ellas terem morrido: isto indisposa muito os Indios.

Entretanto a guerra dos Tamoyos se tornava de dia em dia mais destructora e funesta aos Portuguezes. e provavelmente estes corajosos inimigos os terião expulsado do Brasil, a não ser a intervenção dos missionarios jesuitas a quem os selvagens respeitavão e amavão por seu exemplar procedimento, singular continencia, e por saberem que em todas as ocasiões pregavão a favor dos Indios, e pugnavão contra a escravidão a que os colonos os reduzião. Nobrega e seu fiel companheiro animados de zelo tomaram a magnanima resolução de exporem as vidas, indo ao campo dos Tamoyos implorar d'elles a paz. Com o beneplacito do Governador se embarcaram no navio de Francisco Adorno, Genovez e hum dos mais ricos colonos do Brasil, e dirigirão-se á praia occupada pela tribu a mais poderosa d'estes Indios. A vista do navio, grande numero de canoas se dispuserão a atacá-la, mas conhecendo pelo traço os missionarios, abaixarão logo os remos em signal de paz. Anchieta saliou-lhes na sua

língua, e tal confiança lhes inspirou, que, apesar das traições que havião experimentado dos Portuguezes, muitos guerreiros Tamoyos forão a bordo do navio escutar as proposições do missionario.

No dia seguinte os chefes dos selvagens enviarão a S. Vicente doze moços para servirem de refans, e rogarão a Nobrega e Anchieta que desembarcassem em hum lugar chamado Iperroyg. Alli forão hospedados poi Coaquirá, velho chefe, de quem souberao que todas as tribus confederadas das margens do Parnibá tinham 300 canoas promptas para atacar todos os estabelecimentos portuguezes da costa, e expulsar os colonos. Os missionarios construirão huma cabana coberta com ramos de palmeira, que lhes servio de igreja, onde Anchieta prégou em linguagem americana, com tal eloquencia do estylo e viveza de imagens, que encheu de admiração os animos incultos d'aquelle selvagens.

Entretanto vinham chegando os chefes das diversas tribus, enviados para tomar parte das negociações, e entre elles hum chamado Aimbere, que viera do Rio de Janeiro com dez canoas de vinto remos, determinado a sompar as negociações. Este Indio tinha concebido mortal odio aos Portuguezes, e com razão. Em huma expedição recentemente emprehendida

para fazer escravos, Aimbere cahio em poder dos Portuguezes, e foi posto a bordo de hum dos navios carregado de ferros, mas ainda que agrilhoado lançou-se ao mar e escapou a nado; alem do que, tinha dado huma filha em casamento a hum dos Francezes do forte Coligny. No dia seguinte da sua chegada a Iperoyg, o congresso dos chefes Tamoyos abrio a deliberação sobre as proposições de paz. Aimbere fallando em nome da maioria das tribus do Rio de Janeiro, exigio como condição preliminar, que tres chefes que havião desertado a confederação das tribus, e se tinham unido aos Portuguezes contra seus aliados naturaes, fossem entregues immediatamente para serem mortos e devorados.

Nobrega e Anchieta, presentes á conferencia, declarárão com firmeza que proposição tão impia era inadmissivel. Esse chefes transflugas, disserão elles, que vós reclamais, são hoje membros da igreja de Deos, e amigos dos Portuguezes, cujo dever he protegê-los guardando inviolavelmente a palavra que lhes derão. A lealdade dos Portuguezes nesta conjunctura será para o futuro mais hum penhor da fidelidade que porão em guardar as condições que estipularem com os Tamoyos. De outra maneira, que confiança vos podem merecer promessas de homens capazes de trahir seus

amigos, e como podereis esperar que sejam mais escrupulosos a respeito d'aqueles que até agora tem olhado como seus inimigos naturaes? Aimbere respondeo que não haveria paz, se os Portuguezes não entregassem os desertores, que tinham morto e devorado tantos dos seus amigos, e que esta era a resolução invariavel das tribus que elle representava. Perturbada assim a conferencia, pareceo rota sem esperança, e Aimbere se dispunha a maltratar os missionarios, quando o velho Pindobaçu (a grande palmeira), chefe do distrito onde se fazia a assembléa, tomou Aimbere pela mão, e usando da autoridade que lhe dava sua proiecta idade, o impedio de commeter acto algum de violencia. Entretanto o prudente Nobrega julgando acertado ganhar tempo, consentio que a proposição de Aimbere fosse submettida ao governador de S. Vicente, e aquelle chefe se ofereceo a levá-la em pessoa, determinado a romper a negociação se não obtivesse o que tanto desejava. Pela sua parte Nobrega tinha necessidade de aproveitar hum pretexto para fazer saber ao Governador general o estado das conferencias, e recommendar-lhe que por modo nenhum anuissse a huma condição tão impia e deshonrosa, ainda quando da rejeição formal d'ella pudeisse resultar a morte d'elle e de seu companheiro.

Neste comenos Paranapussu (o vasto mar), filho de Pindobussu, quo estava ausente ao tempo da chegada dos missionarios que vinham a tratar da paz, rompeo em transportes de raiva, quando soube o grande ascendente que elles havião adquirido sobre o velho pai. Decidido a matar os dois Jesuitas, rompendo assim toda a negociação, voltou á pressa acompanhado dos seus amigos. Anchieta e Nobrega instruidos de seus sinistros projectos, e vendo o approximarse na sua cauda, se refugiaron na cabana de Pindobussu, mas achando-a deserta, e julgando inevitável a morte, puserão-se de joelhos em fervente oração. Todavia vendo Anchieta os Tamoyos furiosos entrar na cabana, lhes fallou com vchemencia, reclamando os direitos da hospitalidade, e o caracter sagrado de embaixador. Paranapussu, em quem o aspecto de Anchieta e de seu compadreiro, e as palavras d'aquelle fizerão grande impressão, lhes confessou que viera com tentação firme de os matar, mas que convencido das suas virtudes, queria ser amigo d'elles e viver em paz com os Portuguezes. Iluma das circumstancias que mais admirarão os selvagens, foi a continencia dos padres, que recusáron gozar das mulheres que elles lhes ofereciso, segundo o uso d'aquelle gente. Os Tamoyos, pasmados de tão extraordinario

procedimento, perguntarão a Nobrega como era possível ser insensível aos prazeres, que todos os mais homens com tanto ardor desejavão. O missionário, tirando de debaixo da roupa humas disciplinas, lhe respondeo que, mortificando a carne, lhe acalmava os appetites. Este metodo de vencer as paixões não causou sem duvida menos admiração aos selvagens, que a exemplar continéncia dos religiosos. Nobrega era velho e quebrantado, mas Archieta moço e vigoroso, vio-se exposto às maiores tentações, quando Nobrega partio para S. Vicente. Todos os dias os Indios vinham oferecer-lhe as mais formosas mulheres da tribo; e o casto padre vio-se em tal perigo, que, para resistir à tentação, invocou o auxilio divino, fazendo rolo de compôr hum poema latino em louvor da Virgem Maria, se conseguisse conservar intacta a castidade. Com efeito fez hum poema em 7500 versos latinos em honra da Virgem, e dizem que não tendo papel, pennas, nem tinta, os traçava na areá e os ia decorando.

Eis aqui alguma dos tais versos :

En ubi quum gesu, Mater ancolissima, quondam
Ceratina, quoniam regnante beata latas;
Dum atra Tenebris regnante militat hostes,
Tracheque tranquillam pacis ingratis opus.
Mie iam citharae me gratia forti amore,
Te corporis fulsum mensaque regente fuit, etc.

Havia quasi dois mezes, que os missionarios vivião entre os Tamoyos, quando Nobreaga obteve d'elles que o deixassem ir a S. Vicente conferir com o Governador, ficando Anchietá em resens. Este se vio, por espaço de tres mezes, exposto aos caprichos e furores dos selvagens, que o ameaçavão de o matar e comer, se a commissão não voltasse no prazo fixo, que elles de propósito adiantarão. Hum partido de Tamoyos, impaciente das demoras da negociação, emprehendendo huma expedição hostil, e trouxe alguns Portuguezes prisioneiros a Iperoyg. Anchietá pôz todo o empenho em os salvar, e ajustou o resgate d'elles; mas como elle tardasse, declararão ao missionario que o devorarião. Não tendo outro recurso, arriscou-se a asseverar que no dia seguinte chegaria o resgate, e sustentou com estudada tranquilidade e plena confiança, que não seria devorado. Com effeito, por fortuna chegou no dia fixado a barca com o resgate: o padre foi havido por santo, e o successo por milagroso. Os Tamoyos o reverenciárao igualmente denominando-o o grande Payé ou adevinho. Outros casos semelhantes forão depois da morte de Anchietá transmitidos ao papa, para solicitar a canonisação d'este Jesuita.

A' sua chegada a S. Vicente Nobreaga achou o commandante morto, a fortaleza tomada de

assalto pelos selvagens, as negociações rotas, e a paz mais remota que d'antea. O seu grande animo e incomparável actividade venceu todos os obstáculos; socorreu os espíritos, reanimou os esmorecidos, e fazendo conduzir os deputados indios a Itanhaém, os reconciliou com os aliados dos Portuguezes; d'alli correu de Piratininga a S. Paulo, onde fez confirmar a reconciliação com solemnidade na igreja principal, e por fim concluiu a paz entre os Portuguezes e os Tamoyos: tudo isto foi obra de tres meses. A rapidez com que Nobrega o transportou aos diferentes pontos do Brasil por amor da paz, lhe mereceu o appellido de *Abare-Bebe* (o padre voador), que lhe derão os selvagens. Depois de ter passado cinco meses em Iperoyg voltou Anchieta a S. Salvador.

1564 a 1567. — *Nova expedição portuguesa contra o resto do estabelecimento francês.* Os Francezes, depois da tomada do forte de Coligny, se retiraram à ilha do Gato, onde tinham edificado o pequeno forte de *Baronapucuy*; outros se refugiaram na terra firme, onde com a ajuda dos Tupinambás e Tamoyos, tinham fortificado o posto de *Urucumiri*. A Rainha regente D. Catherina informada disto, e rececando que novos resorços consolidassem no Rio de Janeiro a colonia francesa, se determinou a arruinar o estabelecimento em quanto não tinha

lançado raizes. Para este fim expediu Estacio de Sá com dois galeões á Bahia, onde chegou no principio do anno de 1564, com ordem de seguir as instruções de Mem de Sá, seu tio, o qual devia dar-lhe gente e munições para a empreza. Tendo juntado todos os seus navios, Estacio de Sá se fez á vela, chegou em Fevereiro de 1565 á vista de Cabo-Frio, e despatchou logo hum navio a S. Vicente a convidar o padre Nobrega a vir ajuda-lo dos seus conselhos, como expressamente lhe tinha recomendado Mem de Sá. Reconheceu depois a costa, e por hum Francez que aprezou, soube que os Tamoyos do Rio de Janeiro tinham rompido a paz, alliando-se de novo a seus compatriotas. Esta noticia foi confirmada pelas embarcações enviadas a fazer aguada alem da barra: huma d'ellas foi atacada por sete canoas de selvagens, que lhe matárao quatro homens. Os Francezes tinham tres navios, e os Indianos mais de 120 canoas, e occupavão em grande numero todos os pontos da praia, armados dos seus terríveis arcos. Tendo tentado algumas escaramuças com os Tamoyos com máo exito, resolveo voltar a S. Vicente, que os Indianos atacavão, para conferir com Nobrega. Tomada esta determinação fez-se á vela no inez de Abril, e dia de Paschoa encontrou-se com o missionario Nobrega na ilha Villega-

gnion. O jesuita, depois de haver escapado a huma furiosa tempestade, viu o navio cercado de canoas inimigas, e já recommendava sua alma a Deos, quando appareceu a frota de Estacio de Sá, que salvou d'padre das mãos dos selvagens. Para dar graças a Deos pregou hum sermão. Estacio de Sá tendo consultado Nobrega, fez-se à vela, e a expedição foi tomar o porto de Santos: alli soube que os Tamoyos de Iperoyg pacificados por Anchieto e Nobrega, se conservavão fieis ás estipulações pacteadas, e até muitos d'elles tinham vindo auxiliar os Portuguezes. O chefe Cunhambeba se tinha postado com toda a sua gente sobre as fronteiras dos Tupis, para defender os seus novos aliados. Todavia os colonos de S. Vicente exagerando as forças dos Francezes e dos Tamoyos, não pareciam dispostos a auxiliar a expedição; mas o zelo de Nobrega, de Ancheta e dos outros missionarios vencerão todos os obstaculos. A vista dos numerosos Indios convertidos de Piratininga dispostos a marchar debaixo das ordens dos Portuguezes, os animos cobraram novo alento, e conseguiu-se ajuntar forças sufficientes. Resorços chegarião da Bahia e do Espírito-Santo, ea armada constava de seis naos de guerra, com hum numero proporcionado de transportes e barcas, e nove canoas tripuladas por Mamalucos e Indios, commandados

por Anchieta. A expedição fez-se á vela do porto de Buriquioca¹ a 20 de Janeiro de 1555, dia de S. Sebastião, mas os ventos contrários os retardarão por tal maneira que quando, no principio de Março, chegáram ao rio de Janeiro, tinham quasi consumido todos os viveres. Muitos transportes tardavão ainda, assim como o commandante, e a capitânia. Já os Tamoyos aliados impacientes ameaçavão de se retirarem, não querendo, diziam elles, ficar ociosos nem morrer de fome; mas Anchieta, com a sua costumada astúcia prophetica, lhes anunciou a proxima chegada do general e dos transportes com os viveres; e com efeito, apenas acabava de fallar se avistáram os navios. A frota entrou pela barra, e o commandante fez desembarcar a infantaria em Villa-Velha a huma legoa da altura chamada *Pao de Assucar*. Entrincheiráram-se ali, mas não achando senão águas salobra, abrirão hum poço, por direcção de José Adorno e Martim Namorado, dois dos mais ricos colonos do Brasil, e acháram águas excellentes. Forão imediatamente atacados pelos Tamoyos: estes havendo tomado hum dos Indios convertidos, o alírão a huma arvore e fizerão d'elle alvo das setas: mas este acto de ferocia com

¹ Por corruptão *Burriaga*. O nome significa casa do macaco, *Burqui* be huma especie de macaco; *oca* casa.

que cuidavão intimidar os inimigos, por tal maneira os enfurecer, que cairão enraivecidos sobre os Tamoyos, os derrotarão e destruirão as suas cidades, capitaneados pelo intrepido Anchieto. Seis dias depois soube-se que se havião reunido e posto em emboscada com 27 cidades de guerra, em hum pequeno porto por onde devião passar os Indios convertidos. Estes estando prevenidos, ousadamente marcharão contra os Tamoyos, e os derrotarão segunda vez.

A guerra continuou com pouco vigor; Nobrega veio ao campo, e envia Anchieto á Bahia sollicitar do Governador novos reforços, e cuidar dos interesses da Companhia, fazendo-se ordenar sacerdota, porque até então Anchieto não era senão coadjutor temporal. Chegado á Bahia convenceo Mem de Sá da necessidade de fazer hum ultimo e decisivo esforço para expulsar os Francezes, e arruinar os estabelecimentos dos seus aliados. Mem de Sá fez novas levas, ajuntou alguns navios, e conduzindo elle mesmo o reforço, chezou ao Rio de Janeiro a 18 de Janeiro do anno 1567. O ataque foi differido até o dia de S. Sebastião, reputado feliz. Com efeito o forte francez de Uraçumiri foi tomado de assalto no dia 20: não escapou hum só dos Tamoyos que o defendio. Houve sómente dois Francezes mor-

tos ; cinco prisioneiros forão enforcados, segundo o barbáro costume adoptado pelos Europeos na America, e no alto mar.

Os vencedores marcháron logo sobre Paranaçauy (mar grosso), que foi batido em brecha, e tomado de assalto ; mas no primeiro ataque foi Estacio de Sá ferido na cara de huma flechada, e depois de atroz padecimento por espaço de hum mez, morreu. Seu primo, Salvador Corrêa de Sá, nomeado em seu lugar, tomou logo o commando.

O pequeno numero de Francezes, vendo a destroço dos Tamoyos seus aliados, se embarcárão em quatro navios que tinham no porto, fizerão-sa á vela para Pernambuco, e tomáron posse do Recife; mas o governador de Olinda os expulsou, obrigando-os a fazer-se ao largo. I'esta maneira os Francezes, que por onze annos se tinham mantido de posse do Rio de Janeiro sem receberem o menor auxilio da patria, se virão constrangidos a renunciar á mais brilhante perspectiva. A França dilacerada pelas guerras de religião, e pela atroz perseguição feita aos calvinistas, não se occupou do Brasil, que tão fácil lhe fôra colonisar. A corte de Portugal tambem, depois da morte de Don João III, poucos esforços fez a favor dos novos estabelecimentos na America. A' perseverança de Mem de Sá, e ao zelo, actividade

e talentos dos jesuitas Nobrega e Anchieta, deverão os Portuguezes a conservação de tão importante conquista.

Immediatamente depois da sua victoria fez Mem de Sá elevar fortificações para dominar a entrada da barra, cuja construção foi dirigida por Christovao de Barros, que as guarnecceu de artilharia. Traçou logo o plano de huma cidade, e escolheu huma planicie cercada de montes cobertos de frondosos arvoredos, e abrigada por elles dos ventos impetuoso, podendo os navios fundear no porto com a mesma segurança, que se fosse hum placido lago. Denominou a nova cidade S.-Sebastião, em honra do santo e do rei de Portugal. Dentro de poucos mezes começaram a elevar-se nobres edifícios de pedra de cantaria, e os dois fortés que protegem a barra, hum dedicado a Nossa Senhora da Guia (boje Santa-Cruz), e o de Santiago, mais conhecido pelo nome de *Calabouço*. Os Indios, catechizados pelos missionarios, ajudaram a todos os trabalhos da edificação da cidade, do arroteamento do solo, e esgotamento dos pantanos, convertidos em breve tempo em fertilissimas campinas, que apenas exigiam hum leve amanho para darem maravilhosos productos. Entre os primeiros edifícios erigidos, se distinguia hum templo, huma casa da misericordia, e hum collegio para 50 je-

soitas, ao qual se assignou huma pensão anual de 2000 cruzados. O assento da nova cidade, que duzentos annos mais tarde era destinada a ser a capital de hum imperio, era no sitio denominado pelos Indios *Ganabora*. Mem de Sá se retirou á Bahia, no mez de Junho 1568, e nomeou governador de S.-Sebastião seu sobrinho *Salvador Corrêa de Sá*. A cidade foi dividida em tres bairros, hum na planicie vizinha ao porto, outro na faldas dos montes, e o terceiro na encoasta. Os Indios domesticados pelos jesuitas formarão povoações em torno da cidade. O chefe indio *Martim Affonso*, que tanto se havia assinalado nas ultimas expedições, assentou a sua aldeia quasi a huma legoa da cidade, no sitio hoje denominado S.-Lourenço, servindo de posto avançado contra os *Tamayos*.

Mem de Sá manchou a sua gloria, derramando com ferina barbaridade o sangue inocente de hum infeliz protestante, que havia escapado á perseguição do traidor *Villegagnon*, e viera buscar asyllo entre os Portuguezes. Chamava-se *João Bolés*, e era homem mui versado em litteratura, sabia o grego e o hebraico. Foi preso em S.-Salvador, a instâncias de *Luiz da Grã*, provincial dos Jesuitas. Hum dos companheiros de *Bolés*, para evitar a morte, fingiu abraçar a religião cathólica, mas *Bolés* e dois

outros Francezes sujeitárn-se à prisão perpetua, recusando abjurar a sua créncia. Havia oito annos que Bolés estava preso, quando foi embarcado para S.-Sebastiao, onde foi conduzido ao supplicio como herege obstinado. Esta atrocidade deve principalmente imputar-se aos jesuitas, que por suas infernaes doutrinas effectuárn-a a ruina d'Elrei D. Sebastião, e a da nação, que entregárn-a ao odioso Felippe II. Estes hypocritas ambiciosos, que na Europa procuravão exterminar os protestantes pelo fogo e ferro, no Brasil protegião os selvagens, porque d'elles querião fazer docéis subditos.

Os Francezes fizern em 1568 outra tentativa infructuosa para se aposar do Rio de Janeiro, e da Paraíba onde fazião hum commercio lucrativo com os naturaes.

Os Tamoyos vizinhos da nova cidade sofríão impacientes o jugo portuguez, e anhelavão por occasião de se vingarem de Martim Affonso, e dos outros Indios aliados dos Portuguezes. Esta se lhes ofereceu com a chegada de quatro navios francezes ao Cabo-Frio, provavelmente os mesmos que havião sido expulsados de Pernambuco. Entrarão pela barra de Rio de Janeiro sem oposição, por não estarem ainda terminados e armados os fortes, causando grande surpresa ao governador Corrêa. Este mandou pedir socorro a S.-Vicente, e fez par-

uir hum destacamento para reforçar Martim Alfonso, e se preparou a defender a cidade, que ainda não estava cingida de muros. Martim Alfonso, apenas se viu reforçado, marchou com o fito de surpreender os Francezes, e aproveitando a vazante da maré, que deixara em seco os seus navios, e lhes tolhia fazer uso das suas peças, os atacou com furor e lhes causou grande perda de gente, até que na enchente da maré os Francezes leváruo ferro e se fizerão ao largo.

Com o reforço chegado de S.-Vicente deu caça o Governador aos navios francezes até Cabo-Frio, mas não os pôde alcançar. Todavia encontrou huma não de 1200 toneladas, bem tripolada, e cujo capitão não receando ataques das canoas dos Indios, rechaçou vigorosamente tres tentativas de abordagem feitas por Salvador Corrêa, que tres vezes foi lançado ao mar, e salvado pelos seus Indios, apezar de estar revestido de pesadas armas. O capitão francez, vestido de armas brancas, combatia na tolda com singular intrepidez, tendo em cada mão huma espada nuo, rebatendo o peito d'aque quantas frechás lhe disparavão os selvagens, até que hum d'elles pondo a mira na viseira, lhe enfiou huma setta por hum olho, que, penetrando no cerebro, o matou. O navio, privado do seu commandante, rendeo-se aos Por-

tuguezes, e o sua artilharia transportada ao Rio de Janeiro servio para armar os fortes da barra.

1568. — D. Sebastião que em idade de quatorze annos havia sido aclamado rei, a 20 de Janeiro 1568, apenas foi informado do estado das cousas no Brasil, prolongou por mais dois annos o governo de Mem de Sá, mandou ricos presentes ao Índio Martim Afonso, e lhe concedeu hum escudo de armas.

1570. — *Expedição infeliz de D. Luiz de Vasconcellos.* Eleci D. Sebastião, intimiramente dominado pelos jesuitas, determinou mandar ao Brasil huma forte armada de sete náos, e huma caravela com D. Luiz de Vasconcellos, nomeado successor do Mem de Sá, e o padre Ignacio de Azevedo, provincial dos jesuitas no Brasil, acompanhado de sessenta e nove padres da Companhia. O padre Azevedo foi nomeado provincial por Francisco de Borja, Geral dos Jesuitas, com o beneplacito do papa Pio V, que nesta occasião foi liberal de indulgencias e reliquias, e por favor muito especial permittio que o padre Azevedo levasse huma copia do retrato da Virgem attribuido a San Lucas ! D estes jesuitas trinta e nove se embarcarão com o provincial na não Santiago; vinte ino com o padre Pedro Dias a bordo da capitânia; e o padre Francisco de Castro com os outros dez, se embarcou na

não das *Orphans*, assim denominada porque levava meninas orphans para casarem no Brasil com colonos. Esta expedição era essencialmente destinada a fortalecer o imperio dos jesuítas na America portugueza, que elas já consideravão como colônia da Companhia de Jesus.

A frota partiu de Lisboa, tocou na Madeira, e a não em que ia Azevedo, e que esta tinha fretado por metade, se separou da frota para ir á ilha de Palma vender a carga e tomar outra. No dia seguinte apareceu na altura da Madeira huma frota de cinco navios de guerra franceses, commandados por Jacques Soria, calvinista ao serviço de Jeanne d'Albret, princesa do Béarn e condessa de Foix. O governador fez-se á vela para o combater, mas Soria lhe escapou e dirigio-se a Palma, onde tomou por abordagem a não *Santiago*, e matou todos os jesuítas, excepto hum noviço cozinheiro. O resto da expedição chegou ao Cabo de S.-Agostinho, que não pôde dobrar; huma violenta tempestade dispersou os navios, indo hum ter á ilha de S.-Domingos, e outro a Cuba. Reunida de novo a frota, foi ainda desviada da sua derrota e lançada sobre os Açores, mas tão destroçada e falta de gente, que hum só navio recebeu todas as tripulações. II. Luiz tornou a embarcar-se com quatorze

jesuitas; mas depois de sete dias de navegação cahio nas mãos de quatro corsários, tres franceses e hum inglez, commandados por João Capdeville. O governador foi morto, assim como Pedro Dias e os missionarios. Hum só jesuita ficou em hum porto, e conseguiu ir ter ao Brasil. Os jesuitas celebrárao a morte dos padres como hum triumpho de martyres, e publicarão mil patranhas de milagres operados pelo cadaver de Azevedo, que disserão ter-se levantado das ondas com os braços em cruz e tendo na mão o quadro da Virgem.

Nobrega morreó a 18 de Outubro 1570, quatro mezes depois d'esta catastrophe, sem d'ella ser informado, em idade de cincuenta e tres annos. A este infatigavel jesuita se deve em grande parte a colonisação do Brasil, e a pacificação de muitas tribus de Indios. Para bem da humanidade, teria sido mui feliz se todos os jesuitas da Europa tivessem sido obrigados a ir viver na America.

1572. — D. Sebastião, informado da triste sorte da expedição de D. Luiz de Vasconcellos, nomeou Luiz de Brito de Almeida para lhe suceder. Este chegou à Bahia em 1572, e assistiu à morte de Mem de Sá, que havia governado e feito prosperar os estabelecimentos portuguezes no Brasil quatorze annos, auxiliado pelos padres Nobrega e Anchieta.

Divisão do Brasil em dois governos. — Por hum decreto d'Elrei D. Sebastião, o Brasil foi separado em dois governos : o do Rio de Janeiro, dado ao doutor Antonio Salema que estava em Pernambuco, extendia-se da capitania de Porto-Seguro até aos limites das capitaniais do sul : a cidade de S.-Sebastião foi a capital d'esse governo. Salema estabeleceu huma plantação e hum engenho de assucar, em conformidade das ordens d'Elrei, que lhe en- viou quatro mil cruzados para a construcção de edificios e ornato da nova cidade. A Bahia ou S.-Salvador continuou a ser a capital do districto septentriional, e a residencia do an- tigo governo. Mas a corte de Lisboa julgou acertada reunir de novo os dois governos em 1576, ficando o do Rio de Janeiro subor- dinado ao da Bahia.

Derrota e dispersão dos Tamoyos. — Os ar- madores franceses que negociavão em Cabo- Frio, tinham vendido espingardas e arcabuzes aos Tupinambas e Tamoyos, os quaes de novo unidos aos Francezes ameaçáron a nova cidade de S.-Sebastião. Quatrocentos Portuguezes e selecentos Indios auxiliares, commandados por Salema, marcharão contra elles. Protegidos por estacadas oppuzerão huma resistencia tão vi- gorosa, que Salema julgou prudente fazer hu- ma convenção com os Francezes, cujas estipu-

lações executou à risca, em virtude da qual elles depozerão as armas, e entregaráo as que tinham fornecido aos Indios. Os Tamojos, abandonados pelos Francezes; forão quasi de todo destruidos. Oito ou dez mil forão mortos aos feitos escravos; os poucos que escaparão, depois de queimar as suas habitações, unirão - se aos outros Tupinambas, transmigrárao para o norte, e se estabelecerão na margem meridional de Maranhão, como adiante veremos.

Expedição de Tourinho para descobrir as minas, no interior da capitania do Porto-Seguro, por ordem do governador Luiz de Brito de Almeida. — Tendo subido o Rio-Doce até Mandii, Tourinho desembarcou, e caminhou vinte milhas ao oeste-sudoeste, até hum lago, que os indigenas chamão embocadura do Mundo-Mandii; d'alli remontou em distancia de trinta legoas hum rio que se lança no Rio-Doce, depois marchou para oeste quarenta dias em distancia de setenta legoas, e attingio o confluente d'estes dois rios; alli fez construir barcos de casca de arvores, cada hum podendo levar vinte homens, e se embarcou de novo no Rio-Doce, que navegou até o affluente *Acacy*, que remontou em distancia de quatro legoas. Alli deixou os barcos, e caminhou ao noroeste durante onze dias, atravessou este affluente, e costeou as suas margens na extensão de cin-

coenta legoas, onde viu rochas cobertas de pedras, que tomou por turquezas. Também achou esmeraldas, saphiras e grande quantidade de crystal de rocha.

Outra expedição com o mesmo objecto foi tentada pelo capitão Antônio Dias Adorno, por ordem do mesmo governador. Constava de cem e cinquenta Portuguezes e quatrocentos escravos ou Índios aliados, com os quais remontou o rio de Caravelas, e confirmou á volta a relação de Tourinho. Achou também crystal de rocha, esmeraldas, saphiras, e pedras tão pesadas, que supôz conterem prata, e até mesmo ouro. A expedição desceu o Rio-Grande em chalupas, e atravessou o territorio de algumas tribus de indígenas. Por algumas amostras, ainda que imperfeitas das rochas, se conjectou haver diamantes. Duas outras expedições se tentarão ainda com o fim de descobrir minas de ouro ou prata, por ordem do governador da Bahia. A primeira foi confiada a Diogo Martins Cão, por alcunha o *Mata-Negro*; a segunda foi emprehendida por Marcos de Azevedo, que trouxe grande quantidade de pedras preciosas de diferentes cores, e entre elas algumas diamantes. O territorio onde se acháram estes primeiros diamantes era habitado por tribus indígenas dadas á agricultura, e pacíficas; mas só muito tempo depois he que o go-

verno se ocupou da extração dos diamantes.

Luiz de Brito tinha também procurado minas de cobre, mas desanimado por obstáculos imprevistos, não deu seguimento às explorações; se bem que era opinião geral entre os colonos, que a sessenta legoas pelo sertão havia huma montanha onde se encontrava cobre nativo em grandes massas, e igualmente afirmavão haver a meia legoa d'alli outras montanhas, que encerravão ferro da melhor qualidade.

1578. — A separação dos dois governos, Bahia e Rio de Janeiro, achou-se ser nociva aos interesses do estado e da colónia, e de novo fizeram unidos em hum só, e Luiz de Brito nos fins da sua administração governou todo o Brasil, e entregou a autoridade ab novo governador Diogo Lourenço da Veiga, nomeado por Elrei D. Sebastião. Luiz de Brito governou cinco annos, e contribuiu muito a promover a prosperidade do Brasil.

O novo governador tomou posse da colónia em S.-Salvador, no anno de 1578; anno calamitoso para Portugal, menos pela morte do fanático e estouvado D. Sebastião, sacrificado pelos seus perfidos conselheiros jesuitas, que pela perda de tanto guerreiro illustre, nos campos de Alcaçar-Quibir, e pelas funestas consequencias que resultarão à nação do tyrannico

jugo dos Felipes. Este joven rei, a quem a natureza tinha com mão larga liberalizado talentos, virtudes e o mais heroico valor, pervertido pelos jesuitas esgotou o reino de dinheiro e gente, descuidou-se dos estabelecimentos portuguezes na Asia e na America, e dominado pelo mais grosseiro fanatismo, recusando casar-se, deixou o reino sem sucessor, entregando-o, a bem dizer, ao astuto e ambicioso tyranno da Hespanha. Coin o fito de converter os Mouros ao christianismo, e de arvorar a cruz nos minaretos das mesquitas de Maerocas, perdeu-se a si e trabio os interesses da patria. Morreu D. Sebastião a 14 de Agosto 1578, tendo pouco mais de vinte e quatro annos. O cardenal D. Henrique, seu tio, lhe sucedeuo tendo sessenta e oito annos de idade, e falleceu a 31 de Janeiro 1580. Felippe II, o mais pernicioso dos pretendentes à corôa de Portugal, sem dificuldade nem obstaculo se fez proclamar Rei de Portugal pelas Cortes de Thomar. O Brasil reconheceu a sua autoridade. Em vão D. Antonio, prior do Crato, tentou apossar - se do Brasil, e fazer - se reconhecer rei. Huma esquadra francesa que apoiava as suas pretenções, foi batida pela esquadra hespanhola nos Açores. Tres navios franceses expedidos ao Brasil para fazerem reconhecer D. Antonio, enviaram hum parlamentario ao Rio de Janeiro

a informar Salvador Corrêa do Sí, governador da cidade, que o commandante da esquadra trazia despachos do Prior do Crato, a quem os Francezes davão o titulo de Rei: porém o Governador não quiz receber as cartas de D. António.

No mesmo anno forão introduzidos no Brasil os religiosos carmelitas, conduzidos pelo padre frei Domingos Freire, que fundou o primeiro convento na villa de Santes. Frei António Ventura veio no mesmo anno com monges benedictinos, que se estabelecerão em S. - Salvador.

Pouco tempo depois o governador Veiga, velho e doente, vendo-se proximo a morrer, renunciou a sua autoridade, e entregou o governo ao senado da Camara e ao Ouvidor geral Cosme Rangel de Macedo. Felippe II confirmou esta forma de governo, e o Brasil foi assim regido perto de dois annos até á chegada de Manoel Telles Barreto, nomeado por Felippe II Governador general da America portugueza.

1580. — *Estado do Brasil.* Quando no cabo de oitenta annos estava o Brasil a ponto de colher o fructo de tantos trabalhos, quiz a infiusta sorte que cabissem os Portuguezes da America como os da Europa nas garras do despota da Hespanha. Este monarca, cujos dominios abrangião quasi a metade do globo,

nao tinha meios de acudir a todos os pontos de tão vastos estados, e todavia meditava projectos chimericos de conquista, dictados, pelo fanatismo e intolerancia religiosa, e combinados com desmedido orgulho e improvida jactancia. A perda da grande armada ridiculamente appellidada *invencivel*, preparou a ruina da Espanha, e expoz o Brasil aos maiores perigos. Os Hollandezes se apoderarão da maior parte dos estabelecimentos portuguezes na Asia, e estiverão, como adiante veremos, a ponto de se apossarem de todo o Brasil. Mas antes de narrar os acontecimentos calamitosos que marcarão a epocha da dominação hespanhola, convém expôr brevemente o estado da colonia brasiliça em 1580, e pouco depois.

S.-Salvador, capital do Brasil, continha então oito mil colonos ou habitantes, e o Recôncavo contava pouco mais de dois mil, não comprehendidos os Indios e os Negros, que devião ser mais numerosos, por quanto, segundo os documentos, essas duas classes podião pôr em campo quinhentos de cavallo e dois mil infantes. O clero era numeroso, mas pobre. Alem do bispo havia na cathedral cinco dignidades, oito cónegos, hum cura, hum coadjutor e cinco cantores. Sessenta e duas igrejas, das quaes dezenas erão parochiaes, e tres mosteiroes completavão o estabelecimento

eclesiastico. Os jesuitas, cuja influencia predominava, tinham hum collegio de vasta extensão com igreja espaçosa e ricamente ornada.

Acabavão-se de lançar nesta cidade os alicerces do arsenal e do estaleiro de construcçao. As casas e edifícios erão de pedra e tijolo, mas o unico edifício notável era o palacio do Governo onde residia o Governador general. A cidade estava assentada sobre huma altura escarpada, e para introduzir nella os fardos e caixas vindos por mar, e depositados nos almacens do porto, era necessário empregar guindastes. A maior parte das ruas, posto que alinhadas, e bastante largas, erão tão íngremes que se tornavão impraticaveis ás carruagens e ate aos palanquins. Apezar d'este inconveniente, os colonos ricos não andavão a pé, e já então se fazião transportar, ao uso da India, em redes de algodão, suspendidas em hum grande pao de bambú, que dois negros vigorosos levavão sobre os hombros. Estas redes erão cobertas de hum sobreceo, d'onde pendião cortinas que se corrião à vontade. Estes palanquins chamavão-se *serpentinhas*, talvez por terminarem os cabos do bambú em cabeça e cauda de serpente: hoje denominao-se *tipoias*. O luxo dos vestidos tinha feito grandes progressos. Contavão-se já naquella cidade mais de cem colonos, cujo ren-

dimento montava de tres a cinco mil cruzados, e as propriedades de vinte a sessenta mil. Estes ricos proprietarios ostentavão hum fausto extravagante; suas mulheres e filhas trajavão estofos de seda bordados de ouro, e alguns possuão baixellas e joias de ouro, do valor de dois a tres mil cruzados. O luxo da mesa não tinha feito os mesmos progressos; mas o mercado era bem provido de pão, feito de trigo vindo de Portugal, e não faltava vinho das Canarias e da Madeira.

Alguns baluartes de terra mal construidos, e alguns sortes formavão a defesa da cidade da banda do mar, mas das oitenta peças que os garnecião, quarenta erão de tão grosso calibre que de pouco podião servir; todavia a situação da cidade he forte por sua natureza. A baía espaçosa, capaz de conter numerosos navios, tem o inconveniente de não estar abrigada contra os tufões. Os habitantes tinham perto de trezentas caravelas, e cem navios capazes de levar artilharia, sem fallar de muito maior numero de embarcações pequenas. Não havia homem no Reconcavo, branco, indio ou negro, que não possuisse huma canoa.

A canna de assucar tinha sido trazida da capitania dos Ilheos, onde fôra importada da ilha de Madeira; mas esta planta he indigena do Brasil, e crescia em abundancia à roda de

Rio de Janeiro. Havia trinta e seis engenhos de assucar no Reconcavo, e vinte e hum d'elles molto por agua. Exportava annualmente a cidade mais de cento e vinte mil arrobas de assucar. Em torno da cidade havia muitas quintas. As vaccas e cabras vindas da Europa e do Cabo-Verde tinham multiplicado de maneira prodigiosa, e davao leite de que se fazia manteiga e queijos como em Portugal. Tinham-se tambem transportado a S.-Salvador cavallos de Cabo-Verde; ricos colonos criavam ate quarenta ou cincuenta egues, que valiam dez a doze mil reis cada huma. Em Pernambuco se vendiam a razão de vinte e quatro mil reis. Os porcos e outros animaes tambem prosperaram; só os carneiros degeneraram.

As frutas da Europa e da Asia medraram. As laranjas e limões introduzidos pelos Portuguezes melhoraram em grossura e qualidade. O gingiyre trazido da ilha de S.-Thomé medrou tão depressa, que desde o anno de 1575 se tinham colhido quatro mil arrobas da melhor qualidade, mas que os colonos não sabiam secar como se pratica na India. O café e o algodão eram indígenas do paiz. A casca do embira fornecia cordas e cabos excellentes, e a semente era usada como pimenta, e reduzida a pó era considerada como antídoto da mordedura das cobras venenosas. As palmeiras tamareiras

forão introduzidas por caroços de tamares de Portugal ou da Barberia. O cínamo também se criava na colônia. O cacao levado de Cabo-Verde, prosperou em poucos annos, mas hum insecto destructor, e a ignorância dos colonos o fez perder. Os meloæs, as romeiras e as vi-
nhas forão quasi inteiramente destruidas por huma especie de formiga. Este insecto fazia tal estrago, que os colonos portuguezes mui ap-
tamente o denominarão *Rei do Brasil*, mas
por compensação destruia escorpiões, cento-
pes, cobras e muitos outros animaes dani-
nhos que infestão o Brasil. Outro insecto cha-
mada broca roía as vasilhas de madeira, excepto
as que continhão azeite. As cobras destruião os
pombos. Mas o insecto que mais atormentou
os colonos foi o chico das Antilhas, que se
introduz por baixo das unhas dos pés e das
mãos, e causa perigosas feridas a não ser des-
tratamente extraído.

O salitre era abundantíssimo, mas não havia
outra cal senão a que se tirava da casca das o-
tiras de que havia immensa copia. O mar abun-
dava em peixe e marisco. Erão abundantíssimos
os caranguejos, e os tubarões de cujo fígado se
extraía muito azeite; havia também muita
baléa. Na costa se encontrava ámbar, que to-
davia era mais frequente no Ceará, e as aves o
comerão com voracidade.

Pernambuco tinha prosperado quasi na mesma proporção. A morte de Duarte Coelho, seu primeiro donatário, foi quasi imediatamente seguida de huma confederação geral dos Indios contra os colonos d'esta província. A corte de Lisboa, informada d'este successo, fez partir Duarte de Albuquerque Coelho, filho e sucessor do antecedente, e acompanhado de seu irmão Jorge, chegou em 1560 a Olinda. A colonia estava ameaçada de perigo imminente, e os habitantes não ousavão aventurear-se a duas legoas da cidade. Os jesuitas chamados a conselho com os chefes civis e militares, elegerão para chefe militar, com o título de *conquistador da terra*, o mais moço dos irmãos Coelho. Elle se mostrou digno d'esta confiança, apesar de não ter mais que vinte annos, pelo seu valor, energia e actividade. Repellio os Cahetés e dentro de cinco annos, toda a costa estava livre d'elles, assim como quinze ou vinte legoas para o interior, e estas vantagens forão duraveis. Em pouco tempo se elevarão cincuenta engenhos de açucar, cuja decima era arrendada por dezanove mil cruzados. A província extendia-se quasi quarenta legoas ao sul até ao rio de S.-Francisco.

Olinda, construida em huma eminencia per-
to da praia, encerra muitos outeiros em seu
circuito; o Recife lhe serve de porto: he pe-

queno e pouco commodo, e de alguma sorte fechado por huma enfiada de bancos e de rochedos, de que a costa está semeada. Ao sul, perto da cidade corre o rio Biberibe, que vem perder-se entre o continente e o porto, onde surina huma pequena ilha. Entre os edificios publicos se distinguia o collegio dos Jesuitas, fundado por Elrei D. Sebastião, onde se ensinava as linguas e algumas sciencias aos colonos, eaté aos Indios convertidos. A cidade continha setecentos habitantes ou colonos, e alem d'estes havia em cada engenho de assucar vinte ou trinta colonos e cem negros. Quatro a cinco mil escravos negros erão empregados nesta província, que podia pôr em campo mil soldados, e d'estes quatrocentos de cavallaria. Muitos aventureiros, que de Portugal tinham vindo pobres, voltaraõ ricos á patria. A cultura da canna, o preparo do assucar, e o corte e transporte do pao de tinturaria occupavaõ todos os braçoa, e todo o outro genero de cultura era desprezado. Por isso em parte alguma do Brasil erão os viveres mais caros, pois vinham das Canarias, e até de Portugal. As aldéas da Mata, de Garassu e de S.-Lazaro tinham bastante povoação, e nesta ultima se fazia o melhor assucar. O pao brasil pertencia á corôa; o assucar pagava á sahida dez por cento, e cinco mais de entrada nos portos de Portugal. Qua-

renta e cinco navios vinham annualmente carregar estes dois generos. Todavia não havia fortaleza ou fortificação para proteger o porto de Pernambuco.

A capitania de S.-Vicente, posto que de menor importância, também prosperava, e os Tupiniquins que habitavam a vizinhança viviam em boa harmonia com os colonos. O estabelecimento da ilha Bertioga, a duas legoas de S.-Vicente, destruído pelos Tupinambás, foi reconstruído e fortificado.

A cidade de Santos, situada em huma baía fronteira à pequena ilha de S.-Amaro, era o estabelecimento marítimo o mais considerável da capitania. A entrada do porto chama-se *Barra-Grande*, os navios do maior porte sobiam até Santos, que então não continha mais que cintenta casas. A povoação compunha-se de Portuguezes e mestiços, cujo numero não passava de trezentos ou quatrocentos, a maior parte casados com Indias baptizadas. Tinha grande numero de escravos e de Índios tributários.

A tres legoas d'esta cidade estão as altas montanhas de Pernabiacaba, das quais hum ramo coberto de bosques conduz à cidade de S.-Paulo de Piratininga, fundada pelos Jesuitas e povoada de Malacucos e Índios convertidos. O clima he excellente; o ar refrescado pelas

montanhas e ventos he mui temperado, e nunca alli se sente excessivo calor. O rio Ingambi, que corre ao norte a huma legoa da cidade, despenha-se das montanhas de Pernabiacaba, e na estação das chuvas engrossa e inunda os campos vizinhos. Ao norte do rio se extende a trinta ou quarenta legoas a serrania que engerra minas de ouro e diamantes, cuja exploração foi mais tarde devida á activa perseverança dos Paulistas.

O clima de S.-Vicente permittia a cultura da cevada e do trigo, mas cultivavão-se pouco. A vinha criava-se bem, e algum vinho se fazia, mas era preciso servé-lo para não azedar. Em S.-Paulo tambem se plantarão vinhas.

A capitania do Espírito-Santo começava a restabelecer-se dos desastres que sofrera. A de Porto-Seguro tinha declinado pela má administração do filho de Tourinho. Morto este, deixou huma filha que não quiz casar, e vendeo os seus direitos ao primeiro duque de Aveiro. A influencia e os capitais do novo senhorio, e o estabelecimento de hum collegio de Jesuitas derao nova vida á colonia; formáron-se logo nos contornos muitas aldeias de Indios convertidos e policiados. A cidade conservava ainda a cruz que Pedralvares Cabral fez arvorar nesta nova terra. Esta capitania era a mais rica do Brasil em madeira de cons-

trucção. As arvores do balsamo e da gomma, são alli communs, assim como a mandioca, as bananeiras, laranjeiras, coqueiros, etc. Na epocha de que tratamos, Porto-Seguro estava quasi despovoado, contendo apenas vinte familias portuguezas. Não lhes restava mais que hum só engenho de assucar. Esta decadencia era devida aos estragos renovados pelos ferozes Aymores. Para completar a ruina da colonia dois incendios consumirão os edificios e fazendas.

A capitania dos Ilheos situaca a trinta legoms ao norte de Porto-Seguro, e quasi em igual distancia ao sul de S.-Salvador, fertil em assucar e mandioca, já encerrava mais de cem familias portuguezas e grande numero de escravos ocupados nos trabalhos da agricultura, mas foi quasi inteiramente destruida pelos Aymores.

Na mesma epocha a provineia do Rio de Janeiro estava ainda na infancia, e não tinha da banda de terra defesa alguma. As povoações de Indios convertidos lhe servião de postos avançados, contra os ataques dos selvagens, menos a receber depois da derrota dos Tamoyes e transmigração dos Tupinambás.

A' excepção das provincias de S.-Salvador, S.-Vicente, S.-Paulo, Pernambuco, e de alguns estabelecimentos devidos aos missionarios, as

outras colonias estavão destruidas ou assoladas pelos selvagens. Todos os esforços para colonizar a embocadura do Amazonas e costas vizinhas forão baldados : duzentas legoas de costa ao norte de Pernambuco estavão ainda ocupadas pela formidavel e numerosa nação dos Tapuyas. A' excepção dos Goianazes e dos Aymores, todas as tribus selvagens ao longo da costa, desde Pernambuco até S.-Vicente tinhão sido repelidas, vencidas e sujeitadas. A barbara nação Caheté, destruida quasi no principio da occupação de Pernambuco, renovou as hostilidades; mas segunda vez vencida, abandonou a província aos colonos portuguezes reforçados pela alliance com os Tabayores. Os Tupinambas do norte estavão vencidos e sujeitos á Bahia. Em Itamaracá os Petiguares forão vencidos e expulsos.

Dissolvida pela industria dos missionarios a poderosa confederação das tribus selvagens do sul, não podia para o futuro renovar-se; e a conversão intiera dos Goianazes, sieis aliados dos colonos de S.-Vicente e de S.-Paulo, punha a salvo estas duas colonias dos ataques das tribus do sul.

O clima do Brasil, posto que em geral mui saudável, causou algumas molestias aos colonos. As Portuguezas a principio criavão poucos filhos, e de tres era mui commun morrerem

dois. Depois que adoptarão hum regime accommodado ao clima, cessou esta mortandade. Algumas doenças cutaneas devidas ao contacto com os negros da Africa, e inchações lymphaticas também grassarão bastante. Porém o maior mal veio da corrupção dos costumes, causada pela perniciosa introducção de escravos, cuja abjecção e obediencia cega ás vontades e caprichos dos imperiosos senhores, convertem estes em odiosos tyranos. A mistura das raças, útil a promover a população, foi perniciosa para a moral; e parte do desprezo com que os Portuguezes tratavão os negros, recabia sobre a progenie dos primeiros com as Africanas. A injustiça dos brancos para com os mulatos e mestiços arraigou nestes ódio entranhável aos brancos, que durará em quanto existirem as denominações que atestão a origem diferente de cada raça. De todas as misturas, a mais útil tem sido a dos Portuguezes com as mulheres indigenas; a raça nascida d'esta união he robusta, activa e emprehendadora, e ao mesmo tempo a mais bella de todo o Brasil. Tambem a mistura do sangue africano com o das indigenas produz huma raça de bellos mulatos valerosos e mui stilados. O peior cruzamento de raça he o de Europeo com negras de Africa, e por desgraça he o mais comum. Se a exemplo das colonias hespanholas,

se tivesse prosseguido com desvelo a civilisação dos Indios, teria hoje o Brasil povoação propria de homens livres, e não se veria exposto a huma ruina total, e não mui remota, quando lhe faltarem braços para a cultura.

CAPITULO IV.

O Brasil debaixo de Felippe II e Felippe III. 1580
a 1621.

Felippe II conservou a administração do Brasil no estado em que a achou, quando uniu Portugal e seus dominios à coroa de Espanha, e por huma judiciosa política escolheu para os cargos d'esta importante colônia quasi exclusivamente naturaes portuguezes; mas a guerra que o fanatismo religioso lhe fez emprehender contra a Inglaterra, e as perdas que d'ella resultarão à monarchia, deixarão o Brasil quasi sem protecção, entregue aos seus próprios recursos.

1580. — O Inglez João Whitball, estabelecido em Santos, obteve em 1578, por meio de seu sogro, natural de Genova, licença para fazer vir directamente de Inglaterra huma carregação da mercadorias, que he deo grande lucro. O clero brasileiro favoreceu esta expedição; da qual sem duvida tirou proveito. Effectuou-se no decurso d'este anno.

1582. — *Expedição inglesa Combate naval.*
Depois da expedição hostil de Drake no mar do

Sul em 1579, os Ingleses forão considerados e tratados como piratas pelos Hespanhoes. No anno seguinte huma esquadra ingleza de quatro navios, commandada por Duarte Fenton e destinada para a China, appareceu diante de S.-Vicente, na costa do Brasil, onde procurou prover-se de mantimentos. Foi atacada por huma esquadra hespanhola commandada por Flores. Fenton sabio vitorioso, metteo a pique hum dos navios hespanhoes, e prosseguiu a sua viagem.

1585. — *Estado dos negocios na província da Paraíba.* Os Petiguares que ocupavão o território situado entre os rios Paraíba e o Rio-Grande, continuáron as suas hostilidades contra os Portuguezes, auxiliados pelos Franceses que vinham a estas paragens carregar pao de tinturaria. O novo governador da Bahia, Manoel Telles Barreto, mandou hum corpo de gente armada ás ordens do capitão Fruelhos Barbosa, para formar hum estabelecimento no porto de Paraíba e fortificá-lo, mas não o pôde effectuar, tendo perdido parte da gente em huma emboscada, e havendo o resto fugido. Ao mesmo tempo, os habitantes de Pernambuco e de Itamaracá pedião com instancia auxílios ao Governador contra os ataques dos Indios. O general Diogo Flores de Valdez achava-se então na Bahia com seis navios, e dos

mais que voltavão de Goa commandados por Diogo Vaz da Veiga. O Governador ordenou a Flores que conduzisse esta esquadra á Paraiba, e o ouvidor geral Martim Carvalho foi encarregado de prover a fragata de gente e de viveres. Flores partiu para o seu destino, e hum corpo de tropas, em que mo muitos escravos, marchou por terra ás ordens do capitão Fructuoso Barbosa. Apenas a esquadra appareceu na barra da Paraiba, os Francezes se tornarão a embarcar. Alguns autores affirmão que elles queimaram quatro dos seus navios, e se refugiaram no interior entre os indigenas. Para evitar novos desembarques fez o almirante construir hum forte de terra e madeira, em que deixou huma guarnição de cem homens comandados pelo capitão Francisco Castrejon. Este oficial hespanhol tendo recusado reconhecer por chefe a Barbosa, este voltou á Bahia. Castrejon, depois de ter suscitado diversos combates com os Indios, se viu obrigado a abandonar o forte, retirando-se por terra a capitania de Itamaracá. Durante a sua marcha de dezoito legoas, perdeu alguns homens e mulheres, que cahirão de cansaço. Os habitantes de Pernambuco informados d'este desastre, expedirão outro corpo de tropas bem provido de armas e munições, comandado pelo capitão Fructuoso Barbosa, o qual ajudado pelos

Tupinambas, retomou o forte, e fundou em torno d'elle huma povoação, a que em 1585 se deu o nome de cidade denominada Filippéa.

1586. — *Expedição inglesa commandada pelo capitão Roberto Withington.* Esta expedição composta de dois navios, hum de duzentas e sessenta toneladas e cento e trinta homens de tripulação, e outro de cento e trinta toneladas e setenta homens, era destinada a cruzar no mar do Sul. O commandante depois de ter tornado dois navios portuguezes que não do Rio da Prata a Santa-Fé, dirigi-se á Bahia de Todos os Santos com tenção de arruinar o Recôncavo. Alli andou pairando seis meses sem poder desembarcar, pela resistência dos Indianos convertidos dirigidos pelo padre Christovão de Gouveia, e bubeis fracheiros.

1587. — *Fundação da cidade de Cannanéa.* Esta povoação situada na comarca de Paranaguá e Curityba, província de S.-Paulo, em huma pequena ilha, a dez milhas da barra de Cannanéa.

1587. — O Governador e Capitão general Manoel Telles Barreto morreu depois de ter governado quatro annos. El-rei tinha designado, para formar huma junta de governo, o bispo D. Antonio Barreiros, e Christovão de Barros, provedor-mór da fazenda, os quais governarão a colónia outros quatro annos, até 1591, epocha em que Francisco Giraldes,

senhor da capitania dos Ilheos, foi nomeado Governador, e não tendo aceitado o cargo, D. Francisco de Sousa, da casa dos condes de Prado, foi nomeado em seu lugar.

1590. — *Conquista e colonização de Seregipe d'el-rei.* Esta província esteve muito tempo sujeita à Bahia, de que formava hum distrito. Foi começado este estabelecimento por Christovão de Barros sub-governador da Bahia, por ordem de Felippe II. Os Portuguezes que habitavão entre Rio-Real e Itapicuru, sofrião muito das continuas hostilidades dos indígenas, e dos pirates franceses que frequentavão a costa para cortar pão brasil.

1591. — *Descobrimento, real ou suposto, das minas de prata.* Roberto Dias, descendente de Catherina Alvares, e habitante da Bahia, possuia rica baixella de prata que asseverava proceder de minas d'este metal situadas nas suas terras. Este homem partiu para Espanha, e prometeu patentear o sítio onde, dizia elle, havia minas prata que ferro em Biscaya, e exigio como recompensa o título de Marquez das Minas. El-rei contentou-se com lhe conferir o cargo de Administrador das minas, e prometeu ao novo governador, D. Francisco de Sousa, o título cobiçado por Roberto Dias. De volta ao Brasil affectou destruir todos os indícios da sua suposta descoberta, e morreu pouco tem-

po depois sem ter dado o menor esclarecimento sobre este ponto. Ihe provavel que tudo era invenção do sujeito para se afidalgar marquez.

1591. — *Expedição de Thomas Cavendish.* Este atrevido aventureiro aproveitando a guerra entre a Inglaterra e a Hespanha, para reparar pela pilhagem a fortuna que tinha perdido ou dilapidado, partiu em 1586 para o mar do Sul, queimou Paita e Acupulco, devastou as costas do Chili, do Perú e da Nova-Hespanha, e tomou perto da California hum galeão hespanhol ricamente carregado. No cabo de dois annos de piraticas depredações, voltou a Plymouth, possuidor de immensas riquezas; mas a sua insaciavel cobiça o instigou a tentar de novo a fortuna, que tão prospera se lhe havia mostrado, e escolheu o Brasil para theatro de seus projectados roubos.

Em 26 de Agosto 1591 sahio Cavendish de Inglaterra com tres navios de alto bordo, e duas galeras, bem esquipados. Contrariado pelos ventos teve viagem demorada, e chegou diante de S.-Vicente faltó de mantimentos. Querendo prover-se do necessário, destacou dois dos seus navios para se apoderarem da cidade de Santos. Os Ingleses surprenderão a povoação, eslando todos os habitantes na Igreja, e sem encontrar resistencia só hum homem foi morto. Puzerão guardas ás portas da igreja.

para não deixar sahir ninguem, e obrigar os habitantes a tratarem do seu resgate; mas o vice-almirante Corke, por effeito da sua intemperança, perdeu hum tempo precioso em lauto banquete em que elle e os mais officiaes se enfrascáro de vinho e aguardente, e a tropa seguiu o exemplo dos chefes. A bocca da noite os habitantes de Santos aproveitando as frevas e o lethargo dos piratas, leváro para o interior tudo o que puderão, de sorte que á chegada de Cavendish, oito dias depois, a frota não achou de que se prover.

Alguns chefes indigenas vierão oferecer-se aos Ingleses para seus aliados, se os ajudassem a expulsar os Portuguezes; mas Cavendish só queria roubar, e não combater ou formar estabelecimento permanente. Entretanto o chefe inglez procurou obter por astucia o que não pudera conseguir pela violencia. Ofereceu aos habitantes tratar com elles em nome de D. Antonio, reitular de Portugal, mas de balde. Por huma inconsideração apenas explicável, demorou-se muitas semanas em Santos, e partiu do porto ainda mais faltó de ríveres que quando entrou.

Seguindo a costa para o sul, queimou S.-Vicente e dirigio-se ao estreito de Magalhães, mas não pôde penetrar. O seu navio, apartado dos outros pela força do vento, foi lançado so-

bre as costas do Brasil, perto de Santos. Cavendish desembarcou vinte e cinco homens a tres leguas de distancia d'esta cidade, esperando achar algum mantimento de que tinha a mais urgente precisão, estando a tripulação doente e quasi morrendo de fome. Todo este destacamento foi morto pelos indígenas, á exceção de dois que conduziram em triunfo á Santos, levando como trofeos as cabeças dos outros Ingleses degollados. Este novo revés teria sido irreparável para Cavendish, sem a chegada de outro navio da sua esquadra. Continuaram a costear juntos dirigindo-se ao norte, e assolando todas as povoações por onde passavão. Desejava Cavendish abordar ao Espírito-Santo, mas não tinha pratico da barra, quando hum Portuguez que tinha feito prisioneiro se ofereceu a conduzi-los áquele porto. Chegado á barra, mandou Cavendish huma chalupa sondar o fundo, e achou não ser suficiente para surgirem os navios. Irritado d'este contratempo mandou enforcar o desgraçado Portuguez, não attendendo á protestação do misero que declarava ter feito entrar em Santos navios de cem toneladas, mas sem nunca ter sondado o fundo. Então Cavendish fez avançar os navios á força de remo, e chegando perto da cidade avistou tres navios de guerra fundeados: elle enviou as suas em-

barcações para começar o ataque, porém anotado, e a gente não quiz desembarcar antes de amanhecer. Cada hora de demora aumentava o risco; era impossível passar a barra, e a artilharia jogava de todos os lados. Emfim ao romper do dia oferecerão-se a marchar contra os Portuguezes, e embarcarão-se nas chalupas oitenta homens capitaneados por Morgan, a quem Cavendish ordenou que fosse descobrir hum ancoradouro, prohibindo-lhe sob pena de morte, o desembarque em caso algum.

Partiu Morgan, mas já os Portuguezes unidos com os indígenas se tinham fortificado trazendo os seus navios para perto da cidade, a distância de hum tiro de espingarda do rio. Duas pequenas obras, protegidas por escadadas e rochedos, defendiam a entrada. Os Portuguezes fizeram fogo do fortim de oeste sobre as chalupas, e Morgan queria retirar-se segundo lh' o prescrevião as suas instruções; porém a sua gente com o fito na pilhagem, o increpou de cobarde, e obrigou a tentar o ataque. A' força de remos avanção as chalupas, quando o forte de leste, que os Ingleses não tinham ainda avistado, fez fogo sobre elles e feriu e matou alguns homens. Morgan mandou atacar o forte de oeste pela pequena chalupa, a qual com pouca resistência o tomou;

mas a chalupa grande que demandava muita agua encalhon, saltando todavia a gente em terra com agua ate á cintura, e denodados escaço o sortim que era de pedra, e tinha quasi dez pés de altura ; mas os Portuguezes e indigenas que o guarneção lanção sobre os Ingleses pedras, e matao Morgan e mais cinco dos seus; foge o resto para a chalupa onde se dirigem os tiros, e de quarenta e cinco homens que guarneção as embarcações não ficou hum só que não fosse ferido. Neste estado não podendo por mais tempo sustentar o combate, fazem-se ao largo, abandonando alguns camaradas. Em vão chamárão em seu socorro a gente da chalupa pequena ; os que estavão a bordo fugirão deixando em terra dez dos seus companheiros, que tinhão corajosamente acommettido os entrincheiramentos que os indigenas tornárão a ocupar. Cavendish com razão disse do patrão da chalupa, que era o mais vil cobarde que nascera de mulher. Em vão entrárão estes dez valentes Ingleses no rio com agua ate ao pescoço, supplicando que os recebessem a bordo, mas os seus infames camaradas não tiverão d'elles compaixão. Cavendish deixou a costa do Brasil, e traspassado de dor, por ver todos os seus projectos malogrados, morreu no mar, mais de paixão que de enfermidade.

1594 a 1595. — *Expedição de Jaime Lancaster.* Esta expedição foi armada á custa de alguns membros da camara municipal e negociantes de Londres, e confiada a James Lancaster, em razão do seu perfeito conhecimento do Brasil, onde tinha residido muitos annos, servindo no exercito portuguez, e depois se havia estabelecido como negociante. Esquecendo o que devia a huma nação da qual tinha recebido tantos favores, este desleal Inglez resol-
veu ir saquear Pernambuco.

Fez-se á vela de Dartmouth a 30 de Novembro 1594, com tres navios e duzentos e setenta e cinco homens de guarnição, levando consigo dois Francezes de Dieppe, que fallavão a língua dos indigenas do Brasil. Separado do navio montado por Barker, segundo no comando, reunirão-se em Cabo-Branco. No decorso da viagem Lancaster apresou huma frota de vinte e quatro navios portuguezes e hespanhoes, dos quaes só conservou quatro, saqueando e destruindo os outros. Sabendo de hum prisioneiro que hum navio ricamente carregado e vindo da India, naufragara na costa de Pernambuco, e que toda a sua carga estava em deposito no Recife, dirigio-se á ilha de Majo; alli encontrou o capitão inglez Verner com tres embarcações e huma preza biscainha. Lancaster o convidou a unir-se á sua

expedição, oferecendo-lhe hum quarto das prezas, o que Venner aceitou. Continuárao então a derrota de conserva, e chegárao no ultimo de Março pela moia noite ao Recife. Achou no porto tres navios grandes hollandezes, de que a principio se receiou, e dispunha-se a attack-los, mas com grande satisfação viu que elles se desviavão, deixandó-lhe o passo livre. O governador de Olinda mandou ao meio dia hum parlamentário, para saber o que pretendia a esquadra ingleza. Lancaster respondéo que por força ou por vontade exigia a carga do navio naufragado. No em tanto os Portuguezes, que tinham mais de seiscentos soldados, guarnecião o forte á entrada da enseada. Apesar do fogo mal dirigido do forte, logo que a maré o permittiu, avançou a esquadra e desembarcou a gente; a galera despêdaçou-se em hum rochedo, e a mesma sorte tiverão outras embarcações: vencer ou morrer era a alternativa que restava aos Ingleses. Sete peças defendido o forte do Recife, mas Lancaster vendo que erão mal servidas, se precipitou contra o forte e o levou de assalto. Os Portuguezes aturdidos e intimidados fugiram para o interior da terra. Fez logo o almirante signal a toda a sua esquadra de entrar, e pondo guarneção no forte voltou a artilharia contra a cidade de Olinda, d'onde temia huma sortida.

Marchou então para ocupar a cidade baixa ou do Recife; os habitantes fugiram nas suas caravelas e candas, abandonando aos vencedores os almazens, e tudo quanto possuíam. Obteida a victoria, Lancaster houve-se com prudencia, manteve a disciplina, e não derou commeter roubos á tropa. Fortificou o Recife com escadas, e construiu hum forte á entrada da enseada.

Entrou depois em negociação com os capitães dos navios hollandezes, que afretou para Inglaterra, com condições vantajosas, á fim de levarem parte do despojo. Passados tres dias entraram cinco navios franceses, dos quaes hum dos capitães tinha o anno antecedente salvado Lancaster de hum naufrágio, na ilha de Mona nas Antilhas. Em reconhecimento do beneficio recebido, tratou os franceses com benevolencia, e lhe fez presente de huma caravela carregada de pao brasil. Os mais capitães franceses, esperando ter parte no saque da cidade, se puseram ás ordens de Lancaster. Passados tres dias, quatro dos principaes habitantes de Olinda tentaram negociar com o chefe inglez, mas este se esquivou passando de seu bordo para o de hum navio hollandez, e fez dizer aos portuguezes, que faria enfraquecer o primeiro que ousasse vir propor condições. Cumpre advertir que estes saqueadores ostens-

lavão de muito religiosos, e tinham de contínuo na boca o nome de Deos.

Toda a actividade de Lancaster se dirigia a buscar meios de conduzir á praia os generos que achára no Recife. Quiz a sua ventura que se apossasse de cinco carros do paiz, e no dia imediato lhe cahio nas mãos hum navio com quarenta Portuguezes e sessenta negros escravos. Lancaster deu a liberdade aos Negros, e teve a insolencia de obrigar os prisioneiros portuguezes a puxar as carroças carregadas do despojo, querendo poupar á sua gente a fadiga de tão rude trabalho em clima e estação tão quente.

Havia já vinte dias que Lancaster estava senhor do Recife, sustentando repetidos ataques, que, por mal dirigidos, pouco dano lhe causáro. Por tres vezes tentarão os Portuguezes incendiara esquadra, lançando contra ella caravelas e jangadas inflamadas; tambem procurarão cortar-lhe as amarras, mas tudo foi frustrado pela vigilancia do chefe. Tendo já a bordo todo o despojo, e rececando novas tentativas incendiarias, dispôz-se a huma prompta partida. Lancaster esperava só pela maré da tarde para se fazer á vela, quando descobriu os Portuguezes postados em grande numero sobre hum banco de areá, donde podiam molestar muito a armada á sahida do porto.

Voltou logo ao Recife, e depois de consultar com os officiaes da esquadra, resolveo desalojar o inimigo, e para esse fim desembarcou trezentos Inglezes e Francezes que se senhorearão da posição lançando d'ella os Portuguezes, e destruirão huma bateria. Usados com esta victoria se entranhámo pela terra dentro, mas envolvidos por todos os lados forão quasi todos mortos, e entre elles Barker, lugar-tenente de Lancaster, e dois capitães francezes. Lancaster levantou ancora ua mesma noite, e fez-se á veia com quinze navios, que todos chegáron a salvamento aos portos de Inglaterra carregados do rico despojo, no mezo de Julho.

A fabula inventada pelo celebre Inglez, Sir Walter Raleigh, de hum supposto paiz em que tudo era ouro, e que appellidou *El-Dorado*, despertou a cobiça dos Inglezes. Apesar se espalhou esta noticia, partie hum numero consideravel de aventureiros em cata da terra do ouro. Em quanto os Inglezes a procuravão na Guyana, navegava Gabriel Soares o rio de S.-Francisco até à sua origem, e adiantou-se até ás fronteiras da provincia de Charcas e do Perú; mas depois de fadigosa e arriscada peregrinação em que perdeo os mais dos companheiros, voltou ao Brasil sem ter encontrado minas de ouro. Pedro Coelho, colono da Paraíba, fez duas viagens consecutivas com o mesmo

fim, e na segunda parece ter feito descobertas que mais tarde facilitarão a formação de estabelecimentos no norte do Brasil.

A 18 de Septembro de 1598 morreu Felippe II no palacio do Escorial, deixando por sucessor seu filho Felippe III, rei inepto, devoto e frouxo.

1603: — Pedro Botelho, nomeado Governador general do Brasil, foi render D. Francisco de Sousa, o qual havia governado a colónia por espaço de onze annos. Botelho prosseguiu com ardor os projectos de Coelho, a quem nomeou capitão-mór e deo huma commissão para ir descobrir minas e formar colónias. Partiu Coelho com oitenta aventureiros, muitos dos quaes sabiam as línguas dos indígenas, e oitocentos Indios aliados os acompanhavão. Parte da expedição embarcou em duas caravelas, debaixo da direcção do hum piloto francéz, qui practico de toda a costa; o corpo principal marchou por terra para o Ceará. Coelho augmentou alli as suas forças levando consigo outros Indios civilisados pelos Jesuitas. Marchou imediatamente para a serra de Ibiapaba, mas os Tapuyas sentinelas d'esta serrania se opozerão aos seus designios. Mel-Rédondo hum dos seus chefes, apoiado por alguns Franezees debaixo das ordens de Montillo, resistio a principio vigorosamente, porém os Portugue-

zes conseguiram apoderar-se de tres postos fortificados. Mel-Redondo submeteu-se, e por mediação dos Francezes seus aliados obteve condições favoraveis. Mas outro chefe chamado Juripari persistindo na sua resistencia durante hum mez, obrigou os Portuguezes a abandonarem o territorio. Retirou-se Coelho para Jagueribe, que era da jurisdição de Pernambuco, e fundou ali hum estabelecimento denominado *Neon-Lusitania*, e huma cidade a que deu o nome de *Nova-Lisboa*. A nascente colonia teria prosperado, se a tyrannia do chefe a não tivesse arruinado. Não só vendeo como escravos os Tapuyas prisioneiros de guerra, mas fez outro tanto aos Indianos aliados, violando a lei protectora recentemente promulgada pela corte de Madrid, que declarava livres todos os indigenas, e só permitia serem feitos temporariamente escravos os que fossem tomados com as armas na mão em guerra feita por ordem do governo. Os Tapuyas ultrajados e indignados de tão barbaro e desleal procedimento, abandonaram Coelho, e se dispunham a tirar vingança de tão atroz injuria, quando elle procurou pôr-se a salvo retirando-se com sua mulher e filhos ao seu primeiro estabelecimento da Paraíba. No caminho perdeu dois filhos de pouca idade, que morrerão de cansaço, e elle sofreu mil infortunios.

Elrei mandou dar a liberdade aos Indios vencidos por Coelho, mas as ordens regias foram mal executadas por colonos costumados a considerar os indigenas como bestas de carga.

Os Jesuitas tentarão por meio de brandura insinuar-se com os Tapuyas, e aproveitar-se dos estabelecimentos começados por Coelho. Estes selvagens são menos ferozes que os Gahetés; não matão os prisioneiros, e tem alguma cultura. Usão de sendalhas feitas de casca do *huraguá*, trazem braceletes, e fazem instrumentos musicos de sopro de ossos humanos, de cornos de animaes ou de canna. Festejão com canto e dansas a elevação e o occaso dos astros e das constellações, considerando-as como Divindades; e mudão de vivenda com maior frequencia que tribu alguma do Brasil. Antes de se pôrem em marcha consultão os adevinhos, para saber d'elles a direcção que convém tomar; então banhão-se, esfregão depois o corpo com areia, tornão a banhar-se e raspão o corpo com pentes feitos da espinha de hum pequeno peixe, persuadidos que estas operações previnem o cansaço e agilizam o corpo. São moi dados á caça, celebrão a volta d'ella com musica, dansa, e jogos de luta. Furão as orelhas e abrem huma fenda no beijo inferior, que forma como segunda boca. Diz-se que vivem mais que os outros indigenas. As mu-

lheres cultivão a mandioca e alguns legumes nos vales da serra, e colhem algum mel.

Os jesuítas Francisco Pinto e Luiz de Sequeira parirão de Pernambuco para a serra de Ibiapaba¹ com tento de converter os Índios quo a habitavão, autorisados pelo seu provincial e por Diogo Botelho governador de Olinda, e escoltados por setenta Índios domesticados. Depois de atravessarem densos bosques e vastos desertos, chegárao à Serra, e mandárao alguns dos Índios aliados a sondar as disposições dos Tapuys. Os selvagens matarão todos os Índios, e correrão ao lugar onde os missionários esperavão a volta dos seus desgraçados companheiros. O padre Pinto foi vítima do furor dos Tapuys; Luiz de Sequeira salvou-se com alguns dos seus Índios nos bosques do Ceará.

Guerra e pacificação dos Aymores. — Estes ferozes selvagens infestavão por tal maneira os contornos de S. — Salvador que os habitantes pedirão socorro aos Pitaguares de Pernambuco. Oitocentos d'estes guerreiros escolhidos, capitaneados pelo padre Diogo Nunes, partirão, e quando chegárao à Bahia, já tinha cessado o perigo; mas o Governador em vez de despedir os

¹ Esta serra tem oitenta legoas de longo e vinte de largo. Vasconcellos e outros autores afirmam que todos os Tapuys erão entropoliagos.

Pitaguares, como elles o tinham estipulado, quiz retê-los para a guarnição dos fortos, e para a defesa da capitania dos Ilheos. Insistindo os Índios, e já sediavam a combater, quando por intervenção dos jesuítas consentiram a ficar. Ile incerto se nesta occasião os padres forão complices da má fé do Governador, ou se obrarão por compaixão dos Índios que os colonos queriam reduzir á escravidão.

Em quanto a cidade da Bahia gozava da tranquillidade, os Aymores assolavão as capitâncias do sul. Em Santo-Amaro quasi todos os colonos tinhão sido victimas do furor d'estes ferozes selvagens; a capitania dos Ilheos foi quasi destruída. Em Porto-Seguro fizerão grande estrago.

Hum rico colono, chamado Alvaro Rodrigues, estabelecido a doze legoas no sul da Bahia, sustentava huma guerra obstinada contra os Aymores. Em huma expedição contra elles tomou duas mulheres, que levou para a sua fazenda. Huma d'ellas morreu de paixão, mas a outra de tal modo se conformou com a sua situação, que não quiz voltar á sua tribu quando Alvaro lhe ofereceu restituí-la; antes lhe rogou a conservasse, ainda que fosse como escrava. D'esta mulher se servio utilmente Alvaro Rodrigues para negociar huma paz duravel com os Aymores. Atribuídos por carícias o pre-

sentes consentirão por fim a mandar deputados a S.-Salvador, onde foi firmada a paz, quebrando hum dos cheses Aymores a ponta de huma frecha ; ceremonia usada entre elles em signal de pacificação. Até aceitarão para residencia a ilha de Itaparica , cujo clima não lhes sendo favoravel, a abandorúrão ; mas mostrárão-se dispostos a adoptar os habitos dos Portuguezes. O jesuita Domingos Rodrigues novamente chegado de Portugal , se tinha ligado com os Aymores e aprendiço a lingua d'elles. Este missionario contribui o muito à pacificação dos Aymores da capitania dos Ilheos, que a principio não seguirão o exemplo das tribus vizinhas de S.-Salvador.

1608. — Botelho, tendo governado o Brasil por espaço de cinco annos , foi rendido por D. Diogo de Menezes , o qual informado que os Francezes e Hollandezes frequentavão a costa do Maranhão , resolveo , para segurança d'estas paragens , formar hum estabelecimento no Ceará , e escolheo para esse objecto Martim Soares Moreno , com o titulo de capitão-mór , o qual na expedição da Serra de Ibiapaba tinha contrahido amizade com *Jacaúna*, hum dos principaes cheses dos Tapuyas. Confiado na protecção d'este chefe , partiu acompanhado unicamente de dois soldados , e com o auxilio dos indígenas lançou os fundamentos de huma

povoação que denominou *Nossa Senhora do Amparo*, e começou a construcção de hum forte. Algum tempo depois tomou hum navio hollandez por abordagem, com Tapuyas vestidos e disciplinados á portugueza. Mas não lhe chegando os resorços que esperava, vio-se obrigado a retirar-se. Os Tapuyas vendo Francezes na costa, destruirão parte dos edificios começados.

1611. — Neste anno foi fundada a cidade de *Mugi das Cruzes* na capitania de S.-Paulo, a cousa de meia legoa do rio Tieté, a dez legoas ao éste nordeste de S.-Paulo, e a doze de Santos. As casas são de taipa.

1611 a 1612. — *Expedições francesas para conquistar o Maranhão. Estabelecimento de huma colonia perto da embocadura d'este rio. O capitão Francisco Riffault, armador de Dieppe, tendo-se ligado intimamente com hum chefe indígena d'esta costa, chamado Ovyrapico, este lhe ofereceu o seu auxilio para fundar hum estabelecimento. Occupado d'este projecto voltou a França, e tornou ao Brasil a 14 de Março 1594, com tres navios. Abordou á ilha do Maranhão, depois de ter reprimido a insubordinação das tripolações, e haver perdido hum navio. Os Tupinambas lhe prestarião os meios de formar hum estabelecimento provisional; mas passado hum anno suscitarão-se*

dissensões entre os colonos. Rissault partiu para França deixando o comandante a Carlos, senhor des Vaux, e veio propor a Henrique IV a fundação de huma colonia permanente. Este projecto foi abraçado pelo Rei, e para proceder com pleno conhecimento, ordenou-lhe que voltasse ao Brasil, e deo-lhe por companheiros *Daniel de la Touche*, e de *La Rivardière*, dois protestantes bons nauticos, e que já tinham feito muitas viagens ao Brasil. Estes dois officiaes, depois de terem residido seis mezes no Maranhão, voltarão a França, sendo já fallecido Henrique IV. A Regente ocupada de outros cuidados, não attendeu logo a este negocio, mas em 1611 *La Rivardière*, debaixo dos auspicios da rainha Maria de Medicis, formou huma sociedade com *Nicolao de Harlay*, senhor de *Sancy*, o barão da *Molle* e *Gros-Bois*, e *Francisco*, senhor de *Rasilly* e de *Asmalles*, os quais foram nomeados tenentes generaes de S. M. Christianissima nas Indias occidentaes e no Brasil. A expedição compunha-se de tres navios: a *Regente*, a *Carlot* e a *Santa-Anna*, e levava quinhentos homens de guarnição. A Rainha lhe deu huma bandeira com as armas de França pintadas em campo azul celeste com hum navio em cuja poppa aparecia a figura da Rainha em pé, e à proa Elrei seu filho tendo na mão hum ramo de oliveira, com a letra:

Tanti dux famina facti. Esta frota partiu de Caneale na Bretanha a 19 de Março 1612, arribou a Plymouth com hum temporal onde se demorou até 23 de Abril; então se fez á vela. A 7 de Maio avistou a grande Canaria, e a 11 o Rio do Ouro na costa de África. A 17 de Junho tomou o rumo de oeste, e a 24 aportou a ilha de Fernando de Noronha, onde se deteve até 8 de Julho. Encontrarão alli hum Portuguez com alguns Tapuyas de ambos os sexos, que se deixarão baptizar pelos capuchos que ião a bordo, e forão embarcados para servirem de interpretes. No dia 11 avistou a costa do Brasil, e a 26 entrou pela barra de Piriá, e ancorou a doze legoas do Maranhão em frente da ilha de Upanmery a que Rasilly pôz o nome de Santa-Anna, por ser dia d'essa Santa que desembarcou. D'alli foi á ilha Maranhão o padre jesuítas Claudio d'Abbeville, chefe da missão francesa, plantou huma cruz em huma elevação d'onde deitou a bênção á ilha. Alli desembarcaram sem oposição dos Tupinambas, e acharam tres navios de Dieppe. Elevar - se hum forte em hum outeiro que dominava a entrada do porto, e foi guarnecido de vinte e duas peças de grosso calibre, denominado *Forte de S. Luiz*, em honra de Luiz XIII, rei de França. A' honra se deu o nome de *Santa-Maria*, em honra da Virgem, e da Rainha regente Maria de Me-

dicis. Dois outros forao construidos, e os capuchos franceses que acompanhavão a expediçao fundarão hum convento. A ilha continha entô vinte e oito aldéas de Tupinambas, que se puserão debaixo da protecção dos Franceses. O mesmo fizerão duas outras povoações, huma em *Cuma*, de onze aldéas, e a outra de dez, em *Tapuytaperu*.

A ilha Maranhão, situada entre as embocaduras de dois rios o S. Francisco e o Maranhão, está em $2^{\circ} 5'44''$ de latitud merid. A baia em cuja frente está situada a ilha, se abre cem legoas ao suléste da embocadura do rio das Amazonas, e penetra quasi doze legoas pelo continente. Do lado de leste he formada pela ilheta de Upaonmery ou de Santa-Anna. A ilha do Maranhão tem menos de vinte legoas em torno. A sua entrada oriental, chamada *Bocca do Piria*, oferece huma barra perigosa, posto que alguns navios a tem atravessado: a barra occidental he de facil accesso, ainda para navios de maior porte, até ra baixamar. Tres bellos rios a cingem e separeão do continente de que dista duas legoas para leste e tres para oeste: o mais consideravel chama-se *Tubucurú*; ao sul o *rio dos Mosquitos* que forma huma ilheta. Cercada pela banda do mar de escolhos perigosos, e de bancos de areia, a ilha he como a chave de toda a província, cuja

costa semeada de baixos, de pequenos montes ainda mais perigosos, he guarnecida de mangueiras espessas sobre hum terreno movediço, onde as pisadas se desvanecem no mesmo instante, de sorte que he quasi impossivel caminhar. O clima he mui temperado; o inverno desde o fim de Fevereiro até ao mez de Junho he a estação das chuvas. Abunda a ilha em nascentes de agua doce, e he fertilissima. Fornece madeiras de tinturaria e de construção, limbo, açafrão, diversas gommas, ámbar-gris e crystaes. Tem muito barro e cal.

A origem do nome *Maranão* dado pelos Hespanhoes, tem embaraçado todos os autores, e ainda nenhum deo d'elle explicação satisfactoria. Eu creio ter acertado com a verdadeira etymologia, que me parece ser o termo hespáhol *Marana*, em portuguez *Maranha*, de que *Maranhão* he o augmentativo: equivale a embocadura e costa emmaranhada.

Rasilly deixou o commando a La Rivardière, e voltou a França para se prover das cousas necessarias á colonia.

Foi acompanhado pelo padre d'Abbeville e levou consigo seis Tupinambas, dos quaes tres morrerão depois de desembarcarem em França: os outros tres forão baptizados em Paris, sendo padrinho e madrinha Luis XIII e a Rainha regente.

Primeira tentativa de conquista do Maranhão pelos Portugueses, expedição de Jeronymo d'Albuquerque. — O novo Governador general Gaspar de Sousa havendo recebido do Rei ordem de ir explorar e conquistar as margens do rio Maranhão (8 de Outubro 1612), e o territorio ao norte do Brasil, consiou esta empreza a Jeronymo d'Albuquerque, e para facilitar a sua execucao, o Governador foi residir em Olinda.

Albuquerque partiu de Pernambuco com quatro barcas armadas e cem homens, e chegou ao rio Camuri, mas nao encontrando alli situação conveniente para hum estabelecimento, dirigio-se ao Buraco das Tartarugas, que os indigenas chamão Peruquequara que se vasa nos baixos de Jericoacoara. Alli construiu hum forte de madeira defendido por estacas, que denominou Nossa Senhora do Rosario. D'alli expedio Martim Soares Moreno em huma das barcas para ir reconhecer a ilha do Maranhão. Não recebendo novas d'elle, e vendo que o chefe principal dos Indios de Bumpara recusava fazer alliance com os Portuguezes, Albuquerque deixou o sobrinho nas Tartarugas com quarenta homens, mandou as barcas a Pernambuco, e foi por terra ao Ceará com o resto da sua genia, depois ce seis semanas de ausencia; o que muito desgostou o Governador.

1614:—*Segunda expedição de Jeronymo d'Albuquerque. Combate e convenção de Guaxenduba.* No mez de Maio, Diogo de Campos Moreno, nomeando sargento-mór do Brasil, chegou de Lisboa no Recife com cem soldados a tempo que se estava preparando nova expedição ao Maranhão. Soube-se então que Martim Soares Moreno, que tinha sido mandado reconhecer a ilha do Maranhão, não podendo voltar por causa dos ventos contrarios, tinha ido a Hespanha, e que a guarnição do *Presidio do Rosario* repellira huma ataque dos indigenas, e os obrigara a pedir paz.

Soares tendo informado o governo hespanhol da formação do estabelecimento frances na ilha do Maranhão, o Governador teve ordem de empregar todos os meios para os expellir. Com este fim ajuntou na Paraíba toda a gente disponível e Indios disciplinados, e deu o commando d'este corpo a Jeronymo d'Albuquerque, e Diogo de Campos Moreno, que devião reunir-se no porto do Rio-Grande do Norte. Esquipou huma pequena frota de dois navios, huma caravela e cinco caravelões, garnecida de cem marinheiros e soldados portuguezes, e esperava tirar dos diversos presídios mais duzentos. A armada fez-se á rela a 23 de Agosto, e no mesmo dia passou diante do *Porto dos Franceses*, desfronte do

Rio-Aviyajú, na capitania de Iamaracá. Proseguindo a sua derrota encontrou na baía da Traição ou *Angutibiro*, hum caravelão que tinha sahido de Tartarugas a 8 de Junho. A 25 a expedição chegou ao Porto dos Buzios, e a 27 entrou no Rio-Grande. Fez - se resenha dos Índios aliados cujo numero se avaliava em quinhentos frecheiros, mas não apparecerão mais de duzentos e trinta e quatro capitaneados por doze chefes.

A expedição fez - se á vela e aportou ao presídio das Tartarugas, onde Albuquerque fez toda a diligencia para ganhar a amizade dos Taramandezes de Titoya, que Martim Soares tinha pacificado; porém o chefe principal *Jaripariguazu* (ou o Grande Diabo), lhe enviou dois mensageiros, escusando - se com o pretexto de huma epidemia mortisera que grassava na sua tribo. Este contratempo, e o conhecimento da aliança dos Tupinambás com os Franceses do Maranhão, decidirão Albuquerque a retirar - se á pequena ilha de Piriá, onde aportou á boca da noite, e a achou deserta. Efectuado o desembarque, Diogo de Campos foi de parecer que se entrincheirassem, mas Albuquerque resolveu marchar contra o Maranhão. Belchior Rangel que elle tinha mandado em huma lancha com seis soldados a reconhecer a ilha, voltou e disse, que tendo explorado todas as ba-

hisa e angras, não vira navio algum francez, nem tropa d'esta naçao, e que da outra banda da bahia havia hum lugar chamado *Guaxenduba* mui proprio para assentar hum acampamento, bem abrigado, e cuja entrada cingida de ilhetas ficava encoberta. A tropa apenas ouvio esta relação apertou com o chefe para que a conduzisse lá, estando mui descontenta por não haver nascente d'agua na ilha, e ser mui a dos poços que abrirão, e Albuquerque, contra o voto de Campos, ordenou o embarque. Depois de quatro dias de navegação perigosa, chegão a *Guaxenduba*, onde tomarião terra sem oposição, e no dia 28 de Outubro derão principio á construcção de hum forte, a que puzerão o nome de *Santa-Maria*.

A chegada d'esta expedição foi logo conhecida em S.-Luiz. A guarnição do forte S.-José, em *Itapary*, sobre a costa fronteira, advertida d'este acontecimento fez huma descarga de artilharia, e expedio huma lancha armada com vinte e cinco homens a bordo, commandados por *Duprats*, para ir reconhecer o inimigo. Albuquerque estava disposto a atacá-la, mas não pôde alcançá-la por entre os escólihos. Expedio então despachos a *Pernambuco* com tres caravelões, os quaes voltarão felizmente depois de terem passado perto de hum forte navio francez surto na bahia de *Arroagy*.

La Rivardiére, informado do estado das coisas, tinha feito saber huma esquadilha ás ordens de M. de Pizieu seu lugar-tenente. Ajudado por Dupratz e Rasilly, apreou á boca da noite tres navios portuguezes, de seis que encontrou. Entretanto começava a faltar os viveres no campo portuguez, e não os podia receber de Pernambuco em razão das emboscadas dos Francezes. Cresceu o perigo com a chegada de La Rivardiére, que trazia sete navios e quarenta e seis canhas em que ião quatro mil Tupinambas e quatrocentos Francezes. Mandou logo dois deslizamentos ocupar huma altura que dominava o forte da Natividade onde se estabelecerão. Cada Tupinambá se tinha munido de faxinas para se fortificarem, e abrirão trincheiras para conservar as comunicações com a frota. D'esta maneira achá-rião-se os Portuguezes completamente cercados e reduzidos á alternativa de se renderem ou de combater. Albuquerque de accordo com os seus officiões, tomou este ultimo partido, dividiu a sua tropa em dois corpos, cada hum de setenta soldados e quarenta Tapuyas, hum d'elles destinado a forçar a altura, e o outro a fazer face ás tropas desembarcadas na costa. Depois de hum curto mas renhido combate em que morreu Pizieu, os Francezes se retiraram de trás dos seus entroncheiramentos na altura, e

forão perseguidos pêlos Portuguezes, que tomarão e destruirão os outros redutos. Nesta ação tiverão cento e quinze mortos, e nove forão feitos prisioneiros, entre os quaes havia alguns officiaes de distinção. Dos Portuguezes morrerão só dez, e dezoito feridos. No dia seguinte, 20 de Novembrô, perto de setecentos Tupinambas de Cumã apparecerão em dezaseis grandes canhas, no rio Mony (ou Muní) vindo unir-se aos Francezes; mas não puderão desembarcar, achando a costa guardada pela tropa portugueza. Buscando outro sitio conveniente encontráram alguns fugitivos que os informarão da derrota dos Francezes, o que os decidio a voltarem para suas habitações.

Seguiu-se huma correspôndencia entre os dois commandantes, e no dia 27 La Rivardiére propoz huma capitulação que foi aceita por Albuquerque. As principaes condições erão as seguintes :

1º Haverá suspensão de hostilidades até ao final do anno.

2º Cada hum dos belligerantes mandará hum oficial á corte de França e á de Hespanha para expôr a Suas Magestades christianissima e catholica o estado das cousas.

3º Nenhum Portuguez, excepto os commandantes e as pessoas do seu serviço, poderá aproximar-se a dez legoas dos fortes ou postos

francezes, sem para isso obter licença expressa.

4º Aquelle dos dois partidos que, pelo tratado definitivo, receber ordem de evacuar o paiz, a executará dentro de tres mezes.

5º Os prisioneiros de guerra serão reciprocamente restituídos.

Os Portuguezes fizero huma procissão em acção de graças, e começárão a construir huma igreja dedicada a Nossa Senhora da Ajuda.

Os Tupinambas receiendo verem-se reduzidos á escravidão, por qualquer dos dois partidos que ficasse vencedor, como tinha acontecido aos Tapuyas vendidos por Pedro Coelho, depois da sua expedição de Ibiapaba, mostrão disposições hostis; mas forão apaziguados por Diogo de Campos que *Um Rivardiére* conhecia das guerras de Flandres, e pelo padre Manoel da Piedade que o commandante francez tinha chamado para conferirem com elle. Campos e o padre aproveitáron a occasião para visitarem hum convento de capuzhos onde tinham chegado ultimamente de França dezasete debaixo da direcção de Fr. Archangelo de Pembrock. Este frade lhes disse que a Rainha regente tinha tenção de chamar para França *La Rivardiére*, « homem de grandes partes, mas cujas virtudes erão maculadas pelos erros da sua abominável heresia. » Pizieu devia suceder-lhe.

Gregorio Fragoso e Dupratz foram expedidos a Paris. O primeiro era encarregado de expôr ao embaixador de Espanha os factos seguintes: o direito incontestável dos Portuguezes a estas terras onde tinham mais de tres mil colonos, e muitas cidades e villas; o estado florescente da colonia francesa que tinha achado novas madeiras de tinturaria e huma pescaria de perolas, e tinha hum porto onde acolhia os piratas que infestavão a costa do Brasil, e a de Africa que lhe fica fronteira; a detenção arbitaria de muitos Portuguezes prisioneiros, obrigados a trabalhar como escravos, para não irem descobrir estes factos aos estabelecimentos portuguezes do Brasil. Os colonos franceses pareciam dispostos a entregar-se á Inglaterra, se a França os abandonasse; mas os Portuguezes desejavão conservá-los, em razão da sua aliança com os Tupinambas, para assim debelarem os Hollandezes que se tinham fortificado no Cabo do Norte, perto da embocadura do Amazonas.

Fragoso munido d'estas instruções embarcou-se com Dupratz a bordo de hum navio frances. Diogo de Campôa partiu para Espanha; e os Portuguezes para pagar a passagem d'ele foram obrigados a vender por duzentos mil réis a caravela tomada na baía de Guaxenduba. Fez-se á vela em Janeiro 1615, acompanhado de Mr. Malhart.

A convenção foi pouco depois quebrantada pelos Portuguezes. Jerónymo d'Albuquerque tendo recebido da Bahia e Pernambuco reforços conduzidos por Francisco Caldeira Castello Branco, e tropas de Portugal debaixo de Miguel de Sequeira Sanhudo, intimou a La Vardiére a cessação do armistício, e exigiu a entrega da ilha do Maranhão como pertencendo incontestavelmente aos Portuguezes. O comandante frances consentiu em evacuar a ilha e todos os fortes dentro de cinco meses, com tanto que se lhe pagasse o valor do material que alli deixaria, e que se lhe fornecessem transportes para ello e a sua gente. Fez logo entrega (a 31 de Julho) a Caldeira do forte de Itapary, que os Francezes tinham construído na ilha do S.-Luiz.

Chegou Diogo de Campos a Lisboa no mês de Março, e informou o arcebispo de Goa, D. Afonso de Menezes, vice-rei de Portugal, dos sucessos do Maranhão. Este prelado olhando como piratas os Francezes que tinham ocupado o Maranhão, deu ordem a Gaspar de Sousa, governador de Pernambuco, que os expulsasse. Em consequência Sousa fez partir huma expedição de sete navios e nova caravelas, com novecentos homens comandados por Alexandre de Moura. Depois de alguns dias de navegação a frota entrou a 5 de Outubro na mesma

balia de Piriá onde os Francezes tinham desembarcado tres annos antes. No primeiro de Novembro seguinte Moura surgiu na baía de S.-Marcos, acompanhado de Jeronymo d'Albuquerque, e desembarcou na praia de S.-Francisco onde construiu hum forte de madeira, a que pôz o nome de *S.-Francisco ou de Sardinha*.

O forte S.-Luiz foi investido e se rendeu. O governador La Rivardiére se embarcou com quatrocentos homens. Alguns Francezes que tinham casado com mulheres indígenas, ficaram na ilha. Para perpetuar a memória d'esta vitória obtida no primeiro de Novembro, o comandante portuguez deu á ilha o nome de *Todos os Santos*, que não conservou muito tempo.

1615. — *Fundação de Belem ou Pard.* Moura em virtude da sua commissão nomeou Jeronymo d'Albuquerque capitão-mór da conquista do Maranhão, e Francisco Caldeira de Castello Branco, com a mesma patente, para governar o Grão-Pará, explorar o paiz, formar outra colónia mais perto do rio, e estabelecer os direitos da coroa de Portugal sobre o territorio adjacente. Caldeira abordou com tres navios e duzentos soldados á margem oriental do Moju, e tomando-o pelo Grande-Rio, começou a 3 de Dezembro a lançar os alicerces da cidade de Nossa Senhora de Belem, e fez construir hum forte de madeira. A situação foi mal escolhida.

Diversas nações indigenas, e particularmente os Tupinambas se oppozerão ao estabelecimento d'esta colonia, instigados pelos Hollandezes, e por alguns Francezes e Ingleses que tinham entrado no Amazonas.

1615. — *Estabelecimento da cidade de Cabo Frio.* Esta povoação situada na província do Rio de Janeiro, na borda meridional do lago Araruana perto da sua extremidade oriental, foi erigida em cidade em 1615, depois da expulsão de alguns piratas que procuravão estabelecer-se alli para fazer o commerceio de madeiras de tinturaria.

1616. — *Levantamento dos Tupinambas.* Matias de Albuquerque, filho de Jeronymo d'Albuquerque, que commandava em Cuma, tinha ido a S.-Luiz chamado por seu pa. Durante a sua ausencia vierão a Cuma alguns Tupinambas do Pará com cartas de Caldeira para Albuquerque, de que se encarregou hum Indio convertido chamado Amaro, mui affecto aos Francezes. Este fez crer que as cartas enoerravão a ordem de os fazer escravos. Cheios de indignação contra os Portuguezes, matarão cruelmente a trinta homens da guarnição, e as tribus todas tomarão as armas. Os Indios atacário o forte de Belém com grande coragem, e talvez o tivessem tomado, a não terem perdido o seu valente chefe. Pouco depois o capitão Bento Ma-

ciel chegou de Pernambuco com huma força auxiliar de oitenta Portuguezes e quatrocentos Indios disciplinados. Com esta força perseguiu os Tupinambás desde S.-Luiz até ao Pará, matando e aprisionando grande numero d'elles. Amaro foi aprisionado, e expirou pela explosão de huma peça á boca da qual foi atado, e a que se deu fogo.

1618. — A 11 de Fevereiro d'este anno morreu Jeronymo d'Albuquerque com setenta annos de idade, geralmente estimado por sua austera virtude e grande valor. Tinha nomeado por sucessor seu filho primogenito Antonio, dando lhe por adjunctos Bento Maciel Parente, e Domingos da Costa Machado; porém Antonio de Albuquerque, morto o pai, julgou não carecer de conselheiros. Machado não insistiu, mas Maciel mostrou-se resentido, e fallou com tal altivez, que o governador o prendeu e remeteu a Pernambuco para ser embarcado para Lisboa com Machado, que ia solicitar a remuneração dos seus serviços.

Discussões no Pará. — Antonio Cabral, sobrinho de Caldeira, tinha concebido mortal inimizade ao capitão Alvaro Neto, bom oficial e geralmente estimado, e hum dia encontrando-o no lugar menos publico da cidade, o matou á traição. Susejou-se hum grande clamor, acodem Paulo da Rocha, e Thadeo de Passos,

amigo de Neto, e vendo Caldeira lhe pedem justiça e o castigo do matador; mas elle também inimigo de Neto, não lhes dá ouvidos, e estes officiaes temendo o rancor de Caldeira, se refugiarão no convento de S.-Antonio. Todavia o governador dissimulou, e fez prender o sobrinho; mas poucos dias depois o soltou com o pretexto que os seus serviços eram necessários contra os Indios. Então tirando a máscara exigiu dos frades a entrega dos dois officiaes, e não anuindo estes, mandou setenta soldados para forçar o convento; o que elles repugnarão fazer. Emfim levantou-se a guarnição indignada na madrugada seguinte; prendem, mettem a ferros Caldeira, e nomeão governador Baltasar Rodrigues de Mello. Este, vista a urgencia, aceitou, e deo parte a D. Luiz de Sousa Governador general do Brasil e á corte de Madrid.

Entretanto Domingos da Costa entregou Ma-ciel a D. Luiz de Sousa que ainda residia em Olinda; mas o governador reconheceu a injustiça das acusações de Antonio Caldeira, e deo hum comando contra os Tupinambás. Confirmou Antonio de Albuquerque no governo, e nomeau-lhe por adjuncto Domingos da Costa, e em caso de empate, adjungio-lhe o ouvidor geral Luiz de Madureira. D. Antonio recusou conservar o cargo com estas

condições, dimittio-se, e partiu para Madrid.

No mesmo navio que tinha conduzido Domingos da Costa a S.-Luiz, partiu também Jeronymo Fragoso de Albuquerque, primo do Antonio, a qual fora nomeado capitão-mór do Pará. Levava ordem de embarçar presos para Portugal o matador Cabral, seu tio Caldeira, os dois oficiais autores da sublevação, o Baltazar Rodrigues, por ter aceitado o governo.

Nada pode igualar a crueldade de Bento Maciel na guerra que fez aos Indios da província; desde a margem oposta á illha do Maranhão até á cidade de Belem, por tudo a ferro e fogo, matando ou reduzindo á escravidão os desgraçados indigenas. Em vão lhe fez representações o governador do Pará, sobre tão barbaro e impolítico procedimento. Replicou Maciel com arrogância tal, que Fragoso de Albuquerque resolveu tirar o mando a este deshumano devastador; mas huma morte imprévista o arrebatou tão rapidamente que só teve tempo para designar a seu primo Mathias de Albuquerque por seu successor. Os colonos não quizerão reconhecê-lo, e a autoridade foi disputada entre diversos concurrentes. Finalmente ficou o governo em mãos de Pedro Teixeira, havendo o sanguinário Maciel, que pretendia, sido expulso pelo povo. Em vão tentou elle voltando á cidade tramar huma

conjuração contra Teixeira, porém vendo pela vigilância d'este frustrados os seus malevolos intentos, foi edificar hum forte nas fozes de Itapicuru.

A colónia de Maranhão prosperou constantemente debaixo da administração de Domingos da Costa, e desde a morte de D. João III nunca a metrópole tinha posto tanto desvelo na conservação dos estabelecimentos do norte do Brasil, cuja importância começava a conhecer.

1621. — Jorge de Lemos Betencourt, debaixo da promessa de huma commanda, trouxe das ilhas dos Açores duzentos colonos, que forão em breve seguidos por mais quarenta. Este reforço chegou a propósito para reparar as perdas de gente causadas pelas bexigas, de que os Índios aliados tinham sofrido muito. O governador dos Açores, que era da família Betencourt, tinha feito hum contracto com o governo para fornecer colonos ao Brasil, o que foi de grande proveito, por serem em geral homens laboriosos e atilados.

CAPITULO V.

O Brasil debaixo de Felippe IV. — 1621 a 1640.

1621 a 1622. — Morto Felippe III, sucede-lhe seu filho Felippe, quarto de Espanha e terceiro de Portugal; e em 1622 nomeou Diogo de Mendonça Furtado Governador general do Brasil, o qual trouxo consigo Antônio Moniz Barreiros, rico habitante de Pernambuco, em qualidade de provedor-mór da fazenda real, obrigando-se elle a estabelecer fabricas de resinação do assucar no Maranhão. Para facilitar a execução d'este projecto exige Barreiros que fosse nomeado seu filho governador de S.-Luiz, o que conseguiu apesar da pouca idade d'elle, dando-lhe para o aconselhar o padre Figueira, jesuíto, que com outro padre da Companhia tinha vindo da Europa com Barreiros. Apenas estes dois religiosos chegáram ao Maranhão logo os habitantes se ligaram contra elles, convencidos que se declarariam contra o sistema de opressão dos Índios seguido pelos colonos. Chegou o furor do povo

a tal excesso que o senado da Camara para salvar os dois jesuitas, vio-se obrigado a requerer a sua expulsão da ilha. O padre Figueira, presente à deliberação, protestou que antes se deixaria fazer em pedaços, que consentir em infamar o proprio caracter faltando ao seu dever.

O novo capitão-mór e o seu predecessor Domingos da Costa procurarão apaziguar o povo, mas para o conseguir tiverão os jesuitas que assignar hum termo, obrigando-se a não se intrometer com os Indios escravos sob pena de serem banidos, e de perderem os padres todas as possessões que tinham na ilha.

Por esta mesma epocha, conseguiu Maciel ser nomeado capitão-mór do Pará, e fez huma horrivel matança dos Tupinambás em diversas expedições sucoessivas commandadas por Teixeira, agora seu ajudante.

1625. — Na primavera d'este anno, chegou de Madrid Luiz Aranha de Vasconcellos, com a commissão especial de explorar o rio das Amazonas e reconhecer todos os pontes da sua embocadura, que estavão então ocupados pelos Hollandezes ou por aventureiros. Devia abordar a Belem, e ahi decidir-se em conselho de que lado começaria as suas indagações. Concluiu-se que fosse da banda do sul, onde se suppunha estarem estabelecidos alguns armadores hollandezes.

Correu então a notícia, que Vasconcellos estava no rio Curupa cercado pelos Índios. Partiu imediatamente Maciel a socorrê-lo, com setenta soldados portugueses e mil Índios frêcheiros embarcados em huma caravela e vinte e duas canoas de guerra. Encontrarão Vasconcellos que retrocedia, sendo falso o haver sido cercado. Tinha encontrado aventureiros habitando, tanto sobre o rio Curupa, como nas margens do rio Amazonas, e não pôde efectuar a sua exploração por falta de forças suficientes. Determinarão por tanto começar do novo a exploração com Teixeira em huma caravela, em quanto Maciel costeasse com as mais embarcações para sondar e examinar todos os rios até ao Curupa, onde se devia reunir toda a expedição. Effectuou-se esta junção não sem custo, por quanto Teixeira correu grande risco entre os baixos, pelas correntes, tempestades e navios inimigos que frequentavão estes paragens. Outro destacamento que devia seguir Maciel, chegou do Pará.

Tornarão a fazer-se á vela, e encontrarão sobre as margens do Curupa muitos aventureiros Franceses, Ingleses e Hollandezes entrincheirados, e auxiliados por hum grande numero de Índios. Desalojou-os Maciel das trincheiras, queimou-lhes as fátorias e adiantou-se para a ilha dos Tacujós, huma das situadas

na embocadura do rio Amazonas. Havia também alli algumas feitorias bem fortificadas, que forão todavia desamparadas logo que apareceu a esquadriilha portugueza. Em quanto Maciel perseguia os fugitivos no interior da ilha, soube que hum navio de alto bordo viera em seu alcance; voltou logo a atacá-lo, pôz-lhe fogo, e da tripolação só hum grumete escapou.

Intentara Maciel de principio formar hum estabelecimento na ilha dos Toejós, mas renunciando a este designio remontou o Curupa, e em hum lugar chamado Marcocay, fez elevar hum forte, que ainda hoje conserva o nome de S.-Antonio que elle lhe deu. Tendo assim conseguido o fim que se propuzera, voltou a Belem. Desde esta expedição tomou Maciel com ostentação o titulo de *primeiro investigador e conquistador dós rios Curupa e Amazonas*. Aranha de Vasconcellos, que o precedera, assumiu o mesmo titulo; mas a pueril vaidade de ambos não tinha fundamento algum. Orelhana e Aguirre tinham explorado o Amazonas, e o labyrintho de ilhas e baixos que Maciel achava de passar tinha sido explorado pelo sèculo antes pelo piloto da costa chamado Marinho, cujos roteiros ainda conservavão para por elles se governarem aquelles que empregavão em a difícil navegação.

1624. — Estas novas conquistas foram justamente consideradas pelo governo hespanhol como importantissimas, e derão lugar à nova divisão politica do Brasil. Em 1624, a Corte de Madrid separou as possessões do Maranhão e do Pará do Governo geral do Brasil, debaixo do titulo de *Estado*. Francisco Coelho de Carvalho foi o primeiro Governador d'estas possessões unidas.

Formação da Companhia Hollandeza das Indias Occidentaes. — A intoleravel oppressão de Felippe II provocou a obstinada resistencia dos habitantes das provincias de Hollanda e Zelandia, e fez de hum limitado territorio em grande parte pantanoso, e a gran custo defendido por diques contra a inundação do mar, hum estado poderoso que dentro de breves annos obrigou o orgulhoso monarca da Hespanha a reconhecer a sua independencia, e a firmar com os Estados-Geraes huma tregoa de doze annos. Este prodigioso resultado foi devido ás instituições livres adoptadas por huma nação cansada de obedecer ao poder arbitrario de despotas e tyrannos. Felippe IV, em idade de dezaseis annos, incapaz de reinar, entregou-se ao conde (depois duque) de Olivares, ambicioso sem talento, que acelerou a ruina da Hespanha e o desmembramento d'aquelle immensa monarchia. Rompeo a tregoa feita com

os Hollandezes, durante a qual estes activos republicanos consolidarão o seu poder e gran-geárão grandes riquezas, creárn̄o huma formidável marinha militar, e cobrirão os mares dos seus navios mercantes. Aproveitando a inóuria da Corte de Madrid, e o decadente poder dos Portuguezes na India, apoderarão-se das Molucas, dos portos de Java onde fundarão Batavia, e de muitos outros estabelecimentos fundados com tanto custo pelos Portuguezes na epocha da sua gloria. Agora calculando as vantagens commerciazes que resultarião da conquista do Brasil, e a grande utilidade de obrigar a Hispanha a dividir as suas forças na nova lucta que se preparava, resolvérão os Hollandezes formar outra companhia semelhante á das Indias Orientaes qua tanto tinha prosperado. Foi projectada a 5 de Junho de 1621 por João Usseling de Anverea. Os principaes negociantes de Amsterdam offerecerão aos Estados Geraes fazer a conquista do Brasil, com condição de conservarem por hum certo numero de annos a posse d'elle. Os Estados Geraes, desprezando os futeis argumentos dos que erão oppostos ao projecto, o acolheo favoravelmente, e concedeo á nova Companhia o privilegio exclusivo de commerciar no Brasil por espaço de trinta annos, contados desde 1624. Esta associação composta de negociantes e proprietá-

ção repartiu-se em quatro camaras, estabelecidas em Amsterdam, na Zelandia, em Rotterdam, e na Hollanda Septentrional. A primeira devia entrar com a metade dos fundos, a segunda, com hum quarto; e as duas outras com hum oitavo cada huma. Os Estados Geraes se obrigaram a contribuir com hum milhão de florins pagos dentro de cinco annos, e a fornecer dezenas de guerra e quatro fragatas. Além disso, prometerão outros auxílios, em caso de necessidade, e prohibirão aos outros cidadãos o commerciar com o Brasil e com a costa opposta de Africa, situada entre o cabo da Boa Esperança e o tropico de Cancer.

As camaras nomearão administradores particulares em cada cidade livre, e dezanove directores geraes, escolhidos entre as personagens as mais opulentas. O principe Mauricio foi nomeado chefe honorario da Companhia. Os directores devião residir na Haia, munidos de amplos poderes para nomear a todos os empregos civils, administrativos, militares e judiciais; erão encarregados de tudo o que dizia respeito à guerra, à marinha, à justiça, e de propagar a religião christana no Brasil. Tinhão a faculdade de equipar ou fretar navios, de alistar soldados, de registrar os navios voltando da America, de distribuir a cada camara e vender as carregações, em proporção do nú-

mero de acções respectivo. Devido dar contas á Sociedade de seis em seis annos.

Expedição holandesa contra o Brasil. — Esta expedição constava de trinta e dois navios de vinte e oito a trinta e seis peças, com mil e seiscentos soldados, alistados por tres annos e pagos adiantado. Treze destes pertenciam ao Estado; os outros erão da Companhia. Esta frota bem provida de artilharia, munições e mantimentos para dois annos, era comandada pelo almirante Jacob Willekens, natural de Amsterdam, oficial mui habil de mar e terra. A infantaria era capitaneada pelo coronel João Van Dort, homem de reconhecido valor e experiência. Partiu do Texel a 22 de Decembro 1625, e chegou a 29 de Janeiro 1626 á altura das ilhas do Sal, e de S.-Antonio, onde hum temporal dispersou a frota. Juntou-se de novo na ilha de S.-Vicente de Cabo-Verde, onde se demorou cinco semanas para se refazerem. Seguindo então sua derrota, foi segunda vez dispersada a 12 de Abril por huma violenta tempestade. Van Dort com algens navios foi lançado pelos ventos perto da costa de Serra Leda. O almirante Willekens tendo passado seis graos ao sul do equador, a 21 de Abril, abriu os despachos sellados, que lhe ordenava de ir ocupar a Bahia de Todos os Santos. Continuou a viagem com vinte e cinco navios,

e sete lanchas armadas, e chegou a 9 de Maio ao Morro de S.-Paulo, a doze legoas da Bahia, onde esperou por Van Dort.

O Governador e Capitão General do Brasil Diogo de Mendonça Furtado, avisado da chegada de hum navio d'essa armada pelo capitão do posto de Boypeba, fez ajuntar toda a gente capaz de pegar em armas, e tirou de quatorze navios da frota de Angola os poucos soldados que tinham a bordo, (sete ou oito em cada um). No dia vinte e cinco o capitão de Sereipe deu aviso que sete navios grandes da frota inimiga se achavão entre aquelle rio e o de S.-Francisco, e era presumivel que não vinham unicamente buscar madeiras de tinturaria. O Governador tendo ajuntado mil e seiscentos homens do infantaria, os repartiu em quinze companhias, das quaes postou sete na praça d'armas, seis na cidade, e duas em S.-Antonio, onde o inimigo podia desembarcar com maior facilidade que nos outros pontos igualmente accessíveis de toda a praia que se extendia duas legoas alé Tapagipe. O forte novo da cidade foi guarnecido de seis peças e cinqüenta gabices, e a praça bem fortificada tinha huma guarnição de quatro companhias de soldados. Assentou-se huma bateria de seis peças na cidade¹,

¹ A cidade continha então mil e quatrocentas casas, e sete conventos.

HISTORIA

e outra de quatro junto á pessoa do Governador. Seiscentos fusileiros forão reservados para a defesa de outros pontos. Os fortes de Tapajipe, e S.-Antonio forão garnecidos o melhor que foi possivel, e abriu-se trincheiras para obstar ao desembarque do inimigo. A barra, onde havia sete a oito braças de fundo, foi protegida por hum forte garnecido de artilharia. O bispo D. Marcos Teixeira usou de toda a sua influencia para excitar os cidadões e os soldados a defender os seus lares, e até ofereceu marchar á sua frente¹.

Havia quatro semanas que o inimigo estava nestas paragens. Os soldados do Reconcavo pedião licença de voltar a suas casas para se proverem do necessario, e o Governador não poude retê-los. Neste comenos as sentinelas descobrirão a armada inimiga. No dia seguinte (10), a armada hollandeza entrou na baia, apesar do fogo da bateria de S.-Antonio, e das de dezoito navios mercantes, e do valor dos Portuguezes animados pelo bispo que andava em huma chalupa expondo-se a todos os perigos. O vice-almirante Pedro Heyne tomou dezascis navios portuguezes, apossou-se de huma bateria de oito peças, e expulsou d'ella seiscentos

¹ Brito Freire diz pelo contrario, que o bispo se oppôs á chamada das forças do Reconcavo.

lumiças que a guarnecião. No mesmo dia desembarcaram mil e quinhentos soldados encalhados, os quais, por hum caminho tortuoso e emaranhado de arbustos, ganharam a altura perto da ermida de S.-Pedro. Os habitantes espavoridos fogem levando o que possuem de mais precioso, e apesar de haver na cidade cinco mil capazes de tomar armas, foi cobardemente abandonada por culpa dos chefes. Os Portuguezes fizeram alguma resistencia no convento de S.-Bento, no collegio dos Jesuitas e no mosteiro de S.-Francisco. O Governador com sessenta soldados tentou resistir, mas vendo artilharia assentada contra o palacio onde se tinha fortificado, entregou-se com seu filho, e ambos foram embarcados para Hollanda. Os historiadores Portuguezes não só procuram desculpar o Governador, mas até dão louvores exaltativos ao seu valor; porém he manifesta a sua incapacidade e incuria. Talvez fosse valente de sua pessoa, mas por certo era inútil capitão.

Van Dort que estava com parte da armada perto do Morro de S.-Paulo, entrou na bahia com doze navios. Na sua ausencia entraram os marinheiros e soldados pelas igrejas, e roubaram os vasos sagrados e muitas imagens de prata. Van Dort repartiu a sua tropa pela cidade, e examinou os diversos pontos que convinha fortificar. Para conciliar a amizade dos

Tapuyaç que os Portuguezes tinham feito escravos, prohibio com pena de morte, tratar como escravos qualquer individuo que não fosse negro de África, mulato filho de Portuguez e de huma negra, e os mamaluços ou mestiços nascidos de mui India e de poi Portuguez. Proclamou huma inteira liberdade de consciencia a todos os que se submettessem, prestando julgamento de fidelidade e obediencia aos Estados Geraes e ao principe Mauricio. No espaço de dois mezes mil duzentos habitantes, comprehendidos dois Judeos, prestarão juramento ao Governo hollandez.

O almirante expedio para os portos da Holanda nove navios, carregados dos productos os mais preciosos da terra, como azeite, pao Brasil, gingivre, tabaco, e duas mil libras de prata achada nas prezas.

Senhores de S.-Salvador, os Hollandezes resolvêrão atacar os outros estabelecimentos Portuguezes do Brasil; e da costa de África.

O bispo D. Marcos Teixeira, acompanhado de algumas officiaes civis e ecclesiasticos, tinha-se retirado ao Espírito-Santo, aldeia de Indios, e residencia dos Jesuitas junto ao Rio-Vermelho a huma legoa da cidade. Os habitantes dispersos pelos bosques se reunirão, e considerando o Governador Furtado de Mendonça como morto civilmente, as autoridades civis e ecclesiasticas

abriu os despachos d'Elrei, em que Mathias de Albuquerque era designado sucessor ao governo, o qual estava então governando Pernambuco fazendo as vezeade seu irmão Duarte Coelho. Por conselho do bispo começáro a fortificar os lugares mais proximos da cidade. Antão de Mesquita de Oliveira, Ouvidor geral do Brasil, foi nomeado chefe de seis companhias commandadas pelos capitães Lourenço de Brito, Lourenço Cavalcante d'Albuquerque, Francisco de Barbuda, Melchior da Fonseca, e Diogo da Silva. A direcção das operações militares foi confiada aos coronéis Antonio Cardoso de Barros¹, e Lourenço Cavalcante d'Albuquerque. O bispo, tomando por estendarte hum crucifixo, aceitou o commando. O numero dos Portuguezes reunido neste lugar era de perto de quatrocentos; com duzentos e cincuenta Indios civilizados, e tinham nove peças de artilharia de hum nayo que escapara.

Abriram trincheiras para defender os postos; e armaram ciladas aos Hollandezes, em algumas das quaes forao mortos ou aprisionados alguns inimigos. A 15 de Junho Van Dorf fez huma sortida para reconhecer o acampamento portuguez; pelo sitio chamado *Agua das Meninas*, e encontrou hum destacamento

¹ Recha Pita o de nomina *José Barros Cardoso*.

ás ordens do capitão Franciso de Padilha, chefe dos estabelecimentos do Rio-Vermelho, o qual atacou Van Dort e o matou da sua própria mão. A cabeça do chefe hollandez foi mandada ao Bispo. Foi grande perda para os invasores, por ser oficial mui distinto que tinha militado trinta annos. O mestre de Campo Alberto Schoutens, nomeado em seu lugar, morreu de hum tiro de mosquete poucos dias depois. Seu irmão Wilhem que lhe sucedeu, não pôde manter a disciplina, e os Hollandezes foram maltratados em alguns combates. No dia 3 de Setembro hum pequeno corpo de tropas capitaneado pelos capitães Antonio de Morales, Francisco Brandão e Antonio Machado matou quarenta e cinco Hollandezes e feriu muitos. O capitão Alfonso Rodrigues Adorno, atacou em outro ponto hum destacamento Hollandez que tentava apoderar-se de hum engenho de assucar na ilha d'Iparéa, matou treze e feriu dois, com algumas barcas cheias de munições. Em outros encontros, a 12 e 15 de Outubro, ficou também a vantagem aos Portugueses.

Máthias de Albuquerque, não julgando prudente sahir de Pernambuco, nomeou para chefe das forças do Recôncavo a Francisco Nunes Marinho d'Eça, oficial experimentado, que tinha servido na Índia, e em outros pa-

DO BRASIL.

zes, e tinha sido capitão-mor da Paraíba. Este partiu com muitas munições, para socorrer, não só esta capitania, mas também as de Sergipe, Ilheos e Porto Seguro. Os Portuguezes continuaram a inquietar os Hollandezes. O Bispo reassumiu as suas ocupações eclesiásticas.

Na mesma época D. Francisco de Moura, nascido no Brasil, e Governador de Cabo-Verde, que tinha militado na Índia, partiu por ordem d'Elrei com o título de Governador e Capitão-general do Brasil. Chegou a Pernambuco, e a 3 de Dezembro ocupou-se em fazer resenhas das forças militares da capitania. Na praça havia duzentos e quarenta homens, e duzentos e onze nas estâncias vizinhas, e na proximidade da cidade, trezentos e sessenta e seis. Soubê por Manoel de Sousa de Eça, que no Recôncavo havia dois mil homens capazes do serviço militar.

Entretanto o almirante Willekens fez-se rela para Hollanda com onze navios, deixando o comando da esquadra ao vice-almirante Heyne, o qual poucos dias depois partiu com o fito de surpreender Angola e fazer escravos. O Governador Fernão de Sousa tinha recebido recursos, e Heyne não se julgando com forças suficientes para realizar o seu projecto, voltou à Bahia com boas prezas que tinha feito. Pouco depois fez huma tentativa infrutífera contra o

Espirito-Santo. Salvador de Sá, filho do Governador do Rio de Janeiro que alli se achava com reforços para o Recôncavo, repeliu os Hollandezes em dois ataques, e os obrigou a se retirarem com perda de sessenta homens. Quando Heyne voltou a S.-Salvador em 1625, achou já a cidade em poder de huma esquadra holpanhola e portugueza, e não tendo forças sufficientes para a atacar, voltou à Europa.

A Companhia hollandeza, querendo conservar a conquista de S.-Salvador, expediu em Outubro, para aquelle porto, alguns navios bem guarneçidos, e em Dezembro huma esquadra de vinte e hum navios de guerra debaixo do mando do almirante João Dijks Lam; mas esta armada foi mui retardada por ventos contrários.

1624.—*Missoes do Maranhão.* Frei Christoval de Lisboa, religioso franciscano, guardião da sua ordem, e visitador e commissario da inquisição, chegou a Olinda, com um reforço de capuchos para as missões do Maranhão. Revestido de poderes para tirar aos colonos toda a autoridade sobre os Indios alliados, partiu com os frades para S.-Luiz, onde não encontrou dificuldade em exercer com os daveres do apostolado. Não foi assim em Belém, onde o senado da camara suspendeu a execução do edicto, debaixo do pretexto que devia primeiramente

ser notificado ao Governador, então ausente. Frei Christovão julgou prudente conformar-se a esta decisão, e no em tanto tentou huma expedição para explorar o rio Tocantins. De volta fulminou huma carta pastoral e huma excomunhão contra todos os oponentes; mas a camara persistiu, e o frade vio-se obrigado a ceder.

1625. *Fundação da cidade da Parnaíba, na capitania do S.-Paulo.* — Esta cidade he situada na margem esquerda do rio Tieté a perto de cinco legoas ao oeste de S.-Paulo.

1625. *Expedição da armada combinada de Espanha e de Portugal, destinada a expulsar os Hollandezes do Brasil.* — A Corte de Madrid, informada da tomada da Bahia, resolveu mandar huma força formidável que de hum golpe recuperasse a importante cidade de S.-Salvador, e anniquilasse todos os projectos da Holanda contra o Brasil.

Grande foi a consternação em Portugal quando se soube a ocupação da capital do Brasil; fizerão-se preces, novenas, e procissões, e tomárão-se meios mais eficazes para expellir os Hollandezes. A cidade de Lisboa se taxou em cem mil cruzados, o duque de Bragança deu duzentos mil cruzados, e o duque de Caminha dezaseis mil e quinhentos. As pessoas as mais distintas se oferecerão a partir como vo-

juntarios; e em quanto se apromptava huma forte armada expeditão-se de Lisboa quatro expedições, a primeira para auxiliar os Portuguezes do Reconcavo da Bahia, debaixo de D. Francisco de Moura Rolim, a segunda para Pernambuco, a terceira para o Rio de Janeiro, e a quarto para Angola.

A expedição portugueza era commandada por D. Mendel de Menezes, e a armada portugueza levava por almirante D. Francisco d'Almeida: constava de dezoito naos e quatro caravelas¹, e levava quatro mil homens a bordo. Saílo de Lisboa a 15 de Novembro de 1624, e dirigio-se ás ilhas de Cabo-Verde a esperar a grande armada de Castella, que não pôde apromptiar-se com tanta brevidade. Ali andou pairando, e perdeu muita gente de doença; e nao Nossa Senhora da Conceição, capitão Antonio de Menezes Barreto, foi a pique nos escóhos de Santa Anna. Constava a armada hispaniola de vinte e dois galcões, e dezesete ou dezoito embarcações menores. Levava oito mil homens de infantaria, e dois mil e setecentos marinheiros, alem de officiaes, e criados. Era commandada por D. Fadrique de Toledo Osorio, marquez da Villanueva e de Valdueza, Capitão-general da armada do Oceano, o qual nomeou almirante

¹ Raphael de Jesus diz que era de vinte e seis naos.

general D. João Fajardo de Guevara, general da esquadra do estreito de Gibraltar, e conselheiro de guerra. D. João de Orellana era Mestre de campo, e o capitão Francisco de Murga Sargento-mor. Os mais dos oficiais pertenciam á famílias nobres. Sahio da bahia de Cadiz a 14 de Janeiro de 1625 e chegou a Teneriffe a 24; a 6 de Fevereiro arrivou á ilha de Maio para reparar duas galeras, e a 11 do mesmo mês fez a sua junção diante da ilha de Santiago com a esquadra portuguesa, e a 27 chegaram á costa do Brasil a três leguas da bahia de Todos os Santos. No dia seguinte expôs o general o capitão José Hurtado acompanhado do piloto Sebastião Lanreiro, para reconhecer as forças dos Hollandezes. Segundo a informação d'elles constava a força inimiga de mil e quinhentos soldados hollandezes, mil e oitocentos ingleses, escoceses, valões, franceses, allemaes, judeus, e muitos negros. No porto estavão fundadas doze naos; a cidade e os tres castellos eram guarnecidos de cento e cincuenta e seis peças de artilharia. D. Francisco de Moura Rossini tinha novecentos homens á sua ordem na Reconceição.

A 29 de Março entrou na bahia a esquadra combinada; Schoutens quidou ser a hollandeza que esperava por dias. No 51, desembarcaram defronte do castello de S.-António dois mil ho-

mens de infantaria castelhana, mil e quinhentos, Portuguezes, e mil e quinhentos Napolitanos; ao mesmo tempo a esquadra tomou huma posição conveniente para interceptar todos os soccorros, que por mar podessem vir aos Hollandezes. Abriu-se huma trincheira, e estabeleceu-se huma bateria de 57 peças. Os Hollandezes, capitaneados por João Quif, fizerão huma sortida por hum caminho encoberto com dois corpos de trezentos homens cada hum, surprehenderão o posto de S.-Bento, e matarão muita gente aos Illespanhóes, e entre elles o Mestre de campo D. Pedro Ossorio. Os sitiados tentarão em vão incendiar a esquadra inimiga, e ao mesmo tempo fez-se á vela a esquadra holandeza: a hespanhola a perseguiu e pôz em grande perigo, obrigando-a a abrigar-se debaixo da artilharia dos fortes; mas não obstante ferão quasi todos os navios hollandezes metidos a pique por duas baterias assentadas na rocha viva, que se rompeu para dar passagem ás peças. Depois d'este feito a guarnição hollandeza, forte de dois mil homens, descontente do seu commandante, o destituiu e prendeu, pondo em seu lugar o valente Quif; mas as tropas auxiliares estrangeiras estavão mui descontentes em razão das privações que sofrerão, e Quif viu-se obrigado a capitular. A 28 de Abril, diz do Laet, a cidade foi retomada, parte pela cobardia do

Governador, e parte pela traição de alguns capitães e soldados. No sobredito dia, Quis propôz condições que foram aceitadas a 30 pelo General hespanhol, o qual se obrigou a fornecer navios armados, e mantimentos, para conduzir a guarnição aos portos de Hollanda. No primeiro de Maio entrou D. Fadrique na cidade, de que tomou posse em nome de Felippe IV. Achou nella mil novecentos e dezanove soldados, perto de seiscentos negros, quarenta e duas peças de bronze na cidade e nos fortes, quatorze a bordo dos navios, e cento setenta e nove peças de ferro, cincocenta e duas nos navios e as outras em terra, trinta e cinco pedreiros e muitas espingardas e munições de guerra. No porto havia seis navios, e nos almazens oitenta e nove caixas de açucar, duas mil pipas de vinho, etc. Nos cofres acabão trezentos mil ducados de prata, e seis mil cento e setenta e seis marcos do mesmo metal em barras. Faria e Sousa avalia as mercadorias tomadas em hum milhão de cruzados.

O General hespanhol conferio com os principaes officiaes á cerca do melhor meio de pôr a cidade e a província em estado de defesa, quando huma caravela expedida de Teneriffe entrou na Bahia, trazendo a noticia que a esquadra hollandeza, destinada para o Brasil,

tinha passado a 6 de Abril entre aquella ilha e as Canarias.

Esta esquadra, que tinha sahido de Hollanda no mez de Março, constava de trinta e tres ve-
las, e era commandada pelo almirante Baldu-
ino Henrique Leclerc. Chegou diante da Bahia a 23 de Maio, mas achando a cidade em poder dos Hespanhoes, e protegida por huma força naval superior, fez-se na volta do mar diri-
gindo-se a Pernambuco, e foi lançada por ven-
tos ríjos sobre a barra da Paraíba. Não poden-
do entrar, passou o Cabo - Branco perto da
bahia da Traição, a cinco legoas mais ao norte,
onde desembarcou os doentes, e com ajuda
dos Pitagoares, começou a entregarheirar - se.
Porém Alfonso de França, capitão-mór da Pa-
ralba, deslancou trezentos Indios Tabajares com
alguns soldados debaixo do mando de hum of-
ficial habil, para desalojarem os Hollandezes,
e Mathias d'Albuquerque mandou quatro com-
panhias debaixo de Francisco Cœlho de Carva-
lho, governador do Maranhão e Pará. Embar-
cárão-se a bordo de quatro caixas armadas de
dezoito peças, com abundantes munições e
viveres. Estes dois corpos reunidos atacão os
Hollandezes com tanto ardor que lhes matáron
quarenta homens e trinta Indios, alem de
maiôr numero de feridos. Os Portuguezes não
perderão mais de cinco homens. Hum resorço

de sete companhias de infantaria lhes veio de Pernambuco, e outro da Paraíba; o que decidio o commandante hollandez a retirar-se. Com esseito as suas forças estavão reduzidas a mil marinheiros, e oitocentos e trinta soldados. Dividio a sua esquadra em duas; huma tentou apossar-se de Porto-Rico, mas foi repellida; a outra procurou surprehender o forte S.-Jorge da Mina, mas foi igualmente bahlada esta tentativa, e huma mortisfera epidemia, de que foi victimo o almirante, fez grande estrago nas tripolações. A armada voltou aos portos de Hollanda.

D. Fadrique de Toledo deixou huma forte guarnição em S.-Salvador ás ordens do Governador D. Francisco de Moura Rolim, e começoou a dispôr-se a voltar a Hespanha, levando consigo os priuioneiros de guerra hollandezes, e teve duzentos e cincoenta marinheiros d'essa nação para serviço da armada, que se fez á vela a 4 de Agosto, e chegou a Pernambuco a 21, tendo sido contrariado pelos ventos. Huma caravela expedida de Lisboa pelo marquez de Linijosa trouxe aviso que huma armada de cem vélas cruzava para interceper os galepes de Hespanha. D. Fadrique fez-se á vela a 25, e para evitá a esquadra ingleza, dirigio-se para a costa de Barberia pela latitude de 35°. A noticia era falsa, mas foi funesta á armada com-

binada, que, assaltada de hum syrioço temporal, se dispersou e soffreu grandes perdas. Nove naos portuguezas e tres hespanholas saírão a pique. A não almiranta deo á costa perto da ilha de S.-Jorge. O *Almirante de Quatro Villas*, commandado per D. João d'Orellana, saltou com huma preza hollandeza. Alguns navios desarvorados entrarão em Cadiz, e hum só navio portuguez a bordo do qual se achava Menezes, entrou no porto de Lisboa. Elrei de Hespanha, para remunerar os Portuguezes que tinhão servido na expedição, concedeo a todos elles empregos ou pensões vitalicias.

Os Hollandezes continuavão a mandar pequenas esquadras ás costas septentrionaes do Brasil, que duas vezes atacarão o forte do Ceará, mas forão repellidos por Martinho Soares com perda consideravel. Hum corpo de duzentos Hollandezes penetrou em Curupa e foi expulso por Teixeira, que os perseguiu até ao rio Felippe.

1626 a 1627. — *Segunda expedição de Heyne contra a Baluia.* Esta expedição composta de oito naos e cinco navios ligelror, depois de tocar em Serra-Lêda a refazer-se de mantimentos, continuou a sua derrota á costa do Brasil, e apresentou hum navio portuguez vindo de Angola com trezentos escravos. A 3 de Maio chegou á Babia.

Diogo Luiz de Oliveira, que havia militado em Flandres, tinha vindo render D. Francisco de Moura Rolim (1626). O novo Governador, temendo hum ataque, fez todas as disposições necessárias para defender o porto. Poz dezaseis navios carregados que estavão na bahia, debaixo da protecção do forte do interior do porto garnecido de quarenta peças. Quatro navios de maior porte tinham a bordo tropas e artilharia. Não obstante estes meios de defesa, Heyne penetrou com a nao almiranta por entre as baterias fluetuantes, metteu huma a pique e tomou as outras. Não podendo os Portuguezes atirar sobre Heyne sem offendêrem as suas proprias embarcações, o almirante hollandez cortou os amarras aos navios e os tomou. A sua nao maltratada do combate foi dar á costa perante dos fortes; Heyne lhe poz fogo e fez passar a gente d'ella para a vice-almiranta, contra a qual dirigirão os fortes toda a sua artilharia, e a fizerão ir pelos ares com trezentos marinheiros e soldados, salvando - se apenas cinco ou seis. Outro navio, denominado o *Oranger*, saltou também com sessenta e tres homens. Heyne todavia conseguiu ficar de posse dos navios Portuguezes; guardou quatro para augmentar a sua esquadra, expedio hum para Hollanda, e queimou os outros. O despojo consistiu em duas mil e quinhentas caixas de açúcar, e huma

quantidade consideravel de madeira de tinturaria, de algodão, tabaco e coirama. Demorou-se ua bahia vinte e quatro dias, e depois de hum cruzeiro ao sul voltou ao porto a 10 de Julho, meditando a empreza nao menos arriscada de tomar quatro navios que remontavão huma das correentes do Reconcavo, perto da ilha de Marcos. Encontrou dois, cerca de duas legoas da embocadura, apossou-se de hum, e tirou boa parte da carregação do outro debaixo da artilharia que os protegia. Tinhao a bordo novecentas caixas de assucar, muito tabaco e outras mercadorias. Os Portuguezes tinham feito hum entrincheiramento na embocadura do rio, mas Heyne conseguiu ferçar o passo com a sua preza. Padilha, que tinha morto Van Dort, perdeo a vida neste combate.

Depois d'este feito Heyne sahio do Reconcavo a 14 de Julho, fez-se á vela e chegou a Holanda carregado de ricos despojos a 25 de Outubro.

1627. — *Estabelecimento de Serinhaem.* Foi fundada esta villa na margem elevada do rio d'este nome, a menos de duas legoas da sua embocadura na província de Peruambuco, com o nome de Villa Formosa.

1628. — *Colonia hollandeza estabelecida na ilha de Fernão de Noronha.* Esta colonia, formada por Cornelio Jol, que infestava a costa

do Brasil, foi depois destruída por huma expedição feita por ordem do Governador do Brasil. A ilha foi retomada pelo mesmo Jol, em 1635. *

1628. — *Nova expedição hollandeza debaixo da mando de Pedro Hoyne, e Henrique Lonck vice-almirante.* A Companhia hollandeza, desejando aprezar os galeões da Nova Espanha, armou com este fim huma esquadra de vinte e quatro navios montando seiscentas e vinte e tres peças, e levando dois mil seiscentos e quarenta e quatro marinheiros, e oitacentos e noventa e quatro soldados. Heyne sahio do Texel a 20 de Maio, encontrou os galeões a 9 de Septembro perto do Golfo do Mexico, e apreou dez d'elles apesar da resistencia de D. Juan Benavides. Oito ou novo galeões que escaparão e se achárem á baília de Matanzas, se entregárao no dia seguinte. Estes galeões destinados para Cadiz, ião carregados de prata em barras e moedada. As prezas forão avaliadas em cinco milhõem de cruzados.

1629 a 1630. — *Segunda expedição hollandeza contra o Brasil.* A Companhia hollandeza, decidida a tentar outra expedição para se apossear do Brasil, fez huma representação aos Estados Geraes em que expunha as grandes vantagens quo resultariao da realização de hum tal projecto. Eis aqui as principaes considera-

ções que allegúrão para obter a cooperação do Governo da republica : 1º A grande extensão de costa ocupada pelos Portuguezes em forças diminutas, não possuindo em toda ella mais que duas cidades, Pernambuco e a Bahia de Todos os Santos; de modo que tomados estes dois estabelecimentos, a Companhia ficaria senhora de todo o Brasil, cujo territorio excedia em extensão a Allemanha, a França, a Inglaterra, a Espanha, a Escocia e as dezaseste Províncias-Unidas. 2º Os indigenas farião pouca resistencia, e muitos d'elles, inimigos dos Portuguezes, serião favoraveis aos Hollandezes, particularmente tratando-os com humildade, e não tentando mudar os usos e costumes dos selvagens. 3º As praças sobreditas serião facilmente rendidas por huma forte expedição, visto estarem mal guarnecidias, e não poderem resistir a hum ataque feito de improviso. 4º Apenas tomadas, facil seria obter mantimentos do interior. 5º Os Hollandezes olhão esta conquista não só como mui proveitosa pela utilidade que d'ella resultará à nação, mas também pelo danno que causará a Elrei de Espanha a perda do Brasil. 6º O despojo será immenso, e as vantagens de commercio incalculaveis, pela importação do assuear e outros generos do Brasil, e frete dos navios. 7º O Brasil oferecerá a muitos individuos que

não tem meios de subsistencia, hum refagio onde poderão ganhar a vida e exercer a sua industria. 8º Humas vez senhores do Brasil e da costa de Guine, de Angola e Cabo-Verde, faremos exclusivamente o commerceio da escravatura, não necessário à cultura do tabaco e da canna.

O Congresso dos Estados Geraes, penetrado da solidez d'estas considerações, concedeu á Companhia licença para armar huma esquadra de setenta navios, que devião levar treze mil homens, a saber: oito mil soldados, e cinco mil marinheiros.

A expedição, composta de quarenta e seis navios com tres mil e quinhentos soldados e perto de quatro mil marinheiros, era comandada por Pieter Adrian, em qualidade de general, e por Henrick Lonek, tenente general; Justo Van Trappe de Bankart era vice-almirante, e o coronel Theodoro Wardenburg, engenheiro habil, commandava as tropas de desembarque. A armada sahio dos portos de

¹ Albuquerque Coelho avalia a força hollandesa em tres mil e seiscentos soldados e quatro mil marinheiros. Bruto Freire diz que a frota constava de sessenta e quatro navios, levando a bordo seis mil e duzentos e oitenta homens. Rocha Pitta quer que o numero dos soldados fosse de oito mil. G. Giuseppe dix seis mil. Raphael de Jesus affirma que a armada era de cincuenta e quatro navios, e levava a bordo sete mil duzentos e oitenta homens.

Hollanda em pequenas divisões. O vice-almirante partiu a 19 de Maio com a primeira divisão de seis navios; outra igual saiu do Texel a 23 de Junho, e cinco navios partirão de Górcia a 28. Huiu divisão de oito navios em que ia o General, deachorio, a 23 de Agosto, a duas legoas da ilha de Tenerife a armada real de Espanha, composta de trinta e oito navios debaixo do comando do general D. Fadrique de Toledo, destinada à India. O armado hollandês estando a barlavento, deu caça à esquadra hollandeza, a qual favorecida pela escuridão da noite, lho escapou e se dirigiu à ilha S.-Vicente de Cabo-Verde, onde não se juntarão mais de vinte e quatro navios, que se demorarão alli perto de quatro meses à espera do resto da frota. No fim do anno acháram-se juntos cincocentos e cinco¹. O General expediu dois bates para reconhecer a costa do Brasil, partiu com toda a frota a 26 de Dezembro 1629, e apareceu diante de Olinda a 14 de Fevereiro 1630. Tinha perdido por doenças hum numero tão considerável de soldados e mari-

¹ De Lest diz que a armada hspanhola, forte de mais de quarenta navios, foi dispersada pelos hollandeses, e que lhe constadito pelo autor das *Memorias Diarias*. Le Clezil diz com maior apparencia de verdade, que o general Toledo tendo as suas disposições da esquadra hollandeza, a deixou escapar.

DO BRASIL.

nheiros, que só lhe restavao dois mil e novecentos soldados, e dois mil e quinhentos marujos.

A Corte de Madrid, informada do destino da armada hollandeza, fez partir para o Brasil Mathias de Albuquerque, que tinha já servido naquella colónia em qualidade de governador e capitão general, com ordem do Rei para visitar e fortificar o melhor que fosse possível as quatro praças de Rio Grande, Paraíba, Itamaracá e Pernambuco. Partiu de Lisboa, a 12 de Agosto 1629, a bordo de huma caravela, com vinte e sete soldados e algumas munições, e desembarcou no Brasil a 18 de Outubro. Achou duas outras caravelas que tinham chegado de Portugal com munições. A 9 de Fevereiro 1630, hum navio expedido por João Peteira Cortereal, governador das ilhas de Cabo-Verde, aportou ao Recife para dar aviso ao governador que a armada hollandeza vinha atacar Pernambuco.

Para impedir os inimigos de entrarem pela barra, tinham-se afundido nella alguns navios grossos. O general hollandez entreteve os Portuguezes com huma forte canhonica, em quanto fazia desembarcar dois mil e novecentos homens de tropa debaixo do commando do cornnel Wardenburg na praia do Pao Amarelo, perto de tres legoas ao norte de Olinda. Este oficial despediu os navios, e só guardou quatro barcas

canhociras. Marchou a 16 sobre Olinda ao longo da praia. A vanguarda de novecentos e trinta e quatro homens era commandada pelo tenente coronel Elitz; o centro de novecentos e trinta e quatro homens, pelo tenente coronel Stein Cal-lensels, e a retaguarda de novecentos e sessenta e cinco homens, pelo official Foulques Hencq. Os habitantes abandonaram a cidade, levando consigo as cousas mais preciosas, e forão refugiar-se nos bosques. O general hollandez, chegando ao Rio-Doce, experimentou resistencia de hum corpo de tropas composto de quinhentos e cincuenta homens de infantaria, com de cavallaria e duzentos Indios. Os primeiros erão commandados por tres capitães, Francisco Bezerra, Felippe Paes e João Guedes Alcoforado, e os ultimos por Antonio Felippe Camarão. Mas á vista das tres barcas canhoeiras, os Portuguezes receiendo que a retirada lhes fosse cortada, atemorizados fugirão, por mais diligencias que fez o seu general para os conter.

Wardenburg, guiado por hum mulato prisioneiro, entrou no mesmo dia pela parte alta da cidade, arrombou a porta do collegio dos jesuitas, e a do convento de S. - Francisco, defendidas por alguns soldados, e preparava-se a dar o assalto a hum reduto á entrada da cidade, onde foi conduzido por dois Hollandezes ao serviço de Portugal, Adriano Franck e Cor-

nelio Jan. Ao mesmo tempo quinhentos homens que o almirante tinha desembarcado ao sul da cidade para socorrer Wardenburg, entraram sem resistencia. A cidade foi saqueada, mas o despojo não foi considerável, porque os habitantes tinham levado no dia 16 quanto possuíam de maior valor, deixando só vinho, azeite e alguma farinha.

As tropas de Albuquerque desertavam em tão grande numero, que não restavam bastantes para guarnecer os fortes. Elle, tendo perdido toda a esperança de recobrar o Recife, incendiou, a 27, trinta navios, e todas as mercadorias, em que se comprehendiam duas mil caixas de açucar, para não cahirem em poder do inimigo¹.

Os dois fortes de S.-Jorge e S.-Francisco tentaram impedir a entrada do porto à esquadra hollandeza. O de S.-Jorge, com huma guarnição de trinta e sete soldados commandados pelo capitão Antonio de Lima, oppôz huma obstinada resistencia a mil e quinhentos Hollandeses, que perderão trezentos mortos, e grande numero de feridos. Wardenburg veio

¹ Historiadores hollandeses dizem que os navios queimados eram vinte, e mil e setecentas as caixas de açucar. Em huma carta dirigida a Elrei d'Hispaña, que foi interceptada, a perda era avaliada em vinte milhões de cruzados.

em pessoa a 27 de Fevereiro pôr-lhe cerco. A guarnição capitulou no 1º de Março, e obrigou-se a não tomar armas por espaço de seis meses contra os Hollandezes.

No dia antecedente, hum pequeno combate portuguez tinha vindo a socorrer a cidade. Constava de cem soldados e cento e oitenta Indianos, mandados pelo Governador da Paraíba debaixo das ordens de Mathias d'Albuquerque Maranhão, pai do general. Hum destacamento hollandez quiz atacar os Portuguezes na casa da Asseca, ao passar a ponte do rio Beberibe, mas cahiu em huma emboscada que lhe matou quatorze homens. Albuquerque retirou-se a 4 de Março com os soldados que lhe restavam e os habitantes da cidade, a huma legoa de distância, em huma planicie elevada, onde formou hum campo entrincheirado que denominou *Arraial do Bom Jesus*: guarnecendo-o de quatro peças de ferro de quatro libras de bala.

Ao mesmo tempo despachou hum aviso, para informar Felippe IV da perda do Recife, e huma caravela do porto da Paraíba, a D. Fadrique da Toledo que estava com a armada hespanhola em Cartagena das Indias. O Governo de Lisboa, conhecendo toda a importância da perda do Recife, resolveu expedir caravelas com gente e munições para socorrer o general, em quanto se apromtava huma

DO BRASIL.

armada. Por huma das primeiras que chegáron
recebeo o Governador Mathias d'Albuquerque
huma carta régia datada do 26 de Janeiro 1630,
que o nomeava membro do conselho de guerra,
em premio do zelo que tinha mostrado e do
valor com que se tinha havido na defesa de
Pernambuco.

O general hollandez, logo que soube terem-
se os Portuguezes fortificado perto da cidade,
mandou a 14 de Março dais mil soldados de-
baixo do commando do seu tenente coronel,
para atacar o acampamento, mas derão em
huma emboscada e forão rechaçados por hum
destacamento que lhes matou cento e setenta
homens, tendo os Portuguezes perdido só
dezassete mortos e feridos.

Albuquerque tentou então hum ataque con-
tra Oliuda, mas sem successo. Apoderou-se
das obras exteriores, mas não poude penetrar
na praça. Os Hollandezes perdêram quatrocen-
tos homens, mas a perda dos Portuguezes foi
muito maior. Todavia, com o auxilio dos co-
lonos e dos Indios, conseguiu por muito tempo
privar o inimigo de agua e viveres, e todos os
dias matava grande numero dos soldados hol-
andezes que se aventuravão a arredar-se da
praça. Mas dentro de pouco tempo os habi-
tantes fornecerão aos Hollandezes mantimentos
e outras cousas de que careciam. Entretanto a

Corte de Madrid tinha successivamente expedido nove caravelas com quatrocentos soldados, munições e viveres para o campo do Barreto-Jesus; mas muitas das caravelas foram apreendidas.

1650. — *Tentativa dos Ingleses para se estabelecerem no Pará.* Os Ingleses tentaram formar um estabelecimento na ilha dos Tocujós. Duzentos indivíduos desta nação, debaixo de um chefe chamado Thoinas, se fortificaram no rio de Felippe, e fizeram aliança com os Tapuas. O Governador general Coelho fez marchar contra elles Jacome Raimundo de Noronha, capitão do Pará, à testa de huma força considerável. O forte se rendeu, e foi arrasado, e o capitão inglez procurando salvar-se em huma barca de noite, perdeu a vida. Os Ingleses fizeram outra tentativa para se estabelecer entre os Tocujós, debaixo da direcção de Roger Fray, o qual foi igualmente morto, depois de ter destruído a sorte de Cuma que tinha construído. Pouco depois chegou hum navio de Londres com quinhentas pessoas, que vinham unir-se à desgraçada colónia.

1651. — Os Hespanhóis, senhores do rico território ao sul e ao oeste do Paraguai, começaram a penetrar no interior do paiz, mas os Paulistas se lhe oppuseram; atravessaram com oitocentos homens os rios Paraná-panema, e

Tibagy; atacáruo e destruirão as cidades de Villa-Rica, Ciudad-Real, Xerez, e trinta e duos aldeas, formando tres provincias.

1651. — *Chegada do reforços portuguezes e hollandezes. Tentativa contra a illha de Itamaracá. Combate naval.* No principio do anno de 1651, tres navios hollandezes tinham aportado ao Brasil, trazendo a bordo duzentos e quarenta homens, munições de guerra e viveres. No fim de Janeiro outros quatro navios da mesma nação trouxerão gente e munições. Uma expedição de cinco naos, que saíra do Texel a nove de Janeiro, chegou a Olinda a 14 de Abril, com tres mil e quinhentos homens de tropa, e muitos Hollandezes e Judeos ricos. Era comandada pelo almirante Hadríno Patry, valente oficial que se tinha distinguido na India.

Com o fim de extender as suas conquistas ao norte do Brasil, os directores da Companhia hollandeza tinhão recomendado aos comandantes das esquadras apoderarein-se da ilha de Itamaracá situada a sete legoas de Olinda. Para este fim fez a Companhia partir, a 22 de Abril, quatorze naos com grandes chapas e batéis, levando a bordo 1200 homens debaixo do commando de Stein Callenfels. Este oficial abordou á foz septentrional do rio Caíuama que admette navios de trezentas toneladas, e forma o canal que separa a ilha

d' Itamaracá do continente. Na parte mais alta da ilha estava situado o principal estabelecimento, composto de oem casas e cousa de cento e trinta habitantes, a que se dava o pomposo nome de *cidade da Conceição*. O forte era de difícil acesso, cercado de pantanos e matagaes, e tinha huma guarnição de sessenta homens commandados pelo conde de Monsanto, proprietário da ilha. Com força tão diminuta rechaçarão os Hollandezes, que não obstante construirão no lugar onde tinham desembarcado, denominado pelos Portuguezes *barra de Itamaraca*, hum forte que denominarão forte de Orange, onde deixarão huma guarnição de oitenta homens, com doze peças. A esquadra voltou ao Recife em fins de Junho.

A Corte de Madrid, informada da partida da expedição hollandeza e do seu destino contra os galeões do Mexico, fez sahir de Lisboa vinte naos, quinze castelhanas e cinco portuguezas com mil e quinhentos soldados e doze peças de artilharia do campanhí, para reforçar as guarnições de Pernambuco, Bahia e Para. Ao mesmo tempo expedião-se em varias caravelas duzentos soldados castelhanos para a Bahia, commandados pelo capitão D. José de Gaviria. O general D. Antonio de Oquendo, Almirante da armada, tinha ordem de entrar na Bahia; mas quando chegou a este porto,

15 de Julho, o almirante hollandez tinha já desembarcado a sua tropa, e soccorrido o Recife, e fazendo-se á vela deo caça a armada de Hespanha com dezaseis naos mais fortes que as de Oquendo.

A 3 de Septembro o almirante hespanhol sabio de Pernambuco com vinte naos, doze caravelas, e vinte quatro navios carregados de açucar. A onze as duas esquadras se encontrão na Bahia de Todos os Santos, e entre elles se travou hum tenhido combate. Oquendo arreou a nao de Patry, e depois de hum terrivel combate ambas ficarão rasas, e Oquendo esteve a ponto de ser apreendido. Ensim hum artilheiro hespanhol pôz fogo á nao hollandeza. O almirante Patry vendo a sua nao incendiada, eingio á roda do corpo a bandeira, e lançou-se ao mar dizendo aos que procuravão retê-lo: *O Oceano he a unica sepultura digna de hum almirante Batavo.* O fogo pegou também a outra nao, cuja tripulação se lançou ao mar, mas os Hespanhóes salváron a maior parte. Duas naos hespanholas derão á costa; outra foi tomada e levada ao Recife. A perda foi quasi igual, sendo os mortos de cada parte avaliados em tres mil. No dia seguinte desappareceeo a esquadra hollandeza, e Oquendo seguiu sua derrota conduzindo os galeões a Hespanha. O conde de Bagnuolo, que commandava os reforços des-

tinados para Pernambuco, ganhou com doze caravelas, a 20 de Septembro, a foz do Rio-Grande sobre a costa de Pernambuco, porto de quarenta legoas ao sul do campo do Bom-Jesus; outra caravela entrou no Rio-Farmoso, e no mesmo dia outras dez chegaram ao porto da Bahia Grande, cossa de trinta legoas do dito campo. A caravela commandada por Antonio de Figueiredo, tendo-se desgarrado, foi lançada para o norte, e salvou-se entrando no rio Pottengy. Estas caravelas desembarcaram setecentos homens, que depois de huma penosa marcha, fizeram a sua junção com Mathias de Albuquerque, a quem Oquendo tinha tirado trezentos homens para guarnecer a sua armada. As caravelas foram expedidas para Lisboa carregadas de assucar.

1631. — *Incendio da cidade de Olinda. Ataque infructuoso da cidade da Paraíba.* O commandante hollandez, temendo não poder resistir a estas forças unidas, resolveu encenrar as suas no Recife, e a 25 de Novembro abandonou e fez pôr fogo a Olinda, que encerrava dois mil e quinhentos habitantes. Pouco depois tendo sabido que os reforços portuguezes não erão tão consideraveis como tinha suposto, projectou atacar a cidade da Paraíba, onde commandava o capitão-mór Antonio de Albuquerque. Esta cidade, a que em 1585

tinha posto o nome de *Felippéa*, continha cinqüenta e quinhentos habitantes. A entrada do rio Paraíba era defendida pelo forte *Cabedello*, que tinha huma guarnição de sessenta homens commandados por João de Matos Cardoso, oficial velho e experimentado. Duas companhias compostas de cento e sessenta soldados, chegão para soccorrer a praça, debaixo do commando de Antonio de Figueiredo, e Manoel Godinho. Ao mesmo tempo Mathias de Albuquerque fez marchar para a cidade ameaçada quatro companhias castelhanas commandadas pelo capitão D. João de Xereda, e duzentos Portuguezes debaixo do sargento-mor Francisco Scrião.

A expedição hollandeza, commandada por Lichtart, fez-se á vela a 2 de Dezembro. Constava de vinte e seis navios, e hum numero igual de barcas, e levava tres mil soldados debaixo das ordens do coronel Stein Calve. No dia 5 emboccou o Paraíba; a tropa desembarcou e se entrincheirou na praia de aréa. O comandante portuguez marchou contra elles com seiscentos homens, entre soldados e habitantes; mas depois de hum combate muito encarniçado foi obrigado a retirar - se pelos bosques. Durante a noite os Hollandezes eleváron hum reduto, de que os Portuguezes se senhoreáron ha manhan seguinte. Esto feito cue-

tou-lhes alguns soldados, e nesse perdeo a vida Jeronymo d'Albuquerque Maranhão, irmão de Antonio d'Albuquerque, Governador da Paraíba. Apezar d'este contratempo, os Hollandezes começaram o assedio do forte. No dia 8, huina caravela commandada pelo capitão Luiz Pinto de Matos, vindo de Lisboa, entrou no rio Manguape, tres legoas ao norte do rio Paraíba, tendo escapado a seis navios hollandezes que lhe derão caça. No mesmo dia chegou o reforço das quatro companhias castelhanas, e atacou os sitiantes, obrigando-os a retirarem-se com perda de muitos feridos. No dia 7 o Governador fez abrir a trincheira a oitenta passos do forte. No dia seguinte o commandante hollandez fez construir hum reduto em que assentou duas peças de 24, que dirigio contra o forte. O capitão Manoel Godinho, natural de Moura em Portugal, que tinha conduzido o reforço da Paraíba, foi morto de hum dos primeiros tiros, e no mesmo dia tiverão os Portuguezes mais de quinze ou dezaseis mortos ou feridos. A 11 atacarão os Hollandezes o entrincheiramento por quatro pontos diferentes, mas foram rechaçados com perda de cento e quarenta mortos. Os Portuguezes tiverão trinta e cinco mortos, e quarenta e dois feridos. Entre os primeiros se contavão os capitões D. João de Xereda, Sebastião de Palacios, D. Aleixo de Aza,

Belchior de Valladares, e frei Manoel da Piedade, franciscano descalço da província de S.-Antonio, o qual com hum crucifixo na mão se tinha posto à frente dos soldados, para os animar ao combate.

Outra tentativa infrutífera contra a fortaleza e cidade de Rio-Grande do Norte. — O general hollandez, irritado do mau sucesso da expedição contra o forte Cabedello, partiu em pessoa do Recife com dois mil homens em vinte e dois navios e algumas barcas, a 21 de Dezembro, e fez-se à vela para o Rio-Grande. Cipriano Pita Porto-Carrero era então governador da província, e a cidade era defendida pela fortaleza a mais formidável do Brasil, construída sobre hum rochedo à entrada do rio Pottengy. Os Jesuítas tinham feito aliança com cento e cincuenta tribus dos indígenas.

A 25 de Dezembro a esquadra hollandezava a treze legoas ao norte da Paraíba. O Governador julgando que os Hollandezes se dirigiam a Pottengy, expediu seu irmão, Mathias d'Albuquerque Maranhão, com tres companhias e duzentos índios. Ao mesmo tempo outra companhia, commandada pelo capitão João Vasques de Dueñas, chegou também a bordo de huma caravela, com algumas munições. A 28 de Dezembro estes reforços tinham chegado ao forte do Rio-Grande. O general

hollandez julgou prudente desistir da empreza, e retirou-se levando algum gado de que se apoderara.

1652. — *Novo ataque dos Hollandezes contra o Pontal de Nazareth.* Este porto, situado no cabo de S.-Agostinho a cousa de sete legoas ao norte de Recife, era, depois da perda da capital da província, o emporio do comércio: a sua entrada era defendida por dois redutos e quatro peças de ferro, com huma guarnição de sessenta homens commandados por Bento Maciel, que foi reforçada por cem homens destacados do porto dos Afogados. A 24 de Fevereiro, a expedição, composta de vinte e quatro navios e algumas barcaças, levando a bordo mil e quinhentos soldados, partiu do Recife e demandou a barra da ilha de Itamaracá, d'onde passou ao cabo de S.-Agostinho. O general portuguez antevendo o destino das forças hollandezas, tinha expedido o sargento-mór Francisco Serrão, a 28 do mes, com hum reforço de quatro companhias castelhanas. O general hollandez, informado do estado de defesa da praça, foi desembarcar a meia legoa de distância, em huma angra, onde foi atacado por hum destacamento portuguez de quinze fuzileiros, que se emboscou e matou muita gente aos Hollandezes. Estes, cuidando ser algum forte destacamento do Pontal, voltárono ao ata-

que, mas forão rechaçados com perda de setenta ou oitenta homens. Depois d'este feito, resolveo o conde de Bagnualo construir huma fortaleza naquelle sitio, para onde partiu a 18 de Março; mas o terreno era aruento, e o forte ficava distante em destrâia da barra.

Huma frota hollandeza de vinte navios sahio do Recife a 10 de Abril a fazer presas. O Governador da Paraíba, avisado por Mathias d'Albuquerque, expedio Alberto Perez em huma caravela, para dar aviso aos commandantes dos fortes, e particularmente ao de Cartagena, para que fizesse escoltar os galeões; comissão que este official executou com pleno sucesso, e lhe mereceo huma carta mui honrosa de Elrei de Espanha.

*Saque da cidade de Iguaraçu pelos Hollande-
zes.* — A 20 de Abril o mulato Domingos Fernan-
des Calabar, homem valente que tinha
militado com distinção entre os seus compa-
triotas, desertou e foi offerecer o seu grande
prestimo aos Hollandezes. Ignora-se qual fôr
o motivo que o decidio a trahir a causa da pa-
tria. Foi para os Hollandezes inappreciavel ac-
quisição, porque conhecia perfeitamente toda
a costa, os portos, enseadas, os rios e ba-
ques, e era tão activo como emprehendededor.
Por conselho d'elle e debaixo da sua direcção,
sahio o general hollandez do Recife a 30 de

Abril com mil e quinhentos homens, e se dirigio sobre Iguaraçú perto da ilha Itamaracá atravessando as ruinas de Olinda. Surpreendendo a cidade, estando quasi todos os habitantes na igreja, e depois de saqueada foi incendiada. Calabar tinha trazido quatrocentos negros para carregarem o despojo, os quais commetéram actos da maior barbaridade, deixando os habitantes nus, e cortando os cédos das mulheres para lhes tirar os anneis. Matárono cossas de trinta homens que faziam o serviço militar da praça, tomáramo os vasos sagrados da igreja da Misericordia e do convento dos Franciscanos, e se retiráram à ilha Itamaracá levando prisioneiro frei Boaventura. O capitão D. Fernando de la Riba-Aguero marchou com cintenta homens para socorrer a cidade, mas chegou depois do saque. Todavia fui no alcance dos Hollandezes, a quem matou mais de cincuenta no acto de se embarcarem na barra do rio que separa a cidade da ilha Itamaracá. Depois d'este successo, houve varios encontros entre destacamentos dos dois exercitos. A 21 de Junho, ao nascer do sol, o commandante holandez sahio do seu forte na Ponta da Asseca com mil homens, e marchou contra a estancia, em face de Nossa Senhora da Victoria, mas foi repellido com perda de oitenta e dois mortos e muitos feridos. A perda dos

Portuguezes foi comparativamente pequena.

A 15 de Julho os Hollandezes forão de novo maltratados em hum ataque que fizerão nas Salinas. A 4 de Agosto tendo sahido do Recife de noite para ir colher fruta nas vizinhanças de Olinda, forão atacados e perderão vinte e quatro homens.

A 20 de Novembro sahio do Recife huma expedição de doze navios, com algumas barchas e quinhentos soldados, dirigida por Calabar sobre os rios Serinhaem e o Formoso, onde as tropas desembarcarão. D'allí forão saquear o engenho de assucar de Romão Peres, situado a pequena distancia de Villa-Formosa. O general portuguez expedio o sargento-mór Mucio Oriola com duzentos Napolitanos, para soccorrer os estabelecimentos do cabo S.-Agostinho; mas antes da sua chegada, os Hollandezes, guiados por Calabar, tinhão entrado no Rio-Formoso, e queimado duas caravelas. Depois d'este revéz o general portuguez fez estabelecer no Rio-Formoso huma bateria e hum pequeno reduto que armou de duas peças de 4 e 6, com vinte homens de guarnição ás ordens do capitão Pedro de Albuquerque.

O conde de Bagnuolo fez huma tentativa infructuosa contra o forte Orange, e foi obrigado a retirar-se com perda da sua artilharia. A indecisão e falta de energia d'este official foi

funesta nos Brasileiros, que injustamente o suspeitaram de traição.

Campanha de 1633. — A Companhia Hollandeza mandou dois commissarios ao Brasil com plenos poderes para evacuar o paiz, no caso de julgarem impossivel conservar a posse d'elle, ou para proseguir a conquista do Brasil com duplicado vigor. Trouxerão hum resorço de tres mil homens com muitas munições, que chegarão ao Recife a 25 e 28 de Dezembro 1632. Ao mesmo tempo receberão os Portuguezes dois pequenos resorços expedidos da ilha da Madeira, hum de noventa homens, commandados por João de Freitas Silva, que aportou perto da Paraíba no primeiro de Janeiro; o segundo de setenta soldados conduzidos por Francisco de Betancourt e Sá, depois mestre de campo, que entrarão a 12 no porto Francez a tres legoas ao sul da barra das Lagôas.

Os Hollandezes resolvidos a tomar o forte do Rio-Formoso, fizerão a 4 de Fevereiro sahir do Recife huma expedição de dez navios e quinze lanchas, com trezentos homens, que chegou a 7 diante do reduto. Os vinte Portuguezes que o guarneçião fizerão a mais heroica resistencia; dezanove morrerão no assalto, e só escapou Jeannymo d'Albuquerque, parente do commandante: este valente moço, dinda que ferido, atravessou a nado o rio. Os Hol-

landezes entrando no reduto acharão o comandante ainda vivo, mas com duas feridas que lhe tolhião todo o movimento; admirarão a sua coragem, e tratando-o com bondade lhe facilitarão a passagem para Espanha. Elreio deu em recompensa dos seus serviços o governo do Maranhão.

O coronel Wardenburg partiu para Holanda, depois de ter entregado o commando das tropas hollandezas ao general Laurens de Rimbach, subordinado aos dois commissarios que decidirão dever-se continuar a guerra. Com esse fim resolverão apôssar-se do importante posto perto do Passo dos Afogados onde começa a fértil campina de Capibaribe, e de dezasseis engenhos de açucar alli situados. Com efeito a 18 de Março 1633, partiu do Recife a expedição composta de tres mil homens de tropas escolhidas, a qual atacou o forte defendido por Francisco Gomes de Mello com cento e quarenta homens de guarnição, o qual, depois de ter perdido vinte mortos e quinze feridos, se rendeu. Os Hollandezes perderão duzentos homens no ataque, mortos ou feridos. Construirão no mesmo sitio hum forte quadrangular que denominarão o forte *Wilhelm*, em honra do príncipe de Orange. Guarnecerão-no de doze peças, e deixarão nello huma forte guarnição. Os Hollandezes adestrando cães para apa-

nharem os fugitivos escondidos nos bosques e pantanos. A 20 de Março perdêmo trinta e oito homens em huma cilada armada pelos Portuguezes commandados por Luiz Barbalho; mas no dia seguinte forão os Portuguezes obrigados a retirar-se com perda de vinte e seis mortos e vinte e dois feridos.

Derrota dos Hollandezes diante do campo do Bom-Jesus. — Os commissarios animados com estas vantagens, e aconselhados por Calabar, resolvêrão atacar o campo do Bom - Jesus, a 24 de Março, em sexta feira de Paixão, quando os Portuguezes estivessem a ouvir missa às onze horas da manhan. Avisado d'este projecto Albuquerque concentrou as suas forças, e dispôz tudo para huma vigorosa defesa. Expedio trezentas e cincocenta homens com alguns capitães, a ocupar o vao do pequeno rio de Paranámirim, ordenando-lhes que se retirassem diante de forças superiores. A defesa do campo foi confiada a quatro companhias hespanholas: o resto dos combatentes guarnecião a praça d'armas. Duarte de Albuquerque foi mandado com alguns soldados, desendar o forte de Nazareth no cabo S.-Agostinho; e Ortensio Richo, sargento napolitano, com vinte e cinco soldados da sua nação foi postar-se em hum reduito proximo ao campo que protegia as cabanas dos vivandeiros. O general hollandez marchou

direito a atacar o campo á testa de tres mil homens, mas sofreo grande perda pelo fogo de huma bateria carregada com metralha. A visita de tantos mortos, entre os quaes se achava o general, os Hollandezes se retiraram na maior desordem. Bagnuolo atacado da gata, e receioso de cahir em alguma emboscada, não permittio que se perseguisse o inimigo, e d'ahi resultou não alcançarem os Portuguezes huma victoria completa. Os Hollandezes perderão nessa acção mais de seiscentos mortos; hum sargent-mór, tres capitães e alguns outros officiaes e quinze soldados forao feitos prisioneiros'.

A 15 de Abril, hum destacamento de quatrocentos Hollandezes, acompanhados de muitos negros e mulatos, assolou a aldeia da Moribeas.

A 14 de Maio, huma expedição de seis navios e oito barcas, com quatrocentos homens a bordo, debaixo da direcção de Calabar, se dirigio ao porto das Pedras, na foz do rio do mesmo nome, que corre pelo meio da aldeia de Porto-Calvo, lugar do nascimento d'este mulato. Queimou tres navios que achou no rio, matou sete habitantes, roubou outros e

¹ Raphael de Jesus diz que a força holandeza era de mil e quinhentos homens, e a perda de quatrocentos.

levou consigo cinco prisioneiros. Ele provavel que estes actos forão dictados pela vingança.

A 25 de Maio, hum destacamento de duzentos Hollandezes atacou os engenhos de assucar de Gararapes, mas foi repellido por vinte soldados e alguns habitantes, debaixo do mando do capitão Domingos Dias, que matarão vinte e cinco Hollandezes e ferirão muitos mais.

Tomada da ilha de Itamaracá pelos Hollandezes. — O novo commandante Sigismundo Van Schoppe, querendo assignalar-se e reparar a aftrita recebida no ataque do campo do Bom-Jesus, resolveo apoderar-se da ilha de Itamaracá, e da cidade da Conceição situada sobre huma altura, com hum forte defendido por cento e vinte homens, debaixo do commando do governador Salvador Pinheiro.

O general hollandez partio a 20 de Junho do Recife, com dois mil soldados, e facilmente obrigou os Portuguezes a capitular. Mathias de Albuquerque marchava com quatrocentos homens ao socorro da ilha, quando soube que estava rendida. O conde de Bagnuolo, sempre tardio em suas operações, estava então no cabo S.-Agostinho. Os Portuguezes tornarão logo a ocupar a cidade do Iguaraçú com cem homens.

A 27 de Junho, mil e quinhentos Hollande-

zes fizerão huma sortida de Itamaracá; dirigindo-se para a parte da província de Pernambuco, que ainda estava em poder dos Portuguezes, atravessando o rio em lanchas, e marchando contra o engenho de assucar do doutor Francisco Quaresma de Abreu, onde foram rechaçados com perda de setenta mortos ou feridos. O general portuguez, informado d'este sucesso, mandou a Iguaraçu hum resorço de oitenta homens debaixo dos capitães Manoel Rebello de França e João Basilio de Sousa. Esse posto foi de novo atacado por seiscentos Hollandezes que foram repellidos com perda de setenta homens mortos ou feridos. A 12 de Julho, Calabar, que tinha dirigido os dois ataques, querendo vingar-se dos revezes, marchou com quatrocentos soldados para a parte de Goyana situada ao norte da ilha de Itamaracá, onde havia alguns engenhos de assucar. Queimou quatro, saqueou as habitações, fez alguns prisioneiros, e retirou-se antes que hum destacamento de Iguaraçu tivesse tempo de o vir atacar. O General conhecendo a insuficiencia da guarnição d'esta praça, a evacuou.

A 15 de Julho, os Hollandezes, dirigidos por Calabar; saírão do forte dos Afogados para atacar o engenho de Pedro da Cunha e Andrade, defendido por alguns soldados, e vinte negros commandados por Henrique Dias. Os Hol-

landezes forão rechaçados com perda de dez dízimo mortos ou feridos; Dias e tres soldados forão feridos. A 25, os Hollandezes fizerão outra tentativa contra hum engenho de Luiz Ramires igualmente malograda.

Tentativa dos Hollandezes para pôr cerco ao campo portuguez. — As forças de Matheus de Albuquerque, no campo entroboirbdo do Bom-Jesus, estavão reduzidas a mil e dezenas homens, e o conde de Bagnuelo, com a sua companhia, se achava no cabo S.-Agostinho. Pareceo aos commissarios hollandezes oportunâa a occasião para pôr cerco ao campo, para o que, a 4 de Agosto, fizerão marchar do forte dos Afogados tres mil soldados com alguns Indios, e desembarcarão na margem do rio Capibaribe. Tentarão atravessá-lo, e perderão vinte e cinco homens: fortificáro-se naquelle sitio, na passagem de Jeronymo Paes, e no engenho de Marcos André junto á borda do rio.

O general portuguez fez então recolher todas as suas forças, que montavão a seiscentos homens. Não tendo mechas para as peças, suprirão-nas com a planta chnmada embira ou imberiba. Os postos avançados do inimigo estavão apenas a meia legoa do campo, mas o terreno em torno estava coberto de arvoredo, de canuas, e ocupado pelos Portuguezes e Indios, que obstruão ao transporte da artilharia de

que carecião os Hollandezez. Estes embarcaram as peças a bordo de hum navio, de doze barcaças e de huma lancha, com as munições e viveres necessarios. Começarão os Hollandezez a trazer estas embarcações a reboque ás onze horas da noite do dia 7 do mesmo mez; e ao mesmo tempo quinhentos soldados marchavao ao longo da praia para as proteger. A distancia do Recife até aos postos hollandezez era de cousa de huma legoa; mas o rio tinha muitas sinuosidades, o que retardou as embarcações, que não chegarião senão ás 5 da madrugada do dia 8 de Agosto, e forão avistadas pelas sentinelas portuguezas, postadas a mais de alcance da artilharia do campo.

Entre tanto o general portuguez tendo recebido alguns reforços, expedio oito companhias commandadas por Francisco Perea de Soto para atacar o comboi hollandeze. Depois de hum conflito que durou desde as cinco da manhan até ás nove, os Portuguezes se apoderarão de todas as embarcações nas quaes acharão seis peças de bronze e cinco de ferro, grande quantidade de munições e viveres, e abundancia de mechas de que muito carecião. Tomarão tambem tres bandeiras; e todo o despojo foi conduzido ao campo. Arrasarião as fortificações e queimarão os navios hollandezez. Estes perderão duzentos homens no combate, e se

retirarão, não vendo possibilidade de poderem renovar o cerco. A 9 de Agosto o general portuguez fez cantar hum *To Deum* em ação de graças. No dia seguinte chegou o conde de Bagnolo em seu soccorro com duzentos homens do seu terço, e trezentos habitantes, dos quaes cincuenta erão de cavallo. A 12 voltou com esta gente ao cabo de S.-Agostinho.

Expedição hollandeza contra as Lagôas. — O territorio assim denominado dos lagos de agua salgada, está situado na beiramar, a quarenta e sete legoas ao sul do Recife. Para se apoderar d'elle é reparar de algum modo o desastre recente, resolvérão os commissarios, por conselho de Calabar, expedir quinze navios e algumas barcaças com mil homens a bordo para este fin. Partiu a expedição a 20, e foi desembarcar á barra das Lagôas, queimárao a primeira povoação que encerrava cento e vinte habitantes; mas em outra povoação a sete legoas distante experimentarão vigorosa resistencia, e forão obrigados a retirar-se.

Para melhor defesa da Paraíba fez construir o governador portuguez na embocadura d'este río, o forte de S.-Antonio, fronteiro ao do Cabe-della.

A 6 de Septembro quinhentos Hollandezes capitaneados pelo tenente coronel Biman marcharão contra Iguaracu, cujos habitantes se

achavão, pela maior parte, no campo reat do Bom-Jesus. O General lhes mandou ao encontro os capitães Antonio André e Estevão Alvares com cincuenta homens, e Antonio Felippe Camarão com cento e oitenta Indios, alguns d'elles armados de espingardas. O encontro teve lugar em hum bosque, antes de chegar á cidade; nelle perderão os Hollandeses quarenta e sete mortos e muitos feridos, e julgando mais consideravel o numero dos inimigos, se retirarão. Os capitães Luiz Barbalho e D. Fernando de la Riba-Águero, que tinhão sido expedidos em soccorro, chegáron depo s de terminado o combate. O general hollandez fez outra tentativa com mil homens contra a meama cidade, e foi de novo rechaçado, com perda de cento e trinta homens. Nesta accão os Portuguezes arão duzentos, capitaneados por Francisco de Almeida Mascarenhas, natural da ilha de S.-Miguel, e Paulo Gomes de Albuquerque, de Peruambuco, ambos officiaes de grande valia. Henrique Dias estava á testa de trinta e cinco negros. A perda dos Portuguezes foi leve. No mesmo dia sahirão trezentos Hollandeses do forte dos Afogados a costear a praia; mas encontrando perto do vao do Rio da Jangada a duas legoas do Cabo S.-Agostinho, hum destacamento de cincuenta homens commandado pelo capitão João Paes de Mello,

este se defendeo com tanto vigor que os obri-
gou a retirar-se.

No dia 10 do mesmo mez, o capitão Fran-
cisco de Sotomayor chegou á Paraíba com dois
navios e setenta soldados, para soccorrer o
Campo.

Rodrigues Calaça Borges, antigo sargento-
mór de milicias, natural da ilha da Madeira,
querendo tomar parte na guerra, partio com
cinco camaradas, a 25 de Septembro, da fre-
guezia de Ipojuca; mas chegando a duas legoas
do forte dos Afogados, e a igual distancia do
Campo-Real, pelo caminho que conduz ao
Cabo S.-Agostinho, refugiárão-se em huma
casa para passar a noite, e forão mortos por
hum destacamento inimigo. Eui consequencia
d'este fado mandou o general portuguez o ca-
pitão Domingos Corrêa com quarenta soldados,
e o capitão Antonio Cardoso com cincuenta
ludios, e a 6 de Outubro expedio outro destac-
amento de duzentos homens, os quaes tra-
váio com os Hollandezes hum combate em que
lhes matáro trinta e seis homens, e fizerão
seis prisioneiros, sendo dois d'estes franceses
do nome de Luiz, e de estatura agigantada,
tendo perto de onze palmos de altura. A 21 o
tenente-coronel Biman, conduzido por Cala-
bar, sahio do forte dos Afogados com setecen-
tos homens, com tenção de devastar as povoas-

ções e engenhos vizinhos. O general portuguez, informado d'este projecto pelos seus capitães de emboscadas, expedio a este sitio o sargento-mór Pedro Corrêa da Gama com duzentos homens, e o capitão Luiz Barbalho com cento e cincoenta. Estes officiaes atacarão de improviso a vanguarda e a retaguarda do corpo holandez, a quem matarão cento e oitenta homens, e fizerão dezoito prisioneiros.

Mathias d'Albuquerque, que padecia febres quartans havia dezoito mezes, pedio e obteve d'Elrei licença de se retirar.

Chegada e desastre de hum reforço portuguez.
— Dois navios (Capitania e Almiranta), hum de 20 peças de ferro, e outro de 15, e cinco caravelas, com seiscentos homens de tropas e munições, partiuão de Lisboa a 29 de Agosto, e chegarião a 26 de Outubro à embocadura do rio Mamanguape, tres legoas ao norte da Paraíba. Era a expedição commandada pelo capitão Francisco de Vasconcellos, que havia servido na armada da India, e tinha sido governador de Cabo-Verde. O capitão Pedro Marino de Lobera, que commandava nesta paragem, lhe mandou hum piloto, convidando-o a entrar no rio, afim de evitar a esquadra holandez que cruzava nesta costa; mas Vasconcellos recusou, e cedendo ao parecer de seu conselho, dirigi-se ao Rio-Grande ou Pottengy,

situado a tres legoas mais no norte. No dia 27, navegando entre as bahias da Traição e Formosa, encontrou tres navios inimigos. Tres das suas caravelas derão à costa, e duas outras que entraráo no rio, forão tomadas. Estes dois navios sustentáron o combate por algum tempo contra tres navios hollandezes, que não ousárao tentar a abordagem; a Almirantia, commandada pelo capitão Fernando da Silva Miranda, tendo conseguido desembaraçar-se, entrou na Bahia-Formosa, onde a gente desembarcou, salvando parte das munições, víveres, e dez peças de artilharia. A Capitania só sustentou o combate até á noite, e se acolheo á mesma bahia onde Vasconcellos tinha desembarcado. No dia 29 cinco navios hollandezes, dos quaes tres montavão quarenta peças, e os outros dois vinte, entráron na mesma bahia. Os Hollandezes mettérão a pique a Almirantia. A costa era deserta, e a aldéa a mais vizinha estava debaixo da direcção do padre Manoel de Morales. Vasconcellos fez transportar tudo o que tinha salvado dos dois navios e das caravelas a hum engenho situado a tres legoas no interior do paiz. Receando expedir todos estes objectos á Paraíba, conservou-se mais de hum mez na mesma posição, á espera de instruções do general Mathias de Albuquerque, o qual lhe ordenou de encaminhar por terra

as munições e outros objectos de maior preço, expedindo por mar em quatro barchas, algumas pipas de vinho e azeite, a farinha e peixe salgado, embarcando tudo no porto de Cunhau distante cinco legoas do engenho em que Vasconcellos estava aquartelado. Este oficial metteu doze soldados em cada barcha, e depois de as expedir voltou ao engenho. Por desgraça foram as barchas encontradas por hum patacho e quatro barcaças hollandezas, cada huma armada de duas peças de quatro. Não podendo resistir, queimaram os Portuguezes tres das suas barchas e se salvaram em terra; a quarta foi tomada.

Vasconcellos logo que soube este desastre, poe-se a caminho para socorrer os naufragados. Tinha já feito tres quartos do caminho quando, a instancias da sua gente, que não tinha tomado alimento algum, se deixou persuadir a pausar a noite que estava proxima, em huma povoação, onde tomariam algum refresco e descansarião. Não advertiu que o inimigo tinha tempo de se valer da preamar para sahir do rio. Na seguinte madrugada continuou Vasconcellos a sua marcha, mas quando chegou á barra já os Hollandezes tinham partido; e só achou huma barcha a que elles tinham posto fogo, mas que não ardéra. As munições que ella continha foi tudo o que se poude salvar, e

cento e oitenta homens, dos seiscentos de que constava a expedição, chegarão ao Campo-Real. Esta perda foi a maior que os Portuguezes tinham experimentado desde o princípio da guerra. Outros tres navios de socorro se perderão também. Nesta occasião o commandante holandez pôz em terra o capitão Lourenço de Brito Corrêa, feito prisioneiro no momento em que partia da Lagôa do sul com tenção de se embarcar a bordo de huma caravela para Lisboa.

A 6 de Novembro chegou de Lisboa ao Rio-Grande hum resorço de duas caravelas commandadas pelo capitão Cosme de Couto Barbosa.

A 25 Elrei escreveo a Mathias de Albuquerque que huma carta honrosa em que reconhecia os serviços que elle tinha feito. No primeiro de Dezembro, em conformidade das ordens d'Elrei, o conde de Bagnuolo foi á Paraíba com dois engenheiros para continuar as obras da fortaleza de S.-Antonio.

Tomada do Rio-Grande pelos Hollandezes.
— A 5 de Dezembro huma expedição de dezoito navios, levando a bordo mil e quinhentos homens, sahio do Recife para pôr cerco ao forte do Rio-Grande. O coronel commandante era acompanhado do chefe de divisão Centio, e de Calabar que servia de guia. O forte tinha treze peças, e huma guarnição de oitenta e

cinco homens, dos quaes poucos erao soldados, debaixo das ordens do capitão Pedro Mendes de Gouveia. No dia 8 a expedição passou alem da bahia do Rio-Grande, e remontando ate á ponta de Gaspar Rebello, onde a artilharia do forte os não podia alcançar, tomou quatro caravelas. Os Hollandezes desembarcaram nesta ponta e estabelecerão baterias sobre hum morro de areá que dominava o forte. No dia 10, Gouveia, posto que ferido, recusava capitular, como lh' o aconsellava o sargento Pinheiro; mas este infame official ajudado de Simão Pitta Ortigueira, e de outros traidores, abrio as portas ao inimigo na noite do 11. Por efeito d'esta traição, os Hollandezes entraram na praça. Hum reforço de duzentos e cincuenta soldados e duzentos Indios vindo da Paraíba, estava já a sete legoas do forte.

Hum Indio, chamado Jagoarari pelos seus compatriotas, e Simão Soares pelos Portuguezes, e tio de Antônio Felippe Camarão seu aliado, estava havia oito annos preso a ferros no forte do Rio-Grande. Eis aqui o que tinha dado lugar a este acto de rigor. Quando em 1625 os Hollandezes desembarcaram na bahia da Traição, aprisionarão a mulher e o filho de Jagoarari, e indo elle reclamá-los forão-lhe restituídos; mas accusado de ter deserta-

do ao inimigo, foi injustamente suspeitado de traição. O capitão do forte recendo que se este homem fosse solto pelos Hollandezes, os auxiliasse, para se vingar dos Portuguezes, lhe tirou os grilhões e o fez escapar pela muralha da banda do mar¹. Jagoarari houve-se com heroica e magnanima generosidade. Em vez de excitar os seus compatriotas contra os Portuguezes, esquecendo a injustiça d'estes, e só lembrado da fidelidade que havia jurado, e da parte que tivera na tomada do Maranhão servindo debaixo das bandeiras portuguezas, decidiu os Indios das aldeas vizinhas a se declararem contra os Hollandezes.

Os Hollandezes senhores do forte embarcaram duzentos homens, debaixo da direcção de Calabar, que remontou com elles o rio até ao engenho de Francisco Coelho, a duas legoas de distancia, onde se tinham retirado os habitantes da aldeia, a que se dava o nome de *cidade*, a meia legoa do forte. Por influencia de Pedro Vaz Pinto, escrivão da Fazenda, quarenta d'elles tomarão armas, debaixo de João Ferreira que tinha servido no Campo-Real, e

¹ Outros autores dizem que Jagoarari foi solto pelos Hollandezes, mas concordo no mais. Elrei lhe concedeu huma pensão de 7500 réis, que por sua morte devia passar á mulher e ao filho.

pondose de emboscada em lugar por onde devião passar os Hollandezes, estes vendo-se atacados, e cuidando ser o inimigo mais numeroso, se retirrão com perda de oito mortos e alguma feridos.

O sargento-mór Antonio de Madureira, que tinha chegado tarde com trezentos e cincoenta homens em soccorro da praça, retirou-se pelo rio na direcção do engenho de Cunhau, a quinze legoas do forte, e d'allí passou á Paraíba com alguns habitantes do paiz, e muitas cabeças de gado.

O historiador Giuseppe refere horríveis particularidades das crueldades exercidas pelos indios Janduis contra os Portuguezes depois da tomada do Rio-Grande. Estes selvagens anthropophagos erão reputados os mais ferozes do Brasil. Violavaõ as mulheres sobre os cadaveres dos pais e maridos, e depois as devoravaõ. Huma tribo barbara dos Tapuyas tambem commetteo grandes atrocidades devastando as povoações portuguezas do Rio-Grande.

Fundação da Republica dos Palmares. — Muitos escravos africanos de Pernambuco fugidos se acolherão aos bosques de palmeiras situados a trinta legoas no interior, onde formarão huma especie de republica em 1630, e com armas que roubarão aos Portuguezes se

puzerão em estado de defesa. A principio não passavão de quarenta, mas successivamente se foi augmentando o numero com huma multidão de outros negros fugidos, a ponto de exceder trinta mil. Estabelecerão huma forma regular de governo, e repartirão a povoação em villas, cidades, e districtos rurais, onde cultivavão a terra associando-se com os indigenas. A maior das suas povoações, que elles chamavão *Mocambos*, contava mais de seis mil habitantes; tinha tres ruas, cada huma de meia legoa de longo, formadas de cabanas contiguas, cada huma d'ellas com seu quintal. Como não tinhão mulheres, procuravão prover-se d'ellas nas povoações vizinhas, usando de artificio ou de violencia para arrebatarem todas as negras em huma grande extensão de territorio. Logo que conseguírao este objecto, constituirão-se em corpo de nação, e tomarão o nome de *Palmarianos*. A principio a forma do governo foi democratica, nomearão autoridades judiciaes, organizarão huma milícia composta de todos os homens capazes de pegar em armas, e adoptárao o catholicismo, mais ou menos alterado com mistura de festas, dansas e solemnidades africanas.

O assento da republica offerecia dois graves inconvenientes: a falta de agua nativa, e a proximidade dos estabelecimentos portuguezes,

que os expunha a continuas perdas do gente das correrias que erão obrigados a fazer para se proverem de agua e outros objectos de primeira necessidade. He verdade que causa a maior danno aos colonos do que d'elles recebão. Inatacaveis no inextricavel labyrintho das suas embrenhadas selvas, só corrião risco quando d'ellas se afastavão. Tratavão como iguaes todos os negros fugitivos que vinham incorporar-se na sociedade, mas faziam escravos os que aprisionavão: tão natural he ao homem a tendência a opprimir os seus semelhantes! Esta notavel associação adoptou mais tarde o governo monarchico, obedecendo a hum chefe eleito. Subsistio muito tempo, e resistio aos Hollandezes vitoriosos. Só quando os Portuguezes, senhores de todo o Brasil, dirigirão contra os Palmarianos forças consideraveis, he que estes succumbirão.

Campanha de 1634. — A 18 de Janeiro os capitães Fernando da Silva Miranda, e João de Madureira Godinho chegáram ao Campo com os cento e oitenta homens, unicos que restavão da expedição que partira de Lisboa. Dos quatro centos e vinte que saltavão, huns tinham morrido, outros estavão doentes; mas os mais d'elles tinham fugido para o interior do paiz, afim de evitar perigos e trabalhos, que lhes parecião intoleraveis.

O General deixou duzentos homens debaixo das ordens de Alvaro Fragoso d'Albuquerque, e de Jacinto Ayres da Lucerna, para defender a Paraiba. Ao mesmo tempo formou huma companhia dos soldados noramente chegados ao Campo, que deo ao capitão Bartholomeo de Vasconcellos, irmão de Francisco de Vasconcellos, que tinha servido nas armadas.

Para recompensar os serviços d'Antonio Eelippe Camarão, Elrei o nomeou capitão-mór de todos os Indios, não só da sua nação Pitar Guar, mas dos das outras que vivião em aldeias.

A 5 de Fevereiro chegou huma caravela portuguesa ao porto do Cabo S. Agostinho; outras duas entrarião na Paraiba, e trouxerão cento e vinte homens de reforço. Ao mesmo tempo receberão os Hollandezes hum socorro de quinhentos homens.

O chefe dos Tapuyas descendentes d'aqueles que fôrão vencidos pelos Portuguezes, sabendo estarem os Hollandezes senhores do Rio-Grande, sahio do sertão onde habitava a oitenta legoas da costa, e veio roubar e assolar as povoações portuguezas. Atacarão a fazenda de Francisco Coelho onde muitos colonos se tinham refugiado, e matarão sessenta, comprehendidos os filhos e a mulher de Coelho.

Tentativa dos Hollandezes contra a Paraiba.

— O general hollandez Sigismundo tendo resolvido apoderar-se do Pontal de Nazareth, para depois tomar a Paraíba, sahio do Recife, a 23 de Fevereiro, com huma frota de vinte e quatro navios, dezoito grandes barchas, e algumas lanchas, levando a bordo tres mil homens de infantaria. A 26 a frota chegou á altura do Cabo-Branco, e se dividio em tres esquadras, das quaes huma se postou de frente da barra, e as outras duas á entrada da Ponta de Lucena, a duas legoas da Ponta de Cabedello; alli desembarcão mais de dois mil homens, que marcharão contra o forte S. Antonio. Mathias de Albuquerque, sabendo, no dia 7, que os Hollandeses preparavão huma expedição naval, avisou d'isto o governador da Paraíba. Ao mesmo tempo deo ordem a Lourenço Cavalcante, commandante das forças da Goyana, distrito de Itamaracá, que o fosse soccorrer, e expedio oitenta homens do Campo commandados por Pedro d'Almeida Cabral. O governador da Paraíba tinha já fortificado huma ilheta chamada *dos Frades Bentos*, e estabelecido huma bateria de sete peças em hum banco de areá de frente da barra do rio, quasi a igual distancia de Cabedello e S. Antonio, e da banda d'este segundo forte; e para fechar o passo ao inimigo, fez tambem huma estacada na passagem estreita, entre o mar e

hum lagão impenetravel. O capitão de engenheiros Diogo da Paz dirigio os trabalhos; e o capitão Lourenço de Brito Corrêa, que, feito prisioneiro dos Hollandezes, havia sido posto em liberdade, e chegado à Paraíba tomou o commando de cento e sessenta homens. A defesa do passo foi confiada ao capitão Domingos de Almeida, ao alferes Antonio da Silva Lobo, e a Simão Soares, com os Indios.

Os Hollandezes atacarão a estacada sem sucesso, e se retirarão, voltando providos de machados, mas forão de novo repellidos com perda de trinta e dois mortos, e muitos feridos. Tendo-se fortificado perto do entrancheiramento portuguez, atacarão pela terceira vez, na manhan do dia 27, e forão de novo repellidos com perda. Os Portuguezes tendo sido reforçados por algumas companhias, o Governador Antonio d'Albuquerque fez atacar por trezentos soldados e duzentos Indios o campo inimigo, e cortar a sua comunicação com os navios. Não o conseguiram, mas este ataque intimidou os Hollandezes, que se retirarão a 28 e se embarcarão. No 1º de Março o commandante Lichthert se fez à vela para Pernambuco.

1634. — *Tentativa dos Portuguezes para recuperar o Recife.* Mathias d'Albuquerque, sabendo que o commandante hollandez tinha

nhido do Recife, a 23 de Fevereiro, com tres mil homens de infantaria, projectou apoderar-se d'esta praça desguarnecida de soldados. Havia hum lugar onde se podia passar o rio Biberibe na baixamar, mas estava defendido por hum patacho armado de oito peças e cincuenta fusileiros, o protegido pelos fortes de Diogo Paez e S.-Jorge, de hum lado, e do outro, pelas baterias do Recife e o forte da ponta da Asseca. O capitão Martim Soares Moreno foi escolhido para executar esta empreza atrevida, á testa de setecentos soldados e duzentos Indianos, tentando forçar a passagem do rio pela meia noite. O General repartio esta força em dois corpos; hum, de duzentos soldados e cem Indianos armados de machados e grenadas, devia dar o assalto ao Recife da banda da estacada, e quanto o outro de trezentos soldados e cem Indianos armados da mesma maneira, atacaria a porta da praça. Ao mesmo tempo, para fazer diversão, devia fazer-se demonstrações contra os fortes mais remotos do Recife, situados da outra banda da ilha de S.-Antonio. Para animar os soldados, o General, posto que doente, se pôz na borda do rio.

No primeiro de Março, pela meia noite, cem soldados e alguns Indianos passarão o vao com agua pelos peitos, e chegando á porta a atacá- rão com intrepidez e se apoderarão das primei-

ras obras, o que deo rebate i guarnição. O chefe hollandez Centio, que se achava alli com duzentos homens, lançou-se em huma lancha, e passou da outra banda da ilha de S.-Antonio. Mas o patacho e os fortes de Diogo Paez, de S.-Jorge e da Asseca fizerão hum fogo continuo sobre o rio, o que intimidou o outro corpo portuguez, e os forçou a retroceder. O primeiro corpo não se vendo apoiado ao nascer do sol, se retirou passando o mesmo vao, levando os feridos sobre os hombros.

Tomada da cidade de Nazaréh pelos Hollandezes. — O general Sígismundo, para distrahir a attenção dos Portuguezes, desembarcou na Paraíba, e demorou-se cinco dias a fazer entrancheiramentos; mas a 4 de Março levou ferro com onze navios, e appareceu diante do cabo S.-Agostinho. O forte de Nazareth, situado no terreno o mais elevado, era defendido por huma guarnição de perto de trezentos homens de tropas ás ordens do sargento-mor Pedro Corrêa da Gama, e de cincuenta milicianos capitaneados por João Paez de Nello. Para impedir o inimigo de desembarcar em Tapoão, situado em distancia de huma legoa ao norte, expedio quatro companhias para fazer trincheiras. A bateria da barra foi garnecida de soldados capitaneados por Francisco de Belancourt, e D. Pedro Tovar Sotomayor.

Na de S.-Jorge, que ficava mais para dentro, foram assentadas duas peças, e se pôz huma pequena guarnição ás ordens do alferes João Rodrigues Pestana. A cidade de Pontal, que estava fóra do alcance da artilharia da barra, era defendida pelos habitantes, pela maior parte marujos, commandados por dois capitães Amaro de Queiroz, e Jorge Cabral da Câmara.

A frota hollandeza foi dividida em tres esquadras. Huma, de treze navios, treze lanchas e tres pataches, com tropas a bordo, não podendo efectuar o desembarque na praia de Tapoão, por estar este ponto bem defendido, foi costeando até outro lugar chamado *As Pedras*; mas os Portuguezes tendo recebido quarenta homens de reforço, obrigaram os Hollandeses a se fazerem ao largo, depois de terem perdido mais de cem homens.

A segunda esquadra, composta de onze navios, conseguiu entrar pela barra estreita do porto do Cabo, por entre o fogo de duas baterias que a defendião. Hum só dos navios, que perdeu o leme, encalhou; tres dos outros se adiantarão até perto do Pontal. Os marujos intimidados fugiram, abandonando o assucar e as provisões no inimigo.

A terceira esquadra compunha-se de todas

as lonchas, com mil homens a bordo: Domingos Fernandes Calabar, os conduziu a 5 de Marco ao porto, por huma aberta no Recife, a meia legoa ao sul da barra, e tão estreita, que se julgava não poder dar passagem a huma canoa.

A primeira esquadra ficou a meia legoa da barra, para comunicar com a cidade por este canal, porque os Portuguezes estavam senhores dos redutos e dos fortes, e impedião a comunicação pela barra.

No dia 6 o general Mathias d'Albuquerque chegou ao cabo S. Agostinho á testa de quinhentos homens. Tendo reconhecido a posição do inimigo, resolveu atacá-lo imediatamente na manhan do dia 7. As forças portuguezas consistiam em oitocentos homens, a metade d'elles Indios. Destacou alguns capitães de emboscadas pelo rio dos Algodoões, que corre perto da cidade, e entre o qual e a praia da barra havia hum bosque tão cerrado que era quasi impenetravel. O destacamento tinha ordem de reconhecer o terreno, e fazer huma diversão contra o inimigo, conduzindo-se segundo as circumstâncias. Ao mesmo tempo o General marchou ao longo de praia contra os Hollandezes que se tinham entrincheirado. Apôderou-se de huma bateria de duas peças a oitenta passos das trincheiras. Os Hollan-

dezess atemorizados começaram a retirar-se da cidade; muitos se lançaram ao rio, e a nado ganharam os seus navios; outros fugiram para a ilha de Borges, da outra banda da cidade, e defronte do canal estreito já mencionado. Entretanto o destacamento portuguez avançava pelos bosques, quando hum grito se levantou de estarem os Hollandezes emboscados para lhes cortar a retirada. Ihum terror panico se apoderou dos Portuguezes, que fugiram em desordem, sem que os officiaes conseguissem contê-los.

Os Hollandezes se fortificaram á pressa na cidade, e na ilha, em quanto o general portuguez dispunha as suas forças para lhe tomar a frota sahindo pelo canal estreito da barra; mas elles tiveram meio de excavar o esteiro descoberto por Calabar, em profundidade suficiente para por ello escaparem os navios depois de descarregados. Os dois commissarios hollandezes deixaram dois mil homens para defender a cidade e as fortificações, ás ordens do coronel Sigismundo, a quem conferiram o titulo de general, e partiram em dois navios para Hollanda. O governador da Paraíba, informado d'estas más noticias, mandou á cidade duas companhias de reforço.

O general portuguez fez reparar o navio encalhado no rio da Jangada duas legoas para o

norte, entre o porto do Recife e a barra do Cabo, e o expedio para Hespanha debaixo do commando do capitão Francisco Duarte, que enearregou de informar Elrei dos ultimos successos, e de solicitar promptos resforços.

O tenente-coronel Biman, que commandava no Recife, tentou em vão tomar o campo portuguez na ausencia do General, que estava entao no forte de Nazareth. Foi obrigado a retirar-se com perda de cem homens, e de dois morteiros. O general portuguez foi igualmente frustrado em hum ataque contra a guarnição do Pontal. Os Hollandezes fôrão igualmente repelidos a 28 de Abril, em huma tentativa contra o engenho de assucar onde se tinham retirado os Portuguezes e os Indios do Rio Grande; mas estes adiantando-se de mais em alcance dos Hollandezes, perdêrão quarenta homens.

Para subjugar inteiramente os Tapuyas, commetteo-se a Duarte Gomes da Silveira o ir atacá-los com cento e cincuenta soldados e trezentos Indios de nação inimiga dos primeiros; Silveira passou o rio Pottengy, e encontrou a 28 de Maio, hum corpo de duzentos Hollandezes, que obrigou a retirar-se com perda de cem homens. Silveira, vista a falta de bons caminhos, resolveo não proseguir a marcha, limi-

tando-se a impedir os Tapuyas de comunicarem com os Hollandezes.

Na noite do 18 de Maio os Hollandezes fizeram huma sortida da cidade do Cabo S. Agostinho, para atacar o reduto que os Portuguezes tinham construído na praia, mas foram repellidos com vigor. A quatorze de Maio tinha chegado hum reforço de duzentos soldados velhos da Bahia ao Cabo S. Agostinho. Para proteger a povoação de Pojuca a tres legoas ao sul do Cabo, o general portuguez fez postar alli alguns novos capitães de emboscadas. Esta villa continha cento e vinte habitantes, hum convento de Franciscanos, e nos contornos havia quinze engenhos e plantações de assucar.

A quatorze de Agosto Calabar chegou por mar a Porto-Calvo, onde se achava o capitão Francisco Rebello com alguns soldados, que o atacaram com vigor e lhe mataram quarenta homens e fizeram onze prisioneiros. Calabar foi ferido na acção.

A 20 do mesmo mez duas caravelas de socorro, vindo de Lisboa, commandadas pelo capitão Balthazar da Rocha Pitta, chegaram, huma ao rio de Cunhau, a outra á Paraíba; cada huma d'ellas trazia trinta soldados e municiões. No dia vinte e dois, os Hollandezes avisados que huma caravela e algumas barcas estavam a ponto de sahir do porto de Cunhau, a

primeira para Espanha, e as barcas para a Paraíba, resolverão atacá-las, assim como o forte que defendia o porto. Para este fim quinhentos soldados, e grande numero de Tapuyas vieram do Rio-Grande. O capitão Fragoso, que comandava o reduto, não tinha mais que vinte e dois homens, dos quais quatorze eram marinheiros e oito soldados. No dia vinte e trea foi atacado de noite sobre tres pontos a bom tempo; os Tapuyas, desacostoados pelo estrondo da artilharia, fugiram, e os Hollandeze se retiraram com perda de alguns mortos e feridos; mas ao amanhecer reconhecerão a pouca força do reduto, e resolverão tomá-lo. A pequena guarnição defendeu-se com a maior coragem; dezoito homens perderam a vida, e os quatro que restavam foram depois deshumanamente mortos. O capitão recebeu também huma estocada, mas a ferida não foi mortal, e foi conduzido ao Recife onde ficou prisioneiro. Ao mesmo tempo chegou da Paraíba a caravela de Rocha Pitta para socorrer o reduto. Os Hollandeze se retiraram ao Rio-Grande. Tinhão perdido quarenta homens no ataque do reduto.

Tomada da Paraíba pelos Hollandeze. — Os comissários hollandeze, de volta à Ilha, fizeram ver à Companhia Occidental a grande importância da conquista do Brasil; e para

completar, preparou-se huma nova expedição de dezoito navios com tres mil soldados¹, e muitas munições e viveres. O coronel polaco Artisjoski², official valente e experimentado, commandava as tropas. Esta frota entrou no porto do Recife a 25 de Outubro. O general teve ordem de se apoderar da Paraíba.

A 7 de Novembro Calabar sahio do Recife com quatro navios e hum patacho, e entrando no rio Mamanguape queimou huma caravela que alli estava descarregada, e tomon hum patacho meio carregado de assucar. Deixou alli os quatro navios, e voltou com os dois patachos.

A frota hollandeza de vinte e nove navios, levando dois mil homens de tropas, sahio do porto do Recife a 25 de Novembro, e appareceu diente do Cabo-Branco a 4 de Dezembro, levando a infantaria embarcada em cincuenta barcas e lanchas seguidas de hum patacho, para atacar a Paraíba. Esta praça tinha sido fortificada pelo Governador Antonio d'Albuquerque. Na entrada da barra do rio Paraíba, perto do canal da banda do sul estava o forte Cabedello, bem provido de munições e viveres,

¹ Brito Freire diz vinte e dois navios, e tres mil e quinhentos soldados.

² A. Coelho o chama Cristoval Arquichofre.

defendido por duas companhias, e alguns artilheiros ás ordens dos capitães João de Matos Cardoso e D. Jacinto Arias de la Serna. Da outra banda, e mais longe da barra, estava o forte S.-Antonio, já acabado, excepto o parapeito: a sua defesa era confiada ao capitão Luiz de Magalhães, com sessenta artilheiros e suficientes munições e mantimentos. Em distancia de tiro de canhão de cada hum d'estes fortes estava a ilha de S.-Bento sobre hum banco de areia defronte da barra, onde se tinha assentado huma bateria de sete peças, defendida por quarenta homens debaixo das ordens do capitão Pedro Ferreira de Barros. Sobre a praia, em distancia de mais de quatro legoas, havia algumas trincheiras e redutos para impedir hum desembarque no rio, e no Guaramama, ao sul do Cabo-Branco. Havia outro reduto no passo de Boisos, defendido pelo capitão Antônio Ferreira de Lemos, com a sua companhia de milicianos. A cidade situada a tres legoas da barra, perto do rio, era protegida por alguns entrincheiramentos. A praça não tinha mais que oitocentos soldados e secentos habitantes, para sua defesa.

O general Mathias de Albuquerque, avisado da partida e do destino d'esta expedição, fez marchar do campo tres companhias debaixo dos capitães Simão Caeiro, Gregorio Guedes

de Soutomaior e Jeronymo Pereira, os quaes chegáron á Paraiba antes dos Hollandezes. Lourenço Cavalcante de Albuquerque teve ordem de conduzir os reforços da Goyana. De toda esta gente se formarão cinco corpos destinados a guarnecer as posições onde o desembarque era mais facil ao inimigo. As tres companhias vindas do Campo forão postadas na entrada da enseada, chamada de Manoel Alvares, em distancia de maia de quatro legoas ao sul da barra e do forte Cabedello. A huma legoa mais ao norte, no lugar chamado Nicolao dos Reis, postou-se a gente da cidade debaixo do capitão Manoel de Queiroz Sequeira. No lugar denominado Jacome d'Oliveira, situado a legoa e meia da enseada de Jaguaribe, tomou posição o Governador com alguns habitantes e os reforços da Goyana. Em sim, entre este posto e Cabedello, havia outro posto na pescaria de João de Matos, onde se achavão os capitães D. Gaspar de Valcazar, e Domingos d'Arriaga.

A 4 de Dezembro, os Hollandezes effectuá-
rão o seu desembarque na enseada de Jagua-
ribe sem outra perda, mais que tres barcas e
huma lancha. O Governador fez huma resis-
tencia inutil, e perdeu quarenta e cinco ho-
mens mortos e maior numero feridos. Os Hol-
landezez tiverão quinze mortos e vinte e tres
feridos. Todavia o Governador teve tempo de

mandar reforços ao forte Cabedello, e estabelecer o seu quartel em S.-Antonio.

No dia 10, as bombas dos Hollandezes mataram doze homens e feriram vinte do forte Cabedello. Favorecida por hum denso nevoeiro, huma divisão da frota passou a barra, e oitocentos Hollandezes tomaram a ilha de S.-Bento e a bateria, matando vinte e seis dos quarenta Portuguezes que a defendiam. Voltaram as peças contra o forte Cabedello, e ocupando as duas margens do rio cortaram a communicação entre os fortes e a cidade. Os sitiados tendo perdido oitenta e dois homens e dois capitães, e estando feridos cento e tres, perderam toda a esperança de conservar a fortaleza, e se entregaram a 19 de Dezembro. O conde de Baguado chegou no dia seguinte á Ermida da Guia, a hum quarto de legoa de S.-Antonio, com huin reforço de trezentos homens de Pernambuco para socorrer a cidade; mas reconhecendo que toda a resistencia era inutil, deu ordem de evacuar a praça, e fez queimar os navios mercantes que estavão no porto. Os soldados levaram quanto puderam roubar aos habitantes, e retiraram-se com o commandante ao forte de Nazareth. No dia 23 o forte de S.-Antonio tambem capitulou com as mesmas condições que o de Cabedello.

Esta victoria custou seiscientos homens

Hollandezes. Antonio d'Albuquerque se retirou a Pernambuco, e o general hollandez Sigismundo entrou na cidade da Paraíba, que os Hespanhoes havião denominado em 1583 Felippéa, e a que os Hollandezes mudara o nome em Frederica. Toda a província e a do Rio-Grande se submeterão, assim como a ilha Itamaracá. Depois d'estes sucessos, Sigismundo voltou triunfante ao Recife.

1634. — Os agentes hollandezes sentindo a necessidade de reter por meios conciliatórios a povoação portugueza que emigrava logo que elles se apossavão do paiz, publicarão a 26 de Dezembro huma declaração, na qual prometão: 1º Que os habitantes gozarião da liberdade religiosa, e das suas igrejas; 2º que se lhes faria boa justiça, e que serião protegidos contra toda a violencia; 3º que gozarião plenamente das suas propriedades; 4º que não pagarião nenhum imposto excepto os dízimos, e os direitos ordinarios da entrada de generos; 5º que possuirião livremente todos os seus bens móveis e immoveis, gado e escravos, restituindo-se-lhe os que lhe houvessem sido tomados; 6º ás pessoas que quizessem ausentiar-se se fornecerão meios de transporte por agua ou por terra; 7º no caso de ser o paiz retomado, terão os habitantes á sua disposição todos os meios de se embarcar; 8º as pes-

soas que quizerem reconhecer a autoridade dos Hollandezes, prestarão em pessoa jura-
mento de fidelidade; 9º o serviço militar será
meramente voluntário; 10º os delictos serão
só punidos segundo as leis; 11º as desaven-
ças entre Portuguezes serão decididas por hum
juiz da sua nação; 12º será lícito a cada hum
trazer armas para propria defesa.

A principio mui poucos Portuguezes se
apresentarão para se aproveitar das condições
d'este regulamento, mas a 9 de Janeiro do
seguinte anno, oito dos principaes habitan-
tes da Paraíba adherirão a élle, e o seu exem-
plo foi seguido por muitos outros.

Campanha de 1635. — Os Hollandezes victo-
riosos resolvérão apoderar-se de Nazareth, e
do Campo-Real, de que ainda os Portuguezes es-
tavão de posse. Com este intento marchou Ar-
tisjoski da Paraíba sobre Goyana e Pernambuco
a 7 de Fevereiro com trezentos homens. Ao
mesmo tempo sahio o general Sigismundo do
Recife com dois mil soldados e quinhentos In-
dios da Paraíba e Rio-Grande, e se dirigio pelo
interior do paiz sobre Guararapes e Santa-An-
na, na proximidade da freguezia da Moribeca, a
quatro legoas do acampamento portuguez e a
tres do forte dos Afogados. O general portu-
guez postou-se com trezentos homens no esta-
belecimento de S.-Antonio. Os Hollandezes ti-

nhão cinco mil e quinhentos, comprehendidos os Indios, e os Portuguezes não ousarão arriscar o combate com as poucas forças de que podião dispor.

O acampamento tinha quatrocentos e cincuenta homens de guarnição debaixo do mando de André Marin, tenente-coronel de artilharia. O forte de Nazareth e o cabo S.-Agostinho erão defendidos por seiscentos homens debaixo de dois chefes Pedro Corrêa da Gama sargento-mór do estado, e Luiz Barbalho sargento-mór do regimento de Portugal. A 3 de Março, o general hollandez se approximou do Campo e do Cabo. No mesmo dia, o general Mathias d'Albuquerque, com trezentos homens, ocupou Villa-Formosa, no distrito de Serinhaem, para poder soccorrer as praças sitiadas, e proteger o desembarque dos resfôrços que pudessem vir de Hespanha pelos rios Formoso e Serinhaem. O general Sigismundo tomou posição no engenho dos Algodoaes de Miguel Paez, a huma legoa do forte de Nazareth, onde se poz em defesa com trincheiras e embarcações ligeiras. O coronel Artisjoski, com perto de tres mil homens, estabeleceu-se no engenho de Francisco Monteiro, em distancia de tiro de peça do acampamento real, e por detrás d'elle. André Marin com duzentos homens tentou em vão, por espaço de huma hora, obstar a esta manobra.

A 4 de Março o coronel ocupou o engenho de Marcos André, a igual distancia do campo e em frente d'elle, na posição a mais conveniente para conservar a comunicação do forte dos Afogados. A 5 tomou huma posição na margem do rio Capibaribe em distância de tiro de espingarda do campo portuguez. Nesta posição podia proteger a chegada do munições e viveres conduzidos pelo rio. Por conselho do conde de Bagnuolo, estabeleceoo general portuguez hum posto em Porto-Calvo, a 16 legoas mais ao sul, e a 25 do cabo S.-Agostinho. Em consequência o conde partiu no dia 8 para aquelle lugar, com duzentos homens, chegou a 12, e começou logo a fortificar-se na igreja velha. Reforçado por cem milicianos e os Indios do capitão-mór Camarão, o general procurou cortar as comunicações. Entretanto hum corpo de mil Hollandezes chegou a Pindeva, a huma legoa de Villa-Formosa : quatrocentos d'elles, que tentarão penetrar por hum atalho, foram repelidos por cem Portuguezes e algumas Indios. A pezar da grande superioridade das forças hollandezas, os Portuguezes conseguiram meter viveres em S.-Agostinho e no Campo Real.

Os Hollandezes em numero de sete mil e quinhentos homens chegaram a Aybu, pequena povoação proxima ao cabo S.-Agostinho, e foram repelidos em tres tentativas contra os en-

trincheiramentos na vizinhança do forte de Nazareth. Por sim conseguiram apoderar-se d'este posto atacando-o no dia 27 com mil e quinhentos homens, dos quais perderão cento e vinte. Guarnecerão o posto com tres peças, e assentaram outras tres no passo do Fidalgo para bater a praça.

Ao mesmo tempo o almirante hollandez Lichthart avisado que o conde Bagnuolo se fortificava em Porto-Calvo, marchou contra este ponto com seiscentos homens; Bagnuolo foi ao seu encontro com duzentos soldados e algumas milicianos, mas foi vencido e obrigado a retirar-se pelo rio das Pedras até à lagôa do Norte, situada a dezanove legoas ao sul, onde chegou a 21 de Março. O capitão D. Fernando de la Riba-Aguero, que Bagnuolo tinha destacado com quarenta homens, se salvou em Villa Formosa.

Os Hollandezes senhores de Porto-Calvo, se apressarão de fortificar a igreja velha e a nova, e duas casas grandes proximas á primeira situadas sobre huma altura. Levantarão também hum muro de terra com fosso e estacada, guarnecerão os quatro angulos de artilharia, e meterão na praça huma guarnição de quinhentos homens, obrigando os habitantes do districto a fornecer-lhes viveres.

O general hollandez, persuadido que a praça

tinha pequena guarnição, resolvo atacá-lo, para o que fez marchar oitocentos homens ás ordens do sargento-mor André Zon; este oficial chegou a 11 de Abril a hum posto distante huma legoa da cidade, contra o qual tinha já feito huma tentativa van a 18 de Março. Este posto era defendido por oitenta homens ás ordens do capitão Alfonso d'Albuquerque, e alguns Indios debaixo do mando dos capitães Antonio Cardoso, e João d'Almeida. Não tendo força suficiente para resistir ao inimigo, forão-se retirando pelo rio Serinhaem sobre o corpo do general, que tinha passado o rio mais acima. Atacados pelos Hollandezes resistirão desde as dez horas da manhan até ao pôr do sol, e impedirão o inimigo de se senhorear da cidade, obrigando-o a retirar-se com perda de cento e vinte mortos e setenta feridos. Os Portuguezes tiverão dez mortos e vinte e dois feridos, sendo dos primeiros o capitão Antonio André, oficial mui distinto que servia desde o principio da guerra, e Estevão Velho, que tinha perdido na guerra dois irmãos e hum cunhado.

Estevão Velho era filho de Maria de Sousa, huma das mulheres mais distintas e ricas de Pernambuco. Já nesta guerra desastrosa tinha perdido dois filhos e hum genro. Quando lhe anunciárão a triste nova da perda do seu terceiro filho, chamou os dois que ainda lhe res-

lavão, hum de quatorze, o outro de treze annos, e com heroica virtude os excitou a sacrificar a vida no serviço do rei e da patria, mostrando-se dignos do pai que lhes dera o ser, e da gloria adquirida pelos irmãos.

A 4 de Maio o general hollandez renovou o ataque do Cabo S.-Agostinho, e conseguiu apoderar-se de hum reduto, mas d'elle forao rechaçados os Hollandezes pelo sargento-mór Luiz Barbalho que veio do forte de Nazareth, e lhes matou quarenta e cinco homens, sem contar os feridos. No dia 18 forao de novo repelidos.

No primeiro de Abril o coronel Artisjoski começou a apertar o cerco do Campo, ocupando as casas de Jeronymo Paez a tiro de espingarda da praça, onde estabeleccoo o seu quartel general; e durante a noite avançou-se a tiro de pistola e elevou hum reduto, defendido por huma estacada coroada de gabões.

O Governador fez sahir do campo cincuenta homens para desalojarem do bosque vizinho algumas companhias inimigas, mas forao obrigados a acolher-se ao acampamento depois de terem perdido alguma gente, e entre elles, o commandante. Tumbem fizerao os Portuguezes algumas tentativas infructiferas para meter viveres no forte de Nazareth.

Entretanto os Hollandezes continuavao a

bater e bombardear o Campo, e durante trinta e cinco dias não cessou o fogo. Os sitiados perdiam muita gente, e estavam mui faltos de viveres e munições, que os sitiadores não deixavão entrar na praça, ocupando todo o paiz entre o forte de Nazareth e o Campo, e castigando de morte todos os que tentavão fazer entrar socorros no Campo. Até davão a liberdade aos escravos que denunciavão os autores d'estas tentativas. O governador portuguez prolongava a defesa elevando parapeitos, e fez abrir huma cova no centro do Campo para depositar nela os feridos e as munições. Por sim virão-se reduzidos a comer coiro, cães, gatos e ratos. Nesta extremidade foi o governador obrigado a capitular, depois de haver sustentado hum apertado cerco de tres mezes e tres dias. A 6 de Junho saiu a guarnição com as honras militares, e concedeo-se-lhe a faculdade de se embarcar para as ilhas hespanholas. Os desgraçados colonos, não sendo comprehendidos na capitulação, forão considerados pelos Hollandezez como traidores ao príncipe d'Orange e obrigados a resgatar a liberdade com dinheiro. Antonio de Freitas e outro Portuguez forão mettidos a tratos por não terem preenchido a somma exigido. Por este atroz expediente extorquirão os Hollandezez muitos mil cruzados. Perderão no cerco mil homens mortos, e sete

centos feridos. Os Portuguezes tiverão cem mortos e cento e quarenta feridos. Os Hollandezes arrasarião as fortificações, e transportarão a artilharia ao Recife.

O general hollandez concentrou as suas forças à roda do forte de Nazareth, onde Mathias d'Albuquerque conseguiu fazer entrar alguns socorros por meio de jangadas pequenas, das quais cada huma não levava mais de meia fanga de arroz.

A 25 de Julho, o general portuguez teve aviso do conde Bagnuolo da chegada a Villa-Formosa de duas caravelas commandadas pelos capitões Paulo de Parada e Sebastião de Lucena, que trazião algumas munições, e a notícia que a armada combinada de Castella e Portugal partiria em Maio, em consequencia do que convinha reunir todas as forças nas Alagoas. Este plano foi adoptado, e o forte de Nazareth se rendeu a 2 de Julho, com as mesmas condições que a guarnição do acampamento.

O general portuguez evacuou esta porção do territorio de Pernambuco, e protegeu a emigração de tres mil habitantes, e quatro mil Indios amigos. Não tinha mais de duzentos soldados regulares, e pouco mais de cem Indios armados e commandados pelo capitão-mór Antonio Felippe Camarão. Marcharão para Porto-Calvo,

e a 12 de Julho fez o General altano monte de Amador Alvares, a tiro de peça da cidade, e dispôz alli duas emboscadas de cincuenta homens cada huma, sobre as duas bordas da estrada, para cahir sobre os Hollandezes, que, illudidos por Sebastião de Souto, devião fazer huma sortida contra os Portuguezes. Souto via entre os Hollandezes que detestava, e era bem visto d'elles; tendo-se offerecido ao comandante Alexandre Picard para ir reconhecer a força dos Portuguezes, aproveitou esta occasião para avisar Mathias d'Altquerque da chegada de Calabar a Porto-Calvo no dia antecedente com duzentos homens, aconselhando ao mesmo tempo que se dispzessem os Portuguezes a tirar partido do aviso falso que elle ia dar ao Governador, fazendo-lhe crer que a força inimiga era hum punhado de soldados com alguns Indios. Picard, confiado neste aviso de Souto, sahio com duzentos homens; mas atacado de improviso pela gente emboscada, foi repellido com perda de cincuenta homens. Os Portuguezes lhe fôrão no alcance até ás fortificações, nas quaes se trabalhava havia quatro mezes. A que dominava as outras era a igreja velha, fortificada e defendida por oitenta mosqueteiros e trinta carabineiros. Posto que privados de todos os meios de escalar, a tudo suprio o valor portuguez, e antes do sol posto

tinhão-se apoderado da igreja. Animados por este successo, os Portuguezes atacão imprudentemente as duas casas fortificadas e a igreja nova, mas forão repellidos com perda de vinte Indios e Portuguezes mortos, e oitenta feridos. Todavia tombrão hum reduto que protegia os socorros que vinham pelo rio das Pedras. Depois d'esta vêntagem continuão a apertar a praça, que por falta d'água não podia resistir muitos dias. A 18 incendião huma das casas fortificadas onde morrêão alguns dos que a defendião. No dia seguinte Picard ofereceu capitular, sahindo com as honras militares; a guarnição foi conduzida á Bahia, para ser embarcada para Hespanha e de lá para Hollanda. Picard quiz salvar Calabar comprehendendo-o na capitulação, mas o general portuguez não consentiu. Então este mulato, antevendo a sua sorte, resignou-se a ella com grande firmeza de animo. Deo todas as mostras de sincero arrependimento; e a 22, foi enforcado e esquartejado, e expostos os seus dilacerados membros nas palissadas da villa onde elle nascera. Era homem de engenho, e de notável coragem e actividade, mas de má indole. Tinha desertado em 1652 para os Hollandezes, que lhe derão a patente de capitão, e depois a de sargento-mor: tinha dirigido todas as operaçoes contra os seus compatriotas, a quem tinha causado gra-

vissimo dampoo. Não se sabie qual sôra o motivo que o decidira a desertar. Mathias de Albuquerque, com gran desdouro seu, havia algum tempo antes seduzido hum primo de Cabalar para o matar à traição, mas este vil assassino morreu espetado na propria espada quando ia cravá-la no parente, que o aguardava sem a menor suspeita da damnada tentação.

O general portuguez propoz ao commandante hollandez a troca dos prisioneiros que erão perto de quatrocentos, comprehendidos os officiaes, pelos Portuguezes do cabo S. Agostinho; mas esta proposição foi recusada. Também mandou enfocar Manoel de Castro, que tinha seguido o inimigo em qualidade de alcaide em Porto-Calvo. Recompensou Sebastião de Souto, nomeando-o alferes do capitão Affonso de Albuquerque.

Nesta epocha os Hollandezes tinham quatro mil homens em campanha, e estavão senhores de todos os portos da costa da Paraíba e Pernambuco, com cincocentos navios de guerra para os guardar.

Albuquerque tendo feito arrasar as fortificações de Porto-Calvo, e enterrado as peças nos bosques, partiu a 23 para as Alagoas. De caminho encontrou no rio de Santo Antonio Grande, a sete leguas das Alagoas, os capitães Paulo de

Parada o Sebastião de Lucena, que tinha vindo de Lisboa em hum navio em que também viera embarcado o successor de Mathias d'Albuquerque. Os emigrados logo que chegaram ás Alagoas se dispersaram; uns forão para a Bahia, outros para o Rio de Janeiro.

A 29 o General chegou á Lagôa do Norte onde achou o conde de Ilagnuolo, com quem conferiu. Ambos assentaram em ocupar a Lagôa do Sul, que era mais desensável, por estar situada entre os tres fortes de Jaraguá, das Lagôas e o dos Francezes. O General ocupou este posto a 2 de Agosto, com quatrocentos Portuguezes e Índios, e começou a fortificar-se. No dia 15, o coronel Artisjoshi, com dois mil soldados, partiu para ocupar Peripueira, altura situada na costa quarenta legoas ao sul do Recife, oito das Alagoas, e duas do passo do Poço, situado seis legoas para o norte. Estabeleceu hum reduto sobre huma altura, perto da ermida de S. Gonçalo, e outro sobre a praia, para comunicação com os habitantes do campo.

A 28 de Agosto o General sez partir para Espanha huma das caravelas commandada pelo capitão Sebastião de Lucena, para informar Elrei dos ultimos successos.

A 25 de Setembro, o governador da Paraíba, Antônio d'Albuquerque, partiu para o Maranhão em huma barca, com tenção de se

embarcar para as colônias hispânicas e de lá para Espanha.

Huma esquadra hollandeza de quatorze navios, comandada por Cornelis Jol, partiu do Recife e tomou a ilha de Fernando de Noronha, onde deixou alguns navios. Com os outros foi-se em busca da frota do México, que encontrou no canal de Bahamá; atacou-e com vantagem, mas a Victoria lhe escapou pela insubordinação dos capitães, que não quizerão obedecer a hum almirante que tinha sido corsário.

Nova expedição hispano-portuguesa. A Corte de Espanha, ansiosa de retomar Pernambuco, armou huma esquadra de vinte navios, levando a bordo mil e setecentos soldados. O general da esquadra de Castella era D. Lope d'Almeida e Cordova, e o almirante, D. José de Meneses. O general da de Portugal era D. Rodrigo Lobo, e o almirante, João de Sequeira Varrião. A armada partiu de Lisboa a 7 de Setembro, levando a bordo D. Luiz de Roxas e Borja, mestre-de-campo do commandante em chefe D. Antônio d'Avila e Toledo, sucessor de Mathias d'Albuquerque, e Pedro da Silva, para render Diogo Luiz d'Oliveira, em qualidade de Capitão-general do Brasil, na Bahia. Esta frota arribou ás ilhas do Cabo-Verde, onde perdeu alguma gente por doença, e chegou a 26 de Novembro diante do Recife, onde es-

havão nove navios carregados de tabaco, algodão, pao de tinturaria, e gingivre, promptos a partir, e tendo cada hum cinco ou seis homens de tripolação a bordo; mas não havia fundo sufficiente para os navios da esquadra poderem atacá-los.

A 30 de Novembro, abordarão os Portuguezes à ponta de Jaraguá, para desembarcar a gente e as munições. Os Hollandezes tinham então as suas forças disseminadas em huma extensão de cem legoas de costa desde Peripueira até Pottengy. Sigismundo não tinha mais de duzentos homens na capital, e quando avistou os navios, deo-se por perdido. A frota dirigio-se para o cabo S. Agostinho, onde o mau tempo os impedio de desembarcar. Bagnuolo aconselhou a Hozes que entrasse no rio Serinhaem, mas elle recusou fazê-lo, e proseguio a sua derrota até á barra das Alagoas.

A 6 de Janeiro 1656, o Mestre-de-campo tomou o mando das tropas, e marchou ao encontro do inimigo com mil e quatro centos homens e alguns Indios commandados por Camarão, a quem Elrei tinha concedido o tratamento de Dom. Durante a marcha soube por dois soldados de Sebastião de Souto, que o general Schoppe com seiscentos homens se tinha aposado de Porto-Calvo, e que para impedir todas a communicação entre o exercito portuguez e

os habitantes do paiz, tinha ordenado aos habitantes que residião ao sul da cidade, de se retirarem para o norte. De Roxas expedio o capitão Francisco Rabelo, com duas companhias, para entreter o general holandez ate elle chegar; mas este tendo aviso da marcha dos Portuguezes, retirou-se a Barra-Granda en distancia de cinco legoas.

No dia 16 o commandante portuguez informado que Sigismundo tinha desembarcado tropas nesse porto, e que Artisjoshi tinha sabido do seu campo de Peripueira, com mil e quinhentos homens, deixou quinhentos em Porto-Calvo e marchou ao encontro do inimigo com oito-czentos soldados e os Indios auxiliares. No dia 17, á bocca da noite, avistou o inimigo, com o qual teve algumas escaramuças, que lhe fizerão conhecer a grande diferença entre a maneira de pelejar nos bosques, e a de fazer a guerra na Europa. Os seus officiaes lhe aconselharão de não arriscar combate contra forças superiores, e de esperar as tropas de Porto-Calvo. Elle seguiu o conselho, mas na seguinte madrugada, provocado pelo inimigo que se tinha postado em huma planicie estreita protegida por bosques, travou o combate e obteve algumas vantagens; mas tendo ordenado huma ordem que foi mal executada, quiz restabelecer a ordem apeando-se do cavallo, quando foi

ferido em huma perna de huma bala, e logo depois cahio mortalmente ferido de outra. Tinha cincuenta e dois annos de idade. Os Portuguezes, tiverão trinta e três mortos e trinta e oito feridos; a perda dos Hollandezes passou de duzentos. Artisjoski, faltó de viveres, retirou-se a Peripucira levando prisioneiro Heitor de la Calchi, sargento-mór dos Napolitanos.

O tenente-general Manoel Dias d'Andrade, tinha-se adiantado a huma legoa de Porto-Calvo, com trezentos homens; quando soube a derrota e morte de Roxas, voltou a este lugar e alli se fortificou. No dia 19 abriu as cartas d'Elrei datadas do 30 de Janeiro de 1635, e nelas vio que o conde de Bagnuolo era nomeado sucessor de Roxas. Os soldados e os habitantes se mostraram descontentes, e queriam forçar Andrade a tomar o mando. Os da Alagôa também se opuseram à nomeação Regia, e rogaram a Duarte de Albuquerque que assumisse a autoridade civil e militar; mas elle recusou e conseguiu acalmar esta sedição. O conde do Bagnuolo participou ao capitão-general Pedro da Silva e aos almirantes, que estavão na Bahia, a morte de D. Luiz de Roxas, e a sua nomeação. Propôz-lhes ao mesmo tempo hum meio de fazer grande dano ao inimigo, correndo a costa de Pernambuco que estava desguarnecida de navios e soldados. O projecto foi aprovado,

mas não ponde ter efeito, por haver o general D. Lope recebido ordem de partir para Curaçao, com Djogo Luiz d'Oliveira, a fim de expulsar os Hollandezez d'esta ilha. Bagnuolo expedio para a ilha Tercera huma embarcação que foi tomada pelos Hollandezez, e construia hum forte na Lagôa do norte, de que nomeou capitão Assonso d'Albuquerque, com trezentos homens de guarnição. A 15 de Março o conde partiu para Porto-Calvo, onde chegou a 19. Passou mostra á sua tropa, e achou que tinha mil e oitocentos soldados efectivos, alem dos Indios ás ordens de D. Antonio Felippe Camarão.

Bagnuolo destacou o tenente Manoel Dias de Andrade com quatrocentos soldados, e Camarão com os seus Indios, para ocupar e fortificar hum posto ao sul, perto do Rio-Una, de frente da aldeia de S.-Gonçalo, a dez legoas de Porto-Calvo, e a seis de Villa-Formosa. Ao mesmo tempo mandou o sargento-mór Martim Ferreira, para commandar no forte da Lagôa, em lugar de Assonso de Albuquerque, que chamou para o quartel general. D'este posto fazia a guarnição continuas correrias, matando muita gente aos inimigos. O capitão de emboscadas Antonio Bezerra, com Sebastião de Soulo e alguns soldados, penetrarão em huma quinta onde se achava o sargento-mór Hollandeze André Zon e tres dos seus officiaes, que

forão mortos. Zou se salvou saltando pela janela, deixando a espada e o chapéu.

A 12 de Abril Duarte de Albuquerque mudou o nome de Porto-Calvo no de Villa de Bom-Sucesso, concedendo-lhe em nome d'El-rei huma jurisdicção municipal. Deo tambem o nome de Villa da Madalena ao estabelecimento da Lagôa do sul, e o de S.-Francisco ao do rio do mesmo nome.

No dia 14, o capitão Francisco Rebello fez outra correria com duzentos e cincuenta soldados e duzentos Índios, por outro caminho, atravessando o mato, e voltou com boa porção de polvora e munições que tinha colhido. Outro destacamento penetrou ate ao engenho de João Pacz Baretto, a duas legoas do cabo S.-Agostinho, onde havia setenta Hollandezes de guarnição, que fugirão para a igreja, onde trinta forão mortos; os outros se entregaram.

Animado por estes successos, o conde de Bagouolo entrou em campanha em pessoa, para devastar o paiz atacando os postos hollandezes, e não dando quartel; mas o capitão Rabelo tendo-se adiantado imprudentemente ate S.-Lourenço, aldeia do interior, a cinco legoas do Recife, encontrou hum corpo de oitocentos homens, soldados e marinheiros, commandados por Jacob Estacor : Rebello sustentou o combate por espaço de hora e meia (a 23 de

Abrial), e retirou-se sobre Porto-Calvo, sem ter perdido mais de onze soldados e dois capitães. Os Hollandezes perderão mais de cem homens nessa ação. No mesmo dia o general Sigismundo partiu com mil e quinhentos homens para atacar o posto do Rio-Una; mas o tenente defendeu-se com tanto valor, que obrigou o General a retirar-se a Villa-Formosa, com perda considerável. Os Portuguezes perderão o Indio **Antonio Cardoso**, capitão de huma companhia de aliados indígenas.

No mesmo dia o comandante hollandez das fortificações de Peripueira, partiu com perto de quatrocentos homens para a Lagôa do norte seis legoas distante, e encontrou o sargento-mór **Martim Ferreira** com duzentos homens, diante do qual se retirou com perda de alguns mortos e feridos. Os Portuguezes tiverão só dois homens feridos, hum dos quies foi o capitão **Affonso de Azevedo**.

O conde de Bagnuolo fez transportar a artilharia e as munições que se achavão na Lagôa do norte a Porto-Calvo, onde se fortificou. Os Hollandezes começaram a commetter horríveis crueldades em muitos lugares. Para os castigar, o conde de Bagnuolo expeliu Camarão com trezentos homens, dos quies duzentos erão mosqueteiros e arcabuzeiros, e dois capitães d'emboscadas com trezentos homens, para

fazer huma incursão nos districtos mais povoados da Goyana e de Itamaracá, a setenta legoas de Bom-Sucesso. Os Hollandezes tinham elevado alli hum reduto, para guardar o assucar e as mercadorias que se expedião por agua ao Recife. Camarão o tomou, e matou vinte homens da guarnição. Hum dos mortos era Jéronymo de Payva, que, havendo sido expulso da Companhia de Jesus na India, tinha passado ao serviço dos Hollandezes, e os tinha acompanhado a Pernambuco. Duas lanchas que vinham socorrer o reduto, forão aprezzadas, e dez homens mortos. Os Portuguezes perderão hum só homem, o capitão Antonio de Souza. O coronel Artisjoski veio ao encontro de Camarão com mil homens, a 25 de Agosto, mas este habil capitão sustentou o combate com tanto valor e pericia, que obrigou o inimigo a retirar-se a S.-Lourenço deixando no campo de batalha cem mortos, e levando muitos feridos. Camarão teve só oito mortos e dez feridos.

A 18 de Outubro Martim Soares, que ocupava o Rio-Una, fez correrias até ao Rio-Fortes em que tomou alguns viveres, a 24 encontrou cento e cincocenta Hollandezes a quem matou dezoito homens, e o capitão que comandava os Indios seus aliados. A 7 de Novembro os Hollandezes não podendo manter-se

em campo tomarão o partido de destruir os redutos de Peripucira, o que foi de grande utilidade aos Portuguezes, deixando-lhes livre a communicação pela praia com a Lagoa do norte.

No dia 27 os destacamentos portuguezes, ás ordens dos capitães Francisco Rebello e Sebastião de Souto, atacados por mil e duzentos Hollandezes, no engenho de João Rabelo de Lima, perdêrão vinte soldados e dezassete negros de Henrique Dias. O ibimizo perdeu setenta e quatro soldados e alguns Índios. Os Portuguezes se retirarão a Porto-Calvo depois de huma marcha difícil.

Duas caravelas chegarão nesta conjunctura á Bahia com soccorros para o governador de Pernambuco, e forão transportados por terra a Porto-Calvo.

O conde de Bagnuolo, informado pelos prisioneiros hollandezes que estes esperavaõ grandes resorços commandados por huma grande personagem, mandou fazer em torno da igreja nova de Boni Successo fortes entrincheiramentos, e restabelecer a cortina do forte da igreja velha. Ao mesmo tempo mandou hum capitão com cincuenta homens ao distrito de Pojuca, onde destruirão hum engenho de assucar e hum patacho, emalárnão quatorze homens. Outra expedição de oitenta homens, commandada

pelo capitão Sebastião de Souto, fez huma excursão na Paraíba, destruiu todas as plantações de canna por onde passou, e mais de quatro mil arróbas de assucar.

No fim de 1655 montavão as despezas da Companhia hollandeza das Indias Ocidentaes, a quarenta e cinco milhões de florins. Tinha tomado aos Portuguezes e Hespanhoes quinhentos e quarenta e sete navios, e realizado mais de trinta milhões da venda das presas. Tinha occasionado aos Hespanhoes huma despesa de perto de duzentos milhões, e tinha importado da America generos do valor de quatorze milhões e seiscentos mil florins.

1655-6-7. — Em 1656 foi fundada a cidade de S. Sebastião na capitania e comarca de S. Paulo.

Expedição do capitão Juan do Palacios para explorar o Rio Maranhão ou das Amazonas.
— Em 1666 e 1667 alguns jesuítas resolverão tentar a conversão dos selvagens do Rio Maranhão. Partirão de Quito, penetrarão na província de Cofanes, perto da nascente do rio Coca, onde o padre Manoel Ferrier foi morto pelos Índios. Os outros padres serão obrigados a fugir. Alguns tempo depois o general João de Villamayor Maldonado, governador de Quixos, consumiu todos os seus bens para estabelecer huma colonia nas margens do Maranhão, mas

sem fructo. Em 1621, Vicente de los Reyes de Villalobos, governador e capitão general de Qui-xos, tinha feito disposições para a exploração do mesmo rio, quando recebeu ordem de largar o governo. Alonzo Miranda formou o mesmo projecto, mas morreu antes de o executar. Na primavera de 1623, Luiz Aranha de Vasconcellos chegou de Madrid ao Brasil, trazendo huma comissão especial para explorar o Orelhana e todas as paragens ocupadas pelos Hollandezes. Pez-se a caminho com sessenta soldados, huma caravela comandada por Bento Maciel, e vinte e duas canoas eir que ião mil Indios. Atacou e incendiou muitos engenhos que os Hollandezes e Francezes tinham estabelecido no rio de Curupa, destruiu alguns bandos de Indios bravos, e obrigou outros a fugir ou a aceitar pazes. Retirou-se depois á ilha dos Tocujós na embocadura do Maranhão. De volta a Curupa construiu em hum sítio chamado Mariocay hum forte a que deu o nome de S.-Antonio. Depois d'estas vantagens, Maciel tomou o título de *primeiro explorador e conquistador* dos rios Amazonas e Curupa. Luiz Aranha assumiu o mesmo título, ao qual nem hum nem outro tinha o menor direito. Muito antes d'elles tinha Orellana, Lope de Ayres, e Meirinho explorado o Amazonas, ou rio Maranhão, como já dissemos.

Em 1626 Bento Maciel, governador do Pará, foi encarregado por Felippe III de explorar este rio; mas foi obrigado a ir servir a Pernambuco sem ter podido executar esta comissão. No qiesimo anno Teixeira, official habil, acompanhado de frei Christovão de S. José, remontou o Maranhão até ao estabelecimento dos Tapuyasus, e d'allí até ao do Tapajós, nas margens do rio do mesmo nome. Os indígenas teciam esteiras com tanto primor que Teixeira supôz não ser obra de selvagens.

Em 1634 Elrei deo ordem a Francisco Coelho, governador e capitão general da ilha Maranhão, e da cidade e fortaleza do Pará, que apromtasse huma expedição consideravel para explorar este mesmo rio até á sua origem; mas não ousou afastar-se do seu governo em razão dos continuos ataques dos Hollandezes contra o Brasil.

Trinta annos depois da primeira tentativa dos Jesuitas resolveo o capitão Juan de Palacios explorar o rio das Amazonas e estabelecer nas suas margens huma colonia, sem usar de meios violentos, acompanhado de alguns religiosos e soldados. Depois de huma longa e fadigosa marcha de Quito, chegou ao território dos Indios de *cabellos compridos* (*cabeludos*), quarenta e sete legoas abaixo da junção do rio Napo com o Coca. Procurou fazer

alli hum estabelecimento, a que por o nome de Arcos; mas os indigenas se oppuzerão, q que descorçoou parte da gente. Alguns voltarão a Quito, outros forão mortos pelos Indios, e o mesmo Palacios foi ferido mortalmente. Dois leigos, hum chamado Domingos de Brito e outro André de Toledo, com seis soldados tiverão a fortuna de se embarcar nas canoas, e entregando-se á corrente, forão ter no Pará, entao dependente da capitania do Maranhão. D'alli forão a S.-Luiz dar conta da sua viagem ao governador da cidade, Diogo Raimundo de Noronha.

1637-8-9. — *Viagem do capitão Pedro Teixeira.* O Governador Noronha tondo tirado amplas informações dos dois leigos e de alguns dos soldados ácerca da sua navegação, resolvo mandar o capitão Pedro Teixeira proseguir a exploração d'este grande rio. Este oficial partiu da Paraíba a 28 de Outubro 1637, com quarenta e sete canoas em que ião embarcados setenta soldados portuguezes, mil e duzentos Indios aliados com suas mulheres, e gente de serviço. Chegou á entrada do rio Payamino a 21 de Junho 1638, desembarcou a sua gente no territorio dos Indios Cabelludos á entrada do rio d'este nome, vinte legoas abaixo do rio Agarique, onde deixou quarenta Portuguezes e trezentos Indios. Alli formou

hum campo entrincheirado, de que deo o mando aos capitães Pedro da Costa Favella, e Pedro Bayño d'Abreu, e remontando na sua barca o rio até onde cessa de ser naveável, foi ter a Quito. O Presidente d'esta cidadã, Alonso de Salazar, informou o vice-rei do Peru da sua viagem. Este deo ordem, a 10 de Novembro 1638, de fazer partir Teixeira para o Pará pelo mesmo caminho com toda a sua gente. A audiencia real de Quito o fez acompanhar por dois religiosos, frei Christovão d'Acuña, reitor do collegio dos Jesuitas de Cuenca, e frei André d'Artieda, professor de rhetorica no mesmo collegio, para escrever huma relação da viagem, e ir apresentá-la a Elrei de Espanha. A expedição partio a 16 de Janeiro 1639, chegou à entrada do Rio-Negro a 12 de Outubro, e a 12 de Dezembro voltou ao Pará.

1637. — Maciel obteve da corte do Espanha o governo da província do Maranhão com huma nova capitania denominada *do Cabo do Norte*, a qual se extendia desde este cabo até o rio Oyapoc, comprehendendo as ilhas em distancia de dez legoas da costa, e oitenta a cem no interior, até o rio dos Tapuyasus. Maciel obteve tambem, por hum edicto, a administração dos Indios chamados *livres*, mas dependentes do solo, e sujeitos aos proprietarios.

Cedeo ao sobrinho a nova capitania do Cabo do Norte.

Expedição hollandeza debaixo do commando de João Mauricio, conde de Nassau. A Companhia das Indias Occidentaes tendo resolvido mandar ao Brasil hum governador, não só capaz de commandar as tropas, mas tambem de administrar a nova colonia, tinha escolhido para este cargo, a 4 de Agosto 1636, o principe Mauricio de Nassau, nomeando-lhe hum Conselho composto de tres dos directores da Companhia. A expedição devia compôr-se de trinta e dois navios, mas só doze forao armados, e o principe se embarcou em Amsterdam e partiu com quatro. A 25 de Outubro foi obrigado a entrar em Plymouth para reparar os navios maltratados por hum temporal. Alli se deteve quarenta dias, e fazendo-se á vela arribou no 1º de Janeiro ás ilhas do Cabo-Verde, e a 25 entrou no Recife, onde foi bem acolhido pelo Conselho, tropa e habitantes da cidade. Communicou-lhes os despachos da sua nomeaçao ao cargo de governador, capitão e almirante general das terras conquistadas no Brasil, ou que poderião ser conquistadas para o futuro, com mando supremo por mar e por terra, com os poderes e privilegios seguintes: 1º o direito de presidir o Conselho supremo e secreto, tendo nesse voto dobrado

em caso de empate ; 2º o direito de fixar a sua residencia na capitania de Itamaracá ou em qualquer outro lugar que o Conselho julgar conveniente ; 3º o poder de executar, com ajuda do Conselho, as leis e regulamentos do paiz ; 4º faculdade de nomear a todos os postos militares até o de alferes inclusivamente, e a todos os empregos da polícia e marinha, excepto ao de vice-almirante das costas, o qual só deverá ser conferido interinamente, em caso de morte ou de demissão, com approvação de dezanove directores aos quaes fica igualmente reservada a nomeação dos conselheiros politicos do Brasil ; 5º a faculdade de prover a todos os postos da milicia, e de conceder recompensas aos Brasileiros e aos indigenas por algum serviço importante ; 6º o de ter hum ministro, hum medico e criados pagos pela companhia ; 7º huma ajuda de custo de seis mil florins, e quinhentos florins por mez para mesa ; 8º dois por cento de tudo o que se tomasse ao inimigo ; e 9º o conde se obrigava com estas condições a pôr todo o empenho na conservação e engrandecimento das possessões hollandezas no Brasil.

Campanha de 1637. — Huma divisão da esquadra de Nassau debaixo do mando do seu lugar tenente, Henrique Vancol, abordou ao Recife a 4 de Janeiro.

Bagnuolo chamou a conselho os seus officiaes. Duarte d'Albuquerque tinha aconselhado meter duzentos homens de guarnição no forte da cidade de Porto-Calvo (depois chamado Bom Successo), postando outro corpo de soldados, Indios e Negros no passo do Rio-Una onde comandava Martim Soares. Mas Bagnuolo chamou a si este official com toda a sua gente, e fez estabelecer dois redutos na altura de Amador Arraes, em hum dos quaes asestou tres peças com cincoenta barris de polvora, balas e outras munições, e duzentas fangas de farinha. Nomeou Miguel Giberton, tenente general de artilharia, Governador de Bom-Sucesso, onde pôz huma guarnição de trezentos homens, com os doentes, e toda a artilharia, munições, engenheiros e artilheiros que estavao na Lagoa do norte. Infelizmente os viveres erão escassos; a artilharia não tinha reparos suficientes, e não havia quem soubesse concertar as armas. Bagnuolo foi com alguma gente postar-se na altura de Amador Alvares, para dar as providencias necessarias.

Nassau resolveo atacar Porto-Calvo, e para este fim ajuntou cinco mil equinhentos homens de infantaria, não comprehendidos os Indios e Negros escravos. Deo o commando de dois mil soldados ao coronel Artisjoski, que embarcados em trinta navios devião ir ao longo da

costa cooperar ao ataque d'esta cidade, contra a qual elle marchou em pessoa por terra, com Sigismundo e tres mil e quinhentos soldados, mil e quinhentos Indios e Negros escravos.

• A 12 de Fevereiro, a frota composta de trinta e dois navios chegou á Barra-Grande, e a 16 Nassau passou o Rio-Una, a seis legoas d'aquelle sitio, para fazer a sua juncção com a tropa embarcada. A tres dias adiante estava o posto occupado por Martim Soares. A 17 marchou Nassau a Porto-Calvo. Bagnuolo deu ordem ao seu tenente general, Alonzo Ximenes de Almiron, de ir ao encontro do inimigo com mil e quinhentos homens, acompanhado de Camarão com trezentos Indios, e de Henrique Dias com oitenta Negros escravos. A' bocca da noite os dois exercitos se acharão a tiro de espingarda hum do outro, e cada hum tratou de se fortificar. Os Portuguezes tomárão posição perto de huma ribeira; os Hollandezes se postarão sobre huma altura onde se entrincheirárão assestando quatro peças, de que fizerão fogo toda a noite. Bagnuolo mandou trezentos homens commandados pelo sargento-mór Martim Ferreira para proteger os redutos, e o capitão Manoel Francisco com cincuenta homens, para guardar o Rio das Pedras. Na manhan de 10 de Fevereiro o exercito hollandez se avançou em tres divisões: huma commandada por Artisjoshi, outra

por Sigismundo, e a terceira debaixo do mando immediato de Mauricio de Nassau, na qual havia cincuenta arcabuzeiros a cavallo.

Travou-se o combate, e no terceiro ataque de toda a linha, forão os Portuguezes repelidos com perda de quarenta homens entre os quaes se achava D. Antonio Coutinho, official distinto, e Cosme Viana, o ultimo de cinco irmãos que morrerão nesta guerra, e vinte feridos. O negro Henrique Dias, á testa do seu corpo, mostrou huma intrepidez extraordinaria: huma bala lhe atravessou o punho, que logo fez amputar, dizendo: « Cada hum dos dedos da mão que me resta me dará com que me vingar. » A mulher de Camarão chamada Dona Clara, e outras Indias corrião as fleiras animando os soldados, e muitas Portuguezas se assignalrão igualmente tomando parte neste conflicto. O conde Bagnuolo que estava em hum dos redutos esperando o resultado da acção, deu ordem ao seu tenente Alonzo Ximenez, de ir com oitocentos homens acompanhar os habitantes que se dirigião ás Alagôas, para onde elle mesmo partiu de noite acompanhado de Duarte d'Albuquerque, e de Andrade.

Ao amanhecer, o Governador do forte, Miguel Giberton enviou saber quais erão as ordens do conde, mas elle tinha partido sem dar ordem alguma. Os redutos estavão sem de-

fesa, tendo-se a guarnição retirado ao forte, depois de ter encravado as peças, mas tão mal que logo foram desencravadas pelos Hollandeze e apontadas contra a praça. Nassau mandou hum sargento-mór com seiscentos homens a picar a retaguarda de Bagnnolo.

No dia 20 entrárao no rio duas lanchas trazendo artilharia grossa e munições para sitiá o forte, contra o qual quatro baterias com dezasseis peças foram dirigidas, e a 6 de Março a praça não podendo resistir por mais tempo, se rendeo. A guarnição obteve huma honrosa capitulação. Os Hollandeze perderão cento e cincuenta homens, e Karel Nassau, sobrinho do príncipe, foi morto durante o cerco.

Nassau tendo confiado o commando d'esta praça a Pedro Van Derverve, marchou com todas as suas forças contra a cidade da Magdalena na Lagôa do sul, onde Bagnuolo tinha chegado a 25 de Fevereiro, com mil e duzentos soldados e alguns centenares de Indios. Esta praça era susceptível de defesa, e Mathias d'Albuquerque tinha resistido nella por espaço de seis mezes, não tendo mais de quatrocentos homens. Era accessível aos socorros da Bahia e da Europa. No estabelecimento da Lagôa do norte havia trinta e cinco barris de polvora e munições. Bagnuolo mandou a 5 o seu ajudante d'ordens Diogo Sanches para saber no-

ticias do forte, que este official não pôde obter. Não obstante, cortendo voz que estava rendido, resolveo Bagnuolo abandonar a província retirando-se para o rio S.-Francisco além do limite de Pernambuco, vinte legoas ao sul, para com mais facilidade receber socorros da Bahia. Partio pois a 10, a pezar das representações dos soldados que estavão quasi nus, e faltos de medicamentos, de camas etc., e chegou a 17 á cidade de S.-Francisco a tres legoas da embocadura do rio d'este nome. Perseguido pelo inimigo, atravessou este rio a 18 e 19. No dia 20 Nassau atravessou o rio Piragui em jangadas, e a 27 chegou a esta cidade, e Bagnuolo se retirou a vinte e cinco legoas até á cidade de Seregipe d'Elrei, onde chegou a 31.

Bagnuolo, para inquietar Nassau, e ao mesmo tempo observar as suas operações, expedio varios destacamentos em diversas direcções. O capitão Sebastião de Souto passou o S.-Francisco cinco legoas a cima da cidade com quarenta homens, a metade Indios : surprehendo em huma casa onze soldados de que matou sete, e aprisionou dois.

A 5 de Maio, João d'Almeida, com huma companhia de Indios, correu as bordas do rio S.-Francisco, matou quinze homens e tomou sete cavallos. A 20 de Maio, Souto fez outra correria para explorar as margens do rio en-

tre a barra e a cidade, passou o rio e se dirigio a Villa-Formosa depois de ter morto cincuenta inimigos. A 26 fez outra incursao, em que aprisionou dois auditores do forte S.-Francisco.

A 25 de Junho, huma frota hollandeza de nove navios, com mil e quinhentos homens a bordo, partio do Recife debaixo do commando de Jan Koin, membro do Conselho supremo, com o projecto de se apoderar do forte portuguez de S.-Jorge da Mina, na costa de Guiné. Este forte capitulou a 29 de Agosto.

A 29 Jan Cornelis Lichthart sahio do Recife com dezoito navios e alguma gente de pé, e aportou aos Ilheós, trinta legoas ao sul da Bahia. Queimou hum navio que alli estava descarregado, e tentou incendiar a aldeia meia legoa distante, mas foi repellido pelos habitantes e ferido no combate.

A 16 de Agosto Luiz Barbalho Bezerra entrou na Bahia com quatro caravelas em que vinham duzentos e cincuenta homens, de oitocentos que se tinham alistado em Lisboa. Nassau satisfeito de ter expulsado os Portuguezes da província de Pernambuco, não quiz persegui-los alem dos limites d'ella, e fez construir na cidade de S.-Francisco o forte Mauricio, para dominar o rio, que atravessou, ordenando aos habitantes que fossem com o seu gado oc-

cupar a margem septentrional d'ele. Ao mesmo tempo distribuiu presentes aos Indios para os desligar da aliança dos Portuguezes. Remontando depois o rio em distancia de cincuenta legoas para explorar o paiz, achou-o coberto de gado, e tão fértil que formou tentação de decidir a Companhia a estabelecer ali huma colonia alleman.

A estação das chuvas tinha começado, e Nassau atacado de febre partiu para o Recife, deixando Schoppe com mil e seiscentos homens no novo forte.

Bagnuolo logo que soube a ocupação da cidade de S.-Francisco por Nassau, expediu o capitão Sebastião de Souto com tres homens, para irem reconhecer as forças do inimigo. Souto passou o rio em huma canda, chegou a Seregipe, a 5 de Novembro, e voltou sem que fosse descoberto. Por elle soube Bagnuolo que havia mil e oitocentos soldados e quinhentos Indios commandados por Giesielin, membro do Gran-Conselho. A 14 de Novembro Bagnuolo informado por seus emisarios de ter o inimigo atravessado o rio S.-Francisco com tres mil soldados, quinhentos Indios e sessenta homens de cavalo, abandonou Seregipe, fazendo devastar os campos e arruinando os infelizes habitantes, retirando-se para a Bahia. Depois de huma ardua marcha chegou a 29

Torre de Garcia d'Avila, quatorze legoas ao sul da Bahia e a huma milha do mar. Os miserios emigrantes que, por cansados ou casualmente se separavão da tropa, forão mortos pelos Indios Pitaguares; outros forão devorados por animaes ferozes, ou morreron mordidos por cobras venenosas. Alguns autores dizem que nesta campanha Bagnuolo matou cinco mil rezes, e levou consigo oito mil. Os Hollandezes leváron muitos mil para as suas possessões, e matáron tres mil.

A 17 do mesmo mez Sigismundo e Giesse-lin chegarão a Seregipe, que acháron abandonada. Não construirão alli fortificação alguma, limitando-se a formar entrincheiramentos em algumas ruas. Queimarão as casas e os engenobos de assucar, e destruirão as plantações e as arvores fructíferas. Depois d'esta devastação voltarão ao forte Mauricio.

O capitão-general Pedro da Silva mandou o provedor-geral Pedro Cadena Villasanti, para fazer com que Bagnuolo se mantivesse na sua posição, para indagar as intenções do inimigo, e fazer escolha do lugar mais conveniente para postar as tropas. Bagnuolo respondeo que iria concertar-se com elle sobre o que convinha fazer. Partio para este fim; elle e Pedro da Silva convierão de aquartelar as tropas em Villa-Velha, a meia legoa da cidade,

e de mandar os emigrados para a Bahia.

No mesmo anno perderão os Portuguezes mais o estabelecimento do Ceará. Os Indios d'este districto que Martim Soares tinha pacificado, se ligarão com os Hollandezes, apenas chegou Mauricio de Nassau, pondo-se debaixo da sua protecção. Aproveitando-se d'esta ocasião, expedió quatro navios em que embarcou duzentos soldados debaixo do mando de Joris Garisman, que abordarão a tres legoas do Ceará defendido unicamente por hum reduto com duas peças de ferro e vinte homens de guarnição. Hum grande numero de Indios se veio unir aos Hollandezes, e o forte se rendeu.

Medidas politicas de Nassau. — O novo chefe das possessões hollandezas no Brasil, conhecendo a grande importancia d'ellas, procurou todos os meios de consolidar a posse, e de fazer prosperar tão ricos estabelecimentos. Fez vender como propriedades publicas os engenhos de assucar cujos donos tinham emigrado, e o producto montou a dois milhões de florins. Convidou os Portuguezes a voltar á colónia, promettendo-lhes plena e inteira liberdade de consciencia, e de reparar as suas igrejas á custa do Estado, mas prohibia-lhes a comunicação com os habitantes da Bahia, e a introdução de frades, em quanto houvessem eclesiasticos suficientes para o culto.

Prohibio aos Judeos as ceremonias publicas da sua religião, e aos catholicos as procissões fóra do interior das igrejas; e não permittia a erecção de templo algum sem permissão do senado. Os habitantes devião ser submettidos ás leis hollandezas, e pagar os mesmos impostos. Podião recobrar as suas propriedades, e o Governo se obrigava a restituir os escravos que fugissem a senhores que houvessem prestado juramento de fidelidade ao governo hollandez. Tambem concedeo aos Portuguezes o direito de trazer armas para sua defesa.

1637. — *Tomada do forte de S.-Jorge de Mina.* Nicolaó Van Yperen, general de Guiné, e d'Angola, tendo sabido por alguns officiaes que existião dissensões na guarnição portugueza da Mina, deo aviso d'isto à Companhia e à Mauricio de Nassau. Este chesc expedia logo huma frota de nove navios com oitocentos soldados e quinbentos marinheiros de que deo o comando a Jan Kooi, membro do Conselho; com ordem de se apoderar do forte S.-Jorge. Este se fez á vela a 25 de Junho e chegou á costa d'Africa a 25 de Julho. Tendo-se concertado com Van Yperen, desembarcou a 24 e 25 de Agosto, com oitocentos soldados a que se juntarão muitos negros. Os Portuguezes tinham postado hum corpo de mil ne-

gros na encosta do monte, no alto do qual estava a cidadella : quatro companhias mandadas para atacar esta posição, foram mui mal-tratadas, e perderão quasi toda a gente ; porém o major Bongazzon tendo-se avançado com outro batalhão, derrotou os negros e se apossou do acampamento, postando-se na fraida do monte debaixo da artilharia do forte e fora do seu alcance. Os Portuguezes tentarão por duas vezes desalojá-lo, e não o podendo conseguir, se retirarão para hum valle entre o monte e o forte Santiago. No dia 26 os negros auxiliares atacarão sem efeito a villa da Mina. Entretanto, Koin tendo conseguido ganhar huma altura, estabeleceu nella huma bateria de duas peças e hum morteiro que dirigio contra o forte ; mas em razão de estar mui distante, não produzio efeito. Todavia para intimidar os Portuguezes, mandou o comandante hollandez hum parlamentario, ameaçando passar a guarnição ao fio da espada se não se rendeasse. Os sitiados pedirão tres dias para se decidirem, mas Koin só lhes deu hum, passado o qual ajuntou as suas tropas e fez hum fogo mui activo contra a praça, que se rendeo a 29, com as seguintes condições :

“ 1º Os Portuguezes e mulatos poderão sahir da praça levando o seu fato, e serão conduzidos á ilha de S. Thomé; 2º a guarnição sahirá sem

bandeiras; 3º todos os escravos, excepto doze, pertencerão ao vencedor, assim como todos os ornatos da igreja, excepto os de ouro e prata; 4º perdoava-se a pena de morte ao deserto hollandez Herman. »

Achando os hollandezes na praça trinta peças e bastantes munições. Koin deixou no forte cinqüê e quarenta homens de guarnição ás ordens do capitão Valraven Van Malburg. O chefe hollandez intimou ao commandante da cidadella de Atzim que se rendesse, mas elle respondeu que se defenderia até à ultima extremitade. Koin retirou-se ao Recife.

1638.—Neste anno fundarão os Portuguezes a villa de Ubatuba na capitania de S. Paulo.

Campanha de 1658. Nasceu restabelecido da sua doença e à espera de reforços, fez huma excursão nas capitâncias da Paraíba, e de Potengy, onde reparou as praças que elle desejava conservar, mudando-lhes os nomes. A de Paraíba por o nome de Frederica; ao forte Cabedello, antigamente Santa Catherina, deu o nome de Margaretha, que era o da irmã do príncipe d'Orange. Ao forte do Rio-Grande chamou forte Keulen, nome do oficial que o tinha tomado. Percorrendo estas províncias ganhou a amizade dos Tapuyas, e de volta ao Recife achou hum reforço de duzentos soldados e algumas munições de guerra. Resolveu então

atacar S. Salvador ou Bahia de Todos os Santos, capital do Brasil.

O Governador da Bahia, avisado por hum prisioneiro portuguez, que o capitão João de Magalhães tinha conduzido, da ordem dada por Nassau de reunir todos os navios no porto da Recife, expedio Magalhães e Sebastião de Souto com setenta homens, para irem colligir informações exactas. Magalhães com quarenta e cinco homens atravessou o rio S. Francisco à cima do forte Mauricio. Souto, que tinha ajustado esperá-lo nas Alagadas, foi costeando o rio com os outros quinze homens até à barra, e dispunha-se a atravessá-lo em jangadas, quando descobriu huma pinaça hollandeza de dez homens, de que se apoderou, matando seis, e mandando os quatro para a Bahia conduzidos por tres soldados. Tendo sabido os projectos dos Hollandezes por hum habitante do paiz, e igualmente informado por elle de estarem dois navios em Crécureuipo, a dez legoas ao norte e a hum quarto de legoa do mar, para carregar pao Brasil, e que tinham feito hum entrincheiramento com seu fosso á roda da Igreja de huma aldeia de Indios onde tinham posto vinte e cinco homens das tripolações, a 20 de Março ao romper do dia Souto atacou com os seus doze homens o entrincheiramento, matou dezoze, feriu dois, os outros seis escaparam.

Os capitães dos dois navios, ignorando o sucedido, vieram a terra e foram mortos. Na algibeira de hum d'elles se achou huma carta, pela qual constava ter Nassau comunicado ao Conselho o seu projecto de atacar S. Salvador, e ter obtido a approvação. Souto mandou quatro soldados com os dois prisioneiros a referida carta ao conde Bagnuolo. Ao mesmo tempo deu aviso a Magalhães d'este sucesso, anunciamdo-lhe que o não esperaria nas Alagoas.

A 14 de Março o conde Bagnuolo foi a Villa-Velha, sem dar aviso ao Governador; de que elle se mostrou descontente, bem como os habitantes da Bahia. A presença do conde occasionou alguma confusão relativamente ao comando das tropas fora da cidade; mas por hum acordo feito entre os dois chefes, assentou-se que cada hum teria o mando por quinze dias alternativamente, e em distancia de huma ou duas legoas do mar na direcção de Tapoão ao norte da barra da Bahia.

A cidade da Bahia não estava em estado de sustentar hum assedio. A guarnição consistia em mil e quinhentos soldados, e algumas companhias de milícias. As tropas de Pernambuco montavão a mil homens; mas as fortificações e a artilharia estavão em mau estado. Não havia farinha de reserva, nem carne ou peixe salgado mais que para o consumo diario. Espa-

lhou-se a ~~co~~lternação pelos habitantes; toda-via cuidarão logo em construir hum forte junto ao convento de S. Francisco, no lugar que D. Fadrique de Toledo tinha fortificado em 1625.

A 21 de Março sahio a armada hollandeza do Recife, e a 14 appareceu em vista da Tapoão; no dia seguinte adiantou-se até o Rio Vermelho, em distância de mais de huma legoa de Tapoão. No dia 16 lançou a armada ferro na ponta de Tapoão, frente das ermidas da Escada e de S. Braz, cerca de meia legoa da cidade. Constatava-se quarenta navios de diferentes grandezas, e mais de tres mil soldados, marinheiros e indios.

As tropas desembarcão, e a 20 de Abril ocupáram um outeiro fronteiro à cidade e ao enriquecimento que os Portuguezes acabavão de abrir. Na mesma noite Bagnuolo expedió para Hespanha algumas embarcações para informar Elrei do estado critico do Brasil. As tropas sahirão da cidade, e dos diversos postos, para atacar os Hollandezes; mas Bagnuolo repreensou o perigo de combater em tempo raso contra forças superiores, e o Governador e Duarte de Albuquerque consentirão em fazer retirar a gente. Esta retirada excitou o mais vivo descontentamento nos habitantes, que quizeram nomear outro governador; mas o bispo e Albuquerque os suogáron, e Bagnuolo

sahio no dia seguinte á testa das tropas para dar batalha ; porém Nassau, havendo tomado outra posição , o conde foi obrigado a recolher-se. A desharmonia que subsistiu entre os officiaes da guarnição e os de Bagnuolo, occasionou grande insubordinação. Pedro da Silva cedeo o commando, para se reconciliar com Bagnuolo, o qual lisongeador d'esta prova de confiança, fortificou sem demôra o posto importante da ermida de S. Antonio, em distancia de hum tiro de espingarda da cidade, e trabalhou-se dia e noite para restabelecer as fortificações que o aníigo-governador Diogo Luiz d'Oliveira tinha feito alli. No mesmo dia (20) veio hum trombeta do inimigo com cartas para os dois governadores, nas quaes dizia Nassau que hum religioso carmelita descalço recem chegado de Pernambuco desejava falar ao seu guardião da Bahia. Bagnuolo, cuidando ser mero pretexto para hum fim hostil, respondeo evasivamente.

A altura ocupada por Nassau estava situada a hum tiro de espingarda de S.-Antonio ; dominava o forte do Rosario, e o reduto de Aguas de Meninos, que protegião a praia ; ambos foram tomados pelo inimigo, assim como o forte de Monserrate cujo commandante, o capitão Pedro Alvares de Aguirre, se rendeo sem disparar hum tiro.

Na noite do 21 Nassau tentou com mil e quinhentos homens escoltados, apoderar-se do forte S.-Antonio; mas foi repelido com perda de duzentos homens. Os Portuguezes tiveram alguns capitães mortos. A 22 Nassau tomou o forte S.-Bartholomeo, garnecido de dez peças e setenta soldados, e que o commandante Luiz de Vedy houvera podido defender por alguns diaq. A posse d'este forte estabeleceu a comunicação entre o campo hollandez e a frota. Na noite do mesmo dia duas barcas vindas de Camamu chegaram á barra perío dos dois sertes ainda em poder dos Portuguezes, e desembarcaram mil e duzentas fangas de farinha.

Bagnuolo, para inquietar o inimigo, expediu Sebastião de Souto com cem homens. Este activo oficial em diversas expedições causou grande danno ao inimigo: o Governador-general lhe testemunhou a sua satisfação lançando-lhe ao collo huma rica eadcia de ouro. No dia 27 Souto matou vinte e dois homens ao inimigo e fez cinco prisioneiros, hum dos quais era franeez, e deo informação do projecto de Nassau de ocupar hum posto mais proximo da cidade. Isto dêcidio o commandante portuguez a ocupar o posto das Palmas, separado da cidade por hum fosso cheio d'água que o inimigo tinha aberto em 1625. D'esta

posição tinha D. Fadrique de Toledo incommodo muito os Hollandezes, quando elles occupavão S.-Salvador. Este posto foi confiado ao mestre-de-campo Heitor de la Calche. A 28 João Barbosa introduzio na cidade duzentas e cincuenta vaccas; e o capitão Francisco Rebello duzentas. Este official com sessenta homens encontrou duzentos Hollaudezes que atacou de noite emboscado, e matou-lhes quinze homens. No primeiro de Maio Nassau abrio o fogo com cinco peças de vinte e quatro e huma de vinte e oito, que varrerão todos os caminhos entre S.-Antonio e a cidade, e matarão seis homens. Bagnuolo fez construir dois redutos á direita de S.-Antonio, a mais de mil passos no interior das terras, e os guarneceu de duas peças de dez debaixo do mando do mestre-de-campo Luiz Barbalho, e do capitão-mór D. Antônio Felippe Camarão. Hum posto que dominava os dois principaes caminhos da cidade, foi confiado ao sargento-mór Antônio de Freitas.

A 4 Bagnuolo fez enforcar hum espio holandez. Nassau lhe mandou hum trombeta com algumas cartas achadas a bordo de hum navio apreizado, commandado pelo capitão Sebastião Ferreira 'Osaña', que vinha de Lisboa com soccorros. Os autores d'estas cartas desesperavão da conservação do Brasil, dizendo que a Hes-

panha precisava de todas as suas forças de mar e de terra.

A 5 duas barcas entrão no porto com mil e trinta fangas de farinha, e oitenta vaccas entrão por terra. Por detrás da grande igreja assentárdão-se duas peças que incomodárdão muito o inimigo, e hum tiro das quaes por pouco não matou a Nassau. No dia 7 hum tiro de huma peça de vinte e quatro da bateria hollandeza matou hum trabalhador á ilharga do Governador-general e de Duarte de Albuquerque. No dia 8 Rebello entrou na cidade com duzentas vaccas e cem ovelhas, sôcorro bem opportuno para os feridos e doentes.

A 9, o inimigo começou a abrir a trincheira a seiscentos passos do seu campo, e perto dos dois redutos já mencionados, para se cobrir do seu fogo; mas foi obrigado a evacuá-los com perda.

A 10 entrão na cidade cento e cincocentos homens, dos duzentos que formavão a guarnição do Morro de S.-Paulo, situado a doze legoas ao sul da barra da Bahia, onde havia hum reduto com quatro peças para proteger os navios que alli aportassem. A 11 o capitão Souto fez seis prisioneiros, pelos quaes se soube que havia falta de viveres no campo inimigo; porque Nassau persuadido que não encontraria grande resistência, tinha embarcado pouco mun-

timento, e a sua tropa não conhecia o paiz para poder achar nelle recursos. A 12 Nassau mandou as segundas vias das cartas de Portugal eschadas a bordo de huin navio vindo de Lisboa, e aprezzado a vinte legoas da costa. No mesmo dia o general hollandez plantou huma bateria de duas peças de vinte e quatro em huma eminencia à esquerda do reduto de Barbalho, donde lançou bombas sobre a cidade. A 15 Bagnuolo expedio huma caravela para Hispanha, dando parte a Elrei do estado das coisas, e solicitando promptos reforços.

A 16 e 17 a artilharia hollandez matou e ferio muitos soldados portuguezes, e a 18 Nassau se decidiu a investir o entrincheiramento de S.-Antonio. Começou o ataque ás sete horas da tarde com tres mil homens escolhidos, que jurarão de véneer. Conseguirão tomar o fosso, e nelle se entrincheirarão para atacar a porta. O combate então se tornou encarniçado; todas as forças dos sitiadores se dirigirão áquelle ponto, e os sitiados lançarão sobre o inimigo huma chuva de granadas, de pedras e de grossos madeiros. Depois de tres horas de porfiado combate em que se distinguirão os regimentos indios de Camarão e os negros de Henrique Dias, que o Governador Pedro da Silva conduziu em pessoa á peleja, os Hollandezes forão obrigados a retirar-se, deixando no campo de

batalha trezentos e vinte e sete mortos, e cincuenta e dois feridos. Nassau pediu huma trégua, para enterrar os mortos, que foi concedida. A perda total dos Hollandezes foi avaliada em mais de seiscientos homens, entre os quais havia cinco capitães e o sargento-mór André Zon. Os Portuguezes tiverão cento e vinte mortos e oitenta feridos. Um dos mortos foi o intrepido capitão Sebastião de Souto, cujo valor e boa fortuna tinham sido tão úteis aos Portuguezes. Era natural de Quintões; termo de Barcellos, na província d'Entre Douro e Minho.

A 20 o capitão Francisco Rebello fez entrar na cidade um novo comboi de mil vacas.

A 21 Nassau mandou os setenta prisioneiros do forte S.-Bartholomeo, pedindo em troca sessenta Hollandezes que estavão em poder dos Portuguezes; mas Bagnuolo recusou anuir a esta proposição, indignado das devastações feitas pelo inimigo no Reconcavo.

A 24 e 25, os sitiantes lançarão na cidade muitas balas, que matarão um capitão de milícias. Os Portuguezes lhes causarão dano maior, batendo o campo a travéz huma lagôa impraticável, cujos miasmas forão mais fúnebres que a artilharia.

A 26 retirou-se Nassau, abandonando muitas munições, quatro peças de bronze, e toda a artilharia dos fortes de que se tinha apode-

rado. O cerco tinha durado quarenta dias, e a perda dos Hollandezes excede os dois mil homens. No dia 28 a armada hollandeza se fez a vela para Pernambuco levando quatrocentos escravos negros roubados aos habitantes da Bahia. Antes de partir tinha Nassau mandado quatro navios a Camamu para tomar hum navio portuguez carregado de farinha, de que se apoderarão fazendo ao mesmo tempo mais de cem prisioneiros.

A 29 os habitantes da Bahia fizeram celebrar hum *Te Deum* em acção de graças pela victoria alcançada sobre o inimigo, e imediatamente depois arrasaram todas as fortificações construídas pelos Hollandezes. Construiu-se hum novo forte entre o de Santiago e a ermida de S.-Pedro, e outro nas Palmas, e reparou-se o forte S.-Antonio.

O conde de Bagnuolo expediu tres caravélas para Hespanha com as notícias d'esta victoria, que decidiu a sorte do Brasil. Se os Hollandezes se tivessem entao apoderado da Bahia, hê provavel que teriam conservado a posse de todo este vasto e rico continente. Elrei de Hespanha concedeu recompensas a todos os que se tinhão distinguido durante o cerco. O Governador Pedro da Silva foi criado conde de S.-Lourenço; o conde de Bagnuolo foi feito principe em Italia, com huma commenda em Napolis,

em duas vidas. Os tres mestres-de-campo Loden, Barbelho e Gálcho, forão remunerados cada hum com sua comenda. Concederão-se pensões aos dois lugar-tenentes do mestre-de-campo Alonso Ximenez d'Almiron, e Martin Ferreira. Pedro Corrêa da Gama foi feito fidalgo. Os outros officiês tambem tiverão pensões, e D. Antonio Felippe Camarão huma comenda de duzentos ducados de renda.

Bagnuolo, de acordo com o Governador-general, expedio dois brigues commandados pelo capitão Andre Vidal e o ajudante Agostinho de Magalhães, cada hum com trinta homens, para ir explorar as forças do inimigo nos diversos rios que desembocam na costa de Pernambuco. Durante esta expedição matarão alguma gente aos Hollandezes, queimárão algumas plantações, e colligirão úteis informações relativas aos projectos do inimigo.

Nassau pediu novos resorços á Companhia hollandeza. As suas forças se achavão reduzidas a tres mil e quatrocentos homens de tropa, exigindo elle sete mil, com os marinheiros necessarios para o serviço naval. A Companhia abandonou o monopolio do commercio, á excepção do da escravatura, das munições de guerra e do pao de tinturaria, e prohibio-se ás pessoas que exerceão cargos importantes, todo o commercio.

Em quanto não chegavão os reforços, Nassau se occupou dos meios de destruir as plantações e engenhos de assucar do Recôncavo. Nestas expedições commetterão os Hollandeze ou tolرارão hum sem numero de cruddades matando até velhos decrepitos, sendo hum d'elles o octogenario João de Matos Cardoso, quo tinha valerosamente defendido o forte de Cabedello. Entretanto chegou ao Recife a 5 de Junho huma frota hollandeza de quatorze navios, que tinham sahido do Texel a 24 de Abril, debaixo do mando do almirante Jol, por alcunha *Perna de pao*, quo tinha ordem de ir esperar os galeões hespanhoes commandados pelo general D. Carlos de Ibarra, marquez de Tarracena. Jol partio a 15 com doze navios e dois patachos e encontrou os galeões na paragem do Pao de Cabanas, a doze legoas da Havana. Atacou-os a 31 de Agosto e a 3 de Setembro, mas não pôde conseguir a victoria, pela insubordinação dos capitães, que repugnavão servir debaixo de hum almirante que tinha sido corsario.

A 17 de Novembro doze embarcações hollandezas entrárona na Bahia perto de Tapagipe, onde desembarcárão e saquearão este lugar.

Duarte de Albuquerque partio para Hespanha. Neste mesmo tempo Camarão, descontente do procedimento de Bagnuolo a seu respeito, fez saber a Nassau que desejava reconciliar-se

com elle, e retirar-se para as suas propriedades; mas antes de voltarem os emissarios que enviara ao general hollandez, mudou de parecer e arrependeo-se da traição que havia mediado. Oitocentos Tapuyas irritados contra Banguolo emigrarão da Bahia.

Em quanto lhe não chegavão os desejados reforços, divertio-se Nassau dando brasones d'armas às províncias hollandezas. As de Pernambuco representavão huma mulher tendo em huma das mãos huma canna de assucar, e na outra, hum espelho em que se mirava. Itamaracá tinha hum cacho de uvas; a Paraíba tres pães de assucar, e o Rio-Grande huma ema.

Depois da expedição de Jol, diversos Portuguezes ricos, suspeitados de huma conspiração, forão presos; alguns ficarão encarcerados depois de averiguado o negocio; outros forão mandados para a Bahia, e para outros lugares mais remotos.

Campanha de 1639 - 40. — No principio de 1639 voltou Artisjoshi ao Brasil com hum reforço de oito navios trazendo a bordo setecentos soldados, com a missão secreta de examinar as operações de Nassau. Artisjoshi accusou este general de ter violado as fórmulas e usos militares, e publicou mesmo huma memoria contra elle, que dirigio aos directores da Companhia em Hollanda. Nassau appellou ao Se-

nado e refutou as accusações contidas neste escripto. A dita assemblea o justificou plenamente, e o seu accusador ressentido voltou a Hollanda.

Nesta epocha hum senador apresentou á Companhia hum quadro das suas conquistas. Possuia seis provincias, cujo territorio abrangia desde Seregipe até ao Ceará. Pernambuco continha cinco cidades e muitas villas consideráveis. De cento e vinte engenhos de assucar que existião antes da invasão, trinta e quatro tinham sido abandonados. Em Itamaracá, de vinte e tres que existião antes da conquista, subsistião quatorze; e na Paraíba só dois d'estes estabelecimentos tinham sido destruidos, de dezoito que existião. No Rio-Grande havia dois engenhos, de que subsistia hum. Em todas as provincias cento e vinte engenhos estavão em plena actividade; quarenta e seis tinham sido destruidos ou estavão abandonados. A Companhia trazia arrendados os dízimos dos seus productos pelas seguintes quantias: os de Pernambuco, por 148:500 florins e hum direito denominado *pensão* de 26:000; os da Paraíba, por 54:000, e os de Itamaracá e Goyana, por 19:000. A totalidade dos dízimos montava a 280:000 florins. A província de Seregipe tinha sido devastada durante a conquista por Giesselin e Schoppe. A do Ceará tinha hum só forte, com huma

guarnição de quarenta homens. As forças holandezas no Brasil não excedião seis mil homens, com dois mil Indios aliados, desde as Alagoas até Pottengy.

Antes da guerra o numero dos escravos africanos e indigenas empregados nos engenhos de açucar, montava a perto de quarenta mil. Parte dos primeiros tinham seguido os senhores na sua emigração; outros tinham ido unir-se aos seus irmãos nos Palmares. Os indigenas repugnavão a todo o trabalho assíduo e prolongado; raras vezes persistião nos engenhos mais de vinte dias.

O senador hollandez mostrou que a conservação da posse do Brasil era devida mais á poucas forças do inimigo que á superioridade dos Hollandezes. Os soldados sofrião falta de viveres e de fardamento. Os mantimentos tinham por tal maneira escasseado, que os indigenas erão obrigados por hum decreto, e debaixo da pena de morte, de prover d'elles o Recife. Os proprietarios territoriaes erão obrigados por huina lei, a fornecer huma certa quantidade, quatro vezes por anno, cujo preço era taxado duas vezes por semana, pelo Senado.

Nassau empenhou-se em fazer prosperar a colonia. Formou o projecto de edificar huma cidade, e hum palacio, em huma ilha deserta,

situada entre os rios Capibaribe e Biberibe, e propôz ao mesmo tempo ao Senado, fazer fortificar esta ilha; mas esta corporação não consentiu nisso, allegando a falta de dinheiro. Nassau resolveu então plantá-la de arvoredo, para a proteger contra os ataques do inimigo e a abrigar dos calores do estio. Com este fim fez transplantar para ali setecentos pés de cacaueiros, os quais derao no seguinte anno huma abundante novidade, quo causou grande admiração aos Hollandezea. Fez igualmente plantar ali todas as sortes de árvores fructíferas do paiz, e fez construir hum edifício para sua residencia, que denominou Friburg, e que fortificou. Como o Recife estava atulhado de habitantes, propôz ao Senado, estabelecer nas ruinas de Olinda huma nova cidade, o que se executou. Deo-se-lhe o nome de Maurícia, em honra do seu fundador.

Resolveo-se que se estabeleceria huma ponte entre Olinda e o Recife, e hum arquitecto tinha contractado executá-la pela somma de duzentos mil florins; mas quando vio que era preciso fazer pilares de pedra a onze pés de profundidade, abandonou o projecto como impraticável. Todavia Nassau conseguiu terminar a ponte em dois mezes, empregando madeiras duras de Brasil, em vez de pedra. Foi a primeira ponte construída na America Portugueza.

Nassau lançou outra ponte sobre o rio Capibaribe, para abrir huma communicação entre o Recife e a outra banda do paiz, e fez construir na proximidade outra casa para sua residencia à qual deu o nome portuguez de *Boa-Vista*. O Senado mui satisfeito de todas estas obras e das providencias politicas, concedeo a Nassau o titulo honorifico de *patronus*.

1639. — *Expedição portugueza para desfender o Brasil*. A Corte de Hespanha expedio huma armada mais consideravel que as precedentes, debaixo do commando do conde da Torre, Fernando Mascarenhas, nomeado Governador, e Capitão general do Brasil em lugar de D. Pedro da Silva. Esta armada, composta de oitenta e sete navios, montando duas mil e quatrocentas peças de artilharia, fez-se á vela de Lisboa em fins de Outubro, dirigindo-se ás ilhas de Cabo-Verde, onde perdeu a terça parte das tripulações, victimas de huma febre epidemica. Um dos mortos foi Francisco de Mello e Castro, que devia commandar as tropas de terra. Quando a armada chegou perto do Recife, no mez de Janeiro de 1640, o numero dos doentes era tão grande, que o commandante julgou acertado conduzi-los a S.-Salvador para se restabelecerem, e passou-se hum anno antes de se poder utilizar esta expedição cujo armamento tinha custado tanto dinheiro.

O commandante em chefe, tendo confiado o governo a D. Vasco Mascarenhas, conde de Obidos, tornou a fazer-se à vela para tentar a conquista de Pernambuco; e para distrahir a atenção de Nassau, mandou tropas debaixo do mando de André Vidal de Negreiros, para devastar o paiz e queimar as plantações de cannas abaixo do Recife; mas a esquadra holandeza estava em posição de impedir o desembarque. Esta esquadra, commandada por Guilherme Cornelio Loos, composta de quarenta e hum navios, era bem inferior à de Espanha, que tinha oitenta e seis navios, tendo a bordo doze mil soldados, alem dos Brasileiros.

Derro-se quatro combates navaes a 12, 13, 14 e 17 de Janeiro. No primeiro, que teve lugar entre Itamaracá e Goyana, morreu o almirante holandeze, mas a sua nao escapou, e a esquadra se retirou á boca da noite. O Conselho supremo confiou o mando a Pedro-le-Grand, e no dia seguinte as duas esquadras se encontraram entre Goyana e Cabo-Branco. Neste combate, que durou igualmente até á noite, hum navio holandeze, o *Sal brilhante*, foi mettido a pique com o capitão Mortamer e quarenta e quatro soldados; dez se salvaram na chalupa. No terceiro, que se deu perto da costa da Paraíba, o *Cysne*, navio holandeze, commandado pelo contra-almirante Jacome

Alderio, perdeo o mastro grande, e foi obrigado a lançar ferro junto á costa. Num navio hespauhol comandado por António da Cunha d'Andrade, que lhe ia no alcance, encalhou em hum buco de areia, e ficou tan destroçado que o capitão se rendeu. Trinta homens da tripulação se lançaram a nado para ganhar o navio da Alderio, que os não quis receber, e morrerão afogados. No quarto combate, os Hollandezes ganharam o vento, e obrigaram os Hespanhóes a se retirarem, depois de terem pelejado todo o dia. Parece que a artilharia hespanhola era mal servida, por quanto os Hollandezes tiverão só vinte e dois homens mortos, e oitenta e dois feridos, nos quatro combates. No primeiro de Fevereiro a esquadra hollandeza voltou ao Recife, onde houve grandes festas para celebrar a victoria. A esquadra hespanhola, contrariada pelos ventos e pelas correntes, não pôde entrar na Bahia. O comandante fez desembarcar na costa, a quatorze legoas ao norte de Pottengy, a maior parte das tropas, e fez-se á vola para as Antilhas, e de lá voltou a Portugal. As tropas consistião em mil e trezentos homens ás ordens de Barbalho e dos soldados indios de Camarão, e os Negros de Henrique Dias. Foram obrigados a marchar trezentas legoas a travez de hum paiz inimigo, antes de chegarem á Bahia. Vidal, que tinha

seguido a esquadra ao longo da costa, se reu-
nio a ella, e devastarão tudo o que encontrarão
no caminho. Fizerão prisioneiro o Governador
do Rio-Grande, e passarão ao fio da espada
toda a guarnição de Goyana. O historiador
hollandez Barléo, pretende que Barbalho ma-
tou aquelles dos seus soldados que não podião
marchar, para não cahirem em mãos dos
Hollandezes;残酷 atroz, e apenas cri-
vel.

Os Directores da Companhia hollandez,
persuadidos que não poderião conservar a
posse do Brasil sem mandar a esta colonia no-
vos reforços, fizerão a promptar huma esquadra
de vinte e oito navios, de que derão o com-
mando a Cornelio Jol, e a João Lichthart. Par-
tirão a 17 de Março, levando a bordo alguns
officiaes da Companhia, e chegarão ao Recife
no principio da primavera. O conde Mauricio,
não ousando tentar novo ataque contra a cidade
de S.-Salvador, resolveo ocupar as suas tro-
pas a devastar o interior da capitania da Bahia.
Ao mesmo tempo expedio huma esquadra de
oito navios, commandados por Jol, levando a
bordo setecentos soldados europeos, e duzen-
tos Indios, para expellir o corpo de Barbalho
das Alagoas; mas este oficial, vendo chegar a
esquadra, abandonou o paiz, e se retirou
com os habitantes, para o sul. A Companhia

hollandeza fez confiscar as suas propriedades, declarando-os desertores.

A expedição preparada para devastar o interior do Reconcavo, compunha-se de vinte vasos, debaixo do mando de Lichhart e de Tourlon, tendo a bordo dois mil e quinhentos soldados, aos quaes se ajuntarão dos mil Tapuyas aliados, vindos do Rio-Grande. Destruirão todas as plantações e engenhos d'esta grande bahia, á excepção de tres, e todas as embarcações que encontrarão. Os Indios, com a sua ferocidade ordinaria, matarão muitos habitantes portuguezes. Mauricio não temendo já a armada portugueza e hespanhola, procurou conciliar os Portuguezes, fez lavrar huma lista dos principaes habitantes das tres provincias de Pernambuco, Itamaracá, e Paraíba, e prohibio aos seus officiaes de lhes fazerem o mais leve damno.

O principal objecto da esquadra de Jol era apossar-se dos galeões hespanhóes vindos do Peru e da Nova Hespanha. Fez-se á vela, com vinte e quatro navios, levando dois mil marinheiros e mil setecentos soldados, e chegou no primeiro de Septembro perto da ilha de Cuba. Em quanto elle cruzava á espera dos galeões, hum temporal dispersou a sua esquadra. Alguns dos navios derão á costa nesta ilha, outros voltarão ao Brasil, e muitos a Hollanda.

Estes últimos, depois de reparados, forão de novo postos debaixo do mando de Jol e Lichtenhart. O primeiro tinha ordem de cruzar na costa de Ángola; o outro na embocadura do Rio de Janeiro, onde apreou hum navio carregado de assucar e de vinho.

O Brasil era então de grande proveito para a Companhia hollandeza. Os dizimos do assucar, e os direitos sobre os mantimentos montavão a perto de 130:000 cruzados; os das mercadorias hollandezas a 240:000 cruzados; os do assucar importado em Hollanda a 120:000 cruzados. A renda dos bens de raiz, dos moinhos e dos escravos negros montava a tres milhões de cruzados. As prezas feitas nos Portuguezes montavão a 100:000 cruzados, e os escravos vendidos no Brasil, a 150:000 cruzados, sem contar o producto de outros direitos que pagavão os Europeos estabelecidos no paiz.

Hum novo Governador, com o titulo de Vice-rei, chegou ao Brasil. Era D. Jorge Mascarenhas, conde de Montalvão, o qual ao mesmo tempo que abria huma negociação com Mauricio de Nassau, mandou secretamente os capitães Paulo da Cunha e Henrique Dias, com hum corpo de tropas ligeiras e negros, para devastar de novo as possessões hollandezas.

1640. — *Desordens no Brasil causadas pelos Jesuitas.* O padre Dias Tano, que se achava

em Madrid com Montoya, foi mandado a Roma para expôr, a Vitelleschi, Geral da Companhia de Jesus, hum quadro das missões do Paraguai, e fazer energicas representações contra a atroz caça que os Portuguezes davão aos indigenas, para os reduzir à escravidão. O Geral queixou-se ao papa Urbano VIII, que lançou huma excomunhão contra toda a pessoa que tentasse privar da liberdade os Indios convertidos. Tão, de volta a Madrid, encontrou alli o seu companheiro, que tinha obtido d'Elrei a passagem gratuita para trinta missionarios, que devião acompanhá-lo á America. O navio em que ião embarcados foi obrigado pelo mau vento, a entrar no porto do Rio de Janeiro. Tão tendo consultado com o padre Pedro da Mota, visitador no Brasil, e os outros padres, leu a bulla de excomunhão na igreja dos Jesuitas. Muitos dos habitantes, socios dos Paulistas na caça que fazião aos Indios, excitáron o povo a quebrar as portas do collegio dos Jesuitas, e a matar os Padres. Pela influencia do Governador Salvador Corrêa consentirão a ajuntar-se no dia seguinte na igreja dos Carmelitas, para discutir esta materia. Os Jesuitas, para salvar as vidas, anuirão á proposição feita pelos inimigos da Bulla, de reclamar contra este acto, appellando ao Papa por hum instrumento assignado a 20 de Julho. Em San-

tos os habitantes ameaçarão de matar o vigário-geral que tinha publicado a bulla, e os de S.-Paulo se amotinarão e expulsarão os jesuítas. Taño e seus companheiros se embarcarão para Buenos-Ayres, no princípio de Novembro, onde aportarão no fim do mês.

O Padre Montoya apresentou huma Memoria ao Rei, em Madrid, na qual solicitava a favor dos indígenas: 1º a execução de huma lei, publicada em 1611, que proibia fazer escravos os Indios, excepto os que fossem feitos prisioneiros em guerra justa; 2º a confirmação dos breves de Paulo III e de Clemente VIII, que continham as mesmas proibições; 3º de fazer julgar pela Inquisição os que se não conformassem a estas disposições; 4º de restituir à liberdade os neophytas que tivessem sido feitos escravos, e de reprimir e castigar os Mamalucos. Este requerimento tendo sido submetido ao exame de comissários escolhidos no Conselho-Real do Castella e no das Indias, lhes pareceu justo, e conformando-se com o seu parecer, Elrei publicou hum edicto, declarando as correrias dos habitantes de S.-Paulo, comumente denominados Mamalucos, injustas e contrárias às leis divinas e humanas, mandando que os culpados fossem entregues ao Santo-Ofício; que todos os Indios reduzidos à escravidão fossem postos em liberdade, e que

os que para o futuro fossem convencidos d'este crime, houvessem de ser castigados como criminosos de lesa-majestade.

No anno de 1640 se fundou a cidade de Taubaté, na capitania e comarca de S.-Paulo, a huma legoa do rio Paraíba, a de Paranaguá, na comarca d'este nome, e Curyliba na província de S.-Paulo.

Devastações dos Mamalucos. O marquez Grimaldi affirma que desde o anno 1620 até 1640, os Mamalucos destruirão vinte e duas povoações de Indios Guaranis, treze situadas no Salto do Paraná, entre os rios Anembi e Paranápané, e outras nove mais abaixo perto do nascente de Ibay. Nestas diversas irrupções, arruinarão as cidades de Guaira e Xerez, e a antiga Villa-Rica, e levarão oitenta mil vaccas do paiz situado entre a cidade de Curytiba, e o nascente do Rio-Grande de S. Pedro, que pertencem aos Guaranis. Tambem farão accusados os Portuguezes de terem usurpado, e ocupado setecentas legoas no sertão do Maranhão, que pertencem á Coroa de Hespanha.

CAPITULO VI.

1641 a 1656.

Revolução de Portugal. — Tratado de tregoa entre Dom João IV e as Províncias-Unidas, a pesar do qual os Hollandezes proseguem as hostilidades no Brasil e na costa d'Africa. — Guerra com os Hollandezes, e expulsão total d'elles.

1641. — *Acclamação de D. João IV.* Nos fins de Janeiro dois commissarios, o padre Francisco de Vilhena, jesuita, e o tenente-general Pedro Corrêa da Gama, chegarão ao Brasil depois de huma curta viagem, e trouxerão a noticia da Revolução de Portugal efectuada a 3 de Dezembro 1640. Vinhão encarregados pelo novo rei D. João IV, a receber o juramento de homenagem do Vice-rei o marquez de Montalvão, e dos outros officiaes militares e civis.

A revolução não excitou menos entusiasmo no Brasil que em Portugal. Foi celebrada no mez de Abril, com grande júbilo, pelos Portuguezes e pelos Hollandezes. O conde Mauricio deo

por esta occasião hum jantar e huma cêa esplendida, no fim da qual hum navio recentemente chegado de Hollanda trouxe a nova de huma tregoa de dez annos entre os Estados-Geraes e Elrei de Portugal.

Os Paulistas a principio recusaram reconhecer D. João IV, e proclamarão rei a Amador Bueno de Ribeira, Hespanhol; elle não quiz aceitar, e teve que acolher-se a hum convento de Benedictinos, para escapar á violencia com que procuravao constrangê-lo. Em fim, por influencia dos eclesiasticos e dos principaes habitantes, foi em fim proclamado D. João IV em toda a província.

O Vice-rei Mascarenhas tinha já mandado hum dos seus filhos a Lisboa, para dar a Elrei a segurança da sua obediencia; mas os seus dois outros filhos estavão em Madrid, e eran opositos ao duque de Bragança. D. João IV, suspeitando a fidelidade do pai, tinha dado ordem a Vilhena de o depôr, confiando o governo a tres regentes, o bispo D. Pedro da Silva, Lourenço de Brito Corrêa, e o mestre-de-campo Luiz Barbalho. O jesuita Vilhena lhes comunicou os seus poderes, e elles insistiram na destituição do Vice-rei, que foi preso, carregado de ferros, e posto a bordo de huma caravela, que partiu para Lisboa. Alli se apresentou na Corte, e plenamente justificado foi res-

tabelecido nas honras de que tinha sido despojado.

O jesuita Vilhena fez uso dos decretos que Elrei lhe tinha dado em branco, para se enriquecer; mas o navio em que se embarcou para voltar a Lisboa, foi tomado por hum pirata argelino, e o pobre padre acabou os seus dias no cativeiro.

A Companhia hollandeza expedio ao mesmo tempo instruções secretas a Nassau, para que aproveitando a debilidade do novo governo de Portugal, extendesse as conquistas no Brasil, e procurasse tomar a Bahia. Pedro Corrêa da Gama, e o licenciado Simão Alvares da Penha, mandados pelos regentes de Bahia ao Recife, para conferir com Mauricio de Nassau, e estabelecer relações amigaveis entre os dois governos, suspeitarão as intenções do chefe hollandez, e comunicarão as suas suspeitas ao governo de Bahia. Todavia Mauricio tinha manifestado aos Estados-Geraes o desejo de voltar a Hollanda, mas teve que ceder aos roges do Governo hollandez, e da Companhia, que instarão para que ficasse ainda alguns annos no Brasil, a fim de extender e consolidar a potencia dos Hollandezes naquelle continente.

Tratado de tregoa, de navegação e commercio entre D. João IV, Rei do Portugal, e as Províncias-Unidas dos Paizes-Baixos, assignado

na Hayia, a 12 de Junho de 1641. Apenas havia D. João subido ao throno, enviou embaixadores a Paris, a Londres e á Hayia, para solicitar a alliança d'estas tres Cortes. Tristão de Mendonça, encarregado d'esta ultima missão, devia tambem exigir a evacuação do Brasil pelos Hollandezes, e allegar que os Portuguezes tinham sido constrangidos a tomar parte na guerra contra os Hollandezes, sendo depois da separação das duas Cordas, aliados naturaes da Hollanda. Mas todos os esforços do negociador foram balbados, e só pôde concluir huma trégua por dez annos, para a India e a America, e huma alliança offensiva e defensiva na Europa. Por este tratado os Estados-Geraes conservavão a soberania e posse de todo o territorio que tinham até então conquistado no Brasil.

A iná fé dos Hollandezes não tardou a manifestar-se. O conde Mauricio concentrou as suas forças, e não as julgando sufficientes para atacar a Bahia, começou as suas operaçōes apoderando-se de São Christovão, a setenta legoas do Recife. A sua esquadra, composta de quatro naos, arvorou a bandeira branca, entrou no porto e desembarcou sem oposição. Os Hollandezes tendo-se fortificado, partirão para o sertão em busca de minas de prata, e encontrarão as tropas de Camarão que estavão acampadas à vista da cidade. Nassau guardou a praça,

debaixo do pretexto que esta conquista tinha sido feita antes de ter conhecimento da ratificação da tregoa.

Os Portuguezes se houverão com generosidade para com as tropas hespanholas e napolitanas. Em vez de as reter prisioneiras, as embarcarão em hum navio destinado á America Hespanhola; mas obrigado a arribar á Paraíba, foi tomado pelos Hollandezes, e a gente feita prisioneira.

Expedição hollandeza contra Angola. Tomada de Loanda. Esta expedição, composta de vinte vasos, levando a bordo dois mil soldados europeos, novecentos marinheiros, e duzentos indígenas do Brasil, era commandada pelo almirante Jol, e o vice-almirante Hinderson; partiu de Pernambuco a 50 de Maio, e desembarcou a 24 de Agosto em S. Paulo de Loanda, junto ao lugar onde o governador portuguez Cesar de Menezes se tinha acampado com nove centos soldados, muitos negros, e duas peças de artilharia. Depois de algumas escaramuças, os Portuguezes abandonarão a cidade e se retirarão a Massangano. Em vão tentou o Governador obter a cessação de hostilidades, allegando a tregoa entre Portugal e a Hollanda. Jol pretendeo não ter conhecimento d'ella, e concedeo a Menezes huma tregoa de nove mezes, com tanto que as tropas portuguezas se retirassem

a trinta legoas de Loanda. Entretanto muitos dos chefes africanos da vizinhança, e grande parte dos habitantes se submetterão aos Hollandezes. Os habitantes ricos oferecerão ceder a Jol a metade dos seus escravos, se este lhes permitisse embarcarem-se para a Bahia com os que lhes restavão. Jol não anuvió, porque foi informado que de Angola sahiao todos os anos para os portos do Brasil quinze mil escravos avaliados em seis milhões de florins. Nassau propôz annexar o governo de Loanda ao do Recife; mas a Companhia decidió que Angola seria hum Governo separado.

Expedição hollandoza contra a ilha de S. Thomé. A 20 de Outubro do mesmo anno Jol desembarcou na ilha de S. Thomé, a duas milhas da cidade principal, e se entrincheirou sem oposição. O alcaide-mór Miguel Pereira de Mello fez conduzir ao interior da ilha os objectos de maior valor, e se retirou ao forte, que foi bombardeado quatorze dias pelos Hollandezes. Repdeo-se por fium, com condição de ser embarcado com a sua tropa para Portugal. Chegadq a Lisboa foi preso, e morreu na cadeia. Os Hollandezes perderão quasi toda a sua gente por huma doença que matava em tres ou quatro dias. Barléo a attribue a tres causas: 1º à coabitação com as negras; 2º à exposição ao ar estando mui encalmados; e 3º ao uso immoder-

rado do assucar mascavado, e leite de coco, que produzia a dysenteria. Ioi succumbio à doença, e o vice-almirante Matheus Janse tomou o mando da esquadra, da qual seis na- vios voltáron ao Brasil, os outros a Hollanda, excepto dois, huius tomado pelos Hespanhóes, e outro mettido a pique por falta de tripulação.

Expedição hollandeza contra o Maranhão. — Uma esquadra de oito naos e seis embarcha- ções menores commandada por Koij e Lich- thart, sahio de Pernambuco a 30 de Outubro de 1641, e entrou a 22 de Novembro na baía de Arasagi, tres leguas a leste da cidade do Maranhão. A 25 entrou pela barra de São Marcos e desembarcou a tropa junto à *Ermida do Desterro*, sem resistência, havendo os habitantes fugido para o sertão. O governador Maciel se metteu no forte com cento e cincocentos homens, e mandou hum recado ao coman- dante hollandez, representando-lhe que vista a paz que existia entre Portugal e Hollanda, era a aggressão contraria a todas as leis. Koij respondeu que tinha arribado alli por eleito do mao tempo, e que os Portuguezes tinhão feito fogo sobre elle. Convidou o Governador a sahir do forte para tratar de hum ajuste igual- mente vantajoso a ambas as nações; mas logo que este se afastou do forte, declarou-lhe não poder sahir do Maranhão sem instruções do seu

Governo. Maciel lhe entregou as chaves da cidadella, onde Koin fez arvorar a bandeira holandeza. Pedro Maciel, sobrinho do Governador e nomeado por elle ao governo do Pará, estava então em Tapuytapera, na terra firme, com triuta soldados, trezentos indigenas, e hum comboi de fazendas destinadis á cidade de Belem. Quando soube da occupação do Maranhão pelos Hollandezes, voltou a esta cidade e foi-se entregar a elles com todo o seu trem. Koin pôz guardas em cada engenho de assucar, reparou o forte de Itapicuru, e deixando quatro navios e seiscentos homens de guardaçao, voltou a 31 de Dezembro ao Recife com o resto da esquadra, levando consigo o governador Bento Maciel Parente, que morreu pouco tempo depois na prisão de Rio-Grande do norte, geralmente desprezado.

O conde Mauricio, não tendo obtido licença de voltar a Hollanda, expedio Carlos Tolner, membro do seu Conselho privado, para representar o estado florescente do Brasil, e reclamar contra a diminuição do soldo dos officiaes e soldados, e requerer reforços de tropa, visto que toda a tropa no Brasil e costa de Africa não passava de quatro mil oitocentos e quarenta e tres homens, cujo numero mingoava continuamente. Recommendou igualmente a Tolner, que convencesse os Estados-Geraes da

necessidade de deixar aos Portuguezes o livre exercicio da sua religiao, e de tratá-los com brandura. Pediu tambem maior provimento de viveres e de medicamentos.

De balde protestou D. João IV contra a infacção do Tratado pelos Hollandezes. Em vñ recorreu á intervenção d'Elrei de França : os Estados Geraes desprezaram todas as representações das duas Cortes, e Elrei de Portugal não ousando lutar com os Hollandezes, não só dissimulou o seu ressentimento, mas até procurou ganhar a amizade d'elles, mostrando-se-lhes muito afecto. Tal era o caracter astucioso de Dom João IV.

Antonio Telles da Silva foi nomeado Governador e Capitão-general do Brasil, com instruções que lhe prescrevião imitar a politica de Nassau, afectando grande amor da paz, e procurando por todos os meios fomentar a insurrecção nas provincias ocupadas pelos Hollandezes. Silva começou o seu governo tirando devassa dos tres regentes, relativamente ao procedimento que tinham tido contra o marquez de Montalvão. Condemnou o bispo a restituir os emolumentos que tinha recebido, e remeteu para Lisboa presos Barbalho e Brito. O primeiro foi perdoado, como tendo obrado por falta de capacidade; o segundo foi condenado á prisão.

Os Portuguezes irritados da perda de Loanda, de S. - Thomé e do Maranhão, procuravão huma occasião de reparar estes revezes. Entretanto Mauricio procurava por todos os meios conciliar a amizade dos colonos portuguezes, protegendo o seu culto e as suas pessoas, fazendo julgar os processos por juizes da sua nação. Estabeleceeo escholas; casas de orphãos, e regulou o preço dā moeda. Expirados os cinco annos do seu governo, de novo manifestou o desejo de voltar á patria, mas a fereça de instancias; consentio em ficar ainda por algum tempo no Brasil. Todos o consideravão, com razão, como o unico homem capaz de governar as possessões hollandezas do Brasil.

1642-43.—*Sublevacão dos Portuguezes no Maranhão.* Os Hollandezes portáron-se com dureza e crueldade para com os colonos do Maranhão, a pezar de haverem algumas mulheres portuguezas casado com Hollandezes. Vinte e quatro Portuguezes, presos sem justa cause por hum agente do governo hollandez, forão entregues aos Tapuyas, que os matárho e devoráro. Indignados de tão atroz tyraninia, resolvérão cincuenta habitantes, ajudados de alguns negros, expulsar os oppressores ou morrer. Escolhérão para os capitanejar Antonio Moniz Barreiros, que tinha sido governador da colónia havia vinte annos. Na noite do ultimo de Setembro,

este chefe começou o ataque no districto de Itapicuru, contra a fazenda de Bento Maciel, filho bastardo do governador do mesmo nome, e se apoderou d'ella em menos de meia hora, matando quantos Hollandezes lá achou, e de cujas armas os vencedores se apossarão, e marcharão contra a habitação do governador Maciel. Puserão-lhe fogo, e matarão todos os Hollandezes que nella se tinhão refugiado, ou que procurarão salvar-se por huma brecha feita no muro. Com a mesma facilidade tomárão dois engenhos de assucar da outra banda do rio, hum d'elles pertencente ao sargentão-mór Antonio Teixeira de Mello, que commandava em segundo, e por cuja influencia salváram as vidas alguns Hollandezes. Barreiros marchou então contra o forte do Calvario, construído pelos Hollandezes, que o tinhão guarnecido de oito peças de artilharia, e estava defendido por setenta homens, para proteger os seus estabelecimentos de Itapicuru. Tendo chegado ao forte ao romper do dia, fez prisioneiro hum soldado, o qual, para salvar a vida, consentiu a lhe servir de guia. Havendo postado a sua gente detrás do rochedo, chamado depois *Penedo de Paciencia*, entrou de envolta com hum destacamento hollandez, que tinha sahido do forte a fazer hum reconhecimento. Toda a guarnição foi morta, á excepção de alguns Francezes.

No fim de 1642, Barreiros, depois de deixar guarnição no forte do Calvario, passou á ilha do Maranhão, esperando surpreender o forte S.-Felippe. Os Hollandezes, avisados do seu projecto, sahirão para reconhecer o inimigo, mas forão inteiramente derrotados. Barreiros com sessenta soldados e oitenta Indios, tomou huma forte posição a tres legoas da cidade; cento e vinte Hollandezes o vierão atacar, mas elle se poz em emboscada, e os derrotou completamente, escapando só cinco com vida. Então marchou Barreiros contra a cidade de S.-Luiz, entrou sem oposição nos suburbios, e tomou o convento do Carmo, situado em huma elevação, a hum tiro de espingarda da muralha; e na noite seguinte tomou huma posição ainda mais vizinha da praça, e alli se fortificou. Os Hollandezes, não ousando atacá-lo, mandarão pedir soccorros ao Recife. Barreiros pedio igualmente auxilios ao Pará, mas as dissensões que agitavão a província os demorarão. Chegarão enfim cento e treze Portuguezes e setecentos Indios commandados por Pedro Maciel¹ e seu irmão. Barreiros achando-se doente, o sargento-mór Antonio Teixeira de Mello tomou o mando. Com duas peças de ar-

¹ Expulso de S.-Luiz, e embarcado em hum navio pôdre, voltou a Belém, onde tentou em vão exercer o cargo de capitão-mór.

tilharia tomadas no forte do Calvario, resolveo bater o forte S.-Felippe; mas em quanto se preparava a esta empreza, chegou aos Hollandezes hum reforço de setecentos homens de Pernambuco, o qual conseguiu entrar na praça a 15 de Janeiro. No dia seguinte os Hollandezes sahirão pelo meio dia e atacarão os Portuguezes, mas forão repellidos com perda. O commandante hollandez atacou depois o convento fortificado do Carmo, mas foi rechaçado com perda de cem homens, quasi todos Indios auxiliares. Barreiros morreu na vespera d'esta victoria.

1642. — Este anno foi funesto á província de Pernambuco. Sofreuo muito por efeito de inundações dos rios, e por huma doença epidemica. As bexigas matarão mais de mil negros, só na capitania da Paraíba.

1643. — Teixeira, vendo as suas munições quasi esgotadas, retirou-se a 25 de Janeiro para Tapuytapera, separada de S.-Luiz por huma bahia de quatro legoas de largo. Depois de ter atravessado o Coty foi perseguido por trinta Hollandezes e mais de cem Indios, commandados pelo official hollandez que tinha vindo do Ceará em socorro do Maranhão: este destacamento cahio em huma emboscada e foi inteiramente derrotado por Teixeira, que se apoderou de todas as armas e munições, e se foi

postar na forte posição de Moruapý fronteira a Itapicuru. O commandante hollandez, irritado d'este desastre, teve a ferocidade de entregar vinte e cinco Portuguezes aos Indios do Ceará, para serem por elles devorados, e fez embarcar cincuenta para serem vendidos na Barbada aos Ingleses¹; saqueou as habitações dos colonos, e fez lançar as mulheres nuas fóra da cidade.

Teixeira ficou mais de tres mezes em Moruapý, mas não recebendo socorros, retirou-se a 2 de Maio para Aleantara. Alguns dias depois da sua chegada, Pedro Maciel e seu irmão se embarcarão a bordo das suas canoas para o Pará, levando consigo a maior parte da sua tropa, e alguns colonos do Maranhão.

Teixeira, reduzido a sessenta Portuguezes e dois mil Indios, e faltando munições de libera va sobre os meios de se retirar ao Pará, o que por falta de canoas não podia fazer por mar, quando lhe chegou huma barca de Belem com cinco quintaes de polvora; continuou a inquietar os Hollandezes causando-lhes continuas perdas. O commandante de huma esquadra hollandez, que apareceu sobre a costa, propôz a Teixeira, em nome do conde Mauricio, de o nomear governador dos Portuguezes na cidade de S.-Luiz, com autoridade independente do governador

¹ O governador ingles os por em liberdade.

hollandez; Teixeira respondendo por testemunha, que com efeito tinha tentado de estabelecer os seus quartéis naquella cidade, quando d'ella houvesse expulsado os Hollandezes. Depois de vários recontros, em que Manoel de Carvalho, expedido por Teixeira, derrotou os Hollandezes; este se approximou da cidade, e deu apon de novo o forte do Calvario, que tinha sido abandonado. Nesta conjunctura chegou à costa Pedro de Albuquerque, novo governador do Brasil, com cem homens e muitas milharias; por falta de piloto fiz-se á terra para o País, mas á entrada da barra o navio encalhou em hum banco de areia.

O governador com a sua familia e parte da tripulação se embarcaram nas chalupas do navio e em duas canoas de pescadores; e tomando terra; mas o resto da guarnição vendo o navio a ponto de se espedaçar, tentando salvar-se em huma jangada, e morreram todos afogados, em numero de setenta; em que entrava Luiz Figueira e oito jesuítas. De onze pessoas que ainda ficavam no navio é que se embarcaram em outra jangada, só tres escaparam: dois jesuítas cahiram no mar; dos outros lançados na illa de Joshua, seis foram mortos pelos indígenas da tribo dos Aruans. Pedro de Albuquerque, com a gente que escapara do naufrágio partiu para a illa do Sul, e d'ali

para Belem, onde tomou posse do governo. Aunquindo á representação do procurador autorizado pelos habitantes da capitania, recusou reconhecer o infame Pedro Maciel em qualidade de capitão-mór, não obstante ter este sido nomeado por Elrei.

Depois da publicação da tregoz entre Portugal e a Hollanda, Niculand foi nomeado pelos Estados-Geraes governador de Loanda, e fez huma convenção com o antigo governador portuguez Menezes, pela qual este se obrigou a ir estabelecer-se nas margens co rio Bengo, mas debaixo do pretexto que os Portuguezes se dispunhão a atacar os Hollandezes, o estabelecimento portuguez foi tomado, saqueado e devastado; Menezes preso, e cento e sessenta Portuguezes embarcados para Pernambuco em hum navio podre. Durante a viagem oito morrerão de fome, e os outros chegarão em miserável estado ao Brasil.

1644. — O governador Pedro de Albuquerque morreu no principio d'este anno, deixando o governo ao seu parente Feliciano Corrêa, conjuntamente com o sargento-mór, Francisco Coelho de Carvalho.

Teixeira manteve-se na sua posição, e continuou a inquietar os Hollandezes, não os deixando sahir da cidade. Emfim estes abandonarão o Maranhão a 28 de Fevereiro, e se

embarcarão em numero de quinhentos a bordo de hum navio portuguez, que hum temporal tinha lançado na bahia de Arasagy. Os Tapuyas do Ceará, seus aliados, reduzidos a oitenta, se retirarão descontentes de não terem recebido recompensa : elles e os da sua tribu assaltarão o forte hollandez do Ceará, matarão toda a guarnição, e arisarão Teixeira, que tomou posse d'elle. O mesmo fizerão a outros fortes hollandizes, cujas guarnições tiverão igual sorte.

As diversas expedições que os Hollandizes fizerão contra Seregié, o Maranhão, Angola, e o Chili tinhão esgotado os recursos de Pernambuco, e a Companhia tinha-se descuidado de mandar resorços. O Conselho supremo, não tendo dinheiro para as despezas da administração, exigio o prompto pagamento das sommas devidas. Os negociantes fizerão outro tanto aos seus devedores. Havia tal escassez de dinheiro, que o juro subio a tres e quatro por cento por mez. Os agentes do Governo, não podendo obter o pagamento dos devedores, se apoderarão da novidade do assucar; os negociantes e outros credores dos colonos se queixarão, allegando que por esta medida ficavão privados de garantia, e para se embolsarem do que se lhes devia, se apossarão violentamente dos escravos, bois e instrumentos dos engenhos. Os proprie-

tafipa tomárao q partido de resistir. Para remendar a este estado violento, o Conselho supremo fez hum ajuste com os proprietarios das plantações e engenhos de assucar, pelo qual elles devião entregar todo o assucar que fabricassem por hum certo numero de annos à Companhia, obrigando-se aq[ue] a satisfazer as credoress dos senhores de engenho. Os negociantes adherirão a essa medida, o assignárao obrigações por mais de dois milhões de florins, mas a desgordem era tão grande, que este arranjo recebeuo mui imperfeita execuçao.

A estes males, o Governo hollandez ajuntou outros, que tornárao insuportável o seu jugo. Recompensavao com carta de alforria as escravos que denunciavão os senhores de terem armas escondidas; taxava-se o preço de todos os productos do solo; a justiça era administrada com a maior parcialidade, sendo o numero dos juizes hollandezes superior ao dos portuguezes em todos os tribunales; a disproporção se tornava ainda maior, porque muitos dos juizes portuguezes residindo no campo, não assistião ás deliberações.

1644. — Depois de grande contestação entre os Directores da Companhia e os Estados-Gerais, Mauricio obteve em fim licença de voltar à patria, havendo oito annos que governava as posseasões hollandezas no Brasil. Antes de par-

lhe confiou o governo civil ao Conselho supremo, e o commando das tropas a Henrique Haus, e fez huma falla em que lhes deo mui acertados conselhos sobre o modo de reger o paiz. Recommendou-lhes que tratassem os Portuguezes com brandura, e procurassem ganhá-los, e particularmente os padres, depositarios dos segredos dos catholicos; que suprimissem os tratos; que castigassem severamente os assassinatos e os duellos.

Mauricio despedio-se das autoridades e partio para Hollanda a 22 de Maio, levando consigo alguns selvagens de diferentes tribus, e cinco Portuguezes brasileiros, para que vissem com seus proprios olhos a Hollanda, e se convencessem que nao era hum povo de piratas e pescadores. Mil e quatrocentas pessoas se embarcaram a bordo da frota, que ia carregada de 2:500:000 florins de generos. Mauricio, logo que chegou a Hollanda, partio para a Haya e apresentou aos Estados-Geraes e aos de Hollanda, huma memoria em que deo conta da sua administração e da sua viagem.

1644. — *Sublevação das províncias conquistadas, por influencia de João Fernandez Vieira.*
— O Governador hollandez, desejando conhecer as forças dos Portuguezes na Bahia, e a disposição dos habitantes das províncias meridionaes do Brasil, enviou huma deputação ao

governador Antônio Telles, para o cumprimentar, e exigir a entrega dos devedores e desertores hollandezes. O Governador lhes fez bom agasalho, e prometeu comunicar-lhes os nomes dos individuos designados que viessem buscar asilo na Bahia. Estes agentes souberão que as tropas em S. Salvador e nos fortes vizinhos, montavão a dois mil e quinhentos homens; que cento e cincuenta guarnição as capitanias dos Ilheos, de Porto-Seguro e Espírito-Santo, e que duas companhias de Índios e de Negros, cada huma de cento e cincuenta homens, commandados por Camarão e Henrique Dias, guarnecião os fortes septentrionaes na fronteira hollandeza. Souberão mais que não havia forças navaes, dois navios de guerra tendo sahido da Bahia, e que os Hollandezes e Allemães de S. Salvador tinhão sido transferidos a bordo de navios portuguezes, para não comunicarem com os agentes.

O governo de Pernambuco suspeitando as intenções hostis dos habitantes, recorreu a medidas oppressivas, principalmente dirigidas contra os eclesiasticos não residentes na província, prohibindo o exercicio do sacerdócio a todos os que de novo se introduzissem nas possessões hollandezas, e que fossem ordenados pelo bispo da Bahia. A tyrannia avivou o descontentamento, e acelerou a explosão que de-

via expulsar do Brasil os seus avidos, crueis e imprudentes oppressores.

O principal chefe que ousou combater a potencia hollandeza, que parecia demasiado forte para ser abalada pelas debelis forças portuguezas no Brasil, foi João Fernandes Vieira. Era elle natural da ilha da Madeira, d'onde sahira moço para ir tentar fortuna no Brasil. Depois da perda de Olinda, distinguiu-se na defesa de S. Jorge, e foi feito prisioneiro na tomada do campo do Bom-Jesus. Tendo-se enriquecido por sua industria, ganhou a confiança dos Hollandeses do Recife, a ponto que hum dos membros do Conselho supremo, antes de partir para a Hollanda tratar dos seus interesses, o nomeou seu agente com plenos poderes. Senhor de cinco engenhos, casou com Dona Maria Cesar filha de Francisco Berenguer de Andrade, natural da Madeira. Em razão da sua conhecida intelligencia, era muitas vezes consultado sobre os negocios da Companhia, de cuja verdadeiro estado era assim inteirado, conhecendo cabalmente os seus recursos e a sua fraqueza. Todo o seu fio era a ruina da dominação hollandeza, que lhe era odiosa. Apenas julgou poder começar as hostilidades, communicou o seu projecto ao governador Telles da Silva, e ao seu amigo André Vidal de Negreiros, que tinha sido nomeado chefe da capitania do Ma-

raõhão, e que tinha vindo ver os seus parentes na Paraíba, acompanhado do padre frei Ignacio, benedictino. Vidal prometteo a Vieira ajudá-lo na execução do seu projecto. Estes dois patriotas estavão exasperados por hum acto recente do Conselho hollandez, que tinha feito enforcar tres desertores portuguezes, sem consentir que hum sacerdote os ajudasse a bem morrer, e lhes ministrasse os auxílios da religião.

Vieira tinha já transmittido ao Governador do Brasil huma memoria em que mostrava ser chegado o tempo de sacudir o jugo dos Hollandezes. As suas praças estão em mau estado, as guardiões mui diminutas (dizia elle); os melhores officiaes tinhão partido com Mau-ricio, e os seus compatriotas que ficáron vivem nas fazendas com mulheres portuguezas, e a maior parte dos que residem na cidad de São Ju-deos expulsos de Portugal. Ao mesmo tempo transmittio Vieira outra memoria a D. João IV, em que lhe expunha os agravos e insultos recebidos pelos Portuguezes, que os obtigavão a tomar armas para se libertarem, declarando nso haver nem leis, nem tregoa ou tratado que pudesse privá-los dos seus dírcitos naturaes. Vieira escreveo tambem a Camarão e a Henrique Dias, pedindo-lhes a sua cooperação.

Animado por estas disposições, expedio o

Governador Antonio Telles secretamente hui destacamento de sessenta homens, commandados por Antonio Dias Cardoso, com ordem de seguir as instruções de Vieira. Cardoso entrou na província de Pernambuco em Dezembro de 1644. Chegarão aos poucos sem armas ao lugar designado, onde foram escondidos pelo fiel Miguel Fernandes, criado de Vieira. Quatro d'elles foram mandados á Bahia a buscar armas. Ao mesmo tempo Camarão e Henrique Dias, cumprindo a promessa feita a Vieira, se puserão em marcha. Então este chefe, de acordo com Cardoso, querendo comunicar o seu projecto aos amigos, os convidou a hum festim, no fim do qual se abriu a elles, e declarando-lhes ser sua tenção libertar Pernambuco, ou morrer na empreza, estimulou-os a mostrarem o seu patriotismo ajudando-o a conseguir tão deseável victoria. Informou-os dos seus aprestos e meios de execução; todos se mostraram bem dispostos, mas manifestaram o desejo de conferir com Cardoso, para o que se ajuntarão no dia seguinte em huma fazenda de Vieira, onde Cardoso lhes confirmou a approvação dada ao projecto pelo Governador da Bahia, e a marcha de Camarão e de Dias. Toda a assemblea proclamou Vieira chefe da insurrecção. Dois dias depois voltarão os confederados, e anunciarão a

HISTORIA

Vieira que o Conselho supremo estava informado do seu conciliabulo, e sabia os nomes de todos os confederados. Propuse-ão por tanto tratar com o Conselho para obter d'elle o perdão, e hum salvo-conducto para Cardoso se poder retirar á Bahia com a sua gente. Vieira desenvolveu neste critico lance grande penetração e consummada prudencia. Bem viu elle que alguns dos cobardes que por vergonha tinham entrado na conjuração, intimidados pelo perigo que corriam, e arrependidos do que haviam feito, tinham denunciado Vieira, e Cardoso ao Conselho supremo. Ein vez de se mostrar aterrado, respondeo-lhes mui tranquillo, que sem motivo se acobardavao, que facil lhe seria a elle desvancecer es suspeitas concebidas pelo Conselho supremo, ainda supondo nao serem vagas, e haver com effeito algum traidor communicado os nomes dos conjurados. Bem sabeia, disse Vieira, a grande conta em que me tem os Hollandezes, e que para com os magistrados mais pesa huma mentira minha que a verdade de muitos, e a hum official como Cardoso nao se pode propor semelhante arbitrio. » Com isto es despedio; elles se retirarão assustados, e receando com razão ser tidos por impostores pelas Hollandezes, e tratados como traidores perrens compatriotas.

Vieira apenas se desembaraçou d'elles, partiu sem perda de tempo a avistar-se com Cardoso no seu escondrejo, e bem opportuna foi a sua chegada. Num dos traidores tinha ido informar Cardoso da descoberta da conjuração, procurando decidí-lo a reticar-se à Bahia, oferecendo-lhe hum salvo-conducto do Conselho supremo. Cardoso rejeitou com indignação a proposta, e ameaçou o vil traidor de comunicar os nomes de todos os conjurados no Governo hollandez, pondo toda a culpa a elles, e declarando a inocencia de Vieira. O traidor tentou ameaçá-lo, mas vendo Cardoso tirar a espada, fugiu. Depois de conferir com Vieira, escreveu com efeito huma carta ao Conselho supremo, em que com muita arte allegava ter sido chamado a Pernambuco por muitos dos habitantes ligados assim de atacarem os Hollandezes, mas depois de huma ardua marcha conheceu que o tinham illudido; asseverava ao mesmo tempo que elles tinham oculado o projecto a Vieira, em quem não tinham confiança, por conhecerem a sua assíeigo aos Hollandezes. Immediatamente depois de escripta esta carta, entranhou-se Cardoso pelo sertão, e foi esconder-se em hum lugar escolhido por Vieira, onde era suinamente difícil descobri-lo; entretanto effectuando completa ignorância da comunicação feita a Cardoso pelo

traidor, manifestou aos conjurados a admiração que lhe causava a partida de Cardoso para a Bahia.

Entretanto a situação do Conselho supremo era critica. Estava convencido das disposições hostis dos habitantes, e sabia que Vieira e seu doso á Berenguer erão cheses da conjuração; mas o receio de precipitar a explosão fez que não se atrevessem a desarmar os Portuguezes, dissipando até acharem occasião de prendarem Vieira. Em quanto isto se passava em Pernambuco, chegão os emissários de Cardoso á Bahia. O Governador os acolheu bem e prometeu auxiliar a insurreccão de Pernambuco, com tanto que não fosse compromettido, e que Cardoso affectasse obrar de seu moto proprio e sem participação do Governador. Quarenta aventureiros partirão com os emissários, e chegados a Pernambuco forão escondidos nos miasos pelos agentes de Vieira e postos debaixo das ordens de Cardoso.

Neste intervallo Vieira continuou os seus preparos, com summa prudencia, de modo a não excitar as suspeitas dos Hollanlezes. Cumprou polvora, ajuntou viveres, tirou as mandas de bois das varzeas, e os fez conduzir ás suas fazendas do interior. Meditou igualmente o projecto de matar os principaes membros do Conselho supremo, attrahindo - os a hum

festim, que intentava dar por occasiõ do casamento de hum filho e huma filha d'elle com hum irmão e irman da mulher de Antonio Cavalcante, rico proprietario a quem Vieira tinha comunicado o seu projecto, e que, chegado o momento da execuão, hesitava. Para o segurar, tinha Vieira proposto este casamento mui vantajoso á familia de Cavalcante. Tudo estava disposto, e já os criados e dependentes de Vieira na varzea tinham desenterrado as armas, quando por imprudencia de algunes d'elles, que não puderão conter o seu jubilo, vendo aproximar-se a libertação da província, foi avisado o Conselho, e malogrhou-se o projecto. Forão igualmente infrutíferas todas as tentativas do Governo hollandez para se apoderarem de Vieira, ora convidando-o para funções, ora chamando-o para concluir a concessão de hum contracto com o governo. Vieira avisado por tres amigos, quo tinha de sua mão, de tudo o que se resolvia no Conselho, evitou todos estes laços. Alem dos indicios certos já obtidos, recebeo o Conselho supremo huma carta anonyma de hum Portuguez, em que se expunha com a maior individuaçao todo o plano de Vieira, e foi entregue por hum Judeo portuguez, interessado, como todos os da sua nação, na conservação do dominio hollandez, tendo justa razão de recear atroz per-

guião da parte dos Portuguezes, se estes viesses a triumphar.

Vieira inquieto pela tardança de Camarão e Henrique Dias, e continuamente perseguido pelos destacamentos hollandezes, via-se obrigado a evitar o perigo que o ameaçava, não aparecendo nas suas fazendas, e nunca passava a noite no mesmo sítio; mandou a mulher, que estava adiantada na prenhez, para a fazenda de hum parente, e dispôz-se a começar as hostilidades, apezar da insuficiencia dos meios de ataque. Isto se tornava tanto mais urgente por ter sido preso pelos Hollandezes Sebastião de Carvalho, hum dos que tinham denunciado a conjuração ao Conselho supremo de Pernambuco, na carta anonyma de que já falámos. Este traidor declarou ter sido hum dos denunciantes, e confirmou quanto tinha escrito pedindo aos Hollandezes que o conservassem preso, para não excitar suspeita a Viceria.

Emfim, a 7 de Junho, recebeu Vieira aviso que Camarão e Dias tinham passado o rio San-Francisco, e participou imediatamente a feliz nova ao padre Francisco da Costa Falcão, chefe do clero da Varzea, o qual a comunicou aos habitantes. Todos manifestarão a maior satisfação, declararão ser bons Portuguezes, e estarem prontos a tomar as armas contra os oppressores, e a favor do Rei legitimo.

A 10 de Junho expedio o Conselho deputados á Bahia, para descobrir se o Governo português auxiliava a insurreccão. Tinhão ordem de exigir o castigo de Camarão e Dias, declarando quo se elles recusassem voltar á Bahia, os faria proclamar inimigos d'Elrei de Portugal.

O Conselho supremo fez alargar os fossos de Mauricia, e reparar as fortificações de Itamaracá, e offereceo o perdão a Antonio Cavalcante, e a João Paes Cabral.

A 15, Vieira avisado por Sebastião de Carvalho, tomou huma posição dominante no engenho de Luiz Braz Bezerra, situado no meio dos bosques : alli convocou huma assemblea de quinze pessoas¹, que se obrigarão todas a seguir a fortuna do chefe. Dentro de tres dias o seu numero se augmentou a cento e trinta, todos animados do mesmo espirito, mas sem armas, e sem nenhuma experientia da arte militar. Entre elles havia alguns negros escravos da

¹ Eis aqui os nomes d'elles : Francisco Berenguer d'Andrade, Christovão Berenguer, Antonio Bezerra, o capitão Antonio Borges Uchoa, Francisco de Faria, Antonio da Silva, capitão de cavallaria, o capitão Antonio Carciero Falcão, Bernardim de Carvalho, Coim de Castro Pessoa, Manoel Cavalcante, com dois filhos, o capitão João Nunes Victoria com alguns homens armados de espingardas, João Cordeiro de Mendanha, Alvaro Teixeira e Amaro Lopes Madureira, nomeado depois capitão.

costa da Mina e de Angola. D'alli passou a Camaragibe, lugar cercado de pantanos e situado a couba de duas milhas da Varzea. Proclamou então a guerra, e expedio messageiros ás parochias vizinhas solicitando o apoio de todos os Portuguezes, promettendo alforria a todos os escravos negros e mulatos que viesssem unir-se a elle, e obrigou-se a compensar os senhores desses escravos. Para excitar a indignação geral, fez publicar por esses mesmos emissarios hum supposto decreto do Conselho supremo, pelo qual todos os Portuguezes de quinze a trinta e cinco annos de idade devião ser passados á espada. Grande numero de escravos acodirão á esta chumada, e começáron as hostilidades matando na mesma noite quantos Hollandezes e Judeos encontráron nas habitações circumvizinhas, e na manhan seguinte forão ter ao campo de Vieira carregados do despojo que havião colhido.

A 18 de Junho, o Conselho publicou huma amnistia, de que erão exceptuados os chefes, aos sublevados que viesssem entregar-se no Reio dentro de nove dias, contados do dia da publicação do edicto, renovando o juramento de fidelidade ao Governo hollandez. Ao mesmo tempo teve a imprudencia de mandar prender em toda a província quantidade de pessoas, que não tinhão entrado na conspiração. Mui-

tos habitantes indignados d'esta injustiça, forao unir-se aos conjurados. Os mais forão obrigados a comprar a troco de dinheiro a sua liberdade aos agentes Hollandezez, para quem este edicto foi occasião do lucro.

1645. — Não tendo conseguido apoderar-se de Vieira por meios violentos, procurou o Conselho supremo ganhá-lo mandando-lhe oferecer 200:000 cruzados se consentisse a abandonar o seu projecto, promettendo pagar esta quantia onde e como elle desejasse, e dando todas as seguranças que elle exigisse. Para ganhar tempo, fingiu-se disposto a aceitar a proposição; mas obrigado por fim a dar huma resposta categorica, respondeo por escripto dizendo que não podia por tão vil preço renunciar á honra de castigar hum oppresor. Irritados d'esta resposta os membros do Conselho, oferecerão huma recompensa de 4000 florins a quem lhe trouxesse preso Vieira, morto ou vivo. Elle, não querendo mostrar-se menos largo em promessas, publicou que daria o dobro pela cabeça de qualquer dos membros do Conselho. Convidou todos os Portuguezes a tomar armas contra os seus tyrannos, sob pena de serem tratados como inimigos da patria. Prometeo aos Judeos e aos estrangeiros protecção como vassallos da Corôa de Portugal, obrigando-se elles a viver pacificamente em suas

casas; e para intimidar o Conselho, ameaçou entrar na cidade com quatorze mil soldados europeos e vinte e quatro mil Brazileiros e Indianos: jaetancia ridicula!

As primeiras hostilidades começaram a 19 de Junho, em Ipojuca, perto do cabo Santo-Agostinho. Vieira tinha consigo o mando d'este distrito o Amador de Araujo em qualidade da capitão-mór, e fez capitão Domingos Fagundes, mulato livre, filho de hum fidalgo rico. Este homem abrigou-se a levantar huma companhia, e desde logo recrutou dezasseis homens. Aproveitando-se de hum tumulto excitado por huma rixa entre hum habitante e hum negociante judeu, em que tres judeus foram mortos, Fagundes e a sua gente assaltaram e roubaram os Hollandezes, e houve incêndio nas casas. A guarnição fugiu assustada e abandonou as armas aos sublevados.

Animado por este successo, Fagundes atacou tres barcas carregadas de escócia e farinha que se achavão em Porto do Salgado, senhourou-se d'ellas e matou todos os Hollandezes que estavão a bordo. Depois d'este acontecimento todos os Portuguezes do distrito e da vizinhança tomaram parte na insurreição capitaneados por Amador de Araujo, e conseguiram cortar toda a comunicação entre os Hollandezes do cabo Santo-Agostinho e o território

situado ao sul. Assim de conservar esta comunicação, o Conselho do Recife expediu a 24 de Junho, o coronel Henrique Haus com duzentos soldados hollandezes e quatrocentos Índios, para reduzir os rebeldes. Fagundes, não tendo fôrça suficiente para resistir, retirou-se ao bosque de Vasco Pires Borralho com vinte homens, tendo morto tres soldados hollandezes e ferido outros, e foi unir-se a Araujo.

O coronel Haus entrou em Ipojuca, fez enforcar hum dos chefes da insurreição, e ofereceu perdão a todos os que se submettessem dentro de tres dias. Cerca de duzentos indivíduos declarão submeter-se, na esperança de aproveitar occasião mais favorável para saír do jugo. Entretanto Haus, guiado por hum traidor, conseguiu obstar à junção de Araujo com Vieira. Encontrou os insurgentes que fôrão obrigados a retirar-se nos bosques.

Vieira, avisado que os Hollandezes intentavão atacá-lo em Caimaragibe, retirou-se a hum Mocambo de negros no sertão onde se lhe veio ajuntar Antonio Dias Cardoso, ao qual deu o título de sargento-mór com honras de tenente general. Neste ponto o numero dos insurgidos era de duzentos e oitenta, comprehendidos trinta Negros das Minas. Os Hollandezes expedião o sargento-mór Blaar com trezentos soldados europeos e duzentos Pitaguares; mas

Vieira, avisado a tempo, se retirou a Maciápe, onde vierão unir-se-lhe Francisco Ramos e Braz de Barros com quarenta homens bem armados, que forão logo seguidos de cincuenta novas recrutas conduzidas por João Barbosa, Sebastião Ferreira, Domingos da Costa e Domingos Raimundo. Hum destacamento ás ordens do ajudante Amaro Corceiro acompanhado de padre Simão de Figueiredo, foi mandado a excitar os habitantes das margens do Capibaribe, a tomar armas, elles e seus escravos, para libertarem o paiz. No espaço de cinco dias oitocentos se apresentarão, trinta armados de espingardas, e os outros de chuços ou de paos tostados. Com esta força dirigio-se Vieira a São Lourenço, e encontrando hum destacamento hollandez de cincuenta homens, que escoltavão hum comboi de farinha para o Recife, os desbaratou matando-hes treze homens e oito dos Indios que os acompanhavão.

Blaar informado que os insurgidos tinham largado o Mocambo, mandou a Iguarassu destacamentos que incendiarião as habitações, e matarião os habitantes. Tendo então feito a sua junção com Haas, o qual tomou o mando, Vieira não ousando arriscar o combate em São Lourenço, sem o socorro de Camarão e Dias, largou esta posição, atravessou o Capibaribe em huma jangada com oito a dez homens, mai-

chou na direcção do rio Itapicuru, e foi postar-se em huma fazenda pertencente a Belchior Rodrigues Covões. Ali comecou a manifestar-se desalento entre os insurgidos; muitos d'elles declararão a tençao de se retirar a suas casas; mas Vieira ameaçou da força os que tal tentassem, e receoso de que o quizessem matar, formou huma guarda de corpo que o seguia de continuo, e postou duas sentinelas na cozinha, para evitar o ser envenenado. Não havendo cirurgião entre os insurgidos, e sabendo que no districto de Santo Amaro havia hum medico francez chamado Mestrola, fê-lo conduzir ao campo bem contra sua vontade. Pouco depois foi o pequeno exercito reforçado por quatrocentos homens vindos da Moribeca e de Santo Antonio do Cabo, debaixo da direcção do capitão-mór João Soares d'Albuquerque. Este reforço chegou com Amador d'Araujo e a sua gente, seguidos de setecentos Indios armados de espingardas biscainhas, os quaes anunciarão a proxima vinda de Comarão e Henrique Dias. O numero dos capitães montava já a trinta e quatro. Pela influencia d'elles e dos principaes eclesiasticos, conseguiu Vieira acalmar os descontentes.

Neste tempo o Conselho hollandez publicou huma proclamação obrigando todas as mulheres cujo marido, filho, pai ou parente se achasse

entre os insurgidos, de saharem de suas casas dentro de cinco dias, sob pena de serem tratadas como rebeldes, e declarando todos os que lhes dessem asalhado indignos da protecção dos Estados-Geraes. Alguns Portuguezes que não tinham tomado armas, intercederão a favor d'estas infelizes, pedindo ao Conselho quizesse deixá-las residir em suas casas até baixarem as aguas que tornavão impraticáveis os caminhos; mas não foram attendidos. O padre Manoel do Salvador renovou a supplica, dirigindo-se ao Governador, e representou-lhe que seria infligir hum castigo aos innocentes, e que estando os bosques cheios de Portuguezes armados, elles não perdoarião os maus procedimentos e insultos feitos a suas mulheres e filhas. Se hum tal edicto se executa, dizia elle, durará a guerra entre as duas nações em quanto os Portuguezes conservarem memoria de tão atroz injuria. O Conselho desprezou todas estas representações, fez executar com o maior rigor o edicto contra as mulheres dos insurgidos, e o padre Salvador, receando ser victimá do ressentimento dos Hollandezes, fugiu para o mato depois de ter expedido a Vieira hum proprio a avisá-lo do estado das cousas.

A 15 de Julho Vieira fez affixar nos lugares os mais frequentados do Recife huma contra-

proclamação em que denunciava o edicto do Conselho como barbáro e crível, contrário às leis da natureza e às da polícia humana; edicto, dizia elle, que sujeita às leis militares mulheres, que a sua natural fraqueza, e a corteza usada entre todas as nações, deve proteger contra as calamidades da guerra. Em virtude do que, convidava as mulheres a ficarem em suas casas, declarando que vingaria as injúrias que se lhes fizessem. O Conselho vendo esta proclamação affixada nas portas da fortaleza, intimidado fez suspender a execução desse seu barbáro decreto.

Outro acontecimento veio ainda aumentar a indignação dos Portuguezes. Os habitantes do distrito de Cunhau foram convidados pelos Pitaguares e Tapuyas de Pottengy a ajuntarem-se na igreja no dia 16 de Julho, para deliberar sobre negócios importantes. Concorrerão côn-efecto sessenta e nove, que todos foram mortos por estes barbáros, á exceção de tres. Os Portuguezes atribuirão esta atrocidade aos Hollandezes. A 24 de Julho Vieira se fixar hui edicto no Recife, declarando ter formado o projecto de restabelecer a autoridade legítima em Pernambuco, e convidando os habitantes de todas as capitâncias a tomar armas contra a tyronnia e injusta ocupação dos Hollandezes, dentro de quatro dias da data do dito decreto,

sob pena de serem declarados rebeldes, e perseguidos como inimigos da patria.

Vieira informado da juncção das tropas de Ilaua e de Blaar, que se dispunham a atacá-lo, retirou-se, a 31 de Julho, ao monte das Tabocas, situado a cousa de nove legoas a oeste do Recife e perto do pequeno rio Itapicuru. Toda a sua força consistia em mil e duzentos Portuguezes e em cem Indios ou escravos; com pouco mais de duzentas espingardas. Vieira proeurou inflamar a sua gente em hum eloquente discurso, em que lhes rememorou os altos feitos dos Portuguezes na Asia, e pintou com vivas cores a tyrannia do jugo dos Hollandezes, insistindo particularmente nos sacrilegos insultos feitos á religião catholica, e aos seus templos e sacerdotes.

Na vizinhança d'este lugar residia, debaixo da protecção dos Hollandezes, hum ecclesiastico chamado Manoel de Moraes, que, havendo abjurado o catholicismo, pregava as doutrinas de Calvino. Vieira o fez conduzir ao campo por hum destacamento, onde remunhou ao calvinismo, voltando á fé catholica, com apparentes mostras de convicção e arrependimento. Esta conversão, real ou fingida, parecendo de bom agouro aos insurgidos que começavão a desalentar-se pelo tardança da vinda de Camarão e Dias. Para tranquillizar os espíritos, expedio

Vieira hum destacamento de quarenta homens
ao encontro dos dnis capitães.

Entretanto o Conselho hollandez tendo manda-
do hum reforço a Henrique Haas, com or-
dem de marchar contra os insurgidos; este se
avanceu até o engenho das Covas com mil e
quinhetos soldados bem armados e disci-
plinados, e hum numero consideravel de Indios
e negros escravos. Alli soube que Vieira tinha
abandonado a sua posição, e poz logo á fazenda.
A vanguarda de quatrocentos Hollandezes e
de hum destacamento de Indios, marchou
contra o engenho de Balthazar Gonçalves Mo-
reno, perto de legos a meia de Tabocas, onde se
achava o capitão Antonio Gomes Taborda com
duzentos e quarenta homens, para defender
o passo. Repellio esta vanguarda e matou qua-
torze homens aos Hollandezes; mas Vieira lhe
ordenou que se retirasse sobre o acampamento,
para alli esperar o ataque do inimigo. O ser-
gente-mór Cardoso tinha disposto tres embos-
cadas debaixo dos capitães João Cabral, João •
Pessoa, Paulo Velloso, e Antonio Borges Uelos,
nas quebradas dos rochedos, e postado hum
destacamento commandado pelo capitão Do-
mingos Fagundes nas margens do rio Itapiouru,
para disputar passagem. Fagundes tendo em
veo tentado obstar á passagem das tropas ini-
migas, retirou-se a 3 de Agosto sobre as embos-

adas ; alli se travou hum renhido combate que durou cinco horas, e no qual trezentos e sessenta soldados hollandezes ficarão no campo de batalha. Vieira perdeu vinte oito homens mortos, entre os quaes havia alguns dos principaes chefes, e teve trinta e sete feridos.

Os Hollandezes tinham oitocentos Pitaguares disciplinados, e hum grande numero de homens da mesma tribu e de Tapuyas seguindo a retaguarda. Os Portuguezes tomarão duas mil espingardas, muita polvora e murições. Esta foi a primeira brillante victoria obtida pelos insurgidos, que transportados de jubilo se ajoelharam bradando : *Viva a fé catholica romana, viva a liberdade, viva Etrei D. João IV!* Vieira abraçou todos os officiaes e soldados, e cumprindo a promessa feita aos seus escravos, deu alforria a cincocenta d'elles, que formou em duas companhias de soldados livres, debaixo das ordens de dois capitães escolhidos por elles mesmos.

• Henrique Haas retirou-se de noite com o resto das suas tropas, a São Lourenço de Ipojuca, sete legoas distante do campo de batalha, e entrou depois no Recife, por ordem do Conselho.

Durante a sua estada em S. Salvador o maior Hoogstraten, propôz ao governador Antônio Telles da Silva, entregar-lhe o forte de

DO BRASIL.

Nazareth, dizendo haver já comunicado este plano a João Fernandes Vieira. O Governador lhe respondeo, que se assim o fizesse, seria bem recompensado pelo Governo portuguez. Para encobrir o seu projecto, longstraten, de volta ao Recife, informou o Conselho que o Governador se preparava a atacar as possessões hollandezas, não esperando senão alguns navios do Rio de Janeiro para começar as hostilidades.

O governador Telles da Silva fez embarcar na Bahia a bordo de qito navios, dois regimentos commandados pelos mestres-de-campo André Vidal de Negreiros, e Martim Soares Moreno. Deo o mando d'esta frota a Jeronymo Serrão de Paiva, habil official. A que era destinada para Portugal, composta de trinta e sete navios, se achava na Bahia, debaixo do mando de Salvador Corrêa de Sá, o qual devia acompanhar a primeira expedição até Tamandare, onde devião desembarcar a tropa. Serrão de Paiva devia entrar no Recife, para apresentar cartas ao Conselho, da parte do Governador ~~gen~~, nas quaes dizia que, fiel á sua promessa, tinha expedido dois officiaes para persuadirem aos insurgidos que renunciassero aos seus projectos, e não querendo elles anuir, tinha ordem de os fazer obedecer.

Levantamento em Serinhaem. O command-

dente hollandez de Serinhacem tinha recebido ordem de desarmar os Portuguezes no seu districto. Hum d'elles, João de Albuquerque, excitou os outros á resistencia, persuadindo-lhes que, huma vez desarmados, serião victimas da perfidia hollandeza. Quarenta e nove moços se ajuntarão, mettendo a pique tres navios destinados ao Recife, o puzerão-se debaixo da protecção das tropas da Bahia que acabavão de desembarcar na vizinhança. Os commandantes mandarão o capitão Paulo da Cunha com hum destacamento intimar á guarnição quo se rendesse, visto ter o Governo hollandez tratado os Portuguezes, não como subditos, mas como escravos. A guarnição composta de sessenta e dois Hollandezes e quarenta e nove Indios, vendo-se cercada por forças superiores, e falta de agua, capitulou, abandonando os Indios á vingança dos Portuguezes, que fizerão enforcar trinta d'elles considerados como traidores, em virtude de huma sentença pronunciada pelo auditor-geral Francisco Bravo. Os mais Indios forão empregados a transportar a bagagem, e as mulheres e filhos distribuidos entre os habitantes. A maior parte dos soldados hollandezes entrarão no serviço portuguez, só dois sahirão do districto.

Passados sete dias em Tabocas, para enterrar os mortos e curar os feridos, foi Vieira unir-se

ás tropas de Serinhaem. No dia da partida os habitantes de Iguarassu e de Goyana, ameaçados pelos Hollandezes de Itamaracá, lhe enviaram huma deputação solicitando socorros. Vieira lhes mandou hum destacamento de cento e cincuenta homens, de que consiou o mando a Antonio Cavalcante, o qual tendo chegado a Iguarassu, alli permaneceu em inacção e pouco depois morreu de hum pleuriz. Vieira o tinha suspeitado de haver excitado a tropa a amotinar-se, e por isso se quiz descartar d'elle.

Immediatamente depois da partida de Vieira, chegaram a Tabocas Camarão e Henrique Dias, com parte das suas tropas, e indo-lhe em seguimento, fizeram a sua juncção com elle na segunda noite de marcha. Vieira, informado que estava hum destacamento hollandez ce cento e oitenta homens na aldeia de Santo Antonio do Cabo, marchou para o surprender; mas o commandante, avisado a tempo, se retirou ao forte da Nazareth. Vieira fez alto em Santo Antonio a tres legoas de Ipojuca, onde se achavão as tropas vindas da Bahia. Martim Soares Moreno se postou em Algodoaes, a huma legoa do Pontal de Nazareth. O mestre-de-campo Vidal de Negreiros foi ao encontro de Vieira, com quem teve huma conferencia a 16 de Agosto, de que resultou a união dos dois corpos, para de acordo continuarem a guerra: Mar-

HISTORIA

ton Soares Moreno seguiu o mesmo exemplo com as tropas que commandava. No mesmo dia Vieira partiu com o seu exercito para a Moribeca, d'onde continuou a sua marcha pelo rio Tigipiú, seguido de huma multidão de Portuguezes, de Indios e escravos negros, os quaes, fugindo o jugo hollandez, se tinham acolhido áquellos sítios retirados.

O General hollandez Henrique Blaas, que tinha estabelecido o seu quartel no engenho de Anna Paes, fez partir duas companhias de soldados, e alguns Indios ás ordens do major João Blaas para irem saquear as habitações dos insurgidos, e apoderar-se das mulheres dos principaes proprietarios da Varzea que se tinham sublevado, com ordem de as trazer ao Recife, para servirem de refens. Blaas executou as ordens, e prendeu algumas mulheres, sendo d'este numero D. Antonia Bezerra, mulher de Francisco Berenguer de Andrade; D. Isabel de Goes, mulher de Antonio Bezerro; Luiza de Oliveira, mulher de Amaro Lopes: a mulher de Vieira, D. Maria Cesar, tinha fugido para o mato. Vieira avisado do que se passava, acodio logo, e tendo passado com grande dificuldade o Capibaribe, surpreendeu os Hollandezes no engenho de D. Anna. Estes, não podendo retirar-se, apresentarão as mulheres prisioneiras nas janelas da casa, para fazer ces-

sar o fogo da mosquetaria. Os Portuguezes movidos d'este espetáculo, propuserão nos Hollandeses que capitulassem, mas elles recusarão, e fizerão fogo sobre o parlamentario que levava a bandeira branca. Exasperados os Portuguezes puzerão fogo á casa, que era construída sobre pilas de madeira. Então pediu Haas capitular, e a custo escapou com vida, querendo os soldados portuguezes queimá-lo com toda a sua gente, ao que Vidal se opôz. Haas e Blaar sahirão, e ficarão prisioneiros com duzentos homens que restavão. Os Hollandeses perderão quatrocentos homens no combate, e perto de duzentos Indios aliados d'elles foram mortos depois do conflito. Os Portuguezes tiverão dezoito mortos, e trinta e cinco feridos. Acharão seiscentas espingardas, muitos bons cavallos de sella, e abundantes viveres. Os capitães Domingos Fagundes, e Henrique Dias foram feridos nesta accão na qual os ecclesiasticos se distinguíram como nas precedentes, animando e combatendo. Alguns prisioneiros hollandeses entraram no serviço portuguez; os outros foram enviados debaixo de escolta á Bahia. Durante a marcha, Blaar foi morto por hum habitante, para se vingar das crueldades d'este oficial.

Depois d'esta victoria, Vieira marchou em triumpho para o engenho de S.-João Baptista,

situado na planicie, levando em sua companhia as mulheres que tinham sido captivas, e seguido dos prisioneiros hollandezes, entre os quais vinha Haas a cavallo, sem armas nem insignias militares.

Tomada de Olinda pelos Portuguezes. — No mesmo dia da precedente victoria, Olinda foi tomada por trinta Pernambucanos, à testa dos quais estava Manoel Barbosa. Este joven, de boa familia, tinha-se escondido no mato a huma legoa de distancia da cidade Mauricia com cinco companheiros de dezoito a vinte annos de idade, todos bem armados, e esperando occasião favoravel para se unirem a Vieira. Entretanto hum destacamento hollandez de desazeis homens, que escoltavão negros carregados de objectos saqueados, chegarião de noite á habitação da irmã de Barbosa, viuva em cuja companhia vivião suas irmãs. Os Hollandezes arrombarão as portas, e aos gritos das infelizes acordio Barbosa com os seus companheiros, e com tal coragem atacarão os Hollandezes que matarão alguns e obrigarão os outros a fugir. Sem perda de tempo distribuirão as armas tomadas a alguns outros amigos, e juntos em numero de trinta surprenderão Olinda. Barbosa foi recompensado com a patente de capitão.

Combate naval. — Conformando-se ás suas

instruções, Salvador Corrêa e sua frota apareceu diante do Recife a 12 de Agosto. Ignorando as operações dos insurgidos, ofereceu os seus serviços ao Conselho hollandez, assim como os de Vidal e Soares. O Conselho, julgando-se com razão insultado por esta oferta, deliberou se devia mandar prender os dois portadores d'esta communicação; mas receando que a frota fomentasse o espirito de insurrecção, contentou-se com intimar a Corrêa que se retirasse. Elle, tendo desempenhado a sua commissão, fez-se á vela. O Conselho reprobando animo, ordenou a Lichthart que aprontasse a esquadra, e fosse em busca dos navios portuguezes e os atacasse onde quer que os encontrasse. Huma esquadra portugueza de oito navios se achava então na bahia aberta de Tamandaré, cujo chefe ignorava que o forte de Nazareth estava em poder dos Portuguezes. Os mestres-de-campo lhe tinham escripto a 2 e 6 de Septembro, avisando-o d'este successo, mas as cartas tinham sido interceptadas. Lichthart, com huma força superior, atacou a esquadra portugueza, e lhe tomou tres navios; dois deram á costa, outros dois foram abandonados e incendiados, e só hum escapou e foi ter á Bahia. Avaliou-se a perda dos Portuguezes em setecentos homens. O navio de Paiva foi tomado á abordagem, o capitão

combateo com grande coragem, e recebeo muitas feridas. Os Portuguezes accusarão os Hollandezen d'este acto iniqua, que representarão como desleal e atraíçoados, e os insrepárao da etueldade com que havião tratado os prisioneirus, lançando muitos ao mar com pedras e balas atadas ao pescoco e ás pernas para se afogarem. O Governador da Bahia prohibio deitar luta pelos que havião perecido em Tamandaré, e prometteo tirar exemplar vingança de iso atroz injustiça.

A 5 de Septembro o forte de Nazareth foi entregue nos Portuguezes pelo major comandante Hoogstraten, pela quantia de 6000 cruzados, dos quaes Vieira deu sete mil, e os seus officiaes o restante.

Sublevação dos habitantes da Goyana. — No meado de Junho o Conselho hollandez tinha expedido Paulo de Linge, hum dos seus membros, à Paraíba em qualidade de governador, assim de tomar medidas para a segurançā d'esta província. Este oficial estabeleceeo a sua residencia no convento de S.-Francisco, e obrigou todos os habitantes a renovarem o juramento de fidelidade. Fez prender quatro individuos, dois dos quaes tinham sido nomeados capitães do disticto por Vieira, e fez matar hum d'elles chamado Estevão Gonçalves; o corpo do outro, Jacome de Leiria, morto na ca-

dea, foi arrastado pelas ruas. Nesta conjuntura espalhou-se a noticia do morticínio de Cunhau (a 17 de Agosto), em que Vieira tinha feito publicar, da tenção dos Hollandezes de matar todos os Portuguezes. Os habitantes pediram a Paulo de Linge armas para se defendessem contra os Tapuyas, e elle, avisado da derrota dos seus compatriotas em Tabocas, permitiu aos habitantes munirem-se de armas quaisquer, excepto de espingardas, e retirou-se com a tropa ao forte Cabedello. Os Tapuyas acompanhados de hum corpo de duzentos Hollandezes commandados por Guilherme Lambariz, avançaram, matando quantos Portuguezes encontraram. O chefe d'estes Índios, chamado Jan Duwy, quando consentiu em se alliar com os Hollandezes, tinha exigido a destruição de todos os Portuguezes na Paraíba. Em vão procurou Lambariz pôr termo ás crueldades d'estes ferozes selvagens. Muitos d'elles descontentes se retiraram com os despojos, outros se apresentaram diante da cidade de Goyana, onde tentaram penetrar de noite; mas vendo huma força superior disposta a tolher-lhes a passagem do rio, tomados de hum subito terror fugiram para o mato. Lambariz se retirou com a sua gente a Cabedello, d'onde partiu para o Recife.

Vieira e Vidal, que tinham tomado o título de

governadores, expedirão à Paraíba tres officiaes para commandarem os insurgidos. Num d'elles; Antonio Rodrigues Vida, sobrinho de André Vidal, era natural d'aquelle capitania; os outros dois erão capitães, hum do regimento de Camarão, o outro do corpo de Henrique Dias. Chegados no 1º de Septembro a Tibiry, allí se demorarão para conferir com tres dos habitantes do lugar. Concertadas as medidas, foi proclamada a liberdade da província pelos habitantes d'ella, e fortificáron-se no engenho de assucar de S.-André, pertencente a Jorge Homem Pinto, depois de terem mandado as mulheres e os filhos para o sertão. O governador Linge fez marchar trezentos Hollandezes, e seiscentos Indios capitaneados pelo chefe Pero Poty, para surprender o campo dos insurgentes, ao mesmo tempo que elle simularia hum ataque contra a cidade de Paraíba pelo rio, com algumas lanchas. Os Hollandezes forão rechagados, a 11 de Septembro, com perda de setecentos e sete mortos, e grande numero de feridos. A perda dos Portuguezes foi pequena.

Depois d'este successo entrarão os insurgentes em negociações secretas com Linge para comprar o forte de Cabedello; mas o projecto foi revelado por hum padre a hum ministro calvinista: o commandante hollandez, para

evitar as suspeitas, fez enforcar o agente dos patriotas.

Tomada de Porto-Calvo pelos Portuguezes. — O Conselho hollandez tendo perdido a esperança de soccorrer as guarnições no sul do Recife (as de Seregipe sobre o rio S.-Francisco, e Porto-Calvo), as mandou evacuar, enterrando ou destruindo as peças; mas antes de poder executar esta medida, rompeu huma insurreição em Porto-Calvo, suscitada pela prisão de huin dos principaes habitantes, Rodrigo de Barros Pimentel. Os mais habitantes tomárão armas debaixo das ordens de Christovao Lins, que Vieira tinha nomeado capitão do districto. O commandante hollandez fez marchar contra elle hum destacamento, mas foi atacado em huma emboscada em qua todos forão mortos.

Tres dias depois Lins tomou hum navio que remontava o rio Manguaba, carregado de munições para a fortaleza. Acharão nello muitas armas de fogo e provisões de boca. Nove Hollandez morrerão nessa acção.

Vieira fez pôr cerco á fortaleza de Porto-Calvo, e deu o commando das tropas ao capitão Lourenço Carneiro de Araujo. O comandante hollandez Klaas Florins, depois de huma acção, capitulou a 17 de Septembro, com condições honrosas, sendo permittido aos soldados embarcar-se para Hollanda, ou tomar

serviço com os patriotas do Brasil. O comandante fez distribuir 700 : 000 réis aos oficiais e soldados em numero de cento e cincocentos e seis. A fortaleza foi arrasada a peditorio dos habitantes; oito peças de bronze foram mandadas ao exercito patriota.

Sublevação dos habitantes da villa do rio S.-Francisco. — O forte Mauricio sobre o rio S.-Francisco se entregou quasi no mesmo tempo aos Portuguezes, e com as mesmas circunstâncias. Hum Portuguez preso pelas autoridades hollandezas, foi posto em liberdade pelos seus compatriotas, que se sublevarão. Um destacamento de setenta homens mandados contra elles cahio em huma emboscada, e foram mortos. Animados por estas vantagens os patriotas, commandados por Valentim da Rocha Pitta, puserão sitio á fortaleza, e pedirão soccorros á Bahia. O Governador-General lhes mandou hum reforço de quatro companhias ás ordens do capitão Nicolao Aranha, que partiu de Rio-Real a 27 de Julho, e chegou a S.-Francisco a 10 de Agosto. Ao mesmo tempo os patriotas se apoderarão de huma caravela com viveres e munições para a fortaleza. Os Hollandezes tiverão seis homens mortos neste ataque, e no mesmo dia perderão mais vinte em linda escaramuça. Senhores do rio, os patriotas interceptarão todas as embarcações, e entre elles

a que trazia ordem de evacuar o forte. No dia 11 o capitão Aranha atravessou o rio, e se fortificou ao norte do forte com cento e oitenta homens bem armados, portuguezes e indios. Os Hollandezes tentaria huma sortida, mas sem efeito, tendo perdido quatro soldados mortos em huma das portas. A 15 o commandante portuguez lhes propôz huma capitulação: os Hollandezes pedirão tres dias para se decidrem; mas vindo nesta occasião a passar por alli Henrique Haas o os mais Hollandezes apre-zados no engenho de Anna Paes, Haas aconse-lhou ao commandante do forte que aceitasse as condições oferecidas por Aranha. Aproveitando este conselho, capitulou com efeito a 19 de Septembro. A guarnição compunha-se ce duzentos e sessenta homens, hollandezes e franceses; dos quaes setenta e sete tinham sido mortos durante o cerco. Havia tambem alguns Indios, mulheres, e dezoito crianças e escravas. No forte se achava dez peças, e muitas munições e viveres. Os prisioneiros foram mandados para a Bahia por terra, e as mulheres e crianças por mar. O forte foi arrasado, e Aranha foi com as suas tropas unir-se a Vieira na Varzea.

Tomada do forte da Santa-Cruz. — Pela in-fluencia de Hoogstraten, o commandante d'este forte, situado a perto de huma legoa do Recife,

se entregou aos Portuguezes, e a guarnição foi incorporada em hum regimento de desertores que se acabava de formar, composto de Hollandezes, Francezes e de outras nações, que servira as Províncias-Unidas como mercenários. Deixou-se no forte huma companhia de soldados para sua defesa.

Para proteger a chegada de viveres e munições, Vieira fez construir outro forte em huma altura a quatro milhas da cidade, que foi acabado dentro de tres mezes. Guardou-o de oito peças de bronze, e denominou-o *forte do Bom-Jesus*, nome do antigo acampamento. A cidade, que pouco depois se elevou á roda d'este forte, foi chamada *Arraial-i-Novo*: estabeleceu-se nella huma Casa de Misericordia para os doentes e feridos.

O Conselho hollandez ocupou-se então dos preparativos necessarios para defender o Recife, onde esperava ser atacado. Fez destruir a ponte de Boa-Vista, assim como os jardins e dependencias do palacio de Nassau. Publicou depois hum edicto pelo qual mandava demolir a cidade nova dentro do prazo de dez dias.

Tentativa dos Portuguezos contra a fortaleza de Cinco-Pontas. Vieira informado que a ilha de Itamaracá era o principal deposito dos Hollandezes, preparou huma expedição para se apode-

rar d'esta posição, situada na borda do mar a hum tiro de canhão da cidade de Mauricio. Deixando o manôlo do campo a Henrique Dias, marchou á testa do principal corpo do exercito á cidade do Iguarassu, ajuntou todas as embarcações da vizinhança na barra do rio Catuama, e tomou hum navio que defendia o canal entre a ilha e o continente. Esta empreza foi executada por causa de cem homens da guarnição a bordo de huma grande barea e de hum batel, commandados pelo capitão Simão Mendes, a quem deo ordem de vencer ou morrer. A maior parte dos Hollandezes foram mortos defendendo o seu navio; só quinze se entregaram. D'esta maneira as tropas effectuaram o desembarque sem serem vistas. Depois de tres ataques sucessivos penetraram na cidade de Schoppe, principal estabelecimento da ilha. Os Hollandezes obrigados a refugiar-se nos seus entrincheiramentos, estavão a ponto de capitular, quando as tropas da Bahia e o regimento de Hoogstraten começaram a saquear. Os Indios que se vião ameaçados de perder a vida, aproveitando a desordem cansada pelo saque, fizeram hum ataque furioso, e ajudados pelos Hollandezes forçaram os Portuguezes a se retirarem depois de hum combate de onze horas, com perda de sessenta homens mortos, a saber trinta e quatro estrangeiros do regimento

de Hoogstraten, quatorze Portuguezes, e doze Indios. Os Hollandezes tiverão mais de duzentos mortos, e grande numero de feridos. Camarão foi ferido na ação. Sete homens do regimento dos desertores, que tinham enchedo as mochilas de despojo e abandonado as suas armas, foram condenados á morte por Hoogstraten, mas elle mitigou depois a sentença, e hum só d'elles, tiradas sortes, foi executado.

Uma doença contagiosa fez grande estrago no campo portuguez. Consistia em grande opressão da respiração acompanhada de dores rheumatismaes agudas. Muitos morrerão de repente, outros em poucas horas, e nenhum dos doentes viveu além do terceiro dia. Atacava igualmente os Europeos, os Indios e os Negros. Os medicos, ignorando a natureza do mal, não sabiam que remedio applicar; salverão porém alguns doentes por meio de copiosas sangrias. Fizeram-se, segundo o costume do tempo, procissões e penitencias, e expuseram-se as imagens de S.-Gonçalo e de S.-Sebastião no hospital e na Casa de Misericordia, e como a enfermidade cessou pouco depois, attribuio-se a estes actos supersticiosos a cessação do mal. Esta epidemia rompeu na Paraíba em fins de Setembro, grassou por todas as capitarias, e cessou no principio de Dezembro. Os medicos a consideraram como huma sorte de peste, cau-

sada por perniciosa influencia atmospherica (1).

Representação a Elrei. A 7 de Outubro os patriotas lavraram huma representação a Elrei, para se desculparem da accusação de terem faltado á fidelidade que lhe devião, e de desobediencia aos seus decretos, expondo que a tyrannia dos Hollandezes tinha obrigado os habitantes do Brasil a tomar as armas para defender a sua liberdade e a honra do Reino, e os tinha determinado a proclamar João Fernandes Vieira, Governador; que confiados inteiramente na clemencia e na magnanimitade de S. M., esperavão que lhe ministrasse auxílios para terminar huma empreza tão gloriosa, tão util à Coroa de Portugal, e tão necessaria ao livre exercicio da religião. Esta representação foi assignada pelos tres Estados da capitania, a saber: 1º por todos os capitães e officiaes militares, á excepção dos governadores e mestres-de-campo; 2º pelas camaras; 3º pelo clero, frades, e principaes habitantes do Reconcavo em numero de sessenta e quatro. Este documento foi transmittido ao Governador-General para ser por elle enviado e posto na presença d'Elrei.

¹ Raphael de Jesus a designa nos seguintes termos: *Alal contagioso, que pelos effeitos pareceo ramo de peste. Os medicos tinham assentado entre si ser o ar infiacionado e corrupto, p. 401.*

Morticínio dos Portuguezes do Potengy feito pelas Tapuías. — Durante os desastres causados pela epidemia na Paraíba, os Índios conduzidos por Jacob Rabbi assolarão a capitania do Rio-Grande, e matarão quantos Portuguezes puderão encontrar, para vingarem assim a morte dos seus compatriotas, em Serinhaem, posto que estes Portuguezes não tivessem tido parte naquelle sucesso. A Companhia hollandeza confiscou os gados e propriedades d'estas infelizes victimas da ferocidade dos Índios.

A principal força dos patriotas estava postada diante do Recife, o que dava lugar a continuos combates. O primeiro domingo de Outubro, sendo dia da festa do Rosario, sempre celebrado pelos escravos negros do Brasil, e particularmente pelos de Olinda, os Hollandezes, aproveitando esta occasião, atacarão os patriotas, mas foram repellidos com perda.

Trinção dos escravos desertores. — Muitos escravos seduzidos por dinheiro que os Hollandezes lhes oferecerão, convierão em que não atirarião com bala, e que trarião nos chapéos hum pedaço de papel dobrado, para que os Hollandezes não atirassem a elles. Vieira, que tinha sempre suspeitado a fidelidade d'estes negros, tinha destacado os mais d'elles sobre diversos pontos, de modo que não ficavão mais de duzentos e cincocentos com o principal

corpo d'exercito, debaixo do mando do capitão hollandez Nicholzon, o qual procurava occasião opportuna de passar ao inimigo. Para auxiliar os negros, fizerão os Hollandezes huma sortida commandada por Garsman, de que os desertores procurarão aproveitar-se para escapar; mas forão prevenidos por huma manobra repentina do sargento-mór Antonio Dias Cardoso. Sete Portuguezes forao mortos nesta occasião, e trinta e cinco feridos, e entre estes Pedro Cavalcante de Albuquerque, e Paulo da Cunha. Os Hollandezes perderão trinta homens. Vieira querendo experimentar a lealdade de Nicholzon, e da sua gente, deixou-lhe escolher sessenta, que forão postos em emboscada para atacar o inimigo quando viesse prover-se de agua.

Apenas o Biberibe deo vao, atravessarão o rio e marcharão para o Recife a toque de caixa, e disparando as armas. Achárao-se nos outros provas da sua intelligencia com as autoridades do Recife; em consequencia do que forão desarmados e remettidos para a Bahia, excepto os cirurgiões e dois engenheiros. O mestre-de-campo Hoogstraten e o sargento-mór Francisco de la Tour se mostrarão tão indignados d'esta traição, que solicitarão e obtiverão licença de irem servir na Bahia com a mesma patente, em hum regimento portuguez. Os mestres-de-campo Á-

nhão conseguido por meio de huma correspondencia anonyma persuadir que os desertores se entendisso com Vieira e Heogastraten, e todos elles ião sér enforcados quando se descobrio o artificio. As suspeitas se dirigirão então contra trinta Franzezes da guarnição dos Afogados, que forão encarcerados; quatro d'elles postos a tratos nada revelarão, e hum foi executado, que tambem nada tinha confessado.

Hum destacamento de duzentos e cincoenta Portuguezes e trezentos e cincoenta Indios, comandando pelo capitão João Barbosa Pinto, tinha sido mandado, no 1º de Novembro, para proteger os patriotas de Cunhau, mas chegou quando já se havia effectuado a matança dos Portuguezes pelos Indios, e estabeleceu-se em huma fazenda arruinada. Assustados pelo ruido que sentirão durante a noite, retiráron-se a huma lagoa, e fortificáron-se em huma posição só accessivel por hum lado. Quatrocentos Hollandezes que havião desembarcado na Bahia da Traição, marcharão para atacar a fazenda e engenho, que acharão abandonado; tendo seguido as pisadas dos Portuguezes, atacáron-nos na sua nova posição, mas forão repellidos com perda de cento e quinze mortos, Hollandezes e Indios, e grande numero de feridos.

Por este mesmo tempo houve huma horrivel

matança na Paraíba, dirigida por hum chefe dos Tapuyas, e denominado Pedro ou Pero Poty, parente de Camarão, e não obstante, zeloso partidario dos Hollandezes. Este chefe desalmado sorpreendeo hum numero consideravel de Portuguezes que se achavão congregados por occasião da vespera da festa de S.-Martinho, e os matou a todos, excepto huma rapariga notável por sua belleza, que conduzio ao forte da Paraíba.

1645. — *Victoria ganhada por Camarão.* Para vingar as crueldades, e impedir que os Hollandezes se apoderassem de todo o territorio da Paraíba, Camarão partiu do campo á testa do seu regimento, e de duzentos Tapuyas do rio S.-Francisco, com ordem de matar quantos inimigos encontrasse, e de ajuntar gado sufficiente para prover o campo. Chegados á Paraíba, os chefes dos patriotas d'esta capitania lhe derão cincuenta homens que conhecião bem o territorio, com os quaes continuou a sua marcha para o Rio-Grande, matando todos os Tapuyas e Pitaguares que encontrou, e saqueando e incendiando as suas aldeas. O Consellio hollandez expedio contra elle hum corpo de mil homens de tropas hollandezas, e o corpo dos Tapuyas commandado por Jacob Rabbi e os filhos de Duwy. Camarão postou-se nas margens de hum pequeno rio entre Cu-

nhau e o forte Keulen, onde se entrincheirou da banda do norte e do sul; os dois outros lados estavão protegidos pelo rio, que não dava vao, e por mato de tabocas. Camarão não tinha mais de seiscientos homens, e cento e cincuenta frecheiros indios do rio S.-Francisco. Rhineberg, que commandava os Hollandezes, atacou as trincheiras, mas não podendo forçá-las, fez da sua gente tres corpos, dos quaes conservou hum, para fazer crer que ia continuar o ataque, em quanto mardou aos outros dois tentar a passagem do rio mais acima, e ao mesmo tempo penetrar pelas tabocas. As tropas hollandezas cahirão em duas ciladas e fugirão. O outro corpo tentou em vão passar o rio defendido pelos frecheiros indios. Os soldados de Camarão proclamarão a victoria, e Rhineberg se retirou deixando cento e quinze homens, e toda a sua bagagem no campo de batalha. A perda dos Portuguezes foi insignificante. Camarão tendo esgotado todas as suas munições, não pôde ir no alcance do inimigo, retirou-se á Paraíba, para alli se dispor ao ataque do forte Keulen.

Incendio das canhas de assucar na Bahia. — O Governador-General Antonio Telles da Silva, querendo arruinar as possessões hollandezas, deu ordem aos seus inestres-de-campo na Várzea, que puzessem fogo a todas as plantações

de cannas em Pernambuco, não reflectindo que os Portuguezes e não os Hollandezes estavão senhores do paiz, e que por este acto ia destruir todos os recursos do exercito patrioto. Existião então na província cento e cincuenta fazendas e engenhos de assucar, que empregavão tres mil secentos a cincoenta homens. Vieira ficou tão attonito ao receber ordem tão absurda que a não quiz referendar; mas para dar exemplo de obediencia, fez pôr fogo nos seus proprios canaviaes, soffrendo huma perda de 200:000 cruzados; exemplo singular de heroico desinteresse, e de requintado patriotismo. A impolitica ordem foi revogada, mas quando já a maior parte das plantações estavão incendiadas.

Vieira, resolvido a mandar dois messageiros a Portugal, para representar ao Rei D. João IV, o estado actual do Brasil, as vantagens obtidas, e fazer-lhe saber que os seus fícias e zelosas subditos erão dignos da sua protecção e auxilio, escolheu para esta missão Francisco Gomes de Abreu, e Francisco Berenguer de Andrade, que se embarcarão no porto de Nazareth, cada hum em sua caravela, no meiado de Dezembro. Antes de perderem de vista a costa, forão perseguidos por dois navios hollandezes. Humas das caravelas ganhou o porto de Tamandaré, onde se salvou a tripulação, e o agente de

Vieira com os seus despachos; a outra em que ia embarcado Abreu conseguiu escapar, e apontou a Lisboa.

1645. — *Fundação da cidade de Taubaté ou Itabnté.* Esta cidade situada na latitude de $22^{\circ} 54' 12''$, e na longitude de $352^{\circ} 55'$ da ilha de Ferro, foi fundada por Antonio Barbosa de Aguiar, capitão e lugar-tenente. Está situada a vinte legoas de Mugi das Cruzes, e a doze de Jacauhi.

1646. — *Expedição portuguesa para proteger o distrito de Pottengy.* A situação dos Hollandeze no Recife tinha-se tornado summa-mente crítica; sentia-se grande escassez de viveres, e a guarnição murmurava. Os Judeos fizerão hum dom considerável para o serviço do estado, mas que era insuficiente para as necessidades urgentes. No exercito havia grande deserção. O distrito de Pottengy era o unico que fornecia viveres, e para se manter na posse d'elle, mandároa para lá os Hollandeze reforço de tropas; mas os Portuguezes decididos a expulsá-los, destacarão Vidal com quatro companhias, duas de Europeos, huma de negros nascidos escravos nas Minas, e por isso denominados Minas, e outra de crioulos. Os Hollandeze avisados por espías, da partida d'estas tropas, fizerão passar a Itamaracá a maior parte dos Tapuyas, e huma companhia

de fuzileiros. Vieira, para fazer ver que as suas forças não tinham sofrido diminuição, fez executar varias correrias, em huma das quaes se distinguio Domingos Ferreira, aprezando de noite muitas cabeças de gado, e alguns cavallos, debaixo do fogo do forte dos Afogados.

A 11 de Março o negro Paulo Dias, a quem Bagnuolo dera o seu appellido *San-Felice*, que era sargento-mór de Henrique Dias, passou o rio de noite, tomou hum reduto desesfido por cincuenta Hollandezes, que todos matou, excepto quatro. Dias teve oito homens mortos e vinte feridos.

No campo portuguez celebrou-se com zelo o jubileu que tinha sido publicado pelo papa Inocencio X, pela prosperidade da igreja catolica, destruição da heresia, e paz entre os principes christãos.

André Vidal tendo feito a sua junção com Camarão na Paraiba, as suas tropas unidas chegarião de noite á ermida de Nossa-Senhora da Guia, perto dos postos inimigos de Santo-Antonio e Cabedello, onde se postarião em tres emboscadas; e destacarão quarenta homens escolhidos para irem insultar a guarnição do primeiro forte, e excitá-la a fazer huma sortida. O commandante tendo recebido soccorros de Cabedello, marchou contra os Portuguezes á testa de sessenta Hollandezes, e cento e sessenta In-

dios, que cahirão na cilada. Os primeiros são todos mortos, e muitos dos segundos, e os Portuguezes lhes tomarão todas as armas e as lanchas. Entre os Indios se achava huma payé ou prophetisa, chamada *Anhaguiana*, (que significa senhora dos demonios) que encarniçava os selvagens contra os Portuguezes. Vidal informado por hum prisioneiro da forçado inimigo, mandou Camerão a Pottengy, e voltou com huma só companhia a Pernambuco.

A má estação (em Abril), a destruição das plantações, e a falta de agricultura, tinham causado grande escassez de viveres necessários para o sustento da tropa, que se queixava amargamente. Muitos soldados que tinham vindo da Bahia voltarão para lá, e muitos negros fugirão para o Reconcavo. Os mestres-de-campo escreverão a Antonio Telles pedindo-lhe remedio a estes males. Este Governador fez punir de morte, alguns soldados, desterrou outros para Angola, e fez reconduzir ao campo os que se tinham deixado seduzir pelos mais criminosos. Fez também prender os negros de Pernambuco, para os entregar aos seus senhores, mas não deu providencia alguma para fazer cessar a penuria de mantimentos, causada em grande parte pela sua própria inepcia.

Derrota dos Hollandeses em S.-Lourenço de Tejucopapa. — Vieira tinha estabelecido hum

forte na barra de Tamandaré, e entupido a passagem do forte de Nazareth, por onde Calabar tinha feito passar a esquadra hollandeza.

Os chefes hollandezes, tendo sahido a partida de André Vidal para Pernambuco, fizerão embarcar oitenta Hollandezes e Índios em lanchas na ilha de Itamaracá para irem saquear as plantações de Tejucopapo, onde com efeito desembarcão; mas forão repellidos por trinta soldados commandados por Zenobio Achioli, capitão de milicias d'aquele districto, e obrigados a retirar-se com perda de trinta mortos e vinte feridos.

Os Hollandezes fizerão partir do Recife huma expedição de maior força, composta de doze lanchas, e de quinze da ilha de Itamaracá em que ião trezentos Hollandezes e numero igual de Índios. Desembarcárão no districto de Tejucopapo, em huma ilheta chainada Tapesso-ea, com o fim de surprender S. Lourenço, situado a doze legoas do campo. Os habitantes retirarão-se a huma especie de reduto cercado de huma forte palissada, em numero de oitenta. Agostinho Nunes, sargento-mór de ordenanças do districto, os excitou a tomar armas para repellir o inimigo, obrando de acordo com as companhias do capitão Manoel Lopes. Nunes mandou trinta homens de cavollo, ás ordens de Matheus Fernandes, para atacar o inimigo

da banda do mato, quando elle viesse acom-
inetter o reduto. O inimigo tentou tres vezes
forçar a escocada, mas foi rechaçado com perda.
Renovando o ataque fez huma brecha, que as
mulheres defendêrão com successo, em quanto
a gente de cavallo dava sobre os flancos do ini-
migo, o qual vendo-se assim acoçado, se reti-
rou ás suas embarcações, deixando no campo
de batalha oitenta mortos, muitas urucas e
munições.

De volta ao campo, Vieira achou nelle dois
jesuitas mandados pelo governador Antonio
Telles, os quaes erão portadores de huma or-
dem d'Elrei mandando retirar de Pernambuco
as tropas de Vidal e de Martim Soares Mo-
reno, abandonando aquella província aos Hol-
landezes. Vieira oppoz-se á execuçao d'esta or-
dem de hum rei tão indigno da corda que huma
nação heroica lhe cingira, sem que elle fizesse o
menor esforço para a merecer. « Elrei, disse
Vieira, ignora a situação dos seus fieis vassal-
los; a lei da natureza he superior a todas as
leis, e obedecer a taes ordens seria votar-nos á
destruição. Faremos S. M. sabedora do suc-
cesso das nossas armas, e continuaremos no
entanto a guerra; e quando Elrei reiterasse as
suyas ordens, eu declaro que não abandonarei
empreza tão eminentemente útil ao serviço de
Deos e de hum principe tão católico. » Vidal

DO BRASIL.

assentio nesta resolução. Soares hesitou a principio; mas havendo o Governador-General insistido na obediencia devida ás ordens regias, submetteo-se, e pouco depois largou o posto, e se embarcou para Lisboa a tratar dos seus negocios particulares.

O timorato D. João IV tinha expedido estas ordens pelo receio de huma aliança ofensiva entre a Hespanha e a Hollanda, e o seu ministro nallaya, Francisco de Sousa Coutinho, tinha sempre declarado que os Pernambucanos obravão de seu moto proprio, sem terem sido excitados nem auxiliados pela Corte de Lisboa, directa ou indirectamente; no que dizia verdade. Mas quando os Estados-Geraes receberão a noticia da batalha de Tabocas, e da perda da parte meridional da proviencia de Pernambuco, a Companhia pedio auxilio ao Governo, e obteve huma prestação de setenta mil florins, e tres mil homens de tropa, e foi ao mesmo tempo autorisada a visitar todos os navios mercantes, e a pôr embargo nos que voltassem de Pernambuco. Todavia a supposta aliança projectada dos Estados-Geraes com a Hespanha não tinha a menor probabilidade, e só hum rei tão debil como D. João IV, podia sacrificar os patriotas de Pernambuco a tão pueril receio, o qual, ainda quando se realizasse, não era motivo para se expôr a perder o Brasil, quando a

ocupação dos Hollandezez estava reduzida ao Recife e parte do littoral, tornando-se de dia em dia mais precaria.

Tentativa para matar Vieira. Alguns descontentes do exercito de Vieira, cansados da guerra, formarão o projecto de matar o chefe, que era a alma de todas as operaçōes; hum dia que elle voltava de visitar os seus engenhos de assucar, tres Mamalucos, escondidos detrás de hum vallado, dispararão sobre elle alguns tiros de espingarda, dos quaes hum o ferio no hombro. Hum dos assassinos foi tomado pela sua guarda e feito em postas; os outros escaparão. A ferida era leve, e cedo se curou.

Expedição dos Portuguezes contra Itamaracá. Os Hollandezez tinham estabelecido tres navios de guarda, bem providos de soldados e de munīções, nos lugares vadeaveis do canal que separa esta ilha do continente. Vieira fez celebrar a festa de S. Antonio na sua capella do engenho da Varzea, e por esta occasião fez dar salvas de artilharia e de mosquetaria. Voltando ao campo no meio da festa, partiu de noite com o mestre-de-campo André Vidal, à testa de mil e quinhentos homens escolhidos commandados por oito capitães, com o fim de atacar os referidos navios. Favorecido por hum tempo nebuloso e de chuva, assentou duas peças de

dezoito em huma plataforma escondida pelo arvoredo, no porto dos Marcos, onde estava surto hum dos navios de guarda. Tinha disposto para esta assaltada algumas chalupas e jangadas: doze homens se embarcarão em cada chalupa, e se aproximarião do navio; mas huma d'elles foi mettida a pique, salvando-se a gente em huma jangada com o alferes reformado Affonso de Albuquerque, que os commandava. A gente da outra chalupa commandados pelo sargento reformado Francisco Martins Cachadas, se chegarão ao navio, e ao romper do dia se prepararão (a 15 de Junho) a atacar o que estava ancorado no rão de Tapessuma. Os Hollandezes, vendo-os chegar, o incendiarião e queimarião igualmente outra embarcação que estava surta no rão de *Entre-dois-Rios*. Vieira fez levantar hum forte na praia chamada dos Marcos, e deixando alli o sargento-mór Antouio Dias Cardoso, voltou ao campo com o grosso das suas tropas.

Os Portuguezes tinhão seduzido alguns dos artilheiros do forte Orange (fortaleza da Barra), os quaes havião indicado o lugar por onde se poderia atacar com vantagem, promettendo que não carregarião as peças d'aquella banda com bala; mas o projecto foi descoberto pelo commandante hollandez, que fez recolher ao forte os soldados dos diferen-

tes postos. Vio-se ao mesmo tempo abando-
nado por quarenta Tapuyas da sua jurisdiçao,
que forão unir-se ao corpo de Camarão.

*Translação dos Indios aliados dos Hollande-
zes de Itamaracá para o Pottengy.* — Para di-
minuir o rapido consumo dos viveres, e prover
às necessidades dos soldados, embarcárao-se
vii e duzentos naturaes d'esta ilha, pela maior
parte mulheres e crianças, que tinham perdido
os maridos ou os pais na guerra. Não se deu a
cada individuo para a viagem mais que hum
arratel de peixe salgado.

Assassinato do Jacob Hippi. — Este feroz al-
lemao celebre por suas cruidades, foi assassi-
nado por ordem do coronel hollandez Garsman,
em cuja companhia tinha passado o dia ante-
cedente. Não se sabe qual fôra o motivo d'este
acto, de que muito se resentio o chefe dos Ta-
puyas Duwy, a ponto que para o acalmar, o
Conselho do Recife lhe fez presente de duzen-
tos guilders em dinheiro, de mil varas de panno
do Qinaburg, de cem gallons de vinho d'His-
panha, de duas barricas de aguardente, de qua-
renta gallons de azeite e huma barricade carne
salgada. Ao mesmo tempo fez prender Garsman.

Fome no Recife. — Os Hollandezes privados
das provisões que tiravão da ilha de Itamaracá,
e não podendo fazer correrias no interior, co-
meçarão a sentir grande escassez de viveres.

Os habitantes e os soldados da guarnição não tinham mais que hum arraté de carne por semana, e dentro de pouco foi tirada esta ração aos primeiros, para a dar dobrada á tropa, que ameaçava de desertar para o inimigo. Tinham comido todos os cavallos, ratos e ratozanas; e os escravos negros tinham desenterrado os cadáveres dos habitantes para os devorar; não havia viveres para mais de dois dias, e tinha-se resolvida romper o bloqueio, quando dois navios, o *Falcão* e a *Isabel*, entraram no porto anuncianto a proxima chegada de hum grande reforço. Esta nova encheo de jubilo todos os habitantes. Deu-se huma medalha de oiro a cada hum dos capitães dos navios recem-chegados, e os fortes derão salvas. No mesmo dia (24 de Junho) Vieira fez celebrar a festa de S. João-Baptista, em honra do Santo, ed' Elrei D. João IV.

Nova expedição hollandeza para o Brasil. — Os Hollandezes prepararão hum novo armamento para soccorrer as suas possessões no Brasil, a cuja partida procurou obstar o Embaixador portuguez, declarando estar munido de instruções do seu Governo, que o autorizavão a tratar dos negocios de Pernambuco. Para este efeito pediu huma audiencia aos ministros hollandezes, que elles lhe negarão; respondendo que o seu unico objecto era retardar a partida da expedição. Propoz-lhes então com-

municar-lhes as instruções que elle mesmo tinha redigido em hum papel assignado em branco pelo Rei. Os ministros, não suspeitando este artificio, suspenderão os preparativos de guerra; mas não tardarão a descobrir a verdade, e exigirão da Corte de Portugal o castigo devido ao seu Embaixador; mas Elrei approvou o seu procedimento, pondo toda a culpa aos sublevados de Pernambuco.

A expedição hollandeza aportou ao Brasil, a 20 de Julho, com seis meses de viagem, levando a bordo tres novos membros do Conselho supremo, para renderem os antigos, e seis mil homens de tropa debaixo das ordens de Schoppe, nomeado commandante em chefe.

A primeira operação d'este general foi huma tentativa para recuperar Olinda. Para este fim partiu do Recife com mil e duzentos homens¹, mas chegando á passagem do Buraco Pequeno foi batido pelas companhias de António da Rocha Uamas, Braz Soares, e João Soares d'Albuquerque, quo o obrigaram a retirar-se. Os Portuguezes concentrarão as suas forças, para puderem melhor resistir ás de Schoppe. Camarão foi chamado da Paraíba, e ordencu-se a todos os habitantes da capitania e da Goyana, que se

¹ Raphael de Jesus diz: quatro mil homens de infantaria commandados por Jacob Estacourt.

puzessem debaixo da protecção d'aquelle chefe.

Vieira escreveu então huma carta ao Conselho hollandez, na qual pretendia estar à testa de mil e quatrocentos homens, sem contar os Negros e os Tapuyas dispersos entre o Pottangy, e o rio S.-Francisco. « Camarão, ajuntava elle, comanda seiscientos fusileiros, Henrique Dias oitocentos Negros, duzentos Minas e setecentos Tapuyas, e todos os do serlão estão promptos á primeira intimação a virem unir-se a nós. Antes da vinda de Schoppe vós não tiveis mais de seiscientos homens; o seu reforço não excede mil e duzentos soldados, os maiores d'elles mui moços. Eu conheço as vossas forças. Nós temos morto ou aprisionado perto de dois mil e seiscientos das vossas tropas frescas, e quinhentos indigenas, sem contar os feridos que tem sido conduzidos ao Recife; e fizemos isto quando não tínhamos outras armas mais que varapaos, e cacheiras. Agora temos boas tropas, bem providas de armas e munições. » Vieira convidava os Hollandezes a abandonarem o paiz, oferecendo hum perdão geral, e hum ajuste para o pagamento das dívidas.

O Conselho respondeu por huma proclamação dirigida aos rebeldes, e Van Goch, hum dos novos membros, propôz ao exercito de não dar quartel aos insurgentes.

Expedição de Hinderson ao rio S.-Francisco.

— Schoppe fez huma incursão na capitania do norte, que tinha sido abandonada pelos Portuguezes, e resolveo depois cortar-lhes as comunicações pelo rio S.-Francisco, e estabelecer alli armazens para huma expedição mais importante. Com este intuito foi Hinderson destacado, nos primeiros dias de Outubro, com huma força consideravel. Este official achou os Portuguezes ocupados em demolir o forte Mauricio; e como não tinhão feito nenhuma disposições de defesa, sem custo os expulsou para a outra banda do rio. Entretanto o mestre-de-campo Francisco Rebello, que estava postado na vizinhança, para defender a capitania da Bahia, matou em huma emboscada cento e cincocenta homens das cinco companhias expedidas para Orambou. Os Hollandezes experimentarão outra perda sensivel com a morte do famoso Lichthart, que morreu subitamente, por ter bebido agua fria estando suado.

A 29 de Junho, trinta soldados da companhia do capitão Francisco Lopes Estrella, tomarão á abordagem huma lancha inimiga carregada de provisões, perto do confluente dos rios Tigipiô e Giquiá, e matarão oito Hollandezes.

A 12 de Agosto Sigismundo partiu do Recife com huma força consideravel, para atacar Olinda, mas foi rechaçado. Na noite seguinte

mil homens de infantaria tomárão o caminho do forte dos Afogados, para atacarem a estancia de João d'Aguiar, e forão repellidos pelas tropas dos capitães Antonio Lopes Uchôa, Francisco de Abreu Lisboa, e Camarão.

Os Hollandezes, com dous mil soldados e duas peças de artilharia, tentárão apoderar-se do engenho de assucar de Bartholomeu. O capitão Francisco Lopes teve ordem de marchar da estancia da Barrela, para a montanha de Guararapés.

A 11 de Septembro os Hollandezes se apoderarão da Povoação da Jangada. Os habitantes surpreendidos não tiverão tempo de se defender, nem puderão retirar-se.

1647. — *Negocios do Maranhão.* O Governador-General, Francisco Coelho do Carvalho, tendo chegado doente a Belem, alli morreou. O Ouvidor-geral de S.-Luiz, Durão, aproveitou-se da morte do Governador, para commetter actos de violencia; Manoel Pitta da Veiga, que fazia as funções de governador interino, fez prender Durão no forte de Itapicuru; mas o novo governador Luiz de Magalhães o fez soltar, e mandou encarcerar Manoel Pitta, cujo emprego deo a seu proprio irmão.

Expedição hollandeza contra o Maranhão.
— O principal objecto d'esta expedição, composta de oito navios de guerra, debaixo do

mando de Vandergoes, era de tomar o forte de Gurupa, e d'ali marchar sobre Belem. Sebastião Lucena de Azevedo, capitão-mor do Pará, depois de ter declarado que não era responsável pela defesa da cidade, mas unicamente da do forte, se embarcou com todas as forças que pôde juntar, para se oppôr a esta invasão. Tendo desembarcado em Gurupa, marchou sobre Maricary, onde atacou os Holandeses, obrigando-os a se acolherem aos seus navios, depois de terem experimentado huma perda considerável. Este sucesso de Lucena não bastou para desvanecer o ressentimento que o seu procedimento anterior tinha excitado; e a instâncias da Câmara de S.-Luiz, o Governador-General, Francisco Coelho de Carvalho, o suspendeu do seu comando, e o mandou para Gurupy, a setenta legoas de Belem, sobre a costa, onde foi condenado a residir até que a Corte o sentenciasse. Ela confirmou a suspensão das suas funções, e foi embarcado para Portugal.

1647. — No princípio d'este anno Schoppe partiu com o resto dos seus navios para o rio de S. Francisco, onde se lhe foi juntar Henderson. Dali fez-se a vela para a Bahia e desembarcou na ilha de Itaparica, a tres legoas da cidade; ali se fortificou, levantando quatro redutos protegidos da banda do mar pelos

navios. Contra o parecer do seu Conselho, o Governador-General resolveu atacar os Hollandezes nesta forte posição, e escolheu o mestre-de-campo Francisco Rebello, para dirigir tão arriscada empreza, à testa de mil e duzentos homens. Este oficial foi morto no meio do ataque, com seiscientos homens, entre os quais se acharão Antonio Gonçalves Ticiano e alguns capitães. Outros se retirarão feridos.

A ocupação do Rio S.-Francisco pelos Hollandezes intercepiava os viveres aos Portugueses. Por isso foi expedido o mestre-de-campo André Vidal de Negreiros à Paraíba, para trazer mantimentos, e destruir as plantações de assucar feitas recentemente pelos Hollandezes. O sargento-mór Antonio Dias Cardoso entrou nesta capitania com trezentos e trinta e sete homens, todos do regimento de Vieira, e expedi o capitão Cosme do Rego Barros, com cento e sessenta soldados, para assolar o distrito de Cunhau, e destruir o engenho e a plantação de assucar do mesmo nome, situados a dezoito legoas da Paraíba. Este estabelecimento foi reduzido a cinzas. Vieira voltou com duzentos prisioneiros, pela maior parte escravos desertores, algumas mulheres que não tiveram comércio com os Hollandezes e os Indios, e trezentas cabeças de gado.

Vidal de Negreiros partiu de novo do campo

a 24 de Agosto, á testa de novecentos homens de infantaria e noventa de cavallo, e penetrou até hum lugar chamado Ceará-Mirim, situado ao norte do Rio-Grande, onde achou setecentas cabecas de gado, que conduzia ao campo, com alguns homens e mulheres que se puzerão debaixo da sua protecção. Nesta correria matou setenta Hollandezes ou indígenas.

Bombardamento do Recife pelos Portuguezes. — Logo que se soube da chegada do reforço hollandez, tinham os mestres-de-campo expedido a Lisboa a padre Maçuel do Salvador, para fazer constar a Elrei as vantagens obtidas, e pedir soccorros. Esperando a chegada de forças navaes para atacar o Recife por mar, resolveo Vieira e Vidal estabelecer huma bateria que cooperasse da banda da terra. Os Hollandezes tinham construído hum forte sobre hum banco de areá chamado *Assoca* perto da cidade de Mauáicio. Os mestres-de-campo descobrirão huma posição sobranceira, quedominava o forte, a bahia e as passagens. Deixando a direcção do campo a João Soares de Albuquerque, partirão para fazer assentar a projectada bateria. O mato em torno d'este lugar occultou a principio a obra; e á medida que ella começava a elevar-se, não trabalharão nella senão de noite, tendo cuidado de a cobrir

de dia com ramadas verdes. Acabada a bateria (a 3 de Outubro), abriu-se a roda d'ella hum fosso profundo, que se encheo de agua do Rio Capibaribe. Cortou-se entao o arvoedo da banda do Recife, e começoou-se a bater a cidade. Muitas pessoas forao mortas, e os habitantes assustados se esconderao nas adegas subterraneas. Como o reduto dominava o porto, forao obrigados os Hollandezes a sair d'elle os navios. Continuarão os Portuguezes o fogo durante o dia, e de noite fizerão varios ataques, em hum dos quaes tomárião e saquearão o palacio de Nassau. Os habitantes pedirão auxilio a Schoppe e Hinderson, que partirão logo e encontráro huma esquadra portugueza de doze navios, a bordo da qual vinha o conde de Villa-Pouca, Antonio Telles de Menezes, como Governador-General, para render Antonio Telles da Silva.

Continuou-se a bombardear a cidade até à chegada da esquadra hollandeza ao Recife (em fins de Dezembro). Schoppe apressou-se em desembarcar a sua gente, e fez construir huma bateria opposta á dos Portuguezes.

A esquadra fez-se á vela de novo para ir arruinar o Reconcavo. A esquadra portugueza teve ordem de a combater, mas só tres navios pelejarão, e não sendo apoiados pelos outros, hum foi tomado, outro queimado, e o tercei-

46 HISTORIA

ro escapou. A bordo do primeiro morreio Dom Affonso de Noronha, filha do conde de Linhares.

Elrei de Portugal, seguindo o exemplo de outros reis, deu a seu filho D. Theodosio o titulo de Principe do Brasil.

Os ministros da Corte de Portugal anteviõ os perigos que ameaçavão o Brasil, som lhes poder desçobrir remedio, quando o jesuïta Antonio Vieira fez saber a Elrei que hum negociante de Amsterdam tinha oferecido armar quinze navios montando trezentas peças, por vinte mil cruzados cada hum, fazendo - os entrar no porto de Lisboa no mez de Março proximo. Para achar esta quantia Vieira propôz a creaçao de hum imposto de hum testão ou seis vintens, por arroba de assucar. A frota do Brasil tinha chegado havia pouco com quarenta mil caixas de assucar.

Algumas mezes depois, Elrei recebeuo a noticia da occupaçao da ilha de Itaparica, por Schoppe. O Conselho foi unanimemente de parecer que era necessario soccorrer a Bahia; mas para o fazer, precisava-se de trezentos mil cruzados, quantia que não havia meio de obter. D. João IV fez vir Vieira, a quem comunicou a deliberaçao dos seus ministros. O jesuïta partio para Lisboa, e negociau hum emprestimo da quantia exigida, com Duarte da Silva e outronegociante;

devendo o capital ser embolsado pelo referido imposto sobre o assucar.

Francisco Barreto de Menezes, nomeado Mestre-de-campo-General, para o commando de Pernambuco, partiu de Lisboa com dois navios pequenos, levando a bordo trezentos homens, algumas armas e munições; mas quando chegáram á costa da Paraíba, cahiram em mãos dos Hollandezes. Menezes, levado prisioneiro ao Recife; conseguiu escapar nove meses depois, por meio do filho do capitão de Bra, a cuja guarda estava commettido. A 24 de Janeiro chegou ao campo, e o Goverhador-General lhe fez entregar o commando por João Fernandes Vieira e André Vidal; o que causou grande descontentamento entre os Pernambucanos; mas Barreto soube ganhar a confiança d'estes dois chefes, seguindo os seus conselhos.

Desde o principio da insurreição, Vidal e Vieira tinham percorrido cento e oitenta legoas desde Ceará-Mirim até ao rio S.-Francisco. Tinhão tomado em diversos fortes mais de oitenta peças de artilharia, morto ou aprisionado dezoito mil pessoas, e o seu exercito estava provido para dois mezes.

No principio de Fevereiro huma esquadra hollandeza de sessenta navios, com seis mil homens de infantaria e tres mil marujos, entrou no Recife. O Conselho renovou a offerta

de huma amnistia a todos os insurgentes que se apresentassem no prazo de dez dias, Hoogstraten só exceptuado, o declarou ao mesmo tempo que passado este termo, não se pouparia nem idade nem sexo. Vieira respondeo (a 7) que não temia estas ameaças; que Camarão e Dias conheciam bem os membros do Conselho para dar ouvidos ás suas proposições, que fariam cartuxos com as proclamações hollandezas, e lhas recambiarião contra devida resposta.

Todavia a chegada d'este reforço obrigou os insurgentes a concentrarem as suas forças entre Serinhaem e Moribeca; e posto que não excedessem tres mil e duzentos homens, resolvérão tentar a sorte de huma batalha.

Schoppe entrou em campo á testa de sete mil e quinhentos homens de infantaria, e hum grande numero de Indios e de gasterões, e na sua marcha apoderou-se da estancia da Barreta, defendida por oitenta homens comandados pelo capitão Bartholomeu Soares da Cunha: quarenta e sete foram mortos, e sete prisioneiros.

1648. — *Batalha de Guararapés* (1). Os che-

(1) Guararapés ou Guararapés significa na língua dos indígenas, estrondo, ruído que fazem as águas despenhando-se pelas fendas e concavidades dos rochedos, e em geral, estrepito, som rauco, como de tambor, atabale.

ses portuguezes sabendo que os Hollandezes devião passar em Moribeca pelo caminho entre a falda das collinas elevadas do Guarapés e huma lagôa, se postarão neste paço. Como não tinhão artilharia, e escassas munições, deo-se a ordem de atacar á espada, feita a primeira descarga de mosquetaria. Chegão, com efeito os Hollandezes, travo-se o combate a 19, domingo de Pascoa, e são inteiramente derrotados depois de hum renhido combate de cinco horas. Retiráro-se a Barreia, deixando no campo de batalha mil e duzentos mortos, e entre elles cento e oitenta officiaes, duas peças de artilharia e a maior parte da bagagem. O coronel Haus foi morto, e Schoppe ferido no calcanhar.

Os Portuguezes tiverão oitenta e quatro mortos, e couisa de quatrocentos feridos. A perda dos Negros e Indios não he conhecida. Camarão, tão distineto pelos seus talentos militares, morreu pouco depois da batalha. O seu verdadeiro nome indio era *Poly*, que signisica camarão, e tinha sido baptizado Ántonio. Felippe IV he tinha conferido a ordem de Christo, com o titulo de Dom, e o de *Capitão-general dos Indios*. Teve por successor seu primo D. Diogo Pinheiro Camarão, o qual em remunração de seus serviços, foi feito cavalleiro de Santiago.

Depois d'esta desastrosa derrota Schoppe voltou ao Recife, a 20 de Abril. Consolou-se

d'ella pola morte do Camarão , e por ver que a bateria d'Asseca, que tinha posto a cidade em tão imminente risco, se tinha rendido a hum oficial da garnição.

Depois da partida da esquadra da Bahia para Portugal, a armada hollandeza ficou senhora do mar, e conseguiu destruir vinte e dois engenhos de assucar no Reconcavo.

Expedição portugueza para retomar Angola.

— Salvador Correa de Sá Benavides, fidalgo descendente de huma familia que tinha contribuido a expulsar os Francezes do Rio de Janeiro , chegou a este porto vindo de Lisboa , com a faculdade de apropriaçar huma expedição para reconquistar Angola , e ordenou ao conde de Villa-Pouca para este lhe fornecer cinco navios para esse fim. Logo que chegou ao Rio de Janeiro convocou huma assemblea dos magistrados e das pessoas principaes da cidade, a quem comunicou a autorisação que tinha recebido d'Elrei , de levantar hum forte na bacia de Coquimbo , sobre a costa de Angola , para d'alli prover o Brasil de Negros. Ajuntou que, em razão da tregoa , era-lhe vedado fazer guerra aos Hollandezes ; mas que não seria condemnado por Elrei , se conseguisse recobrar por força d'armas as praças de que elles se havião apoderado durante a dita tregoa. A assemblea acolheu o projecto , e fez ao autor d'elle

hum dom de cincuenta e cinco mil cruzados, e alistarão-se novecentos soldados para a expedição. Correa de Sá afretou mais seis navios, comprou quatro á sua custa, e fez-se á vela com quinze embarcações, e provisões para seis meses. Chegado á baía de Coquimbo, fundeou, mas infelizmente á violência da mareta submerso o navio almirante com trezentos e sessenta homens a bordo. Informado do que os Hollandezez fazião a guerra aos Portuguezes no interior do paiz, obteve o consentimento do seu Conselho para ir a Loanda, onde soube (a 4 de Agosto), que os Portuguezes de Massanganjo estavão atacados por hum destacamento de trezentos Hollandezez e tres mil Negros, o que o decidiu a atacar o Morro de S.-Miguel, defendido por huma guarnição de mil e duzentos Europeos e numero igual de Negros. Deixando só cento e oitenta homens a bordo dos navios, desembarcou seiscentos e cincuenta soldados, e duzentos e cincuenta marujos a duas milhas da cidade, aposou-se do convento dos Franciscanos que dominava a praia, assim como da fonte de Maganga, d'onde os Hollandezez se tinham retirado, e entrando pela cidade ocupou o collegio dos Jesuitas, a casa do governo, e o forte de Santo-Antonio que tinha sido evacuado. Achou nelle oito peças de artilharia, das quaes só duas tinham sido enoravadas. Com

estas seis peças e quatro que tinha desembarcado, estabeleceu duas baterias sobre a igreja, situada em frente do Morro, em hum terreno igualmente elevado e separado por huma quebrada. Começava a bater o forte sem efeito, quando lhe veio a noticia da derrota dos Portuguezes de Massangano.¹ Tentou então levar de assalto o Morro, que atacou ao romper do dia, mas foi repelido com perda de cento e sessenta e tres mortos, e cento e sessenta feridos. A pezar d'este revés não renunciou Correa á sua empreza, mas fez tocar a retirada. Os Hollandezez, cuidando - ser signal para hum novo assalto, espavoridos e tomados de terror panico arvoráron a bandeira branca em signal de capitulação. Correa aproveitando - se d'este erro, não lhes concedeo mais de quatro horas para se decidirem, e fez comprehender nas estipulações (a 24 de Agosto)¹ todos os Hollandezez existentes em Angola. Mais de dois mil homens depuzerão as armas diante de menos de

¹ O autor das *Memorias históricas do Rio de Janeiro*, diz que Correa se fez à vela para Angola a 12 de Maio, e que a 15 de Agosto reconquistou o territorio ocupado pelos Hollandezez, e que em memoria d'este glorioso feito, a comarca de Angola celebra annualmente huma festa solene por huma procissão da igreja de S. - José até à cathedral, denominada *Anniversario da Restauração*.

seiscentos, e forão embarcados em Cassandana. Retiráron-se para a embocadura do rio Guanha, onde construirão hum forte para impedir o commercio aos Portuguezes.

Logo que os Hollandezes de S.-Thomé souberão a tomada de Angola pelos Portuguezes, evaçuarão a cidade de S.-Thomé, abandonan-do a artilharia, e a maior parte das munições.

Depois da tomada de S.-Paulo de Loanda, em 1641, o governador Menezes se tinha retirado com as tropas e habitantes, para as margens do Bengo, a trinta legoas da cidade, onde se fortificou no meio de huma aldeia que estabeleceu. Alli se dispôz a atacar os Hollandezes, os quaes informados da sua intenção (Maio 1648), marcharão contra elle com cem homens, e lhe matarão vinte soldados da sua guarda, ferirão outros tantos, e entre elles, o Governador, e fizerão os outros prisioneiros, que embarcarão para Pernambuco. Só os principaes officiaes escaparão.

Negociação entre a Corte de Portugal e a Hollanda. — O Embaixador de Portugal unha proposto aos Estados-Geraes (a 28 de Novembro 1647), de acompanhar os commissarios hollandezes ao Brasil, para pôr hum termo á insurreccão; ou se a Companhia preferia renunciar á posse do paiz, cedendo os seus di-

reitos a Elrei de Portugal, este offerecia indemnizar os Hollandezes. Esta proposta tendo sido rejeitada, o Embaixador para ganhar tempo, propoz de novo, no mez de Agosto 1648, de empregar as forças de Portugal para subjugar os rebeldes, logo que a ratificação da paz estivesse assignada, e no seguiente mez offereceo por ordem d'Elrei, a restituição de tudo o que tinha sido tomado á Companhia. Esta aceitou a proposição, debaixo da condição que ella ou os Estados-Geraes serião postos de posse da Bahia, ou da ilha Terceira. O Embaixador respondeo que Elrei de Portugal não podia ceder nem huma nem outra d'estas possessões sem o consentimento das Cortes do Reino, e offereceo em troca diversos portos, ou huma cidade marítima de Portugal.

Relativamente ás capitanias do Ceará e do Maranhão, cuja restituição tinha sido exigida pelos commissarios hollandezes, representou que a primeira tinha sido retomada pelos Portuguezes desde 1658, e que a Companhia hollandeza se havia apossado da segunda durante a tregoa, em 1641; o que Elrei não podia obrigar-se a restituir senão o que tinha sido tomada pelos rebeldes.

Os Estados-Geraes bem penetrados da importancia das possessões que tinham conquistado no Brasil, e conhecendo a situação critica

DO BRASIL.

em que se achava Portugal , pobre , sem com-
mercio nem marinha , continuamente amea-
çado por todas as forcas de Castella , e sem hum
só aliado em que pudesse confiar, insistirão
em impôr as mais duras condições , determi-
nados a obtê-las pelas armas se as não conse-
guissem por negociação. Declararão pois ao
Embaixador, que, alem da restituição de todo
o territorio que possuia no Brasil quando se
assignou a tregoa , exigão mais hum terço da
capitania de Seregipe , a ilha e forte do Morro
de S.-Paulo (donde dominavão a Bahia) por
tempo de vinte annos como garantia , e até á
inteira execução do ajuste. Exigão mais o pa-
gamento annual de 100 : 000 florins por vinte
annos , e o fornecimento annual de mil bois
de lavoura , mil vaccas , quatrocentos cavallos
e mil carneiros por tempo de dez annos , e mil
caixas de assucar de vinte arrobas cada huma
cada anno, durante o tempo de vinte annos.
Todos os escravos tomados aos Hollandezes de-
vão ser-lhes restituídos , ou o seu valor, assim
como a artilharia e mais efeitos tomados pelos
insurgentes. Modificarão depois estas condições
renunciando á ocupação do Morro de S.-Pau-
lo , e reduzindo a compensação a 600 : 000 cru-
zados , e a dez mil caixas de assucar, a metade
branco , e a outra mascavado , em pagamen-
tos annuaes por espaço de dez annos. Insistirão

451 HISTORIA

na conservação da posse de Angola e de S.-Thoiné.

Este ultimatum comunicado a Elrei Dom João IV o poz em grande aperto, não sabendo que partido tomar, á vista sobre tudo da paz, que a França estava a ponto de concluir com Castella, pela qual esta potencia desembaraçada de tão poderoso inimigo, podia voltar todas as suas forças contra Portugal, e unindo-se aos Hollandezes, arruinar de hum golpe o Reino e suas colónias na America e na Asia. Nesta difícil conjunctura, convocou Elrei o seu Conselho, cuja maioria se pronunciou contra a restituição da Pernambuco e de Angola, sem todavia dissimularem os perigos que ameaçavão o Reino, mas confiando em Deos e no acaso. Entre os discursos que o tempo nos conservou, he notavel o de Pedro Fernandes Monteiro, procurador da fazenda. Este patriota esclarecido expoz com franqueza os riscos, não dissimulou as forças da Hollanda, mas mostrou que não erão tão grandes como se julgava, e fallando da Companhia das Indias Occidentaes, notou que as suas ações tinham baixado em valor, de 100 a 28. Concluiu que se tentasse negociar, oferecendo dinheiro e generos em compensação, mas não fazendo cessão de hum territorio que os Hollandezes não tinhão meios de conservar, e pro-

poz a criação de huma companhia de comércio dô Brasil. A Mesa da Consciencia adotou o mesmo parecer; mas o celebre jesuíta Antonio Vieira, a quem Elrei communicou as deliberações, foi de parecer que não havia a menor esperança de poder resistir ás forças da Hollanda e de Castella, e que para conservar as possessões de India, era forçoso sacrificar Pernambuco, que para o futuro se poderia reconquistar quando o Reino estivesse desafogado e a independencia nacional consolidada. Exposz esta opinião em hurn memorial, cujos argumentos parecerão tão solidos a D. João IV, que o denominou *papel forte*.

Deve parém notar-se que Vieira não só se enganou em quanto ao resultado, o que com efeito foi devido a circunstancias imprevistas que occorrerão a favor de Portugal; mas a meu ver, era mui errado o seu raciocinio relativamente ao valor das nossas possessões da India, e van a esperança de as defender contras Hollandeses. Não vio Vieira a muito maior importancia do Brasil, e a facilidade de o conservar, até depois de perdido Portugal.

1648. — Neste anno forão fundadas as vilas de Paranaguá, na margem meridional da baia d'este nome, na província de S.-Paulo, e a villa de Alcaptara, antigamente denominada *Tapuy-Tapera*.

Continuação das hostilidades. — A 25 de Novembro, Dias sahio do campo à testa do seu regimento, e de algumas companhias do de Camarão, e entrou no Rio-Grande no principio do anno seguinte, matando e incendiando. Quarenta Hollandezes e alguns Indios tinham-se fortificado em hum lugar chamado Guarai-rás, em huma ilheta situada no meio de hum lago. Dias se apoderou d'este posto, na noite de 6 de Janeiro 1649, matando toda a guarnição, à excepção de cinco homens que fugiram. Os Portuguezes tiverão tres mortos, e muitos feridos. No dia 7 marchou contra o engenho de Cunhau, onde os Hollandezes tinham huma boa guarnição. Tendo ameaçado de incendiar com o mato que se achava cortado em torno, o commandante assustado se rendeu. Dias voltou triumphantemente ao campo com os prisioneiros e o despojo. No domingo seguinte, o vigario geral, Domingos Vieira de Lima, deu ordem de celebrar esta victoria, dando graças a Deus d'este triunfo sobre os hereges.

O exercito victorioso, depois de ter enterrado os mortos, e tratado dos doentes, retirou-se ao Engenho-Novo, situado sobre o mesmo monte na direcção do norte, e no caminho que conduzia ao campo.

1649. — Os Estados-Geraes descontentes do Embaixador portuguez, Francisco de Sousa

Coutinho, que tantas vezes os tinha illudido, lhe intimarão que houvesse de sahir da Holanda, visto estarem resolvidos a empregar a força para obrigarem Portugal a executar o tratado de 1641. Coutinho respondeo que não podia largar o seu posto sem ordens positivas da sua Corte, á qual ia escrever a este respeito. A Corte de Portugal nomeou com efeito outro ministro o qual morreu de repente. Entretanto os Estados-Geraes havendo mudado de parecer relativamente ao Embaixador portuguez, instarão com elle para que pedisse novas credenças, afectando grande confiança nello. O motivo d'esta mudança foi, ao que parece, a esperança de obterem communicação de todos os despachos que elle recebesse da sua Corte, por meio do seu secretario francez que tinha corrompido; mas este avisou o Embaixador, e ambos de acordo conseguiram enganar completamente o Governo hollandez, comunicando-lhe despachos dictados por Coutinho, e escriptos em folhas assignadas em branco por Elrei, de que por precauão se tinha munido. Emfim foi Coutinho substituido pelo novo Embaixador Antonio de Souza de Macedo, que chegou no mez de Septembro de 1650. Os Estados-Geraes demorarão muitos mezes a sua recepção, e elle que nada tanto desejava como ganhar tempo, esperou tranquillamente. Foi

ainlím reconhecido, mas não lhe foi possível entrar em negociação; e tendo expirado os dez annos fixados pelo tratado de 1641 para a sua duração, retirou-se de Hollanda.

Segunda batalha do Guararapés. Não obstante o revez de Schoppe no passo de Guararapés, o Conselho de guerra do Recife decidiu-se a tentar de novo a fortuna das armas, e nomeou o coronel Brinck para comandar a expedição. Este oficial partiu á testa de cinco mil soldados, trezentos marinheiros, setecentos gasteradores, duzentos Índios, e alguns Negros, e foi acampar-se nos montes Guararapés. O exercito portuguez, cuja força não excedia dois mil e quinhentos homens, lhe foi ao encontro, e depois de seis horas de combate, alcançou huma victoria completa. Os Hollandezez confiados nos suas forças, e enganados relativamente ás dos Portuguezes, cometerão o erro de descer das alturas que a principio tinham ocupado, para a planicie, onde foram atacados com denodado valor por Vieira, que lhes tomou a artilharia postada na frente. Este valeroso chefe correu mil perigos, teve hum cavalo morto na ação, e cobriu-se de gloria.

Nieuhoff não refere sendo huma batalha, a qual pela data, deve ser a primeira. Todavia falta da outra ser dar particularidades.

Brinck tentou voltar á sua primeira posição, mas já Vidal se tinha apoderado do monte Viezerre, onde o coronel hollandez Eltz, á testa de hum regimento alemão, se defendia com grande intrepidez; poiém atacado pelo flanco esquerdo por Dias Cardoso, e na direita pela cavallaria de Silva, recuou e ficou totalmente destroçado. Brinck procurando formar em columna os fugitivos, cahio morto de huma bala atirada da bateria que fôra tomada aos Hollandezes. Francisco Barreto perseguiu os fugitivos.

Esta inmemorável batalha foi dada a 19 de Fevereiro de 1849, sendo os Portuguezes comandados por Francisco Barreto de Menezes. Perderão os Hollandezes o Estandarte real e dez bandeiras, seis peças de artilharia, e muitas munições e bagagens. A perda dos Hollandezes he avaliada em mil e trezentos mortos, e entre elles o commandante do batalhão de marinheiros. O numero dos feridos foi de seiscentos. Os Portuguezes dizem ter só perdido quarenta e sete homens mortos, sendo hum d'elles Paulo da Cunha, sargentio-mór do regimento de André Vidal, Manoel de Araujo, e Cosme do Rego de Barros, que morreu alguns dias depois. O numero dos feridos foi de duzentos e sete, em que entraram Henrique Dias e oito mestres-de-campo. No dia seguinte enterráao-se os mortos, e no vinte e hum os Holl-

landezes pedirão e obtiverão huma suspensão de armas para o mesmo objecto. Os restos da expedição voltarão ao Recife. Os Portuguezes vitoriosos marcharão para a Fortaleza do Arraial. Pedro Poly, chefe dos Indios aliados dos Hollandezes, foi tomado, mettido a ferros por tres annos; e depois remettido para Lisboa, morreu na viagem.

Schoppe quiz ainda tentar hum ataque contra a *Estancia de Mendonça*; mas foi repellido a 25 de Agosto, com perda, pela guarnição commandada por Antonio Borges Uchoa.

Os Hollandezes experimentarão a mesma sorte a 7 de Outubro, em huma tentativa contra o forte d'Aguiar, e a 15 de Dezembro forão de novo repellidos com perda de dezasete homens no ataque do forte das Salinas, pelo capitão Antonio Ferreira Machado.

No principio do mesmo anno (1649), tinha-se creado em Portugal huma companhia mercantil, com a denominação de *Companhia geral do Commercio do Brasil*: os membros d'ella residentes no Brasil erão nomeados administradores. A Companhia obrigou-se a equipar trinta e seis navios, dos quaes dezoito armados erão destinados a proteger as embarcações que sahissem dos portos do Brasil e a acompanhá-las até aos de Portugal¹. A primeira

¹ Esta Companhia foi dissolvida em 1720.

frota da Companhia, commandada pelo almirante Pedro Jaques de Magalhães, partiu de Lisboa a 4 de Novembro, e chegou á Bahia a 20 de Dezembro, com huma feliz viagem. Nella ia embarcado o novo Governador e general João Rodrigues de Vasconcellos, conde de Castello-Melhor, que ia render o conde de Villa-Pouca. Oitenta navios mercantes voltarão a Portugal debaixo da protecção d'esta esquadra, a bordo da qual se havião embarcado os dois precedentes governadores. A nao *Nossa Senhora da Conceição* que levava Antonio Telles da Silva, naufragou na costa de Buarcos, e toda a gente se perdeu. Um galeão teve a mesma sorte, e dois forão lançados sobre a costa da ilha de S.-Miguel.

O novo Governador do Brasil seguindo as instruções de D. João IV, não prestou auxílio algum aos patriotas de Pernambuco. Estes, reduzidos ás suas proprias e escassas forças, e esgotados pelos continuos esforços e sacrifícios feitos desde o princípio da insurreição, não esmorecerão todavia; esperando por algum lance favorável, e não podendo atacar o Recife, ocupárao-se em aperfeiçoar a organização da sua tropa introduzindo nella a necessaria disciplina.

1650. — Neste anno o novo Governador do Maranhão Luiz de Magalhães deu a patente de

capitão-mór ao commandante Bartholomeu Barreiros de Ataide, para ir descotrir as súp-
postes minas de oiro, o Rio, ou *Lago Dourado*,
e trazer de lá escravos indios. A expedição não
produzio efeito, e a ordem de escravizar os
Indios suscitou huma accusaçao judicial con-
tra Barreiros, e fez perder o cargo ao Gover-
nador.

1651. — No sim do anno precedente Schoppe
tinha feito partir huma expedição do Recife
para o rio S.-Francisco, a qual não foi mais
feliz que as outras, tendo sido os Hollandezes
obrigados a retirar-se a 5 de Janeiro, diante de
quinhentos homens commandados pelo sar-
gento-mór Antonio Dias Cardoso. Nesta epoca
as tropas portuguezas tiravão todos os vive-
res das terras banhadas pelo Rio S.-Fran-
cisco.

A 16 de Julho, hum destacamento de tre-
zentos soldados debaixo do comando do ca-
pitão Joao Barbosa Pinto, correu ao longo das
margens do Rio-Grande, e voltou com sessenta
e tres prisioneiros, e algum gado.

1651. Neste anno foi fundada a villa de Gu-
aratinguetá, na margem direita do Pariba, pro-
vinha de S.-Paulo, por Dionysio da Costa ca-
pitão-mór, e lugur-tenente do donatario.

1652. — Estabeleceeo-se na Bahia huma Re-
lação para examinar as sentenças dos Ouvido-

res geraes, e outros magistrados. No mesmo anno se fundou a villa de Jacareby na província de S.-Paulo e margem direita da Paraíba, pelo donatario D. Diogo de Faro e Sousa.

No 1º de Maio quatrocentos soldados portuguezes commandados pelo sargento-mór Antonio Dias Cardoso, se puserão em emboscada entre o forte dos Afogados e o da Barreta, e sorprendêrão as guarnições, matando-lhes quinze homens e ferindo muitos mais.

A 20 de Maio o Mestre-de-Campo-General, tendo sabido que os Hollandezes tinham cortado muito pao Brasil nas margens do Rio-Grande, destacou quinhentos soldados ás ordens do mesmo sargento-mór, o qual devastou o paiz, destruindo as plantações, e castigando os Indios rebeldes.

Negocios do Maranhão. Apenas os Portuguezes se apossáram do Maranhão, reduzirão os habitantes á escravidão. D. João IV renovou a lei de Felippe III que abolio a escravidão dos indigenas; e o novo Governador Balthasar de Sousa Pereira trouxe instruções para emancipar os escravos Indios. Estando a principiar esta operação, o povo amotinado se ajuntou na praça de S.-Luiz, para se oppôr á execução. Pereira fez sahir a artilharia para os dispersar, mas pouco depois fez retirar a tropa, e procurou acalmar o povo por meio dos Jesuitas,

suspendeo a execução da medida, e consentio que os habitantes nomeassem deputados para irem expôr a Elrei as suas razões.

O Governador do Pará, Ignacio do Rego Barreto tinha trazido as mesmas instruções relativamente aos Indios escravos, e foi igualmente obrigado a suspender a execução d'elas em razão do levantamento do povo. Tal era a situação d'estas duas capitâncias quando chegou o padre Antonio Vieira, em qualidade de Superior das Missões.

1654. — Na esperança de poder tomar a forteza do Arroial, Schoppe, á testa de mil seiscentos e cincuenta homens, fez hum primeiro ataque contra a Estancia do Aguiar, mas o commandante Affonso d'Albuquerque, que tinha sido advertido, o repellió com perda. A 18 de Junho renovou duas vezes a mesma tentativa, igualmente malograda.

Os Hollandezes mandarão outra expedição por mar ao rio S.-Francisco, para colher gado, mas não teve melhor exito que a precedente. Atacados pela companhia do capitão Francisco Barreiros, trinta e sete forão mortos; mas este official foi ferido de huma bala, depois de ter tido tres soldados mortos e doze feridos.

A frota annual partiu de Lisboa, a 4 de Outubro, debaixo do commando do general Pedro Jaques de Magalhães e do almirante Francisco

de Brito Freire, e chegou diante de Pernambuco a 20 de Dezembro. D'alli foi surgir no porto de Nazareth onde se lhe vierão reunir os navios mercantes que se achavão nos portos de Serinhaem, Rio-Formoso, Tamandaré e Camaragibe. Barreto, convencido da impossibilidade de tomar o Recife por terra, solicitou a cooperação da esquadra, para o atacar por mar. O general Magalhães bem quizera anuir, mas ficou ás suas instruções representou que elle estava encarregado dos interesses da Companhia, e tinha ordem de se não intrinquesse na contenda com os Hollandezes; todavia declarou que seguiria o parecer da maioria dos votos do Conselho que sobre isso se convocou. Brito Freire pronunciou-se a favor da cooperação, e dia de Natal concertou-se o plano de operações. Desembarcaram a maior parte das tropas, cujo commando foi confiado a Francisco de Brito; e para enganar o inimigo sobre a força dos sitiantes que não excedia tres mil e quinhentos homens, embarcaram-se de noite os soldados que havião desembarcado de dia, e no dia seguinte tornáram a desembarcar, como se fossem tropas frescas. Bloqueou-se o Recife por mar e por terra, de maneira a cortar-lhe todas as comunicações. Ao mesmo tempo a esquadra tomou muitos navios hollandezes. A guerra entre os Estados-Geraes e o protector Cromwell

tinha impedido os Hollandezes de acodirem com soccorros ao Recife, e de mandarem huma esquadra para proteger esta cidade.

1654. — *Expulsão completa dos Hollandezes do Brasil.* Vieira deixando mil homens para guarnecer as fortificações do Arraial, Olinda, Pao-Amarello e Barreta, marchou a 14 de Janeiro á testa de dois mil e quinhentos homens contra a fortaleza das Salinas, que commandava a passagem do rio. O commandante hollandez Naker, não tendo munições de guerra, vio-se obrigado a capitular a 16, debaixo da condição de se embarcar com a guarnição para Portugal. Constatava de oitenta e sete Hollandezes; havia no forte quatro peças de artilharia, e bastantes armas e mantimentos.

Schoppe fez evacuar Barreta, e o Buraco de Santiago, para empregar as guarnições na defesa da cidade. Os Portuguezes começaram as operações pelo ataque do forte Altena situado sobre o Biberibe, a meio quarto de legoa do de Salinas e defronte do Recife. Praticou-se hum caminho coberto, e huma mina debaixo da direcção de hum engenheiro francez, capitão dos mineiros, chamado Dumon, que tinha desertado do serviço hollandez com alguns dos seus mineiros. A guarnição composta de duzentos e quarenta Hollandezes e Tapuyas, recendo saltar pelos ares, ou ser morta pelos

negros de Henrique Dias, capitulou a 15 de Janeiro. Trinta e hum soldados tinham morrido durante o cerco, e vinte feridos. Vieira pôz guarnição no forte, em que achou nove peças de bronze e huma de ferro, e muitas munições e mantimentos.

Schoppe fez tambem evacuar o forte dos Afogados, a meia legoa do Recife. Não restava então aos Hollandezes senão o forte das Cinco Pontas, e o reduto de Milhou, construidos no mar, em distancia de duzentas toessas da cidade. André Vidal e Dias Cardoso atravessarão a planicie á testa de mil homens, e favorecidos pela escuridão da noite e a baixamar, surpreenderão o reduto. O commandante Brinck, filho do general morto, se rendeu a discrição, depois de ter perdido cinco homens mortos, e outros tantos feridos. A guarnição se compunha de cincuenta e dois Hollandezes, e dez Indios.

Os habitantes do Recife recusando obedecer ás autoridades hollandezas, e estas não esperando ser soccorridas, o Conselho supremo foi obrigado a propor huma capitulação, e depois de tres conferencias assignou-se a seguinte capitulação a 26 de Janeiro, que vamos transcrever como monumento historico digno de memoria.

ASSENTO E CONDIÇÕES

Com quo os Senhores do Conselho supremo residentes no Arrecife, entregão ao Senhor Mestre-de Campo-General Francisco Barreto de Menezes, Governador em Pernambuco, a cidade Maurice, Arrecife e suas forças, e fortes junto d'ellas, e mais praças, quo únicamente ocupadas na banda do Norte, a saber; a Ilha de Fernão de Noronha, Ceará, Rio-Grande, Paraíba, Ilha de Itamaracá, accordado tudo pelos Comissionários, de huína e outra parte, abaixo assignados.

I.

Que o Senhor Mestre-de-Campo-General, Francisco Barreto, dá por esquecida toda a guerra, que se tem cometido com os vassallos dos Senhores Estados-Geraes das Províncias-Úndas e Companhia Occidental, contra a nação Portugueza, ou seja por mar ou por terra, a qual será tida e esquecida, como se nunca houvera sido cometida.

II.

Tambem serão comprehendidas neste acordo todas as nações de qualquer qualidade, ou religião que sejam; que a todas perdoa, posto que hajão sido rebeldes á Coroa de Portugal; e o mesmo o concede, no que pôde; a todos os Indios que estão no Arrecife, e cidade de Maurice.

III.

Concede a todos os vassallos, e pessoas que

estão debaixo da obediencia dos Senhores Estados-Geraes tudo o que for de bens móveis, que actualmente estiverem possuindo.

IV.

Concede aos vassallos dos Senhores Estados-Geraes que lhes dará de todas as embarcações, que estão dentro do porto do Arrecife, aquellas que forem capazes de passar a linha, com a artilharia que ao Senhor Mestre-de Campo-General parecer bastante para sua defensa, da qual não será nenhuma de bronze, excepto a que se concede ao Senhor General Sigismundo Van Schoppe.

V.

Concede aos vassallos dos ditos Senhores Estados-Geraes, que forem casados com mulheres Portuguezas, ou nascidas na terra, que sejam tratados como que se forão casados com Framengas, e que possão levar consigo as mulheres Portuguezas por sua vontade.

VI.

Concede a todos os vassallos acima referidos, que quizerem ficar nesta terra, debaixo da obediencia das armas Portuguezas, e no que toca á religião, vivirão em a conformidade em que vivem todos os estrangeiros em Portugal actualmente.

VII.

Que os fortes situados no redor do Arrecife, e cidade Mauricea, a saber: O forte das Cinco-Pontas, a Casa da Boavista e do Mosteiro de S.-Antonio, o castello da cidade Mauricea, o das Tres-Pontas, o de Brum com seu reduto, o castello de S.-Jorge, o castello do mar, e as mais casas fortes, e baterias, se entregaraõ todos á ordem do Senhor Mestre-de-Campo-General, logo que acabarem de firmar este accordo e assento, com a artilheria e munições que tem.

VIII.

Que os vassallos dos Senhores Estados-Geraes, moradores no Arrecife, e cidade Mauricea, poderão ficar nas ditas praças, no tempo de tres mezes; com tanto que entregaraõ logo as armas e bandeiras, as quaes se metterão em hum armazem á ordem do Senhor Mestre-de-Campo-General, durante os tres mezes; e quando se quizerem embarcar (ainda que seja antes dos tres mezes), lhas darão para sua defensa. E logo, juntamente com as ditas forças, entregaraõ o Arrecife e cidade Mauricea; e lhes concede que possão comprar aos Portuguezes, nas ditas praças, todos os mantimentos, que lhes forem necessarios para seu sustento, e viagem.

IX.

As negociações, que os ditos vassallos fizerem, em quanto durarem os ditos tres meses, serão feitas na conformidade acima referida.

X.

Que o Senhor Mestre-de-Campo-General assistirá com seu exercito, onde lhe parecer melhor; mas fará que os vassallos dos Senhores Estados-Geraes, de nenhuma pessoa Portugueza sejam molestados nem vexados, antes serão tratados com muito respeito e cortezia, e lhes concede que nos ditos tres meses, enquanto de estar na terra, possam decidir os pleitos e questões, que tiverem, huns com outros, diante dos seus ministros de justiça.

XI.

Que concede aos ditos vassallos dos Senhores Estados-Geraes, levem todos os papeis que tiverem, de qualquer sorte que sejam, e levem tambem todos os bens moveis, que lhes tem outorgados no terceiro artigo o Senhor Mestre-de-Campo-General.

XII.

Que poderão deixar os ditos bens móveis, acima outorgados, que tiverem por vender, ao tempo de sua embarcação, aos procuradores,

que nomearem, de qualquer nação que sejão, que fiquem debaixo da obediencia das armas Portuguezas.

XIII.

E lhes concede todos os mantimentos, assim secos como molhados, que tiverem nos armazens do Arrecife, e fortalezas, para se servirem d'elles, e fazerem sua viagem, largando aos soldados qd. que elles necessitarem para seu sustento e viagem: mas não lhes outorga o maçame para os navios, porque promette dar-lhos aparelhados, para quando partirem para Hollanda.

XIV.

Que sobre as dívidas e pertenções, que os ditos vassalos dos Senhores Estados-Geraes, pertendem dos moradores Portuguezes, lhes concede o direito, que S. M. o Senhor Rei de Portugal lhes decidir, ouvidas as partes.

XV.

Que lhes conceda qd. as embarcações pertencentes aos ditos vassalos, que chegarem a este porto, ou fora d'ella, por tempo dos primeiros quatro meses, sem ter notícia d'esta acordo, que possão livremente voltar para Hollanda sem lhes fazerem molestia alguma.

XVI.

Que concede aos ditos vassalos dos Senhores

Estados-Geraes, que possao mandar chamar os seus navios, que trazem nesta costa, para que d'este porto do Arrecife se possao tambem embarcar nelles, e levar nelles os bens móveis acima outorgadgá.

• XVII.

No que toca ao que os ditos vassallos podem, sobre não prejudicar este concerto, o assento ás conveniencias que podem estar feitos, entre o Senhor Rei de Portugal, e os Senhores Estados-Geraes, antes de chegar noticia do dito concerto, não concede o Senhor Mestre-de-Campo-General, porque se não intromette nos taes accordos, que os ditos Senhores tiverem feito, por quanto de presente tem exercito, o poder para conseguir quanto emprehender em restituçao tão justa.

Artigos militares.

XVIII.

Que todas as ofensas, e hostilidades quanto aos Senhores Estados-Geraes, e vassallos, que se tem cometido, se esquecem na conformidade acima referida.

XIX.

Que o Senhor Mestre-de-Campo-General concede, que os soldados assistentes no Arrecife, e cidade Mauricia, e seus fortes, saão com suas

armas, mecha acesa, bala em boca, bandeiras largas, com condição que passando pelo nosso exercito Portuguez, apagarão logo os murrões, e tirarão logo as pedras das espingardas, e cravinas, e metterão as ditas armas na casa ou armazem, que o Senhor Mestre-de-Campo-General lhes nomear, das quaes elle mandará ter cuidado, para lhas entregarem quando se embarcarem, e só ficarão com elles todos os officiaes, de sargento para cima. E quando se embarcarem seguirão directamente a viagem, que pedem, aos portos dê Nantes, a Rochella, ou outros das Provincias-Unitas, sem tomarrem porto algum da Corda de Portugal. Para firmeza do que, deixarão os vassallos dos ditos Senhores Estados-Geraes, em refens tres pessoas: hum official maior de guerra, outra pessoa do Conselho supremo, e outra dos maiores vassallos dos Senhores Estados-Geraes. E que os officiaes de guerra, soldados d'esta praça do Arrecife, e mais portos junto a elle, se embarquão todos juntos, em companhia do Senhor General Sigismundo Van Schoppe: com condição que se entregaráo primeiro á ordem do Senhor Mestre-de-Campo-General, as praças e forças do Rio-Grande, Paraíba, Itamaracá, Ilha de Fernao de Noronha, e Ceará; para cumprimento de todo o referido neste capitulo, deixando as pessoas que se pedem em refens.

XX.

Que concede ao Senhor Sigismundo Van Schoppe, que depois de entregues as ditas praças, e forças acima referidas, com a artilharia que tinhão, até á hora que chegou a armada á vista do Arrecife, leve vinte peças de artilharia de bronze, sorteadas de quatro até dezoito libras; alem das peças de ferro, que serão necessarias para defensa dos navios, que forem em sua companhia; com as quaes lhe darão suas carrelas e munições necessarias; o mais trem se entregará á ordem do Senhor Mestre-de-Campo-General.

XXI.

Que o Senhor Mestre-de-Campo-General lhe concede as embarcações necessarias para a dta viagem, na conformidade acima referida.

XXII.

Que o Senhor Mestre-de-Campo-General lhe concede os mantimentos, na conformidade que estão concedidos no capitulo XIII acima, e dado caso que não bastem os ditos mantimentos, o Senhor Mestre-de-Campo-General, promette de lhe dar os de que necessitarem os soldados.

XXIII.

Que o Senhor Mestre-de-Campo-General con-

cede ao Senhor Sigismundo Van Schoppe, que possa possuir, alienar e embarcar quaesquer bens móveis, e de raiz, que tem no Arrecife, e os escravos que tiver comsigo, sendo seus. E que o mesmo favor concede aos officiaes de guerra, e que possam morar nas casas em que vivem até á hora da partida.

XXIV.

O Senhor Mestre-de-Campo-General concede aos soldados doentes, e feridos, que se possam curar no hospital em que estão, até que tenham saude para se poderem embarcar.

XXV.

Que em quanto estiverem os soldados do Senhor General-Sigismondo Van Schoppe, em terra, não serão molestatados, nem ofendidos de pessoa alguma Portugueza. E em caso que o sejão, ou lhes fação alguma molestia, se dará logo parte ao Senhor Mestre-de-Campo-General para castigar a quem lha fizer.

XXVI.

No tocante a irem juntos com os soldados, que hoje estão no Arrecife, os que se renderão, e aprisionarão antes d'este acordo, não concede o Senhor Mestre-de-Campo-General; porque tem dado já cumprimento ao que com elles capitulou sobre sua entrega.

XXVII.

O Senhor Mestre-de-Campo-General concede perdão a todos os soldados; especialmente a Antonio Mendes, e mais Judeus assistentes no Arrecife, e Terras junto a elle. E da mesma maneira aos mulatos e negros e Mamaluccos; mas que lhes não concede a honra de irem com armas.

XXVIII.

Que tanto que forem assignadas as ditas capitulações, se entregará á ordem do Senhor Mestre-de-Campo-General as praças do Arrecife, e cidade Mauricéa, e todos os mais fortes e redutos, que estão ao redor das ditas praças, com sua artilheria, trem, e munições. E que o Senhor Mestre-de-Campo-General se obriga a dar guarda necessaria, para que no alojamento das ditas praças, esteja com segurança a pessoa do Senhor General Sigismundo Van Schoppe, e mais officiaes, e ministros durante o tempo concedido.

XXIX.

E sobre todos estes capitulos, e condições acima contratados, se obriga os Senhores do supremo Conselho, residente no Arrecife, a entregar tambem logo, á ordem do Senhor Mestre-de-Campo-General, as praças da Ilha de Fernão de Noronha, Ceará, Rio-Grande, Pa-

raiba, Ilha de Itamaracá, com todas as suas forças e artilharia, que tem, e tithão até á chegada da Armada Portugueza, que de presente está sobre o Arrecife, e cidade Mauricéa. Mas que o Senhor Mestre-de-Campo-General será obrigado a mandar ao Ceará huma nao, sufficiente para se embarcar nella a gente, assim moradores, como soldados, vassallos dos ditos Senhores Estados-Geraes, com os referidos bens : a qual nao levará mantimentos para sustento da viagem das ditas pessoas, que se embarcarem do Ceará. E que todos os navios e embarcações que estiverem naquelles portos do Rio-Grande, Paraíba e Ilha de Itamaracá, capazes de poderem passar a linha, Ihos concede o Senhor Mestre-de-Campo-General, para sua viagem, e trespasso de seus bens; mas que não levarão artilharia de bronze, mais que a de ferro, necessaria para sua defensa. Feita nesta campanha do Taborda a 26 de Janeiro de 1654, segunda feira, pelas onze horas da noite.

FRANCISCO BARRETO DE MENDES; ANDRE VIDAL DE NEGREIROS; AFFONSO DE ALBUQUERQUE; o capitão secretario MAXEL GONÇALVES CORRÊA; o ouvidor e auditor FRANCISCO ALVARES MOREIRA.—SIGISMUNDO VAN SCHOPPE; GISEBERTO VUIT; o tenente general VAN DER VAL; o capitão VALOO.

A guarnição hollandeza compunha-se de mil e duzentos homens de tropas regulares; oitocentos e cincoenta Índios tinham-se retirado para o Ceará. Achárao-se na cidade cento e três peças de bronze, cento e sete de ferro, muitas munições de guerra, e viveres para hum anno.

No dia 28 o mestre-de-campo João Fernandes Vieira entrou triunfante no Recife; e no primeiro de Fevereiro o mestre-de-campo-general Francisco Barreto de Menezes deu ordem a Francisco de Figueiroa de ir com o seu corpo de oitocentos e cincoenta soldados, e o regimento de Vieira, tomar posse das capitâncias e fortes da ilha Itamaracá, Paraíba e Rio-Grande. No primeiro havia quatrocentos soldados, trinta e tres peças de artilharia, e grande quantidade de armas, munições e viveres.

Os conselheiros Schonenburg e Hacks chegaram a Hollanda a 13 de Julho, e fizeram huma exposição aos Estados-Gerais queixando-se da falta de socorros e de dinheiro. O tenente general Sigismundo Schoppe também allegou em sua defesa as mesmas razões, e ajuntou que desde 1648 que tinha sido mandado ao Brasil, tinha em vão pedido mais tropas, dinheiro e navios; e que no momento em que capitulava, a tropa estava reduzida a mui pequeno numero, e havia huma sónavio, o *Brasil*, para proteger a

costa contra sessenta e oito navios portuguezes. As Camaras da Companhia Occidental nomearam deputados para examinar estes Memoriaes, e fizeram prender o general Schoppe e os dois conselheiros para screm julgados. Em fim, por sentença do 20 de Março do anno seguinte, Schoppe foi privado de seu ordenado desde 25 de Janeiro, dia da capitulação do Recife. Os Conselheiros foram remetidos para screm julgados pelas Provincias a que pertenciam.

A noticia da capitulação chegou a Lisboa, no dia de S.-José, anniversario do nascimento de D. João IV. Vidal, que a tinha trazido, vinha encarregado de solicitar Elrei a favor dos Pernambucanos, que tinham contra vontade d'ele reconquistado o paiz.

Os Hollandezes lamentaram vivamente a perda de huma tão rica colonia, que por incuria tinham perdido. A sua esquadra commandada por Van Tromp foi batida pelos Ingleses, o que lhe tirou os meios de tirar vingança de Portugal. Todavia foram mais felizes na Índia, onde tomaram Ceilão aos Portuguezes.

1654. — Neste anno se fundou a villa de I-Tu, na província de S.-Paulo, a huma legoa da margem esquerda do Rio Tieté, em que ha huma grande catadupa. I-Tu significa cachoeira. No mesmo anno se fundou a villa de Corytuba, na província de S.-Paulo, a cento e

vinte legoas da capital. Foi fundada pelo capiatio das cidades de guerra, Theodoro Exano Pereira, o qual fundou tambem no mesmo anno a villa de Iguapé, na mesma provincia, a quarenta e oito legoas da capital, na extremidade do lago da Cannanéa.

1655. — *Estabelecimento da Junta das Missões.* O padre Antonio Vieira, por hum decreto de 21 de Outubro de 1652, tinha sido autorisado, em qualidado de superior da missão do Maranhão, a fazer construir igrejas e a estabelecer missões no interior do paiz. Os colonos tinham continuado em todo o Brasil o mesmo sistema de oppressão para com os indigenas, que, a pezar de todas as leis em contrario, reduzião ao estado de escravos. Vieira depois de ter examinado a triste condição d'estes infelizes, voltou a Portugal, para defender a sua causa perante D. João IV. Este rei nomeou huma junta composta de homens versados na theologia e nas leis, para examinar a questão da escravidão. Depois de oito dias de discussão decidirão a favor dos Indios. Por influencia do padre Antonio Vieira, que gozava da confiança d'Elrei, foi creada a Junta das Missões, encarregada de proteger os Indios, e decretou-se que todas as aldeias de Indios na provincia de Maranhão serião postas debaixo da direcção dos Jesuitas; e Vieira, como superior d'ellas, era autorisado a estabe-

lecer os Indios submettidos onde melhor lhe parecesse. Para acabar com a questão da escravidão, decretou Elrei que os Indios escravos recuperarião a sua liberdade no cabo de cinco annos, e que os livres não serião obrigados a trabalhar no serviço dos colonos mais que seis mezes no anno, e de dois em dois mezes, recebendo como salario duas varas de panno de algodão cada mez. Vieira voltou ao Maranhão para fazer executar estas disposições.

1655. — *Expedição ao Tocantins.* Os Portuguezes do Pará, aproveitando-se das disposições da lei de 1653, se derão com successo ao commercio dos escravos. André Vidal, nomeado governador do Maranhão, trabalhou, de accordo com Vieira, a destrair este odioso traffico. Os principaes estabelecimentos dos Iudios onde elle se fazia, estavão situados ao norte do Maranhão, onde cerca de cincuenta aldeias occupavão hum território de quatrocentas legoas. O plano de Vieira era estabelecer alli hum certo numero de postos, extendendo-se para o sul até ao Ceará na direcção dos grandes rios, e nas ilhas á embocadura do Orelbana. Para este efeito fez-se huma expedição composta de cem caudas, em que ião dois jesuitas e hum cirurgião portuguez, com o fito de submeter huma tribo de Tupinambas, que se deixou facilmente ganhar. Mais de mil homens d'esta tribo,

e trezentos d'elles-guerreiros, seguirão os Portuguezes em sessenta canoas. Os Catingas, da nação Tupi, que ocupavão parte do territorio intermedio, seguirão o mesmo exemplo, e vierão estabelecer-se no districto de Camuta; o resto dos Poquis veio tambem pôr-se debaixo da direcção dos Jesuitas, ou padres-negros (*Obunas*) como lhes chamavão os Indios. O padre Manoel de Sousa fez huma excursão desde Gurupa até aos rios Xingu e Tapajós, e ganhou igualmente os Jaruunas ou Bocas-Negras, nação que differia muito dos Tupis.

Os missionarios se adiantarão até á serra de Ibiaipaba, ou paiz dos precipícios. O anno precedente, o padre Francisco Velloso e Manoel Pires tinham penetrado até á embocadura do Rio-Negro, e conduzido seiscentos escravos, depois de huma jornada de quatro mil milhas. Pires, acompanhado do padre Francisco Gonçalves, ex-provincial do Brasil, voltou ao Rio-Negro, e remontou com o seu cumpa-nheiro este rio, que ainda nenhum Portuguez tinha explorado. Voltarão, depois de terem resgatado seis a setecentos escravos em huma viagem de quinze mezes, no fim da qual Gonçalves morreu de fadiga. Os missionarios fizerão outra expedição ao rio Tocantins, durante a qual os Indios que os acompanhavão forão atacados, e muitos d'elles perderão a vida.

Para castigar esta acto de hostilidade; hum corpo de quarenta e cinco Portuguezes, e quatrocentos e cincuenta Indios commandados por dois Jesuitas, marchou contra os Tocantins e tomou trezentos prisioneiros. A expedição continuou a sua marcha, e no cabo de hum mez chegou ao paiz dos Poquignaras, dos quaes alguns centos consentirão a virem estabelecer-se entre os Portuguezes; d'alli remontou o rio reduzindo algumas tribus de Tupinambas e Catingas. D'esta viagem trouxerão os Jesuitas dois mil Indios.

Vieira resolveo tambem submeter os Indios da grande ilha de Joannes ou de Marajó (de quinhentas a seiscentas milhas de circumferencia), situada na embocadura do Orelhana ou Amazonas. Já anteriormente o governo do Pará tinha mandado huma expedição contra duas tribus d'aquellea ilha, os Aroans e os Nheengaibas, composta de setenta Portuguezes e quatrocentos Indios, commandada por João Betencourt Moniz. Este official, tendo-se entrincheirado na costa, fez proposições de paz que forão rejeitadas; e tendo perdido alguns dos seus mortos pelos Indios, e outros estando atacados de doença, foi obrigado a se retirar. Vidal tendo visitado esta ilha, fertil em pastos excellentes, formou o projecto de estabelecer o assento do governo na principal aldeia dos

Aroans. Tentou primeiro submeter os Nheengaias, fazendo marchar contra elles cento e vinte Portuguezes e quatrocentos Indios, comandados pelo sargento-mór Agostinho Corrêa, acompanhado dos dois jesuitas, João de Souto-Maior, e Salvador do Valle; mas os habitos bellicosos d'estes Indios e a natureza do terreno fez renunciar ao projecto, e no cabo de tres inezes evacuou Vidal a ilha, tendo perdido muita gente, tanto pelas frechas dos indigenas, como por doenças e falta de viveres.

Vieira, por meios conciliatorios, conseguiu submeter estes ilheos em numero de quarenta mil, comprehendendo as tres nações: os Mairaynas, os Aroans e os Anaynas. Souto-Maior com quarenta Portuguezes e duzentos Indios penetrou no paiz dos Pacajás, que se dizia abundar em minas de ouro e prata. A expedição foi malograda, e Souto-Maior morreu em quanto se occupava na conversão dos Pacajás e Pirapés.

1656. — *Projecto de comunicação com o Ceará.* Vidal queria estabelecer hum forte na embocadura do Camuci, para fazer commercio com o Ceará. O pao violeta crescia junto á serra d'Ibiapaba, perto do mar onde tambem havia ambar-gris; mas os Indios auxiliares dos Holandeses occupavão estes montes. O Governador expedio por terra hum Indio Tabajara, pelo qual mandou offerecer aos Indios do Ge-

HISTORIA

61
rú hum perdão inteiro pelo passado , e annuac-
ejar-lhes que Vieira e os Jesuitas, seus antigos
amigos, erão chegados ; e vinham instrui-las e
proteger-las. Tainbem mandou hum navio , o
qual contrariado por ventos adveraos foi obri-
gado a voltar ao Maranhão.

Ao mesmo tempo Vieira se embarcou para
a Bahia , e depois de huma viagem de sete se-
manas , dispunha-se a voltar ao Maranhão ,
quando encontrou a canoa do Indio Tabajaro ,
o qual conduzia dez Indios da Serra , munidos
de cartas dos seus chefes e scriptas em papel de
Veneza , e selladas com lacre hollandez. Era
Indios de Pernambuco , em companhia dos
quaes Vieira voltou ao Maranhão:

O Governador tinha expedido por terra o
padre Antonio Ribeiro e hum companheiro
que sabia bem a lingua Tupi , acompanhados
de setenta Indios que levavão ás costas em mala-
cas a provisão de mandioca. Huma escolta por-
tugueza os acompanhou para os proteger con-
tra os Tapuyas , em distancia de tem milhás ,
atravessando planicies de areia branca , ditas
lençóis brancos. No decimo terceiro dia , estavão
esgotadas as provisões , e a gente vivia de peixe
e caranguejos. Alli correron risco de ser assas-
sinados por hum chefe indio , e depois de hu-
ma trabalhosa jornada de cinco semanas che-
gáron á serra de Ibiapaba , onde Ribeiro foi

bem acolhido pelos Índios. Traduzio o *Credo* em versos *tupis*, e ensinou a cantar ás crianças.

A sessenta legoas d'este sitio estava a fortaleza do Ceará, perto da qual havia duas aldeias de Índios convertidos, e duas povoações de Tapuyas que vivião em paz com os Portuguezes, posto que livessem guerra huns contra os outros. Em hum encontro entre as duas tribus inimigas em que alguns Jaguarianas estavão a cortar pao violeta para o governador do forte, a tribo dos Guanaces veio acommettê-los; e acudindo os Portuguezes a socorrê-los, quinhentos Guanaces se retirão ao mato, e convidados pelos Portuguezes vierão submeter-se, depondo as armas, mas forão aleivosamente mortos. Este acto atroz excitou em toda a província a indignação geral contra os Portuguezes, e o commandante implorou o auxilio dos Jesuitas. Ribeiro veio com esseito, e conseguiu restabelecer a paz. De volta á serra de Ibiapaba soube por Vieira que o provincial tinha mandado instruções para abandonar a missão, retirando-se os padres para o Maranhão. Communicou estas ordens aos Índios a quem tentou persuadir que fossem com elle para o Maranhão, pois assim o pedia o serviço de Deus e o do Rei. Hum dos chefes com muito siso respondeo, que em quanto ao serviço de

Deos, elle estava em toda a parte; e quanto ao do Rei, que Ibiapaba lhe pertencia assim como o Maranhão. Vidal, nomeado governador de Pernambuco, fez por terra a viagem ao Maranhão.

Neste mesmo anno fundou o conde de Monsanto a villa de Jundiahy, na provincia de S.-Paulo a na margem esquerda do rio d'este nome, a nove ou dez legoas da cidade capital. O nome lhe vem do peixe chamado *jundias*.

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

PARIS. — NA TYPOGRAPHIA DE CÉSAR,
RUE DE LA VIEILLE-MONNAIE, 12.